

Maryelle Joelma Cordeiro

Estudo linguístico no Vale do Jequitinhonha:
o léxico de Minas Novas

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2013

Maryelle Joelma Cordeiro

Estudo linguístico no Vale do Jequitinhonha:
o léxico de Minas Novas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2013

C794e

Cordeiro, Maryelle Joelma.

Estudo linguístico no Vale do Jequitinhonha [manuscrito] : o léxico de Minas Novas / Maryelle Joelma Cordeiro. – 2013.
291 f., enc. : il., fots., grafís., tabs., maps., color.

Orientadora: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos da Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 287-291.

Inclui CD-ROM com a transcrição das entrevistas realizadas no trabalho.

1. Língua portuguesa – Regionalismos – Minas Novas (MG) – Teses. 2. Língua portuguesa – Lexicologia – Minas Novas (MG) – Teses. 3. Língua portuguesa – Variação – Minas Novas (MG) – Teses. 4. Linguagem e cultura – Minas Novas (MG) – Teses. 5. Sociolinguística – Teses. 6. Jequitinhonha, Rio, Vale (MG e BA) – Teses. I. Seabra, Maria Cândida Trindade da Costa de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.798

Dissertação intitulada *Estudo linguístico no Vale do Jequitinhonha: o léxico de Minas Novas*, defendida por MARYELLE JOELMA CORDEIRO em 15/04/2013 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:


Dra. Maria Cândida Trindade Costa Seabra - UFMG
Orientadora


Dra. Ana Paula Antunes Rocha - UFOP


Dr. Aderlande Pereira Ferraz - UFMG

Ao meu querido pai Joaquim que, com pouca instrução, mas muita sabedoria, me mostrou a importância e a diferença que o conhecimento e o estudo fazem na nossa vida.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Joana (*in memoriam*) que, apesar não ter me acompanhado nessa caminhada, onde quer que esteja sempre guiou os meus passos.

À minha família e aos meus amigos pelo carinho e incentivo constantes.

Ao Gui, por nunca ter me deixado desistir e por ter estado ao meu lado, me acompanhando e me ajudando em todas as trajetórias deste trabalho.

Aos meus sábios informantes que permitiram, com suas preciosas histórias, a viabilização desta pesquisa.

À professora Dr^a Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, minha orientadora, que tornou possível a execução desta dissertação, com sua orientação cuidadosa, sua disponibilidade, sua leitura atenta e criteriosa e principalmente sua paciência.

A todos os professores da Faculdade de Letras, responsáveis pela minha formação, em especial às professoras Ana Maria Chiarini e Patrizia Bastianetto que sempre me motivaram e acreditaram na minha capacidade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, por ter acreditado e permitido a realização deste trabalho.

Aos queridos Luciara, Melissa, Priscila, Simara e Rafael pela amizade especial que levarei por toda a vida e por todo o apoio durante a minha vida acadêmica.

Aos professores integrantes da banca pela disponibilidade, pela leitura crítica e pelas sugestões.

Aos colegas da Faculdade de Letras, do Cenex/Fale e do curso de mestrado, em especial Aline, Ana Paula, Fabiana, Geraldo, Priscila, Thaís Maíra, Raquel, Renise, Ruy e Vanderlei pelo companheirismo, pelas dúvidas e experiências compartilhadas.

À Clarice Rocha, Daiane Ramos, Maria Elizângela Souza e Miller Danilo que com muita presteza me disponibilizaram algumas fotos.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

LISTA DE FOTOS E MAPAS

Foto 1 – Coquero macaúba.....	14
Foto 2 – Sementes de imburana.....	19
Foto 3 – Baspo.....	19
Foto 4 – Fedegoso.....	38
Foto 5 – Aboba~abóbora~abobra~abóiba de porco.....	38
Foto 6 – Coité~cuité.....	38
Foto 7 – Chico-ramo	38
Foto 8 – Sebosa ou sebo de boi	38
Foto 9 – Bassorinha	38
Foto 10 – Pichorra.....	53
Foto 11 – Buião	53
Foto 12 – Curnicha.....	64
Foto 13 – Manga.....	249
Mapa 1 – Localização da região pesquisada	15
Mapa 2 – Regiões Culturais do Brasil	43
Mapa 3 – Mesorregião Jequitinhonha.....	44
Mapa 4 – Capitania de Minas Gerais no século XVIII, projeção sobre mapa atual.....	46
Mapa 5 – Localização das regiões comparadas.....	244

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADJsing	– Adjetivo singular
ADV	– Advérbio
Fras	– Fraseologia
GRAF	– Gráfico
Inf.	– Informante
INTERJ	– Interjeição
LOC. ADV.	– Locução adverbial
n/e	– Não encontrado
Ncf	– Nome Composto feminino
Ncm	– Nome Composto masculino
Nf	– Nome feminino
Nm	– Nome masculino
p.	– Página
Pesq.	– Pesquisadora
PREP	– Preposição
PRON	– Pronome
CONJ	– Conjunção
spl	– Substantivo plural
Ssing	– Substantivo singular
v	– Verbo

LISTA DE GRÁFICOS, QUADROS E TABELA

Gráfico 1 -Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas.....	235
Gráfico 2 -Número de lexias encontradas em cada dicionário	236
Gráfico 3 - Dicionarização segundo a classificação gramatical	238
Gráfico 4 - Classificação gramatical das lexias não-dicionarizadas.....	239
Gráfico 5 - Origem das lexias.....	240
Gráfico 6 - Gênero das lexias	241
Gráfico 7 - Percentagem de lexias comuns	247
Quadro 1 - Lexias comuns.....	244
Quadro 2 - Lexias com formas comuns e significados diferentes	248
Quadro 3 - Lexias com formas comuns e significados diferentes.....	248
Tabela 1 - Classificação morfológica dos dados analisados	237

SUMÁRIO

Resumo.....	12
Abstract	13
Introdução.....	15
Capítulo I – Língua, Sociedade e Cultura	20
1.1. Língua e sociedade	20
1.2. Linguagem e cultura	20
1.3. Variação e Mudança Linguística.....	23
1.4. A Dialetoлогия na Lexicografia	27
1.4.1. Atlas Linguístico do Brasil – ALIB	28
1.4.2. Atlas Linguísticos Regionais	29
1.4.3. Léxicos Regionais	30
1.5. Lexicologia.....	31
1.6. Lexicografia	34
Capítulo II – Aspectos Históricos da Região de Minas Novas	39
2.1. As primeiras bandeiras em solo mineiro.....	39
2.2. Regiões Culturais do Brasil.....	42
2.3. Ocupação e povoamento do Vale do Jequitinhonha.....	44
2.4. Termo das Minas Novas – Percurso histórico.....	46
Capítulo III – Procedimentos Metodológicos.....	54
3.1. Métodos e procedimentos	54
3.1.1. Pesquisa de campo.....	54
3.1.2. Seleção de informantes.....	55
3.1.3. As transcrições	55
3.1.4. Fichas lexicográficas	58
3.1.5. Sobre os dicionários consultados	60
3.2. A macro e a microestrutura do glossário	62

3.2.1. A macroestrutura	62
3.2.2. A microestrutura.....	63
Capítulo IV – Apresentação e análise dos dados.....	65
4.1. As fichas lexicográficas	65
4.2. Análise dos dados.....	235
4.2.1. Quanto às lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas.....	235
4.2.2. Quanto ao número de lexias presentes em cada dicionário	236
4.2.3. Quanto à classificação gramatical	237
4.2.4. Dicionarização segundo a classificação gramatical	238
4.2.5. Classificação gramatical das lexias não dicionarizadas	239
4.2.6. Quanto à origem	240
4.2.7. Quanto ao gênero e à forma das lexias	241
4.3. Variação, manutenção e mudança dos lexemas ao longo do tempo	241
4.3.1. Quanto aos arcaísmos	243
4.3.2. Quadro Comparativo entre as regiões de Minas Novas, Serra do Cipó, Passos e Águas Vermelhas.....	244
Capítulo V - Glossário	250
5.1. Quadro geral de classificação.....	250
5.2. Glossário	253
Abreviaturas e convenções	254
Considerações Finais.....	285
Referências Bibliográficas	287

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar o estudo do vocabulário rural de Minas Novas, município localizado no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais. A escolha da região foi feita por diversos motivos, dentre eles: a) tendo em vista os aspectos relacionados à cultura local; b) a forma de ocupação da região por meio da mineração; c) a percepção de diversas particularidades na fala dos moradores. Nossa análise pretende mostrar a forte relação existente entre a língua, a sociedade e a cultura. Como referencial teórico, nos embasamos nos trabalhos produzidos na Sociolinguística (Labov, 2008; Milroy, 1987 e Milroy, 1992); na Lexicologia e na Teoria dos campos lexicais (Biderman, 1978, 1998, 2001, 2002); na Antropologia Linguística (Duranti, 2005) e no conceito de Região cultural (Diégues Jr., 1960).

Seguindo-se a proposta metodológica laboviana, foram realizadas gravações com moradores da zona rural, com perfil adequado às normas previamente estabelecidas. Em seguida, as entrevistas foram transcritas e dessas transcrições foram selecionadas as lexias que melhor caracterizassem a realidade local, o meio rural. Para cada unidade lexical escolhida foi feita uma ficha lexicográfica contendo as informações relativas à sua definição e origem. Os dados extraídos das fichas foram analisados qualitativa e quantitativamente e por fim foi elaborado um glossário com as informações linguísticas, definições e abonações, permitindo assim maior facilidade de consulta aos vocábulos selecionados.

Palavras-chave: Léxico, Cultura, Sociedade, Vocabulário Rural.

ABSTRACT

This work presents the study of the rural vocabulary of Minas Novas, located in the Vale do Jequitinhonha in Minas Gerais. The choice of this region was made for several reasons, among them: a) the considering aspects of the local culture; b) the kind of occupation of the region by the means of mining; c) the perception of many peculiarities in speech of residents. Our analysis aims to show the strong relationship between language, society and culture. As for theoretical support we relied on Sociolinguistics (Labov, 2008; Milroy, 1987 and Milroy, 1992), on the Lexicology and on the Lexical fields theory (Biderman, 1978, 1998, 2001, 2002) on Anthropological Linguistics (Duranti, 2005) and on the concept of “Cultural region” (Diégues Jr., 1960).

Following the labovian methodology, recordings were made with residents of the rural area with specific profile tailored previously by predetermined norms. Then, the interviews were transcribed and the transcripts were selected by the vocabulary that best characterized the local reality, the rural environment. For each lexical unit chosen was elaborated a lexicographic sheet containing information relating to its definition and origin. From the data was made quantitative and qualitative analyzes and finally was made a glossary with linguistic information, definitions and accreditations, providing thus, in the future, easier queries for the selected vocabulary.

Keywords: Lexicon, Culture, Society, Rural Vocabulary.

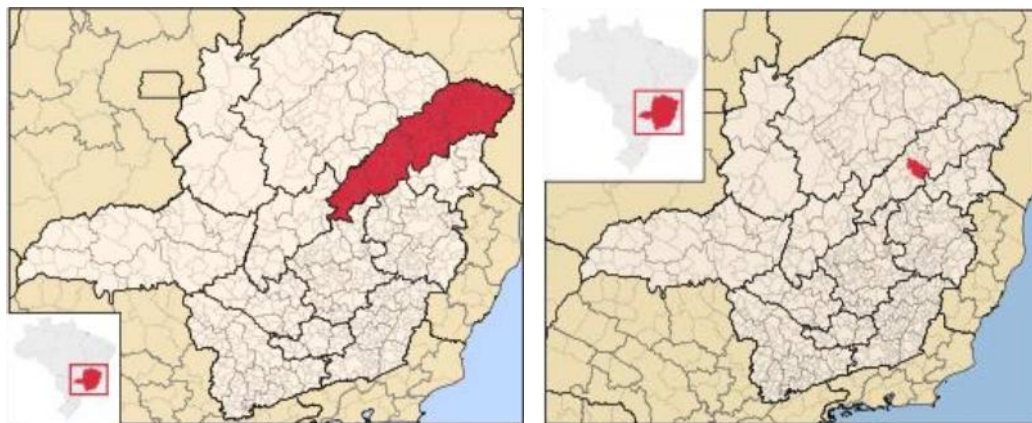


Foto 1 – Coquero macaúba
Fonte: Maria Elizângela Souza

INTRODUÇÃO

Vale do Jequitinhonha

Minas Novas



Mapa 1 – Localização da região pesquisada
Fonte: Wikipedia. Acesso em 28/04/2013

A língua é um sistema dinâmico, sendo postulada por muitos teóricos como o principal instrumento de interação e comunicação entre os homens. Sua dinamicidade pode ser observada de forma mais evidente no nível do léxico, uma vez que esse é considerado o subsistema da língua mais aberto, mais suscetível às mudanças, sendo capaz de refletir valores, crenças, hábitos e costumes de um determinado grupo social.

Os estudos lexicais têm chamado a atenção dos pesquisadores exatamente devido ao fato de se conseguir, por meio dessa área, relacionar a língua com a cultura de um povo.

Para Souza (2008, p.13):

(...) a língua está intimamente relacionada com a cultura de um povo, é por meio dela que todo o conhecimento, valores e crenças adquiridas ao longo do tempo são transmitidos de geração a geração. É por meio do léxico que os traços culturais de um povo mais se evidenciam.

É notável a importância do léxico na história e na cultura de um povo e graças aos estudos lexicais, é possível conhecer a identidade de uma determinada população. Isso se dá pela própria língua – sendo essa a sua proposta primordial: estudar a língua de uma determinada sociedade sem deixar de lado os elementos que estão intimamente ligados a ela, como a cultura e a identidade. Nesse sentido, os estudos do léxico contribuem para a conservação da memória de um povo na medida em que a língua preserva o que lhe há de mais particular, o que o distinguirá de qualquer outra população.

A língua, em seu léxico, é capaz de mostrar as maiores particularidades e especificidades de um determinado local. Conhecer o léxico de uma determinada região é a porta de entrada para ser conhecida a cultura, os costumes e as crenças de um povo. Tais aspectos estão presentes na comunicação do dia-a-dia, seja no ato de nomear, seja simplesmente na manutenção ou criação de um novo vocabulário.

O interesse em estudar o léxico rural de Minas Novas está ligado, primeiramente, ao fato da noção de pertencimento, por ter sido o meu local de nascimento e também por ser onde vivi a maior parte da minha vida. A familiaridade com a região me permitiu então adentrar nas suas “redes sociais” (Milroy, 1987), viabilizando a realização deste trabalho que teve como suporte a tríade léxico, cultura e sociedade.

O estudo do léxico rural nos permitirá não somente conhecer a cultura desse povo, como também observar suas características mais importantes, pois como aponta Ferraz (2006, p.221):

A análise do léxico permite-nos identificar traços relevantes dos grupos sociais que dele se utilizam e o manipulam, no interior dos quais situamos a motivação para a constituição e expansão do conjunto lexical.

Também nos levou a propor o estudo do léxico da região algumas considerações feitas por Souza (2003). Esse autor ao tratar da ocupação do Vale do Jequitinhonha afirma que sobre esse território predominam estudos diversos sobre Diamantina e Serro, mas é ainda escasso o conhecimento sobre Minas Novas e toda a região que pertenceu a ela, existindo uma lacuna historiográfica, nessa área, que vai do século XIX até a primeira metade do século XX.

Dadas as características da região pesquisada foram levantadas algumas hipóteses que nos nortearam na realização do estudo:

- a) Devido ao isolamento e a grande distância com que se encontra em relação aos grandes centros, onde ocorrem maiores inovações linguísticas, acreditávamos que poderiam ser encontrados casos de retenções linguísticas na fala local;
- b) A região, por estar localizada próximo aos limites entre Minas Gerais e a Bahia, nos levava a crer que o dialeto local, sobretudo no nível lexical, estivesse sujeito à influência do falar baiano. O estudo contribuiria então tanto na descrição do falar mineiro, quanto do falar baiano;

- c) O fato de o léxico poder revelar aspectos históricos, sociais e culturais de uma língua nos fazia crer que o vocabulário utilizado pelos informantes, com idade superior a 70 anos, pudesse ainda evidenciar essa relação da língua com a cultura, sobretudo a cultura da mineração, que foi a principal atividade que levou à ocupação da região;
- d) Por ter sido uma região habitada por tribos indígenas e também por povos africanos, que trabalharam na mineração ou se refugiaram em quilombos ali localizados, esperávamos encontrar lexias de origem indígena e africana que nomeassem objetos que teriam feito parte da cultura desses povos;
- e) Pelo fato de os informantes serem de origem rural, acreditávamos encontrar unidades lexicais que caracterizassem um linguajar próprio do meio rural.

Dessa maneira, elencamos como objetivos deste estudo:

- a) Realizar um estudo linguístico-cultural na região de Minas Novas, tendo como foco a rede semântica do mundo rural;
- b) Descrever o vocabulário coletado nas entrevistas, organizando-o em campos semânticos afins;
- c) Selecionar aspectos socioculturais da região estudada a fim de contribuir na futura análise do *corpus*;
- d) Buscar vestígios de vocabulários do século XVIII e XIX que pudessem ser casos de retenções linguísticas;
- e) Relacionar os dados coletados com a história e a cultura da região.

A base empírica deste trabalho foi composta por doze entrevistas orais, gravadas em localidades rurais da região de Minas Novas. Posteriormente, tais entrevistas foram transcritas e as transcrições disponibilizadas em CD-ROM anexo a esta dissertação. Além da transcrição, foi feita também a digitalização e a numeração em formato de linhas, de forma a facilitar a localização e a consulta dos dados.

Será apresentada, a seguir, a estrutura da pesquisa realizada:

No capítulo I, intitulado **Língua, cultura e sociedade**, a língua é abordada como sendo o reflexo da história e da cultura de um povo, realçando as relações entre a linguagem e a cultura, o léxico e a cultura, a relação existente entre o homem, a cultura e a sociedade, usando para isso os trabalhos propostos por Duranti (2005). Também nos apoiamos nos estudos da Sociolinguística, com destaque para a Variação e Mudança Linguística de Labov (2008). A base principal do trabalho foi baseada em Biderman (1978, 1984, 1998, 2002),

Seabra (2004), Oliveira e Isquierdo (2001), Coseriu (1982) para discorrer sobre as relações entre léxico, cultura e sociedade, em Haensch (1982) e Verdelho (2002) para tratarmos da Lexicografia.

No capítulo II, nomeado **Aspectos históricos da região de Minas Novas**, é introduzido o conceito de região cultural proposto por Diégues Júnior (1960), destacando-se a inclusão da região estudada como Região cultural da mineração. Em seguida, é abordada a história das primeiras bandeiras que adentraram o território de Minas Gerais, seguindo com a ocupação e povoamento do Vale do Jequitinhonha, por meio da exploração de diamantes e metais preciosos. Por fim, falamos sobre o percurso histórico da região de Minas Novas, que foi povoada por meio da mineração.

O capítulo III, **Procedimentos metodológicos**, descreve todas as etapas da pesquisa começando pela caracterização da região estudada. Expomos, em seguida, os nossos objetivos e também os métodos utilizados. A etapa de coleta de dados e seleção de informantes é descrita de maneira detalhada, sendo também explicitados os critérios adotados na transcrição das entrevistas, na composição das fichas lexicográficas e na análise de dados.

No capítulo IV, **Apresentação e análise de dados**, expomos o nosso *corpus*, composto pelas 12 entrevistas com moradores da região pesquisada. As lexias extraídas do *corpus* foram organizadas em forma de fichas lexicográficas contendo todas as informações que dão suporte à análise linguística e também às análises quantitativa e qualitativa, feitas no mesmo capítulo. A análise proposta consiste em verificar os casos em que ocorre variação, manutenção e mudança linguística e os casos de arcaísmos, levando em consideração as obras lexicográficas consultadas.

O capítulo V, **Glossário**, mostra o quadro geral de lexias, que foram agrupadas em campos lexicais e redes semânticas afins, sendo dispostos em grupos seguindo-se para isso o critério onomasiológico. O quadro geral é seguido pela apresentação do vocabulário extraído das fichas lexicográficas onde constam dados linguísticos como informações gramaticais, origem, definições e abonações.

No último capítulo, **Considerações finais**, discorreremos sobre os resultados apresentados pela pesquisa e retomamos aspectos como a história e a cultura local, bem como a relação existente entre o homem, a cultura e a sociedade.



Foto 2 – Sementes de imburana
Fonte: Miller Danilo



Foto 3 – Baspo
Fonte: Miller Danilo

CAPÍTULO I – LÍNGUA, SOCIEDADE E CULTURA

Este capítulo trata do referencial teórico que embasa esta dissertação. Primeiramente trata da relação entre Língua e Sociedade, seguida pela Antropologia Linguística mostrando a relação existente entre a língua e a cultura em uma comunidade de fala. Prosseguimos abordando o estudo sobre a Variação, Mudança e Manutenção Linguística. O tópico posterior trata da Dialetoлогия, do Atlas Linguístico do Brasil, além de fazer uma breve retrospectiva dos estudos sobre os léxicos regionais que vem sendo desenvolvidos na Faculdade de Letras da UFMG. Por fim apresentamos um panorama dos estudos do léxico, com as premissas da Lexicologia e da Lexicografia.

1.1. LÍNGUA E SOCIEDADE

A relação existente entre a linguagem e a sociedade é um fato inquestionável. Como já propunha Saussure a língua é um *fato social*, pois trata-se de uma sistema convencional que é adquirido pelos falantes no convívio em sociedade. No entanto, apesar de o assunto já ter sido exaustivamente discutido, muitas vezes o código que é adquirido livremente pelos falantes é percebido como um sistema imposto pela sociedade. De acordo com Coseriu (1982, p.29), na verdade:

(...) a linguagem é antes fundamento e, ao mesmo tempo, manifestação primária do social, do “ser como o outro” do homem, e a língua não é “obrigatória” como imposição externa, mas como obrigação livremente assumida.(...)

A língua é o instrumento por meio do qual uma comunidade representa o mundo, expressa seus pensamentos e relata suas experiências. Dessa maneira, é inegável o caráter social da linguagem, pois ao usar a língua uma pessoa consegue interagir com os outros membros reforçando assim os laços sociais dentro desse grupo. Considerar a língua um fato social implica também considerá-la um fato cultural, pois sociedade e cultura estão intimamente relacionadas não sendo possível separar uma da outra. A língua é, portanto, uma instituição social, um instrumento capaz de difundir a cultura e a ideologia de um povo.

1.2. LINGUAGEM E CULTURA

Sabemos que língua, como conhecemos, é o conjunto das palavras e expressões que estão à disposição de uma inteira comunidade linguística. Portanto, é parte fundamental do patrimônio cultural dessa comunidade refletindo, em seu uso, as crenças, costumes,

mostrando-se em constante evolução para acompanhar os outros elementos integrantes da cultura de um povo. É a Antropologia Linguística o ramo da Linguística que se preocupa em estudar o papel das línguas e da faculdade linguística humana. Faculdade esta que é medida culturalmente.

De acordo com Duranti (2005, p.14), o principal objetivo da Antropologia Linguística é tentar compreender os múltiplos aspectos da linguagem como um apanhado de práticas culturais, como sistema de comunicações. Para isso, o autor define a Antropologia Linguística como “o estudo da linguagem como recurso cultural e da fala como prática social.”¹ Ele ainda diz que a Antropologia Linguística considera os falantes, primeiramente como *atores sociais*, ou seja, como membros de complexas e específicas comunidades, cada uma organizada em um grande número de instituições sociais através de uma rede de expectativas, crenças e valores morais relativos ao mundo que se entrecruzam, sem necessariamente se sobrepor.

Se a premissa da Antropologia Linguística é tentar entender a linguagem como prática cultural, é necessário que seja incluído neste estudo a noção de cultura. Porém, definir o conceito de cultura é uma árdua tarefa uma vez que o conceito passa por mudanças frequentes, sendo muitas vezes controvertido. Como uma noção altamente complexa é capaz de adquirir múltiplos significados de acordo com a área de estudo em que deve ser encaixada, pois a palavra *cultura* que teve origem na palavra latina *colĕre*, cujo significado original era cultivar, cuidar, com o passar dos anos foi tendo o seu conceito original aperfeiçoado, adquirindo a cada dia novas acepções. Dessa maneira, na Antropologia Contemporânea tem se evitado essa noção globalizadora para cultura.

Dada a multiplicidade de sentidos que cultura pode adquirir, ao invés de assumir uma só acepção para o conceito, Duranti (2005) apresenta algumas “teorias da cultura”, destacando o importante papel desempenhado pela linguagem.

A primeira teoria exposta é a da *Cultura como entidade distinta da natureza* na qual o teórico afirma que frequentemente a cultura é vista como algo que é aprendido, transmitido e repassado de geração em geração através das ações humanas, sempre sob a forma de interação “cara a cara” e naturalmente, por meio da comunicação linguística. Essa visão da cultura pretende explicar porque cada homem, independente da genética herdada, crescerá seguindo os modelos culturais das pessoas que o criaram. A ideia de que a cultura é aprendida se contrapõe à tese do inatismo, que diz que o comportamento humano seria simplesmente fruto

¹ Tradução nossa para “lo studio del linguaggio come risorsa culturale e del parlare come pratica sociale.”

da natureza, como um bem que é transmitido de geração em geração com base nos princípios da genética.

A segunda teoria proposta é a *Cultura como conhecimento* que diz que, se a cultura é aprendida, se pensarmos em termos de conhecimento do mundo, não significaria dizer que basta que os membros de uma cultura conheçam alguns fatos para serem capazes de reconhecer objetos, lugares e pessoas. Significa dizer que, para que isso aconteça, as pessoas devem também compartilhar alguns modelos de pensamento, modos de compreender o mundo, fazer inferências, formular hipóteses.

A teoria que se segue é a da *Cultura como conhecimento socialmente distribuído*. Essa teoria parte da premissa que, ao observar a maneira como as pessoas resolvem os problemas da vida cotidiana percebemos que a cognição é “distribuída” no sentido que é difundida e não está subdividida entre mente, corpo, atividades e ambientes culturalmente organizados. Dizer que o conhecimento é culturalmente organizado significa reconhecer que o indivíduo não é sempre o ponto de chegada do processo de aquisição e que nem todos têm acesso às mesmas informações e fazem uso das mesmas técnicas para atingir alguns objetivos.

Prosseguindo, Duranti (2005) apresenta a *Cultura como comunicação* que toma como princípio a noção de que a cultura é uma representação do mundo, uma maneira de dar sentido à realidade traduzindo-a em histórias, mitos, descrições, teorias. Sob essa ótica, os produtos culturais de um grupo como os mitos, os rituais podem ser considerados também como outros tantos meios com os quais o ser humano se apropria da natureza, mediante a sua capacidade de criar relações entre indivíduos, grupos, espécies.

A *Cultura como sistema de mediação* propõe que os seres humanos utilizam “instrumentos” para controlar o ambiente e produzir bens. Caberia então à cultura o papel de organizar esses instrumentos de acordo com uma atividade específica. Em cada caso, a capacidade das pessoas de apropriar-se da natureza para desfrutá-la e controlá-la, ou de utilizar a mesma interação com os outros seres humanos poderia ser acrescida, ou modificada, graças ao uso desses instrumentos. A nossa relação com o mundo teria essencialmente a necessidade de mediação.

Já a *Cultura como sistema de prática* mostra que os atores sociais, ou seja, os falantes, não são nem o mero produto de condicionamentos materiais externos, nem sujeitos intencionais socialmente conscientes, das quais representações mentais sejam autossuficientes. Os atores sociais não são seres automáticos que se conformam com os papéis impostos a eles pela sociedade. Pelo contrário, gozam de certa liberdade no agir, são criativos

e imprevisíveis, fazendo uso do senso prático, podendo se ajustar de acordo com as situações em que estão vivendo. A cultura não é uma coisa externa ao indivíduo, nem um fenômeno exclusivamente interno. Ela existe na ação repetitiva, habitual.

Finalmente, é apresentada a teoria de *Cultura como sistema de participação* que se baseia em assumir que qualquer ação no mundo, incluída a comunicação verbal, possui um caráter intrinsecamente social, coletivo e participativo. Qualquer ser é capaz de descrever o mundo ao seu redor e ao mesmo tempo se relacionar com outros indivíduos que habitam no mesmo lugar, com os objetos, com os lugares e com o tempo que reafirma a dimensão sócio-histórica da ação humana. Se o mundo é constituído de atos linguísticos e as suas partes são conexões umas com as outras, através dos canais de comunicação, falar significa escolher um meio particular de fazer a sua própria entrada no mundo e de se relacionar com qualquer um com os quais convivemos. Qualquer sistema de participação tem necessidade de um componente cognitivo e de um componente corpóreo; a participação, por outro lado requer o explícito compartilhamento dos recursos já existentes.

Cada uma das teorias apresentadas por Duranti (2005) mostram um aspecto particular do sistema linguístico. Dessa maneira, cada teoria contribui para entender a cultura como um fenômeno complexo e aponta para um conjunto diferente de propriedades que poderia ser estudado. Nesta pesquisa que desenvolvemos, adotamos esse caráter múltiplo da noção de cultura exposto por Duranti.

1.3. VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Os estudos linguísticos demonstram indubitavelmente que língua não é uma unidade homogênea e estática, como queriam e ainda querem certos puristas, defensores da ideia de que o dialeto padrão é a única forma legítima, mas sim uma estrutura complexa e heterogênea, que pode sofrer lentas e constantes mudanças.

Em qualquer comunidade linguística pode-se observar que existem ao mesmo tempo imensos números de variedades linguísticas e que a variação pode produzir a longo termo uma mudança na língua. Porém, como afirma Ferreira et al (1996, p.479) ainda que a língua viva através da diversidade, para que se possa estudar o fenômeno da variação e da mudança é preciso considerar o que permanece estável e homogêneo nas línguas:

A maioria das teorias linguísticas que se desenvolveram no século XX fazem abstracção dos fenómenos de variação linguística, por motivos teóricos e metodológicos, estudando as regularidades da língua enquanto sistema.

Foi com a linguística estruturalista da escola de Eugenio Coseriu, que por meio do prefixo *dia-* que significa “ao longo de, através de”, que se estabeleceram os primeiros padrões que delimitariam os campos de estudo da variação. Entre as causas que podem estar relacionadas aos processos de variação podem ser citadas:

- a. **Variação diacrônica ou histórica:** é a variação percebida através dos tempos, que registra as mudanças ocorridas no decorrer de anos ou séculos. Obviamente essas variações não ocorrem repentinamente, nem se dão rapidamente, existindo assim um período de transição chamado de variação sincrônica, em que duas ou mais formas concorrem até que uma delas prevaleça. A substituição de uma forma por outra vai ocorrendo progressivamente e nem sempre acontece de maneira sistemática. A Linguística Histórica é quem se ocupa em estudar esse tipo de variação.
- b. **Variação diatópica, geográfica ou dialetal:** diz respeito às diversidades relacionadas à distribuição espacial, que podem ser observadas entre falantes de regiões geográficas diferentes, aos diferentes usos da língua por pessoas de localidades diversas. É papel da Dialetoлогия descobrir e descrever as áreas que se relacionam e também determinar os motivos que levaram à sua formação.
- c. **Variação diastrática ou social:** é o tipo de variação linguística que está relacionada a um conjunto de fatores ligados à identidade dos falantes e à organização social da comunidade à qual pertencem. Os fatores que determinam esse tipo de variação dizem respeito a dados demográficos como a classe social, a idade, o sexo, o grau de instrução do falante. Dentre as variedades sociais podem-se destacar as variedades linguísticas partilhadas por um grupo social, os socioletos, como o caso das gírias que permitem a alguns grupos se demarcarem em relação aos outros. Também os tecnoletos se incluem dentro do grupo de variação social diferenciando-se das gírias pelo fato de que a linguagem técnica não tem o objetivo de ser fechada, hermética, mas pela obrigatoriedade em usar termos técnicos desconhecidos do grande público que lhe são extremamente úteis. A Sociolinguística é a disciplina que se responsabiliza por estudar este tipo de variação, procurando estabelecer a correlação existente entre as variáveis sociais e os fenômenos linguísticos.
- d. **Variação diafásica** – São as variações que podem estar ligadas às funções atribuídas ao enunciado e à situação comunicativa em que ocorre a interação linguística. Diz respeito ao tipo de situação em que se encontra um falante podendo ser mais formal ou informal permitindo o uso de diferentes tipos de registros linguísticos.

Não devemos esquecer, porém, que cada ser humano possui características próprias e específicas que os distinguem e também diferenciam a linguagem usada por cada um, a sua maneira própria de usar a língua, seu idioleto.

A variação linguística pode apresentar-se em todos níveis apontados pela língua, como no nível sintático, fonológico, morfológico, semântico, pragmático. Porém, é no nível lexical que essas mudanças podem ser percebidas mais rapidamente. Embora disponha de áreas conservadoras como os topônimos, o léxico é um sistema aberto que se encontra permanentemente sujeito a processos de contração, expansão e alteração, sendo um dos aspectos mais dinâmicos da língua.

Quando nos propomos a estudar léxicos regionais, em primeiro lugar, temos em mente que trataremos de variação diatópica, mas outros tipos de variação emergem ao longo do desenvolvimento desse estudo, assinalando assim que essas classificações se entrecruzam.

Em se tratando mais especificamente da língua falada há que se focar nos trabalhos de Labov (2008) que se ocupou em estudar a relação existente entre a língua e a sociedade. Seu propósito era sistematizar as variações na língua falada, usando para isso pesquisas que levassem em consideração dados como a classe social, a idade, o sexo, o grau de escolaridade entre outros. Dados que mostrassem a relação existente entre a língua do falante e o meio social em que ele vive.

O primeiro estudo de Labov, publicado como dissertação de mestrado, foi realizado no ano de 1963, na ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts, nos Estados Unidos. Nesse estudo ele investigou as mudanças sonoras com relação à centralização dos ditongos (ay) e (aw) do inglês falado pela população local. Nessa pesquisa, inovou ao usar uma metodologia inédita, coletar dados empíricos, ressaltando o papel dos fatores sociais para avaliar o fenômeno da variação linguística. Labov fez o registro oral de diversas entrevistas feitas com falantes da ilha, em situações casuais do cotidiano. Tais entrevistas foram pensadas e programadas pelo pesquisador de modo que levasse o informante ao uso de palavras que contivessem os ditongos estudados por ele. Durante as gravações ele também procurou incitar respostas que pudessem induzir algum juízo de valor ou orientação social. Além da gravação da fala foi proposta a leitura de textos em que ocorriam também os ditongos (ay) e (aw).

A escolha da ilha de Martha's Vineyard não foi aleatória e estava ligada ao fato, primeiramente, do seu isolamento em relação ao continente, além de apresentar uma complexa estrutura social e geográfica, tendo sido colonizada por vários povos diferentes. Outro motivo seria o fato de ali já terem sido registradas peculiaridades na fala local com

casos de retenção linguística, manutenção de antigas formas linguísticas características da Inglaterra no século XVIII, que foram preservadas e repassadas de geração em geração.

Segundo Labov, era fundamental um estudo linguístico que levasse em consideração a prática oral do dia a dia, particularmente da fala espontânea, do momento de interação entre falantes em que as diversas formas linguísticas se revelam e se estabelecem.

O resultado da pesquisa em Martha's Vineyard revelou que a centralização moderada do ditongo (ay) e nenhuma centralização do ditongo (aw) era uma herança fonética dos Yankees que ali foram viver no século XVII. O uso centralizado era uma forma que os falantes tinham de se reafirmar como nativos da ilha, que renegavam a imposição das culturas externas dos visitantes. Já o uso não centralizado representava, quase que inconscientemente, a insatisfação, a vontade em deixar a ilha ou o desejo que ela evoluísse e se tornasse uma das muitas outras modernas cidades americanas.

Com o estudo de Martha's Vineyard, Labov contribuiu, sobretudo, para o entendimento dos mecanismos de variação linguística, relacionando a história das mudanças sociais com a história da mudança sonora, tentando delimitar, dessa maneira, até que ponto as mudanças sociais influenciariam a mudança na língua.

Após esse estudo, Labov realizou outras pesquisas como: A estratificação social do inglês falado em Nova Iorque (1966), publicada como tese de doutorado; A língua do gueto: estudo do inglês vernáculo de adolescentes negros do Harlem em Nova Iorque e Estudos sociolinguísticos da Filadélfia, entre outros.

A questão da manutenção ou não de vocábulos em determinadas regiões encontra respaldo na teoria de Lesley Milroy (1987) e James Milroy (1992). Segundo Milroy (1992), na realização da pesquisa linguística devem ser levados em consideração fatores extralinguísticos, como o sexo, a idade, a área em que se vive e também as redes sociais em que o falante está inserido. Na pesquisa realizada por ele, diferente do modelo social proposto por Labov, não são pré-estabelecidas diferentes classes sociais, uma vez que esses fatores sociais são universais e poderiam ser encontrados em qualquer comunidade de fala, em qualquer período histórico. O fator social deve, para ele, ser analisado, primeiramente, independente de outros fatores sociais, como a classe social. Para ele, ao tratar a mudança e a variação linguística a partir de classes sociais já estabelecidas não é possível observar as diferenças de uso da língua em cada grupo social, o que já poderia ser visualizado quando se considera a existência de diferentes redes sociais entre indivíduos que habitam em uma mesma região.

Para Milroy (apud Silva, 2009, p.19), as redes sociais “(...) são aquelas que irão estabelecer, identificar e sustentar as relações entre os falantes”. Essas redes podem ter, conforme apontam Milroy (1987) e Milroy (1992), relações fortes ou fracas, o que depende do grau de “estritamente de laços” entre os seus membros. Quanto mais próxima e íntima é a relação, mais forte será a rede social. Dentro dessas redes os falantes estabelecem sua própria norma, que caracterizará e distinguirá esse grupo. Já as redes fracas estão mais suscetíveis às influências externas, mantendo “laços mais frouxos”, menos estreitos.

No caso das regiões rurais, vale a pena destacar que Milroy (1992) afirma que devido à população ser menor e com uma cultura mais conservadora, a língua tem a tendência a se manter, desfavorecendo a mudança linguística. Essa afirmação nos permite dizer que nos grandes centros urbanos as redes sociais são mais “fracas”, fazendo com a norma linguística tenha pouca resistência às transformações, o que acelera os processos de variação e mudança linguística.

1.4. A DIALETOLOGIA NA LEXICOGRAFIA

A tradição lexicográfica brasileira, historicamente, sempre esteve pautada na constituição de *corpora* com abonações extraídas de textos clássicos da língua portuguesa, sejam eles produzidos no Brasil, em Portugal ou na África, e de épocas diferentes com referências aos sermões do Padre Vieira em 1660, e também extraídas de autores contemporâneos com João Ubaldo Ribeiro, em 1997. Porém, como afirma Aguilera (2011, p.271) “Se procuramos aí, todavia, por dialetólogos e geolinguistas, não vamos encontrar uma referência sequer”, mas esse quadro tem tudo para mudar a partir de pesquisas que, contemporaneamente, vêm sendo realizadas.

Muito material já se faz conhecido, através de publicações, resultado de estudos parciais, de um grande Projeto nacional ainda em andamento – o ALIB (Atlas Linguístico do Brasil). Debruçando-se sobre todo o território brasileiro, pesquisadores de diferentes universidades, sob coordenação da Profª. Dra. Suzana Cardoso (UFBA) realizam inquéritos, marcam pontos, com objetivo de descrever estudar e conseqüentemente, ter um quadro realista do uso da língua portuguesa no Brasil. Em Minas Gerais, a coordenação regional desse Projeto, que engloba todo o estado de Minas Gerais, está a cargo da Profª. Dra. Ana Paula Antunes Rocha (UFOP).

Nosso trabalho pretende contribuir, dessa maneira, com os estudos dialetológicas, em especial, com os estudos desenvolvidos em Minas Gerais

1.4.1. Atlas Linguístico do Brasil – ALIB

A ideia de se elaborar um atlas linguístico que refletisse a realidade da língua portuguesa falada no Brasil teve início em 1952, sendo retomada somente em 1996 durante o Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado na Universidade Federal da Bahia. Esse encontro contou com a presença de inúmeros pesquisadores de todas as regiões brasileiras e ali foram debatidas as propostas para a reformulação do projeto, além da discussão e da determinação da metodologia que seria utilizada. Os aspectos metodológicos previstos para a elaboração do Atlas têm como objetivo alcançar o alvo determinado por meio do conhecimento, para o qual se destacam: a rede de pontos, o perfil dos informantes, os questionários linguísticos e a realização de inquéritos linguísticos experimentais.

A *Rede de pontos* é constituída por 250 localidades espalhadas pelo país selecionadas conforme a extensão de cada região, os dados demográficos, culturais, históricos e de acordo com a natureza de povoamento da região.

O *Perfil dos informantes* busca mostrar as relações entre a língua e os fatores sociais com o objetivo de responder as questões geolinguísticas atuais. Nele está incluído o controle sobre as variáveis sociais como idade, sexo, escolaridade, sendo realizado com 1100 informantes distribuídos igualmente nas faixas etárias de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos.

Com relação aos *Questionários* é feita aplicação de três modelos de questionários direcionados, cada um visando a coletar informações de aspecto:

- a) fonético-fonológico – com 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia;
- b) semântico-lexical – com 202 perguntas;
- c) morfossintático – com 49 perguntas.

Também foram acrescentadas a esses questionários quatro questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos - relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal -; seis perguntas de metalinguística e um texto para leitura - a "Parábola dos sete vimes".

A primeira versão dos questionários foi publicada em 1998 para atender à solicitação de pesquisadores que desejavam testar a metodologia do Alib, aplicando, em caráter experimental esse instrumento proposto pelo projeto. Com a aplicação dos inquéritos foi feita uma análise crítica com vistas à reformulação e elaboração da versão final a ser aplicada em todo o Brasil.

Segundo dados atualizados do projeto, o *corpus* já foi fechado em 22 estados, totalizando 84,6%. Também já foram concluídas 95,6% das localidades e documentados 1056 informantes, ou seja, 96% do número total.

1.4.2. Atlas Linguísticos Regionais

No Brasil, o interesse pelos estudos da Dialetologia teve início por volta de 1920 com a publicação de *O dialeto caipira* por Amadeu Amaral. Na obra, Amaral propõe tratar da Fonética, da Lexicologia, da Morfologia e da Sintaxe da variante brasileira da língua portuguesa, em sua modalidade falada na região de Rio Claro, em São Paulo. Apesar de não haver quase nenhuma fonte de referência para a sua elaboração, o trabalho é considerado fundamental para a introdução dos estudos dialetológicos no Brasil, graças à preocupação com o seu rigor científico.

Seguindo a mesma linha de pesquisa iniciada por Amaral, foi publicado posteriormente *O linguajar carioca* de Antenor Nascentes em 1992. Também Pereira da Costa publicou *O vocabulário pernambuco* em 1937 e Gladstone Chaves de Melo *A língua no Brasil* em 1934. Todos esses trabalhos dialetológicos colocaram em destaque o léxico, o que contribuiu para avanços significativos nessa área de pesquisa.

A partir dos anos 60, teve no Brasil o início da preocupação na realização de Atlas linguísticos regionais. Já no trabalho anteriormente realizado por Antenor Nascentes *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (1958) havia a sugestão de que no Brasil deveriam ser elaborados atlas linguísticos regionais. Desde essa época foram realizados inúmeros trabalhos nessa área para os quais devemos destacar:

- a) Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), publicado entre 1960 e 1963;
- b) Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), publicado em 1987;
- c) Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), com o primeiro volume publicado em 1977 e demais volumes em fase de preparação;
- d) Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB), com os volumes I e II editados em 1984 e o III volume está em fase de elaboração;
- e) Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), publicado em 1994;
- f) Atlas Linguístico da Região Sul do País (ALERS), dois volumes publicados em 2002;
- g) Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALIPA), publicado em 2004;
- h) Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS-II), publicado em 2005;
- i) Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS), publicado em 2008;

- j) Atlas Linguístico da Amazônia, publicado como tese de doutorado em 2004;
- k) Atlas Linguístico do Litoral Potiguar, publicado como tese de doutorado em 2007;
- l) Microatlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro, publicado em 2008 como tese de doutorado.

Para os trabalhos que se encontram em andamento:

- a) Atlas Linguístico do Ceará;
- b) Atlas Linguístico de São Paulo;
- c) Atlas Geossociolinguístico do Pará;
- d) Atlas Linguístico do Mato Grosso;
- e) Atlas Linguístico do Maranhão;
- f) Atlas Linguístico do Espírito Santo;
- g) Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte.

No que diz respeito aos estudos realizados em Minas Gerais, um dos trabalhos pioneiros da Dialectologia em Minas Gerais foi o Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais, realizado pelos professores Mário Roberto Lobuglio Zágari e José Ribeiro, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O trabalho, que muito contribuiu para a descrição do português falado no Brasil, teve início nos anos 70 e objetivava fazer um mapeamento da língua portuguesa falada em Minas Gerais. O resultado da pesquisa deu origem à delimitação do território mineiro em três áreas dialetais: o falar mineiro, o falar paulista e o falar baiano, e para que fosse feita essa divisão foram seguidos critérios de ordem lexical, fonética e também de ritmos de fala.

1.4.3. Léxicos Regionais

Ainda, buscando descrever a língua falada nas diversas regiões de Minas, destacamos o Projeto *Léxico Regional: descrevendo o português mineiro* que vem sendo desenvolvido na Faculdade de Letras da UFMG. Nos últimos anos, inseridos nesse Projeto, algumas dissertações de Mestrado foram defendidas e outras se encontram em andamento como, também, algumas teses de doutorado. Há que se destacar, entre as dissertações já defendidas, os trabalhos *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*, de Vander Lúcio de Souza (2008); *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*, de Gisele Aparecida Ribeiro (2010); e *Café com quebra torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG* realizado por Cassiane Josefina de

Freitas (2012). Partilhando de metodologia comum, essas pesquisas buscam contribuir, principalmente, para que consigamos conhecer a língua falada em Minas Gerais, com destaque para o léxico regional. Expandindo-se além nossas fronteiras políticas, destacamos, ainda, a dissertação de Raquel Pires Costa (2012) intitulada *Estudo linguístico no litoral maranhense: léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa*, defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFMG, trabalho que se apoia na mesma metodologia dos acima citados.

Todos esses trabalhos geraram glossários que, acreditamos, futuramente, poderão contribuir e muito, para com os dicionários descritivos do português brasileiro, completando-os com informações dialetais confiáveis.

Partilhando de mesma metodologia, nossa pesquisa pretende avançar mais um pouco, estudando o léxico de uma nova área, ou seja, a região de Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha.

1.5. LEXICOLOGIA

A Lexicologia é uma das subáreas da Linguística que se ocupa do estudo científico do léxico de uma língua levando-se em consideração diversos aspectos como a estruturação, o funcionamento e a mudança pertinentes a essa língua. Tais aspectos são fundamentais na determinação da origem, da forma, do significado do acervo lexical dessa língua e do uso que é feito desse acervo em uma comunidade de fala.

As palavras possuem certas características específicas que são capazes de revelar informações sobre a sua história, a região em que são usadas, a sua estrutura morfológica e a maneira como são realizadas foneticamente, assim como o uso nas esferas social, cultural, política e institucional. Dessa maneira, outros ramos da Linguística como a Fonologia, a Morfologia, a Sintaxe e de maneira particular a Semântica podem ser relacionadas à Lexicologia.

O papel da Lexicologia é analisar, cientificamente, a significação do léxico nos seus variados níveis. Já ao lexicólogo impende a tarefa de observar e interpretar cientificamente como são feitos esses empregos e usos. Por meios dos estudos lexicológicos, é possível, então, observar e descrever cientificamente as unidades léxicas de uma língua.

Para Oliveira e Isquierdo (*apud* Seabra 2004, p.36), além de estudar o universo de todas as palavras de uma língua, compete à Lexicologia a realização de outras tarefas como:

[...] definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a lexia –, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes.

Dessa maneira, é preciso entender o léxico como a parte essencial de uma língua, sendo composto por todos os itens lexicais que fazem parte do patrimônio social e cultural de um povo. Nesse conjunto de vocábulos ou expressões que compõem o sistema linguístico está encerrado todo o repertório conceitual, todas as unidades formadoras do sistema linguístico e estas unidades, por sua vez, são criadas a partir das necessidades e interesses de uma comunidade.

Dentre os elementos que constituem a língua, o léxico é o que mais reflete as mudanças e as variações linguísticas, em função de seu papel de dar nomes, identificar, caracterizar pessoas, locais, sentimentos e sensações. Todos esses fatores tornam o acervo lexical um reflexo das transformações socioculturais de uma população e fazem parte de uma categoria aberta à criações e inovações do vocabulário, nos mais diferentes registros linguísticos. Para Souza (2008, p.21) “É por fazer parte do universo social que, diferentemente da gramática da língua, o léxico é um sistema aberto e em expansão, impossível de cristalizar-se, a não ser que a língua morra”.

Por sua vez, Biderman (1978, p. 139) acredita ser o léxico toda a experiência acumulada pelo povo durante sua existência. Conforme a autora:

Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa mesma sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua.

O léxico de uma língua está profundamente arraigado aos modelos teóricos e concepções da realidade que as populações que a falam têm do mundo circundante, de sua própria história, cultura, tradições e costumes, sendo, portanto meio privilegiado onde o pesquisador pode haurir dados preciosos a respeito da sociedade que esteja estudando.

Cada povo possui valores, crenças, ideologias que se refletem no grau de importância que a língua dá a determinadas frações da realidade, ressaltando algumas com abundância de termos e relegando algumas.

Para Biderman (1998) o léxico pode ainda ser considerado o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística, sedimentado durante a sua história e que pertence a um tesouro cultural abstrato, uma herança de signos lexicais herdados e uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras.

Assim sendo, o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. A nomeação das coisas feita pelos homens faz ser realizada, ao mesmo tempo, uma classificação desses objetos. O processo de nomeação foi o que deu origem, e ainda continua gerando o léxico das línguas naturais. Biderman (1998, p. 111) diz que “Essa geração do léxico se processa através de atos sucessivos de cognição e realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”.

De acordo com Biderman (1996, p.27) "o vocabulário exerce um papel crucial na veiculação do significado, que é, afinal de contas, o objeto de comunicação linguística". A transmissão da informação contida na mensagem é feita, sobretudo, pelo léxico que compõe o enunciado.

Sabemos também que o falante, ao fazer referência à realidade extralinguística, se utiliza dos signos linguísticos, do léxico que nomeia os elementos desse universo, o que acontece de acordo com a abstração, com o recorte feito pelo usuário da língua e que também está correlacionado à cultura em que ele vive. Assim, ainda conforme Biderman (1996, p.27) "o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem."

O valor de uma palavra dentro do sistema é oriundo de uma rede de significações que se organizam em uma língua em função do léxico. O signo linguístico formaria então uma unidade léxica que integra o patrimônio léxico e cultural recebido pelo falante durante sua vida, sendo assimilado interiormente, observe-se Biderman (1998, p. 117): “A significação se origina e lança raízes no universo cognoscível, interpretado e simbolizado por palavras, e o conjunto dessas palavras vem a ser o léxico de uma língua”.

Já no plano individual o léxico é tido como um conjunto de representações, de objetos mentais que se consubstanciam nas palavras que esse indivíduo domina e das quais ele se serve.

Conforme aponta Ferraz (2006, p. 219):

(...) o léxico, refletindo a dinâmica da língua, considerando-se que esta, sociedade e cultura são indissociáveis, constitui uma forma de registrar a visão do mundo, o conhecimento do universo, a realidade histórica e cultural e as diferentes fases da vida social de uma comunidade linguística.

É válido salientar a importância dos estudos lexicais: o estudo do vocabulário que, por ser considerado também uma parte da cultura, merece e requer identificação e catalogação para que seja melhor compreendida, não só a cultura como também a história da sociedade. Veja-se a posição assumida por Ribeiro (2010, p.15) sobre o objeto de estudo da Lexicologia:

[...] as palavras resumem a maneira como os falantes veem a realidade, deixando transparecer valores, crenças, hábitos e costumes de um grupo social. Dessa forma é através do léxico que também são apreendidas a organização e as transformações sociais, econômicas e culturais de uma comunidade.

A Lexicologia faz-se, dessa maneira, de extrema importância, por ser o ramo da Linguística que, além de realizar o estudo científico do léxico, desempenha também o papel de revelar aspectos culturais e sociais de um determinado povo.

1.6. LEXICOGRAFIA

A Lexicografia é responsável pelo estudo do repertório escrito da língua e pela organização e compilação dos dicionários. Ela se ocupa da organização sistemática e também da descrição lexicográfica objetivando, principalmente, analisar a significação das palavras. Como o léxico de uma língua é formado por todas as palavras que dela fazem, ou poderiam fazer parte, uma tentativa de descrição desse léxico é feita nos dicionários. Os dicionários também buscam registrar e definir os signos lexicais que se referem a conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Trata-se um produto cultural de extrema importância nas sociedades contemporâneas, destinados ao grande público.

Biderman (2002, p.75) ao tecer considerações sobre o dicionário diz:

Dado o papel do dicionário em relação à norma social, por registrar a linguagem aceita e valorizada na comunidade dos falantes e também por ser o depositário do acervo lexical da cultura, ele é uma referência básica para uma comunidade. Por isso o dicionário é um instrumento indispensável e imprescindível na fixação do léxico de uma língua e ferramenta fundamental na consolidação de uma língua escrita e literária.

Os primeiros estudos lexicográficos, no mundo ocidental, começaram a ser realizados no início da Era Moderna. As primeiras obras com características lexicográficas eram uma espécie de lista de palavras, cujo propósito era ajudar na leitura de textos clássicos latinos e também na interpretação da Bíblia. Para a elaboração desses trabalhos, as listas eram baseadas principalmente nos glossários latinos do período Medieval.

O professor Telmo Verdelho, da Universidade de Aveiro em Portugal, no texto *Dicionários portugueses: Breve História*, comenta algumas motivações que levaram à criação das primeiras listas vocabulares. Para Verdelho(2002, p.15):

Foi inicialmente motivada pelas solicitações do ensino do latim como língua não materna, e encontrou na técnica tipográfica uma condição determinante para a sua configuração e difusão.

A Lexicografia começou a se consolidar como disciplina linguística somente na época do Humanismo, por volta dos séculos XVI e XVII. Ainda segundo Verdelho (2002), na Europa, desde a Idade Média, era crescente a necessidade pelo uso da tecnologia escrita por causa da escolarização do latim. Posteriormente, foi necessária também a dicionarização das línguas vulgares, o que gerou a criação de dicionários tanto monolíngues quanto bilíngues, escritos em Latim e em outra língua moderna.

No que compete à Língua Portuguesa, Verdelho (2002) diz que textos como o da Casa de Avis e do *Leal Conselheiro*, por Dom Duarte, podem ser considerados como pré-dicionarísticos. Com relação às origens dicionarísticas portuguesas, cabe citar a produção lexicográfica jesuítica que era voltada para a produção de materiais escolares com enfoque na formação linguística. Essas obras são consideradas de extrema importância na fixação do léxico da língua portuguesa.

Como precursores na elaboração de dicionários em língua portuguesa, um dos primeiros nomes que devem ser citados é o do padre D. Raphael Bluteau. O clérigo, de família francesa, nascido na Inglaterra, foi enviado a Portugal, onde aprendeu rapidamente a língua portuguesa. De posse de vasto conhecimento não só do português, como também do francês, do italiano e do latim elaborou o *Vocabulário Português-Latino*, obra bilíngue. A obra possuía caráter enciclopédico devido à grandeza de detalhes com relação aos conhecimentos da época e continha oito volumes publicados de 1712 a 1728.

Baseada nos trabalhos realizados por Bluteau, outra obra de importância fundamental para a Lexicografia portuguesa foi publicada pelo brasileiro António de Moraes e Silva, o *Dicionário da Língua Portuguesa*, com duas edições, a primeira publicada em 1789 e a segunda em 1813. A proposta da obra era de uma reedição reduzida da obra feita por Bluteau,

reformulada e acrescida por Moraes e Silva. Percebe-se na obra uma objetivação, no tratamento de dados e na proposta lexicográfica que era completamente diferente daquela feita por Bluteau. Somente na publicação da 2ª edição é que Moraes e Silva atribui a si autoria plena. O *Dicionário da Língua Portuguesa* de Moraes e Silva é considerado o primeiro dicionário moderno da Língua Portuguesa. No compêndio foram eliminadas as informações enciclopédicas, onomásticas e bilíngues presentes na obra de Bluteau e a ele foram acrescidas outras 22 mil entradas novas.

Atualmente as obras dicionarísticas se apresentam em diversos tamanhos e modelos. Dentre as variedades de dicionários existem os monolíngues; os dicionários de língua; os analógicos, também conhecidos como ideológicos; os temáticos ou especializados como os de verbos, regências, antônimos e sinônimos; os etimológicos; os dicionários históricos e os dicionários terminológicos que abrangem termos das diferentes áreas do conhecimento.

A estrutura do dicionário é composta pelos lemas, ou entradas lexicais, que fazem referência ou a um termo da língua ou a um referente do universo extralinguístico. A lista total dos lemas constitui a nomenclatura do dicionário, ou seja, sua macroestrutura. Já os verbetes são a microestrutura, em que a palavra é definida e o vocábulo ilustrado por meio de abonações (tirados de obras literárias), ou exemplos (criados pelo autor). Ainda no verbete devem estar presentes informações sobre registros sociolinguísticos do uso da palavra e outras unidades léxicas associadas ao lema, através de redes semântico-lexicais.

O dicionário padrão, também chamado de dicionário geral de língua abrange de 50 mil a 70 mil palavras. São contemplados, em sua macroestrutura, termos técnicos e científicos, além de regionalismos e termos raros. O dicionário *Thesaurus* é o grande compêndio da língua com nomenclatura que varia de 100 mil a 400 mil verbetes. É chamado de tesouro lexical da língua. Geralmente se subdivide, apresentando-se em diversos outros tipos de dicionários.

Com relação ao número de entradas, o MEC tem adotado, para as obras lexicográficas escolares, a seguinte classificação: um dicionário pode ser classificado como infantil, com cerca de cinco mil verbetes, voltado para a faixa etária de 7 a 10 anos. Já o dicionário escolar apresenta-se dividido em dicionário do tipo 1, com entradas que vão de 500 a mil verbetes, destinado aos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. Já o dicionário de tipo dois contém de 3 mil a 15 mil entradas e é usado do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental. O dicionário do tipo três contempla de 19 mil a 35 mil palavras e é pensado para os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Recente, foi aprovado pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) o

dicionário de tipo 4, cujo repertório pode variar de 40 mil a 100 mil entradas, criado para os alunos do Ensino Médio.

Ainda sobre os dicionários escolares, há que se destacar o cuidado dessas obras conterem termos regionais, valorizando assim outras realidades culturais e outros repertórios linguísticos, uma vez que visam a diferentes públicos.



Foto 4 – Fedegoso
Fonte: Clarice Rocha



Foto 7 – Chico-ramo
Fonte: Maria Elizângela Souza



Foto 5 –
Aboba~abóbora~abobra~abóiba de porco
Fonte: Clarice Rocha



Foto 8 – Sebosa ou sebo de boi
Fonte: Clarice Rocha



Foto 6 – Coité~cuité
Fonte: Maria Elizângela Souza



Foto 9 – Bassorinha
Fonte: Clarice Rocha

CAPÍTULO II – ASPECTOS HISTÓRICOS DA REGIÃO DE MINAS NOVAS

Neste capítulo passamos pela história das primeiras explorações que adentraram o território mineiro, percorrendo todos os caminhos que levaram à colonização e à ocupação do Vale do Jequitinhonha, finalizando, então, com o percurso histórico do termo das Minas Novas.

2.1. AS PRIMEIRAS BANDEIRAS EM SOLO MINEIRO

Desde a época do descobrimento do Brasil é sabido que sempre houve o desejo por parte dos descobridores que aqui poderiam ser encontrados grandes tesouros. Já na carta de Pero Vaz de Caminha², escrivão da Armada de Pedro Álvares Cabral, enviada ao rei de Portugal, Dom Manuel I, constava esse tipo de informação. No documento, Caminha registrou as impressões dos índios que, segundo ele, deram a entender que haveria ouro nas terras interiores da recém-descoberta Ilha de Vera Cruz:

Quando eles vieram a bordo o capitão estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar muito grande no pescoço, e tendo aos pés, por estrado, um tapete. Sancho de Tovar, Simão Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correa e todos nós outros que nesta mesma nau vamos com ele, ficamos sentados no chão pelo grande tapete. Acenderam-se tochas. E eles entraram sem qualquer sinal de cortesia ou de desejo de dirigir-se ao capitão ou a qualquer pessoa presente, em especial. Todavia, um deles fixou o olhar no colar do capitão e começou a acenar para a terra e logo em seguida para o colar, como querendo dizer que ali havia ouro. Fixou igualmente um castiçal de prata e da mesma maneira acenava para a terra e logo em seguida para o colar, como querendo dizer que lá também houvesse prata.

A existência de grandes riquezas minerais, tão cobiçadas pelos descobridores, fez com que por essas terras adentrassem numerosas expedições em busca de metais e também pedras preciosas. A mais remota delas foi a do castelhano Francisco Bruzza de Spinosa que teve início por volta do ano de 1554. A comitiva organizada por ele contava ainda com a presença do padre jesuíta João de Aspícueta Navarro e outros doze companheiros.

O grupo de Spinosa deslocou-se sertão adentro cerca de duzentas léguas e varando os chapadões penetrou na região dos rios Jequitinhonha e Pardo, indo até a Serra das Almas, Grão Mogol ou Itacambira. No entanto, essa iniciativa não teve êxito, servindo, porém, como

² Carta de Pero Vaz de Caminha, introdução, atualização e notas por Silvio Castro, 2003, p.92.

um estímulo à novas expedições que seriam futuramente realizadas.

Em 1561, outra expedição comandada por Dom Vasco Rodrigues tentou chegar a região dos ambicionados tesouros não obtendo novamente nenhum sucesso e levando à morte o líder da comitiva.

Martim de Carvalho, seduzido por amostras de mineral verde levada por índios a Porto Seguro, organizou também uma expedição no ano de 1568. No período de oito meses percorreram duzentas léguas e pelo caminho encontraram muito cristal, uma terra meio azulada, alguns grãos amarelos que pareciam ouro e também pedras verdes que consideraram como esmeraldas de qualidade baixa. Porém, devido ao naufrágio de uma canoa, ao passar por uma cachoeira no Rio Cricaré, todo o material recolhido foi perdido.

A expedição comandada por Sebastião Fernandes Tourinho e iniciada por volta do ano de 1572, segundo Vasconcelos (1974), conferiu ao explorador o título de primeiro descobrir do território das Minas Gerais. A certeza de que nestas terras havia riquezas minerais em abundância fez com que Fernandes Tourinho organizasse a famosa exploração que resolveria o problema pela diretriz do Rio Doce, evitando a passagem pelo território onde vivia a tribo dos Aimorés, que dominavam a serra e as passagens de Porto Seguro.

A comitiva organizada por Tourinho contava com cerca de quatrocentos homens, todos bem municiados. O grupo seguia para a foz do Rio Doce, mas devido a uma forte correnteza que vinha do mar, não conseguiu alcançá-la. A força da correnteza não só afastou o grupo, como também causou diversos danos e perdas. Devido ao insucesso dessa primeira tentativa, Fernandes Tourinho reorientou a comitiva para a Vila do Espírito, com o propósito de aguardar a estação da seca que seria mais favorável para a entrada no rio.

No ano seguinte, já em 1573, o grupo retomou o caminho seguindo a linha do horizonte rumo ao rio Guandu. Pela costa deste rio desceu até encontrar as águas navegáveis do rio Manhuaçu. Das águas do Manhuaçu passou para o Rio Doce e deste rio alcançou a barra do Coaraceci (Rio do Sol). O grupo então avançou ainda mais quarenta léguas até o ponto em que as cachoeiras interceptavam. Dali seguiram adiante mais trinta léguas onde encontraram pedras azuis e um pouco mais avante esmeraldas, cristais e também amostras de mineral aurífero. Desse local, ao transpor a serra, a comitiva seguiu em frente chegando às margens do Jequitinhonha.

A bandeira empreendida por Antônio Dias Adorno foi, talvez, a que mais contribuiu para deixar viva a esperança de que haveria riquezas nas terras do norte de Minas. A empresa proposta constatou a existência de ouro e também de pedras coloridas em abundância.

O descobrimento de esmeraldas foi creditado a Marcos de Azeredo Coutinho que, ao subir o rio Doce, atravessar uma lagoa e ultrapassar serras altíssimas, encontrou abundantes e belíssimas pedras que acreditava serem esmeraldas, mas que na verdade eram modestas águas marinhas.

Foi, porém, a bandeira sob o comando de Fernão Dias Paes Leme a definitiva descobridora do território das Minas Gerais, tendo nela a origem do seu povoamento.

Para que fosse realizada a expedição, Fernão Dias mandou que fossem plantadas lavouras de milho e reunidos animais, de distância em distância, até o Serro Frio. Enviou também o Capitão Matias Cardoso cuja tarefa seria a de aguardar, em ponto profundo da região, o local da existência de esmeraldas.

O grupo partiu de São Paulo no dia 21 de junho de 1674 e foi em direção ao Vale do Paraíba, atravessando a Serra da Mantiqueira. Ao chegar à região da atual Sabará permaneceu no local por mais três meses, não conseguindo encontrar nem prata, nem esmeraldas. De Sabará deslocou-se para o Sumidouro. Diante de inúmeros percalços, o grupo foi desertando, abandonando lentamente a bandeira de Fernão Dias. Com a comitiva diminuída, prosseguiu sua marcha em direção à lagoa das esmeraldas, a lagoa Vapabuçu, onde Marcos Azeredo teria encontrado as águas marinhas, tidas como esmeraldas. Ao chegar ao local, surpreendentemente, não encontrou prata, nem vestígio dela, mas sim as esmeraldas tão sonhadas. Após a coleta das pedras, quando pretendia regressar, Fernão Dias soube da notícia de que os poderes régios desacreditavam na empresa por ele assumida que, durante sete anos, sacrificou de inúmeras maneiras sua família e levou ao fim seus próprios bens, cabendo a Dom Rodrigo de Castelo Branco a revogação dos poderes conferidos a ele.

Na primeira metade do ano de 1681, Fernão Dias começou o retorno ao Arraial do Sumidouro, de onde seguiria para São Paulo. No meio da viagem foi acometido por uma terrível febre que o matou e ainda maltratou grande parte do seu grupo.

Como seu sucessor ficou seu genro Borba Gato que deu prosseguimento à viagem ficando na liderança do grupo. Desse grupo de uma centena de homens, comandado por Manuel da Borba Gato, surgiram os primeiros episódios da história local de Minas Gerais. A bandeira de Fernão Dias estabeleceu, então, a ligação da região sul com a região norte do Brasil.

2.2. REGIÕES CULTURAIS DO BRASIL

No livro *Regiões culturais do Brasil*, o professor Manuel Diégues Júnior nos propõe um conjunto de sugestões para o estudo e a delimitação das regiões brasileiras. Para que seja feita essa abordagem, ele toma como ponto de partida a ocupação feita pelo homem e o sistema de relações que se estabeleceu entre o homem e o meio, o povoador e a terra, o que configura o ambiente com um específico quadro cultural. O autor destaca no Brasil a importância que teve o colonizador português que, para ele, cumpriu outros papéis, além do tão já difundido dominador e explorador da terra. Para Diégues Jr.(1960) coube também aos portugueses o papel de difundir as crenças, os valores e os costumes lusitanos no território brasileiro.

Além de destacar a importância que o português teve na colonização da terra, ele também atribui grande valor aos mamelucos e aos negros. Nas expedições e bandeiras realizadas, foram eles os responsáveis por servir como guia na mediação das relações do homem branco, colonizador, com a população autóctone, os índios que aqui viviam. Diégues Jr.(1960) também atribui aos indígenas participação fundamental no processo de exploração das terras brasileiras, pois eles ajudaram, muitas vezes, nas incursões nas matas brasileiras, também no devassamento do mediterrâneo nordestino e na exploração de outras regiões do Brasil.

Para Diégues Jr., antes de fazer a caracterização das regiões culturais do Brasil faz-se necessário analisar como aconteceu o processo de ocupação humana no território brasileiro. Em um país com uma extensão territorial gigantesca como a do Brasil, enriquecida pela diversidade de condições geográficas, a caracterização de regiões culturais forma o ponto de partida para compreender as diversidades culturais existentes hoje. Nesse ponto de partida, convém que seja definido o conceito de região proposto por Diégues Jr. como:

[...] o conjunto ecológico de pessoas, aproximadas pela unidade das relações espaciais da população, da estrutura econômica e das características sociais, dando-lhe, em conjunto, um tipo de cultura, que criando modo de vida próprio, a difere de outras regiões. (1960, p.6)

A definição de região, para ele, seria o espaço geográfico que é definido pelas características que os unem com relação às ideias, aos sentimentos, ao estilo de vida e ao grupo de pessoas do qual fazem parte.

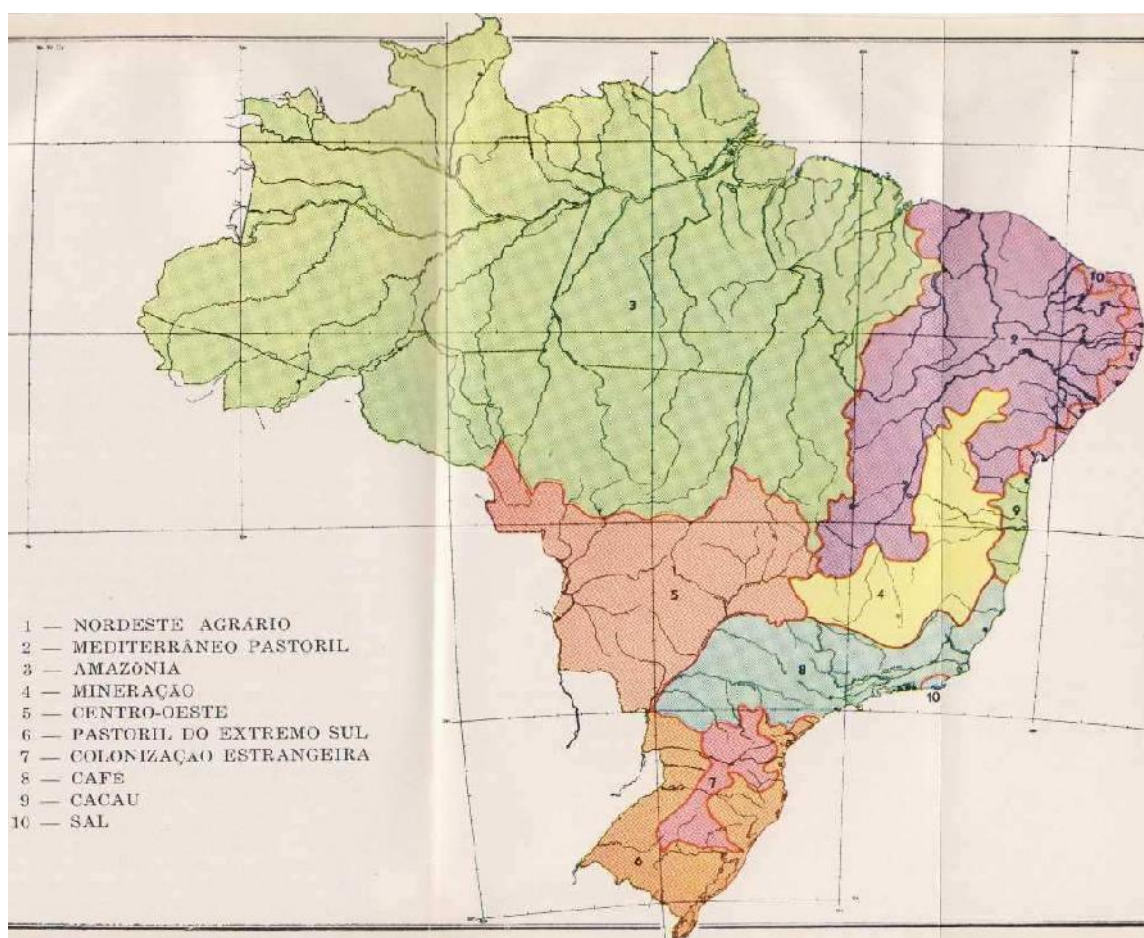
A forma de ocupação da terra mostra como foi estabelecida a relação entre o povoador e a terra povoada, a relação de adaptação entre os que chegaram e os que já habitavam a terra.

Segundo o autor, essa relação somente se tornou possível graças a associação, a união, e não a sobreposição dos elementos culturais de cada povo.

Diégues Jr. (1960) propõe a existência no Brasil de dez regiões culturais, a saber:

- | | | |
|--------------------------|----------------------------|------------|
| ✓ Nordeste agrário; | ✓ Centro-oeste; | ✓ Café; |
| ✓ Mediterrâneo pastoril; | ✓ Pastoril do extremo; | ✓ Cacaú, e |
| ✓ Amazônia; | ✓ Colonização estrangeira; | ✓ Sal. |
| ✓ Mineração; | | |

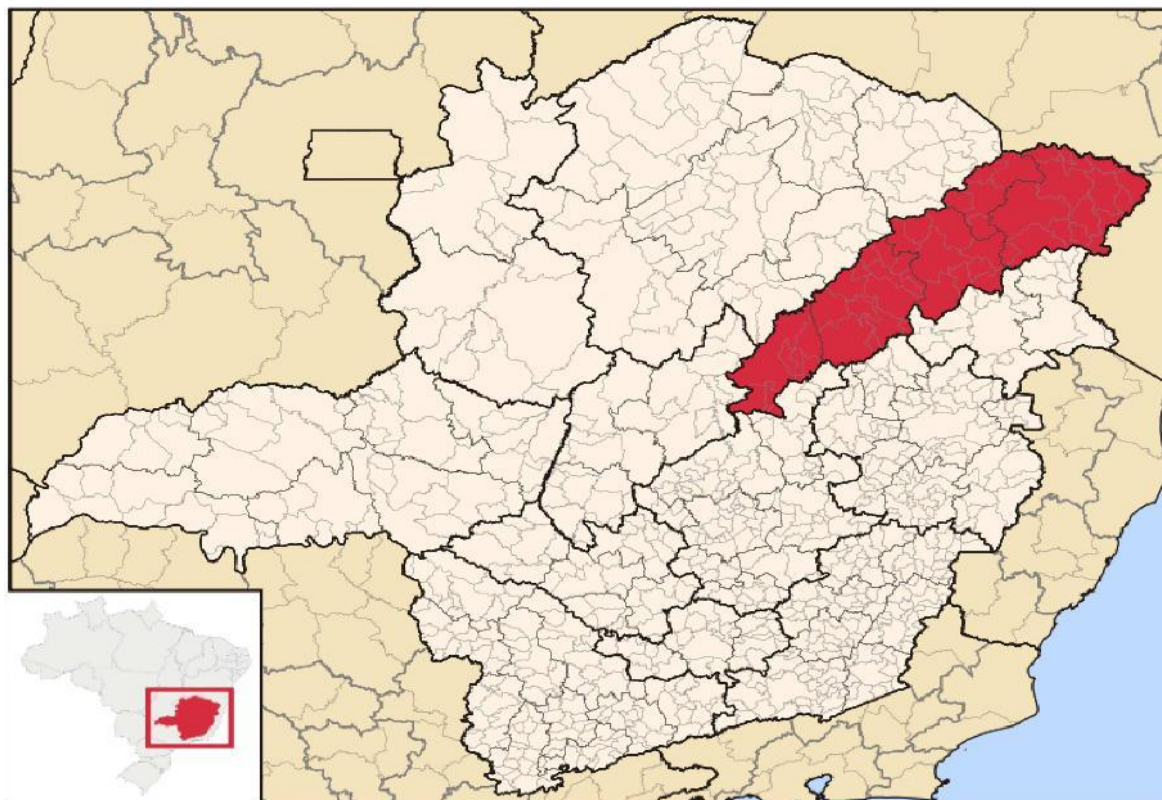
Essa classificação pode ser melhor visualizada na delimitação do mapa abaixo:



**Mapa 2 – Regiões Culturais do Brasil
(Diégues Jr., 1960)**

Embora Diégues Jr. tenha classificado o Brasil em diversas regiões culturais, para a realização do nosso trabalho, interessa-nos destacar a região cultural da Mineração, que será melhor delineada nas seções seguintes.

2.3. OCUPAÇÃO E POVOAMENTO DO VALE DO JEQUITINHONHA



Mapa 3 – Mesorregião Jequitinhonha
Fonte: Wikipedia: Acesso em 12/02/2013

O povoamento do Vale do Jequitinhonha se concretizou ainda na época em que o Brasil era uma colônia de Portugal. Com a descoberta de ouro e de pedras preciosas nas imediações da região que hoje se tornou Diamantina, e também no Serro, ambas localizadas no Alto Jequitinhonha, teve início um longo processo de ocupação e criação de povoados, que se tornariam mais tarde importantes municípios.

Naquela época, os caminhos e os cursos dos rios funcionavam como vias de comunicação entre as localidades que haviam começado a se constituir. Rios como o São Francisco, o Pardo, o Jequitinhonha, o Doce e o Mucuri serviam como vias naturais e eram por eles onde mais facilmente podia se chegar ao sertão. Por esses caminhos, a riqueza que era explorada da terra escoava e também por eles entravam os diversos produtos que abasteciam a população, que era cada vez mais numerosa.

Para Lima Jr. (*apud* Nunes 2001, p.22):

a descoberta do ouro resolvia um problema antigo, que persistia para a Coroa desde o início da colonização brasileira: atrair e fixar grandes contingentes humanos no interior do Brasil, possibilitando, inclusive, o estabelecimento de uma grande via interior, que foi o caminho da Bahia para as Minas Gerais.

A região do Vale do Jequitinhonha estava localizada em uma posição estratégica entre dois importantes centros históricos e econômicos da época, Salvador e Rio de Janeiro. Foi a partir do Arraial do Tejuco, atual Diamantina, Araçuaí e Minas Novas, que se iniciou a ocupação da região do Jequitinhonha, com centro dinâmico no Arraial do Tejuco.

A descoberta de diamantes, por Bernardo da Fonseca Lobo, em 1729, permitiu o desenvolvimento da região do Tejuco. A localidade tornou-se uma área de intensa circulação de garimpeiros, pois o interesse pelas pedras era, de certa maneira, bem maior do que o desejo pelo ouro. Apesar do rápido povoamento ocorrido na região do Tejuco foi somente em 1831, mais de cem anos após o início da exploração das minas de diamantes, que a localidade foi elevada à categoria de vila. Mesmo após a decadência da mineração, esse centro foi capaz de manter um dinamismo próprio e contribuir para o desenvolvimento de localidades vizinhas.

A cidade de Araçuaí começou a se despontar no Médio Jequitinhonha por encontrar-se numa posição geográfica privilegiada e por integrar a rota do comércio dentro e fora da região. Outro motivo que contribuiu para o seu progresso econômico da região foi o fato de estar localizada em uma região de divisor de águas entre os rios Jequitinhonha e Araçuaí, onde pôde ser construído um importante porto fluvial. Já na segunda metade do século XVII, pelas águas do Rio Jequitinhonha, eram transportados até o litoral do Brasil todo o ouro e pedras preciosas que eram encontradas no rio Araçuaí.

Minas Novas foi um dos centros que também já se destacava no século XVIII. Seu povoamento teve início com a descoberta de ouro e diamantes, no ribeirão Bonsucesso, por bandeirantes paulistas, por volta de 1727. A importância econômica da localidade foi muito grande e por muitas vezes chegou a se cogitar a indicação de Minas Novas para a capital da Capitania de Minas Gerais. Mais tarde, quando o setor da mineração começou a entrar em crise, parte da população do Alto Jequitinhonha migrou para outros centros urbanos formados, ocupando trechos do Médio e do Baixo Jequitinhonha, principalmente ao longo dos rios Jequitinhonha e Araçuaí.

Porém, para a realização dessas expedições, eram necessários muitos materiais e preparos, uma vez que os novos bandeirantes não dispunham de todo o apoio dado pela Coroa aos antigos sertanistas.

Conseqüentemente, como narra Vasconcelos (1974, p.52), com o “seu gênio aventureiro, homem resoluto”, o capitão paulista Sebastião Leme do Prado reuniu-se com um grupo de amigos que contavam com meios materiais para que fosse iniciada uma expedição pela busca das riquezas tão comentadas.

Leme do Prado integrava a bandeira de Antônio Soares Ferreira que havia partido de Sabará no início do século XVIII e desbravado a localidade que seria, a partir de 1714, a Vila do Príncipe, hoje a cidade do Serro. Após o desbravamento e ocupação da região vizinha ao que seria o Tejuco o sertanista se estabeleceu durante cinco anos na região do Rio Manso onde teria descoberto alguns diamantes.

Em 1726, Leme do Prado e outros bandeirantes abandonaram a região do Rio Manso em busca de novas descobertas. Leme do Prado prezando, sobretudo, pela segurança da realização da expedição encaminhou-se para a capital da Capitania, Vila Rica, onde solicitou ao então Governador da Capitania de Minas Gerais, Dom Lourenço de Almeida, autorização para que formasse uma bandeira legal em que dispusesse de todos os privilégios e poderes permitidos pela Sua Majestade ao antigo regimento, aos antigos exploradores.

O governador, por entender que tal empreendimento seria um serviço maior prestado a El-Rei, concedeu-lhe não só a permissão, como também nomeou Leme do Prado o Guardamora das respectivas terras minerais que lá fossem encontradas.

De posse da autorização e armado de todos os poderes, o novo bandeirante voltou ao Serro e lá organizou a sua comitiva que partiu rumo ao sertão em meados de 1727.

O grupo seguiu rumo ao norte e o percurso começou a ser feito pelas margens dos afluentes do rio Itamarandiba, atravessando o rio Araçuaí até que chegaram aos arredores da barra de outro rio, o Fanado. Durante muitos dias tentaram, sem sucesso, encontrar ouro nas areias do rio. Já quase tomados pelo desânimo, os homens prosseguiram viagem e ao avançar com as buscas chegaram às margens de um ribeirão, afluente do rio Fanado, onde encontraram um imenso lençol aurífero.

Com a descoberta do ouro tamanha foi a admiração do grupo que, pouco depois, o ribeirão recebeu o nome de “Bom Sucesso”. E ao povoado que ali se formou foi dado o nome de “Arraial das Lavras Novas dos Campos de São Pedro do Fanado”. Um ano e meio após a

fundação do arraial, já se encontravam na região cerca de 40 mil pessoas, dentre negros e colonos vindos de Salvador e do sertão.

Com o sucesso da mineração, pouco depois, Leme do Prado repartiu as datas entre a sua gente e além daqueles que pertenciam ao seu grupo, se encaminharam para lá uma grande quantidade de mineradores. Dada a prosperidade do local, logo, por meio de uma ordem de 21 de maio de 1729, foi criada a Vila do Bom Sucesso das Minas Novas do Araçuaí.

Sebastião Leme do Prado havia anteriormente recebido do Governador da Capitania de Minas Gerais, Dom Lourenço de Almeida, a concessão para seguir rumo a novas minas e regularizar a exploração clandestina que havia nas margens do rio Araçuaí. Por esse motivo, após a descoberta, desejou informar o governador da Capitania de Minas Gerais sobre as novas minas, mas foi impedido. Nesse ínterim, outro grupo de exploradores, alguns bandeirantes paulistas, chefes de bandos criminosos que dominavam o sertão da Bahia, também seguiram no curso do Araçuaí e alegaram também ter encontrado, na barra do Fanado, provas que relataram como igual tesouro.

A comitiva estava sob o comando de Brás Esteves, que havia ficado na região do Rio Manso, pois havia sido acometido por uma doença que o impedira de prosseguir com o grupo. O intuito de Brás Esteves teria sido o de enviar a comitiva para adiantar as buscas. Tudo que fosse descoberto por aquelas bandas deveria ser comunicado imediatamente a ele. Ao encontrar amostras de metal precioso, logo comunicaram ao chefe que foi ao encontro deles onde tomou posse dos terrenos, fez as medições necessárias e repartiu as terras, considerando as minas como parte do seu domínio.

A notícia das novas minas logo se espalhou pelo Serro Frio aumentando assim a concorrência pela extração nos novos descobrimentos.

No ano seguinte, chegou aos ouvidos do Guarda-mor a informação de que a mineração na região de Itacambira prosperava, porém com prejuízos para a Fazenda Real. Diante da notícia, e devido às vantagens que o cargo lhe permitia, Leme do Prado para lá se dirigiu.

No percurso até Itacambira foi recebido com ar de cortesia e toda a pompa e conforto que naquela época se poderia oferecer. Porém, a intenção dos que o receberam era de impressioná-lo sobre todo o aparato que dispunham por aquelas bandas. Finalmente, Domingos Dias declarou abertamente não reconhecer o capitão como pessoa competente para exercer o cargo naquele distrito, uma vez que o local, segundo ele, pertencia à Bahia. O homem alegou também que as minas de Itacambira já teriam sido manifestadas em 1707, pelos papudos ao Governo da Bahia, no tempo do Vice-Rei Dom Luís César de Meneses.

Na ocasião, encontrava-se também presente o Dr. Miguel Honorato que era provisor e visitador encarregado pelo Arcebispo de benzer e fazer a disposição das matérias do culto. Em uma conversa com o Guarda-mor tentou persuadi-lo que de fato aquele território pertencia à Bahia e que ele deveria informar a descoberta das minas ao Governo da Bahia.

Sebastião Leme do Prado deixou-se levar pelos argumentos e determinou manifestar ao Vice-Rei Dom Vasco Fernandes César não só as minas de Itacambira, como também as minas do Araçuaí, as quais já havia medido e declarado em nome e por autoridade do governador da Capitania de Minas Gerais, Dom Lourenço de Almeida.

Pouco tempo depois, Dom Luís Álvares de Figueiredo, arcebispo de Salvador mandou o padre Miguel Honorato tomar posse das terras em nome do arcebispado criando, dessa maneira, a freguesia de São Pedro do Bom Sucesso das Minas Novas do Fanado.

O território de Minas já era, desde 1722, uma capitania separada da de São Paulo. O que mais interessava aos paulistas naquele período não era decidir a qual governo os territórios pertenciam e deveriam ser declarados. O que interessava, sobretudo, era o que lhes fosse mais conveniente, ou seja, a qual governo fosse mais fácil enganar, podendo eles sonegar os quintos. A capitania de Minas Gerais já contava com toda a aparelhagem para que fosse feito o fisco, enquanto a estrutura da capitania da Bahia era ainda deficiente, o que permitia facilmente que fossem feitos extravios.

Porém, todos os tramites e negociações feitas na época para que se pudesse enganar os controles impostos pela Coroa se fizeram desnecessários, uma vez que já havia uma ordem régia de 16 de março de 1720, publicada em 23 de abril de 1721 em que o Conde Assumar promulgou solenemente que todos os arraiais do Rio São Francisco e do Rio Verde, ordem pela qual se definiu a divisa de Minas com a Bahia pelo Rio Verde desde a foz até as nascentes. Dessa maneira, os sertões onde foram descobertos tanto as minas de Itacambira, quanto às novas minas pertenciam a nenhum outro território que não ao do Serro Frio.

Ao receber o manifesto das novas minas, rapidamente o Vice-Rei Dom Vasco Fernandes tratou de tomar posse do distrito promovendo como regente o Coronel Pedro Leolino Mariz que também foi nomeado Comandante das Armas. O Vice-Rei renovou ainda a provisão do Governo de Minas ao Guarda-mor Sebastião Leme do Prado.

Como havia já demarcado e dividido as datas do Araçuaí trabalhando como funcionário de Minas, estava claro que Sebastião Leme do Prado havia violado de maneira desleal o juramento feito a Dom Lourenço de Almeida no ato de sua nomeação.

O governador de Minas, inconformado com a anexação do território à Capitania da Bahia, tomou algumas medidas e pediu providências ao Governo-Régio solicitando inúmeras vezes a Dom João V a reincorporação do território a Capitania de Minas Gerais. No entanto, não conseguiu que seus pedidos fossem atendidos. Por ordens do Rei de Portugal, em carta de 21 de maio de 1729, foi determinado que o novo arraial ficasse sob o controle do governo da Bahia. As partes civil e militar seriam controladas pela Bahia, mas judicialmente o território ficaria subordinado ao ouvidor da Comarca do Serro Frio.

Dom Vasco Fernandes havia comunicado à Corte as novas descobertas como sendo feitos de seu governo. El-rei, por causa das pendências, já havia aprovado, por meio de uma provisão estabelecida em 5 de janeiro de 1727, a criação de uma Intendência em Araçuaí para que os povos não fossem obrigados a quintar seu ouro na casa de Jacobina, na Bahia.

Tamanha era a produtividade do distrito que no período de um ano, entre 1730 e 1731, foram fundidas no Araçuaí cerca de 216 arrobas de ouro, sendo a maioria ocultada ou extraviada. Com a prosperidade do distrito, foram ouvidas as reclamações por justiça e em 21 de maio de 1729, El-Rei deu ordem que se criasse a Vila de Nossa Senhora do Bom Sucesso das Minas Novas do Araçuaí. Em quatro de fevereiro de 1730, por meio de uma provisão do Conselho Ultramarino, o foro da vila ficou judicialmente sujeito à Comarca do Serro Frio, mas ainda militarmente subordinada ao Comandante da Bahia.

Com a criação da comarca de Jacobina na Bahia, no ano de 1742, o termo das Minas Novas foi incorporado e o território ficou completamente submetido ao Governo da Bahia. A anexação total das novas minas causou grande revolta na população gerando muitas reclamações. O motivo principal era que a Comarca de Jacobina se encontrava a uma distância de mais de 150 léguas bem mais distante do que a Comarca do Serro Frio que distava apenas de quarenta léguas.

Por essas razões, em maio de 1747, a vila de Minas Novas foi novamente incorporada à Comarca do Serro Frio, mas com jurisdição militar ainda subordinada à Bahia. Porém, essa dualidade tornava-se cada vez mais inconveniente para o Governo de Minas. Outro problema enfrentado pela Coroa era a falta de policiamento no território das Minas Novas o que permitia o garimpo clandestino de ouro e diamantes. Em 1730, entrou em funcionamento a Casa de Fundição, mas apenas dois anos após o início das atividades toda a renda servia apenas para cobrir as despesas, dado o número de extravios. Como o Intendente Geral residia na região do Tejuco, era praticamente impossível que fosse feito um controle efetivo, havendo, assim, muita dificuldade em controlar e reprimir os abusos praticados. Para que suas

ordens fossem executadas deveriam passar antes pelo Governo da Bahia que se encontrava a uma distância muito grande comparada àquela da Comarca do Serro Frio.

Outro problema enfrentado é que no distrito diamantino compreendiam as terras proibidas à extração, terras que eram garantidas pelo Contrato dos Diamantes, com uma parte que se encontrava na Comarca de Minas Novas pertencente à Bahia e a outra localizada no Serro, na Capitania de Minas Gerais.

Naquela época, era muito comum o aparecimento e o desvio de diamantes na região e com a diminuição da produção a Coroa foi obrigada a reforçar a fiscalização. Por causa desses acontecimentos e também para efeito da derrama, com a falta das cem arrobas que eram exigidas pelo quinto, a Resolução Ultramarina concedeu, em 12 de maio de 1757, alvará que incorporava integralmente o termo de Minas Novas à Comarca do Serro Frio e à Capitania de Minas Gerais. A integração foi efetivada por meio de um decreto em 26 de agosto de 1760.

Em nove de março de 1840, por meio de uma provincial, a vila foi elevada à categoria de município com o nome de Minas Novas.

Com o passar dos anos, e mesmo diante da dificuldade que revestia a fiscalização da atividade mineradora, supondo que muita gente não tinha conhecimento da proibição de minerar, a mineração deixou de contar como principal atividade da população que habitava a região. Além do esgotamento das jazidas de ouro de aluvião e da dificuldade em usar novas e mais adequadas tecnologias, a proibição em minerar nos rios, ribeirões e córregos diamantíferos parece ter deslocado sucessivamente a atenção para outras atividades, particularmente às ligadas à agropecuária, com destaque para a produção de algodão de excelente qualidade bem conhecido pelos comerciantes europeus já em 1817.

Com a expansão da atividade pecuária por todo o norte e nordeste de Minas Gerais, o grande termo das Minas Novas se viu diante de sucessivas divisões até assumir a delimitação atual.

Como remanescente do Termo das Minas Novas, hoje o município de Minas Novas tem, segundo dados do último censo aplicado pelo IBGE⁴, cerca de 30 mil habitantes. Mais da metade da população ainda vive na zona rural, tendo como atividade principal a agricultura com a produção de milho e feijão, a criação de pequenos animais para consumo próprio e a

⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

pesca frequentemente realizada no rio Araçuaí. Merece destaque também a produção de artesanato, sobretudo em argila, famosa tanto no Brasil quanto no exterior.

A atividade mineradora, apesar de bem modesta, ainda é realizada, principalmente, no rio Fanado, com a presença de pequenos garimpos de subsistência, que além de explorar o ouro, extraem cristais e pedras preciosas.



Foto 10 – Pichorra
Fonte: Maria Elizângela Souza



Foto 11 – Buião
Fonte: Maria Elizângela Souza

CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Conforme foi apontado na *Introdução* do nosso trabalho, esta pesquisa caracteriza-se por realizar um estudo linguístico-cultural, enfocando o léxico de Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha, usando como arcabouço teórico os fundamentos da Sociolinguística, da Lexicologia e da Antropologia Linguística.

Nos capítulos I e II foram apresentados, respectivamente o referencial teórico em que este trabalho se embasa e também os aspectos históricos e sociais da região estudada. Essas informações se mostram necessárias para o pleno desenvolvimento da pesquisa do léxico rural de Minas Novas.

As seguintes etapas foram realizadas:

- pesquisa de campo com a gravação de entrevistas orais, cujo objetivo foi a coleta das unidades lexicais;
- transcrição das entrevistas e seleção das lexias que melhor caracterizassem o mundo rural;
- preenchimento e análise das fichas lexicográficas;
- análise dos dados;
- elaboração do glossário.

3.1.1. Pesquisa de campo

Para a realização da coleta foi necessário, primeiramente, o deslocamento para a região. Partindo da metodologia sugerida por Labov (1982), foram feitas entrevistas orais com 12 moradores da zona rural de Minas Novas. Os registros se deram em locais já conhecidos dos entrevistados, como em suas próprias casas ou na residência de familiares ou amigos. Para a realização das entrevistas, não foi feito nenhum agendamento. Selecionamos alguns possíveis informantes previamente e os visitamos sem marcação de horário ou qualquer informação prévia. Acredita-se que, ao ser informado com antecedência que será realizada uma entrevista, o entrevistado faça, quase que inconscientemente, uma seleção vocabular, o que dificultaria um pouco a coleta do léxico usado espontaneamente em seu cotidiano. Ao chegar às residências foi explicado que estávamos conversando com as pessoas sobre a história local e sobre os costumes de antigamente. Foi pedida, em seguida, a autorização para que a conversa fosse registrada por meio de um gravador. De posse da autorização,

procuramos deixar a pessoa bem à vontade abordando assuntos que melhor abrangessem o mundo rural, como a vida e os costumes na roça, os garimpos feitos, a época de plantação e colheita, as comidas e remédios usados antigamente, bem como as festas tradicionais, dentre outros. Para a realização das entrevistas não foi elaborado um questionário com perguntas previamente estabelecidas, tratou-se de uma conversa informal com um roteiro mais ou menos pré-definido.

Por se tratar também de uma pesquisa lexical, antes das gravações, foi pensado em como deveria ser feita uma abordagem que funcionasse como um instrumento que melhor coletasse ou fizesse realizar o maior número de ocorrências lexicais nos campos léxicos determinados.

O tempo de duração de cada entrevista dependeu do desempenho e da disponibilidade de cada informante, tendo a maioria das entrevistas duração média de 45 minutos. Alguns informantes foram bem breves, enquanto outros desejaram falar bem mais, por cerca de duas horas.

3.1.2. Seleção de informantes

A escolha dos informantes foi baseada nas normas estabelecidas pelo projeto ‘Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais’, projeto da Faculdade de Letras da UFMG, coordenado pela Professora Doutora Maria Antonieta Mendonça de Amarante Cohen e desenvolvido entre os anos de 2003 e 2006. As normas prevêm que, em condições ideais, o falante deve:

- a) ter idade igual ou superior a setenta anos;
- b) ser oriundo preferencialmente de localidades rurais;
- c) ter nascido ou passado a maior parte de sua vida na região que está sendo estudada;
- d) ter baixo grau de escolaridade ou ser analfabeto.

A escolha de tais informantes deve-se ao fato de o vocabulário usado por pessoas enquadradas nesse perfil tender a mostrar um léxico mais próximo ao vernacular, além de revelar possíveis retenções linguísticas.

3.1.3. As transcrições

Para a transcrição das entrevistas foi adotada também a metodologia proposta pelo já mencionado projeto Filologia Bandeirante, adaptado posteriormente pela equipe do projeto ‘Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais’, modelo já utilizado em trabalhos

anteriores como o de Amaral (2001), Seabra (2004), Souza (2008), Menezes (2009), Ribeiro (2010) e Freitas (2012). O modelo utilizado nas transcrições não se refere a uma transcrição fonética, mas uma transcrição ortográfica, com algumas adaptações. Os parâmetros para a transcrição, extraídos do projeto ‘Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais’, são:

- b) deve ser adequada aos fins;
- c) deve permitir a compreensão do significado do texto;
- d) deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica⁵;
- e) deve tentar facilitar ao leitor a criação de uma ‘imagem’ do texto elaborado no plano da oralidade.

1- Nem tudo será registrado:

- a) o acento das postônicas não será registrado
ex.: diferente= diferente torrado= torradu
(A ideia é: o que é categórico, não marcado no dialeto não precisa ser registrado)

2- Será obrigatoriamente registrado

- a) alteamento/abaixamento das pretônicas
pirdi=perdi
reberão= ribeirão // premero= primeiro
- b) a redução dos ditongos [ow];[ey]; [ay], serão grafados ortograficamente como pronunciados.

dotô= doutor;

falô= falou; primero=primeiro;

reberão=ribeirão

c) ausência do -r no final dos nomes: doutor = dotô

- ausência do -r final em verbos: falá=falar; comê= comer

- ausência do -r- no meio de vocábulos: pá= prá; madugada=madrugada

d) ausência do -m final, desnasalização: homem=home; garagem=garage

e) nasalização de segmentos normalmente não nasalados deverá ser marcada com o til: assim termos ilusão e ãzame.

⁵ Ferreira Netto; Rodrigues, 2000, p. 172.

- f) prótese: as próteses serão marcadas ortograficamente, como pronunciadas:
Izé= Zé; ieu=eu; alembirá=lembrar
- g) supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais, serão marcadas com ' .
mai' ~ mais; ago' ~ agora
- h) paragoge: mali= mal
- i) iotização, grafando com i: fia = filha; jueio= joelho
- j) aglutinação, com apóstrofo: dex'eu = deixa eu; pr'eu ~ para eu
- k) pronomes *ele, ela, eles, elas* e *eu* serão grafados como realizados:
Eis=eles; ê =ele; ea =ela; eas = elas
- l) casos de *uma, alguma, nenhuma*, etc, marcar com til: ãa ~ uma; algãa~
alguma
- m) variação fonética do s – será grafada como efetivamente realizada.
Ex.: mermo ~ mesmo; memo

3- Indicações de:

- Pausa: reticências ...
- inaudível ou hipótese do que foi ouvido, parênteses simples: ()
- comentários: (())
- sobreposição de fala: { }
- discurso direto: " "
- ênfase: maiúscula
- truncamento: /
- alongamentos : repetir o segmento
- interjeição: com h

3.1.4. Fichas lexicográficas

Foram elaboradas 312 fichas lexicográficas, organizadas em ordem alfabética, contendo a análise dos dados coletados nas entrevistas e transcritos conforme metodologia adequada. Vale ressaltar que para cada lexia selecionada foi elaborada uma ficha lexicográfica, conforme modelo que se segue :

Nº da ficha – <i>lexia</i> ⁶ (classificação morfológica)
<i>Abonação</i>
Registro em dicionários: 1. Bluteau: 2. Moraes e Silva: 3. Laudelino Freire: 4. Aurélio: 5. Amaral:
Registro em glossários: 1. Souza: 2. Ribeiro: 3. Freitas:
Origem: (Cunha, ano, página)

- a) Em primeira posição, na parte esquerda, está o número da ficha, seguido pela unidade lexical escolhida para a análise. O vocábulo selecionado aparecerá exatamente como transcrito na entrevista, salvo os verbos que, devido ao número variado de formas, optamos por indicá-los no infinitivo, colocando entre colchetes o r final, caso haja uma síncope; a classificação morfológica foi colocada, entre colchetes, de acordo com o contexto em que foi selecionada no *corpus*. A estrutura morfológica indica a classe gramatical, o gênero e número de cada lexia, agrupados em esquemas ou estruturas morfossintáticas, relacionados na página seguinte.

⁶ *Lexema* e *lexia* são termos usuais na Lexicografia. O lexema seria uma palavra, ou parte dela, que carrega um significado próprio, já a lexia refere-se “ao uso que se faz de um lexema, como no caso das palavras flexionadas: casa e casas, cantar e cantou.” (Ribeiro, 2010, p. 38).

- 1) Para nomes simples:
 - a) Nm [Ssing] = Nome masculino [Substantivo singular]: *Buião*.
 - b) Nm [Spl] = Nome masculino [Substantivo plural]: *Mirréis*.
 - c) Nf [Ssing] = Nome feminino [Substantivo singular]: *Pichorra*.
- 2) Para nomes compostos:
 - 2.1. Masculinos:
 - a) Ncm [Ssing + Ssing] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Substantivo singular]: *Chico-ramo*.
 - b) Ncm [Ssing + ADJsing] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Adjetivo singular]: *Pau-pobre*.
 - c) Ncm [Ssing + {Prep + Ssing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Substantivo singular}]: *Açúca de forma*.
 - 2.2. Femininos:
 - a) Ncf [Ssing + ADJsing] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Adjetivo singular]: *Maria-pobre*.
 - b) Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Substantivo singular}]: *Semente de chuva*
- 3) Para os adjetivos - [ADJ] : *Catirino*
- 4) Para os advérbios - [ADV] : *Antão*
- 5) Para os pronomes - [PRON] : *Cumé*
- 6) Para as locuções adverbiais - [LOC. ADV] : *De primero*
- 7) Para as interjeições - [INTERJ] : *Ei diá!*
- 8) Para as conjunções - [CONJ] : *Cume ~ cumo*
- 9) Para as fraseologias :
 - a) Fras[V+Ssing] : *Dar venda*
 - b) Fras [V+Prep] : *Dar de*
 - c) Fras [V+ Art+ Ssing]: *Receber as fanfarra*

Na classificação dos nossos dados adotamos o conceito proposto por Biderman (1999) para a delimitação das fraseologias. Para a autora, a fraseologia é vista como uma lexia complexa, pois apresenta uma coesão muito grande, não sendo possível a inserção de outros itens lexicais entre os elementos que a compõem. Seus itens não podem ser analisados de maneira isolada, já que o seu significado foi consagrado, cristalizado pelo uso dos falantes e não pelo sentido original das palavras que formam a expressão.

- b) Na segunda parte da ficha, no item “abonação” foram inseridos, em itálico, os trechos das entrevistas que em a lexia em análise foi selecionada, seguidos pelo número da entrevista e a linha em que a lexia aparece no *corpus*.
- c) No item “registro em dicionários”, foi transcrita a descrição feita por cada uma das obras lexicográficas. Os casos em que não houve registro da lexia foram indicados por “n/e”.
- d) No item “registro em glossários”, foi verificado o registro das lexias nos glossários presentes nas obras *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*, de Vander Lúcio de Souza; *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*, de Gisele Aparecida Ribeiro e *Café com quebra torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG*. Quando não houve o registro da lexia no glossário, também indicamos com “n/e”.
- e) Em alguns casos, a entrada do verbete selecionada nos dicionários e glossários consultados não corresponde à nossa lexia. Existem variações quanto ao gênero, ao número e à ortografia. Nesse caso, optou-se por considerar a forma dicionarizada, pois essas variações não prejudicavam nossa análise.

Por meio da análise das fichas, foi possível verificar se a lexia estudada está ou não dicionarizada; se todos os autores registraram ou não houve nenhum registro da lexia; se a lexia é corrente em outras regiões do Estado de Minas Gerais, ou se não existe ocorrência em outras localidades; foi possível também verificar a origem do vocábulo e se a lexia é um arcaísmo. A ficha lexicográfica pode ser considerada também um instrumento essencial e eficaz para a realização da quantificação e comparação dos dados selecionados.

3.1.5. Sobre os dicionários consultados

As obras lexicográficas consultadas e utilizadas na análise dos dados são obras renomadas, que foram publicadas nos anos setecentos, oitocentos e novecentos:

- a) *Vocabulario Portuguez e Latino*, obra de Dom Raphael Bluteau, que foi um dos precursores na elaboração de dicionários em língua portuguesa. O clérigo, de origem francesa, porém nascido na Inglaterra, foi transferido para Portugal onde aprendeu rapidamente a língua portuguesa e, como profundo conhecedor também de outras línguas, como o latim e o italiano, elaborou a sua obra *Vocabulário Português-Latino*. A obra bilíngue, de carácter enciclopédico

impressiona devido à riqueza de detalhes enciclopédicos e foi publicada em oito volumes no período de 1721 a 1728.

- b) No ano de 1789, foi publicada por António de Moraes e Silva a primeira edição da obra *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Baseada nos trabalhos realizados por Bluteau, a obra de Moraes é considerada de importância fundamental para a Lexicografia. Moraes e Silva se propôs a reeditar a obra de Bluteau fazendo algumas reduções e reformulações. O que se pode perceber na obra é uma objetividade maior, com maior precisão no tratamento dos dados e na proposta lexicográfica. Nessa obra, o autor excluiu as informações enciclopédicas, onomásticas e bilíngues presentes na obra de Bluteau.
- c) O *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire, organizado em cinco volumes, foi publicado na cidade do Rio de Janeiro de 1939 a 1944. A obra é de grande riqueza vocabular e inclui além de neologismos e termos técnicos, muitas expressões e locuções, como também outras ferramentas como a numeração das acepções nas palavras-entrada.
- d) A obra *Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira foi publicada pela primeira vez em 1975 e é, hoje, considerada o “dicionário padrão da língua portuguesa”. O livro possui vasto repertório lexical, acrescido de inúmeras abonações, extraídas de outras obras clássicas da literatura brasileira, como também exemplos de uso oral e casos de variação linguística, indicando ainda os brasileirismos e regionalismos.
- e) *O Dialeto caipira* de Amadeu Amaral foi selecionado por tratar-se de uma obra de grande importância para os estudos dialetológicos no Brasil, um dos primeiros estudos sobre o léxico rural na língua portuguesa. A riqueza de detalhes e da definição nos verbetes nos permite fazer uma comparação entre as unidades lexicais características do mundo rural, pois a própria intenção do autor foi ‘descrever o dialeto caipira’ no interior de São Paulo.
- f) A escolha do *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha se deve ao fato da necessidade de investigarmos a origem das lexias estudadas, como também a data da sua primeira aparição na língua portuguesa, pois nos dicionários mais antigos, muitas vezes não havia registro dos vocábulos selecionados. Outro objetivo nosso foi identificar

as formas que sofreram algum tipo de variação através do tempo, verificando se coincidiram com algumas formas encontradas no nosso *corpus*.

3.2. A MACRO E A MICROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO

Para a organização do nosso glossário, foram seguidos e adotados alguns preceitos de autores renomados da Lexicologia e da Lexicografia, como Haensch et. al.(1982) e Barbosa (1995), que apresentam uma definição bem estruturada para *glossário*. Segundo Haensch (1982), glossário é toda obra lexicográfica que faz o registro e a explicação de vocábulos utilizados por autores em obras literárias, como também aqueles que em outro tipo de texto destacam palavras cujo significado é de difícil compreensão, palavras que são enumeradas e organizadas em ordem alfabética ao final da obra.

Biderman (1984) considera o glossário como um pequeno vocabulário, ou a relação de palavras em que se explica o significado das mesmas, para ajudar o leitor na compreensão do texto que lê.

Conforme Barbosa (1995), enquanto o dicionário reúne e define o maior número de lexemas de uma língua, o glossário representa a situação do léxico de um único contexto, como pretendemos fazer em nossa pesquisa ao selecionar uma região geográfica, Minas Novas.

O nosso objetivo, para este trabalho, é a elaboração de um glossário em que fosse catalogado um número expressivo de lexias selecionadas a partir de um *corpus*. As lexias foram organizadas de acordo com dois critérios: o critério onomasiológico e o critério semasiológico. O critério onomasiológico trata do conceito ao nome. Já o critério semasiológico trata do nome ao conceito.

3.2.1. A macroestrutura

Após a realização da pesquisa de campo, com o registro de 12 entrevistas orais e a sua posterior transcrição, foi feita a seleção das lexias que melhor caracterizassem, representassem o meio rural da região estudada.

Depois de feita a escolha dos vocábulos que comporiam o *corpus*, as entradas foram organizadas alfabeticamente, mantendo a forma registrada nas transcrições, o que facilitaria a consulta e a identificação, exceto no caso dos verbos que foram alterados para a forma no infinitivo. Posteriormente, as lexias foram agrupadas em redes semânticas afins, seguindo-se o critério onomasiológico.

3.2.2. A microestrutura

A microestrutura do glossário foi elaborada de acordo com o modelo que se segue:

Forma do Verbetes

Lexia- (*dicionarização*) • *Estrutura Morfológica* • *Origem* • *Definição* • *Abonação*.

As informações do glossário estão disponibilizadas de acordo com as informações já presentes nas fichas lexicográficas, com os itens *Lexia*, *Registro em dicionários*, *Estrutura Morfológica*, *Origem e Abonação*. Ressalta-se que o item *dicionarização* foi organizado da seguinte maneira:

- a) (A) : dicionarizado no *Aurélio*
- b) (n/A): dicionarizado em pelo menos um dos outros dicionários consultados
- c) (n/d): Não dicionarizado

Foi feita também uma definição para cada *lexia*, de acordo com o significado adquirido no contexto de registro. A seguir é apresentado um exemplo completo de um *verbetes*, retirado de nosso glossário:

ACERO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Terreno desprovido de vegetação, que é aberto ao redor ou no meio do mato nas propriedades rurais, usado para evitar a propagação do fogo em caso de queimadas ou incêndio. • *E tinha um toco de pau d'óleo dessa grossura assim no meio do acero*. (Entrevista 5, linha 283)

No capítulo que se segue tratamos da descrição e da análise dos dados coletados e catalogados em fichas lexicográficas.



Foto 12 – Curnicha
Fonte: Miller Danilo

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, descrevemos e analisamos os dados retirados das 12 entrevistas que compõem nosso *corpus*. Todas elas foram realizadas na área rural de Minas Novas, município mineiro situado na mesorregião do Vale do Jequitinhonha. A seguir, apresentamos, em fichas, as 312 lexias selecionadas e transcritas conforme mostram as regras apontadas na seção 3.1.3.

4.1. AS FICHAS LEXICOGRÁFICAS

A

1. ABOBA ~ ABÓBORA ~ ABOBRA - D'ÁGUA NCf[Ssing + {Prep + Ssing}]

Abóbora d'água, moranga, abóiba de poico, abóiba de... (Entrevista 1, linha 296)

Essa abóbora d'água que é uma verdinha? (Entrevista 1, linha 297)

Aboba d'água, marimba. Tinha muita coisa. Eu num comprei quiabo e nem abobra. Até agora. (Entrevista 2, linha 164)

Mais tinha, mais tinha era muranga. Abobra d'água. Tinha também muita. (Entrevista 3, linha 56)

Essa abobra d'água que tem um outro nome? (Entrevista 3, linha 57)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Abóbora. (...) Abóbora de água. s. f. O mesmo que *abóbora branca*. (...)
4. Aurélio: Abóbora-d'água. s. f. Bras. Bot. 1. Árvore da família das cucurbitáceas (*Lagenaria vulgaris*), cujos frutos, providos de dura casca, servem para a fabricação de cabaças, usadas como vasilhas no interior do Brasil; cuieira. 2. O fruto dessa planta; cuia.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

2. ABOBA ~ ABÓBORA ~ ABOBRA ~ ABÓIBA - DE PORCO NCf[Ssing + {Prep + Ssing}]

Abobra que es fala abóiba de poico. Muranga. Abóiba dessas abóiba que a gente planta. (Entrevista 1, linha 288)

Que eles fala era abóiba de poico. Isto dia eu fui falá aqui. D. quase me... “mãe, mãe como é que a gente come abóiba de poico, mãe?” “Ô meu fi, mas é o nome. O nome des aques abobrinha assim, meia cumpridinha”. Es é inxutinha que faz gosto. (Entrevista 1, linhas 290 e 291)

Abóbora d'água, moranga, abóiba de poico, abóiba de... (Entrevista 1, linha 296)

Hã? Aboba de poico. (Entrevista 2, linha 162)

Mas tinha uns nome. Tinha abóbora de porco. (Entrevista 3, linha 55)

Abobra. Falava era abobra de porco, muranga, quiabero, maxixero. Tudo quanto era de verdura tinha. (Entrevista5, linha 87)

Registro em dicionários:

6. Bluteau: n/e
7. Moraes e Silva: n/e
8. Laudelino Freire: Abóbora. (...) Abóbora de porco. s. f. O mesmo que abóbora-moganga. (...)
9. Aurélio: Abóbora-de-porco. s. f. Bras. Bot. 1. V. abóbora-moganga.
10. Amaral: n/e

Registro em glossários:

4. Souza: n/e
5. Ribeiro: n/e
6. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

3. ACERO Nm [Ssing]

E nós tinha feito um acero lá quando o fogo evinha quemano o chapadão. (Entrevista 5, linha 277)

Ô! Quando chegô no acero eu vim. Quando chegô no acero tinha memo uma subidinha assim. (Entrevista 5, linha 279)

E mesmo dento do acero. O acero lá com daqui lá ne Z. aí. (Entrevista 5, linha 282)

E tinha um toco de pau d'óleo dessa grussura assim no meio do acero. (Entrevista 5, linha 283)

Fora da istrada. Aí eu dei de intrá no acero. (Entrevista 5, linha 290)

Quando eu intrei no acero e lá vô bem distraído só oiano po pau. (Entrevista 5, linha 291)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Aceiro. He huma, ou duas geiras de terra, lavradas em redondo de hum Pinhal, ou Covão, para que no espaço da lavoura se não crie mato, aonde possa pegar fogo, que queime o Pinhal, ou Covão. (...).
2. Moraes e Silva: Acêiro. s. m. (...). §. O terreno que se aceira em redor das matas, e bosques, para evitar a comunicação de incendios, e assim nos cannaveães: atalhada.
3. Laudelino Freire: Aceiro. s. m. Sulco ou rêgo que se abre no mato para impedir a comunicação ou propagação do fogo. (...). || 2. Terreno que se desbrava ou limpa junto à mata ou coivara para o mesmo fim. (...).
4. Aurélio: Aceiro. [Do lat. tard. *aciariu*<*acies*, ei, 'ponta', 'gume', e, p. ext., 'espada'.] . s. m. (...). 6. Bras. RJ GO Limpeza que se faz em torno de uma cerca de arame, a 1m de distância, mais ou menos, de cada lado, para protegê-la contra o fogo por ocasião das queimadas. 7. P. ext. Bras. GO Pequena queimada que os viajantes fazem no campo, em trechos não determinados de seu trajeto, para descanso próprio ou dos cavalos.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

3. Freitas: n/e

Origem: Aço. (...). Do lat. tardio *aciarium*, de *aciēs* ‘ponta, gume’. **aceiro**² s. m. ‘terreno debastado em torno de matas para evitar a comunicação de incêndios.’ 1727. Do mesmo lat. tardio *aciarium*. (Cunha, 1986, p.10).

4. AÇÚCA DE FORMA NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

Agora açúca de forma. *Nossa Senhora! Aquilo ali é igual uma sabatina.* (Entrevista 4, linha 126)

O açúca de forma tira ele, G., põe o melado a hora que dá ponto, tira e põe na massera. E pega ele e deixa lá dum dia por oto. Quando é no oto dia... (Entrevista 4, linha 141)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

4. Souza: n/e
5. Ribeiro: n/e
6. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

Obs: O dicionário Aurélio registra somente ‘açúcar de farmácia, açúcar demerara, açúcar dos diabéticos, açúcar mascavado, açúcar mascavo.’

5. AÇÚCA~AÇUCO SUJO NCm [Ssing + ADJsing]

Fazia rapadura e açúco. Açúco sujo. (Entrevista 3, linha 404)

Hã? Açúca sujo? (Entrevista 3, linha 405)

É açúca. O nome dele é açúco sujo. É por que hoje. . hoje é açúcar, né? E naquele tempo era açúco sujo. Mais é porque ele no cê tirá ele, cê põe barro nele. (Entrevista 3, linhas 406 e 407)

Nas festa es fazia mais era doce de açúca sujo, esse açúca comum. (Entrevista 12, linha 296)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

Obs: O dicionário Aurélio registra somente ‘açúcar de farmácia, açúcar demerara, açúcar dos diabéticos, açúcar mascavado, açúcar mascavo.’

6. ADIVIRTIDO [ADJ]

*Ele e ele dizia que pai era pobe, que num sei o quê, né? Que nós andava passano fome. Num sei o quê ele era desses pessoa, né? Mas era muito adivirtido, viu? (Entrevista 3, linha 276.)
Era adivirtido, viu? Pai. Pai num tinha uma que ele num pegava no ispeto. Uma paca. É dá aqueles poção, no ribirão muita água, né? Ela vinha vruup e ele ispetava ela. (Entrevista 3, linha 297.)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Divertido. Desattento. Estar divertido com o pensamento. (...).
2. Moraes e Silva: Divertido. p. pass. de divertir, desattento, distraído. §. Desattento de outras coisas, pela atenção que se dá a alguma, que nos entretêm. Vietra. Com o pensamento divertido, ou na conversação, ou em algum cuidado: e hão os Discípulos divertidos na prática. i. é embebidos.
3. Laudelino Freire: Advertido. adj. De *a + divertido*. Pop. O mesmo que *divertido*.
4. Aurélio: Divertido. [Part. de *divertir*] adj. 1. Alegre, pândego, folgazão. 2. Recreativo, alegre.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Divertir. (...). Do lat. *divērtēre*. (...) **divertido** XVII (...). (Cunha, 1986, p. 273).

Obs: Prótese (-a)

7. AJUNTA(R) [V]

Quando o povo ajuntava lá tomano banho a água vinha e jogava a água. (Entrevista 8, linha 213)

A hora que o peixe pu... ia cumê no negócio aqui, os peixe ajuntava lá dento, es ia cumeno do lado ela ia iscapulino pra baixo da ponta. (Entrevista 12, linha 461.)

Ô gente! O véi, véi ajuntava gente lá que tinha dia dele tê dez, vinte pessoa na roça trabaiano. . (Entrevista 12, linha 123)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Ajuntar. Unir huma cousa com outra (...). Ajuntar gente em hum lugar. (...)
2. Moraes e Silva: Ajuntar. v. at. Unir uma coisa á outra. § Aproximar, achar. (...)
3. Laudelino Freire: Ajuntar. v. r. v. De *a + juntar*. Aproximar, pôr junto; unir; juntar (*tr. dir. ;bitr., com prep. a, com, em*): “Ajuntar as camas, ajuntar os bois ao carro. ” (...)
4. Aurélio: Ajuntar. [De *a² + junto + -ar²*.] v. t. d. 1. Pôr junto; aproximar, unir: 2. Reunir, agrupar. 3. Coligir, colecionar, reunir. 4. Unir, coligar. 5. Acrescentar, adicionar, adir: 6. Dizer em seguida; acrescentar. 7. Economizar, amearhar, aforrar. 8.

Acasalar, casar. v. t. d. e i. 9. Pôr junto; unir, aproximar, juntar. 10. Agregar, associar: 11. Agregar, anexar, acrescentar: & V. int. 12. Juntar dinheiro; economizar, poupar: V. p. 13. Unir-se, reunir-se; juntar-se: & 14. Reunir-se, congrega-se; aglomerar-se. 15. Amasiar-se, amancebar-se, amigar-se. 16. Ter cópula; copular.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Junto. adj. ‘unido, pegado, próximo, chegado, anexo’. XVI. Do lat. *unctus*, part. pass. de *jungere* ‘jungir, juntar’ || **Ajuntamento** XIII. || **Ajuntar** XIII. (Cunha, 1986, p. 458).

8. ALEMBRA(R) [V]

Ô fia eu acho que eu num alembro mais não. (Entrevista 1, linha 62)

Ocê não alembra não, né? (Entrevista 1, linha 92)

Eu nem sei se ele alembra não que ele era tava pequeno. Capaz que ele nem alembra. (Entrevista 1, linha 92)

Eu pareço que eu alembro dela. (Entrevista 1, linha 178)

No meu tempo de eu moça eu num alembro não. (Entrevista 1, linha 251)

Não. Eu num alembro nada. (Entrevista 1, linha 326)

Cê alembra não, né? (Entrevista 2, linha 26)

Sofri demais minha fia, num gosto nem de alembra meu sofrimento. (Entrevista 2, linha 51)

No chapadão eu era rapaz. J. deve alembra. (Entrevista 5, linha 360)

Quase eu já num alembro muito quê... (Entrevista 6, linha 2)

Eu alembro, eu tenho uma lembrancinha dela, mas é poca. (Entrevista 7, linha 10)

Alembro. Era no ingem de pau. (Entrevista 7, linha 64)

Ainda alembro, mas num o... (Entrevista 7, linha 213)

Eu casei até ne Minas Nova. Foi ne Minas Nova que eu casei. Alembro, moça. Dessas festa tudo. Nos baile. (Entrevista 7, linha 215)

Alembro. Meu pai quando morreu eu já era bem, casado, né? (Entrevista 9, linha 14)

Se eu alembro? (Entrevista 9, linha 110)

Se eu alembro? (Entrevista 10, linha 27)

Tem hora que eu alembro. A gente vendeu tirô o sentido. (Entrevista 10, linha 29)

Num alembra mais daquele trem. Porque lá era um lugá muito pequeno e lá tinha muito moradô. (Entrevista 10, linha 42)

Alembro. Ele trabalhou muito aqui ainda. (Entrevista 10, linha 83)

Hoje eu tô essa sonsa aqui, mais eu alembro disso tudo. (Entrevista 11, linha 98)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Alembra. Vid. Lembrar.

2. Moraes e Silva: Alembra, alembra. —&c. v. lembrado, lembrança, lembrar. ||

3. Laudelino Freire: Alembra. v. r. v. O mesmo que lembrar: —Mais estancas cantara esta sirena em louvor do ilustríssimo Albuquerque, mas alembrou-lhe u’a ira que o condena, posto que a fama sua o mundo cerque|| (Camões). —Alembra-me que outrora...conheci um corício em anos já maduros, dono duma chãzinha ali desamparada|| (Castilho). ||

4. Aurélio: Alembra. [De a-4+ lembrar.] v. t. d. |v. t. d. e i. | v. p. Ant. Pop. 1. Lembrar:—encanecidos | Pescadores de outrora alembra com saudade | As pescarias||

(Vicente de Carvalho, Versos da Mocidade, p. 124)||; —Algumas vezes eu me alembro duma | tarde na roça || (Gilberto Mendonça Teles, Saciologia Goiana, p. 34). ||

5. Amadeu Amaral: Alembrar: —lembrar, v. ||Esta prótese vem de muito longe na história da língua, e ainda é pop. Alembra-vo eu lá? (Gil V., —Auto da Índia)||

Registro em glossários:

1. Souza: Alembrar (A) v. Trazer lembranças à memória. Recordar-se. Variante de lembrar (lembrar > alembiar – caso de prótese). “Eu alembro...um mucado eu alembro...” (Entr. 7, linha 9)
2. Ribeiro: Alembiar. • (A) • [V] • Lat. • Recordar, vir à lembrança. • *Cê num alembra dela não. Ele era muito chique.* (Ent. 10, linha 332)
3. Freitas: Alembiar • (A) • [V] • Lat > Port. • Trazer algo à memória, recordar, relembrar. Variante de lembrar • “*Ele era fei menina em vida ô num alembro dele não mais diz que ê era fei demais muito fuzim...*” (Ent. 06, linha 375) • (alembiar~lembrar: caso de prótese)

Origem: Lembrar. vb. ‘trazer à memória, fazer recordar, notar, advertir’| XV, membrar XIII, nembrar XIII etc. | Do lat. *memorare*. (Cunha, 1986, p. 469).

Obs: Prótese (a-); arcaísmo

9. ALFOJE Nm [Ssing]

Eu fazia alfoje, fazia tudo aqui. É po povo. (Entrevista 12, linha 609)

[...] *já cheguei aqui e falei “ Ah! Eu vô mexê mais é com essa, é com sirviço de coro pá fazê cangaia e fazê... cunsertá sela e fazê essas (), fazê alfoje e cabeçada .* (Entrevista 12, linha 633)

Já o Z. M. cortava. Z. M. cortava e fazia tudo. Alfoje, cabeçada. Tudo ele sabe fazê. (Entrevista 12, linha 641)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Alforje, ou alforjes, he huma especie de sacola de couro, ou de outra materia dividida em duas algibeiras, que se mete alguma provisão necessaria para a jornada, & nas bestas se poem nas ancas, ou de huma, & outra parte da arçaõ da sella, & na gente de pè se carrega nos ombros cõ hũa parte ao peito, & outra às costas. (...)
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Alforje. s. m. Ár. *al-khurj*. Saco fechado em ambas as extremidades e com a abertura no meio por onde se dobra, formando dois compartimentos. || 2. O que se leva no alforje.
4. Aurélio: Alforje. [Do ár. *al-‘ur1.*] s. m. 1. Duplo sacco, fechado nas extremidades e aberto no meio, formando como que dois bornais, que se enchem equilibradamente, sendo a carga transportada no lombo de cavalgaduras ou ao ombro de pessoas. 2. Alforjada (1). 3. Grande quantidade. 4. Bras. Gír. P. us. Nariz grande. 5. Pop. Os testículos. 6. Fig. Indivíduo falador, tagarela; algarvio. [Var.: alforje.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Alforje. s. m. ‘duplo saco, fechado nos extremos e aberto no meio. | 1899, *alforge* XVI, *alforja* 1871. | Do ár. *al-hurğ*. (Cunha, 1986, p. 30).

10. ALQUERE Nm [Ssing]

Lá tinha um negóci' de alquere. Um alquere é oitenta lito. Um alquere de farinha é oitenta lito. (Entrevista 12, linha 179)

Cada um burro trazia dois alquere e mei' de arroz. (Entrevista 12, linha 185)

E o alquere também é quarenta, é oitenta lito um alquere. (Entrevista 12, linhas 187 e 188)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Alqueire. Medida de todo o gênero de grão.
2. Moraes e Silva: Alqueire. Medida de grão.
3. Laudelino Freire: Alqueire. Antiga medida para cereais, de capacidade variável, correspondente, mais ou menos a 13 litros, à 6ª parte de um saco e à 60ª do moio. || 2. Antiga medida para líquidos, correspondente a seis candas ou meio almude, isto é, cerca de 8 litros. || 3. Antiga medida de superfície, equivalente a 15. 625 palmos quadrados. || 4. medida agrária de valor variável conforme as regiões. '
4. Aurélio: Alqueire. [Do ár. *al-kayl*, 'medida (de cereais)'.] s. m. Antiga medida de capacidade para secos e líquidos, variável de terra para terra. [O de Lisboa equivalia a 13,8 litros.] 2. *Bras.* Medida agrária correspondente em MG, RJ e GO, a 48. 400 m², e em SP a 24. 200 m². '
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Alqueire. s. m. ‘medida de capacidade (\cong 16 litros). ‘medida de área’ XIII. Do ár. *al-káil*. (Cunha, 1986, p. 35).

11. ALUMIA(R) [V]

Aí pra alumiá era com azeite, ô bisungo. (Entrevista 7, linha 174)

Muita gente fazia azeite pra alumiá. (Entrevista 7, linha 317)

O azeite da mamona punha ne ne ...nas coisa pra alumiá. Fazia um pavio. (Entrevista 8, linha 265)

Comprava a querosene e inchia a lamparina e punha o pavio e alumiava. (Entrevista 9, linha 125)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Alumiar. Fazer luz. Quando se, falla no sol, em huma tocha, em huma, candéia. (...)
2. Moraes e Silva: Alumiár. v. ar. Dar luz, aclarar. Fez Deos luminarias no ceo...para que resplandeção no ceo, e allumiem a terra. Vasc. Sitio, D. 2, f. 90.
3. Laudelino Freire: Alumiar. v. r. v. Lat. hisp. *adluminare*. Dar luz a (tr. dir). (...). ||2. Pôr claridade em, iluminar (tr. dir., pr., bitr., pr. ou tr. ind., com prep. com; intr. (...).
4. Aurélio: Alumiar. [Do lat. *iluminare*.] v. t. d. 1. Dar luz ou claridade suficiente a; iluminar, (desus.) aluminar. 2. Dar lume a; acender, (desus.) aluminar. 3. Dar claridade,

brilho, vida, a; iluminar. 4. Fig. Instruir, ilustrar, esclarecer; iluminar. V. int. 5. Dar ou espargir luz, claridade; iluminar. 6. Bras. Reluzir, rebrilhar, resplandecer. v. p. 7. Ficar iluminado; iluminarse. 8. Ilustrar-se, instruir-se; iluminar-se.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Alumiar. (A) v. Tornar claro um local. Variante de iluminar (*iluminar > ilumiar > alumiar – caso de síncope e dissimilação). Cf. lumiar. “...*naquele tempo num tinha vela...alumiava com azeite e cera do mato né...*” (Entr. 6, linha 15)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Alumiar. ‘iluminar’. Iluminar. vb. ‘derramar luz sobre, tornar claro’ fig. ‘Esclarecer, ilustrar’ ‘ornar com iluminuras’ 1530. (...). **alumiar** | -mear XIII | Do lat. **alluminare* (...). (Cunha, 1986, p. 425).

Obs: Arcaísmo

12. AMUNTA(R) ~ MUNTA(R) [V]

E eu chiano lá na cama, rolano lá. Sangue istrebordano em todos os fi de cabelo. É. Com poco ele chegô, que resolveu. Ele resolveu. Pontô um rapaz amuntado num cavalo lá, aonde eu tava falano “É um milagres. Pode sabê que é.” (Entrevista 6, linha 26)

Aí conversano mais o véio ele me ensinô um remédio. “ Oh num mexe com médico não que de primeiro eu sentia essa dô de cólica e eu num saia lá de Turmalina, Minas Nova. Até Diamantina eu mixia. Inquanto eu tava lá tava bão. A hora que eu saia de dento de casa o trem montava. ” (Entrevista 5, linha 161)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: (. .) Montar a cavallo. Porse a cavallo. (...) Montar. Medrar. Subir. Adiantarse. (...)
2. Moraes e Silva: v. Montar. (...)
3. Laudelino Freire: Amontar. v. r. v. De *a* + *montar*. Atingir (certo preço ou custo), importar (*intr.*; *tr. id.*, com prep. *a*). || 2. *Lus.* Aparecer, mostrar-se, assomar (*intr.*). || 3. O mesmo que *montar*.
4. Aurélio: Amontar. [De *a*-⁴ + *montar*.]. v. t. i. 1. Elevar-se, montar.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Montar. vb. (...) **montAR** vb. ‘Colocar-se sobre uma cavalgadura’ ‘fornecer, prover de todo o necessário’ ‘armar, aprontar para funcionar’ XIII. Do lat. vulg. *montāre*. (...). (Cunha, 1986, p. 531).

Obs: Prótese (-a)

13. ANDU Nm [Ssing]

Nóis ganhô. Ondé que nóis prantava roça nóis prantava abóbra. Andu. (Entrevista 1, linha 294)

O dia que num tinha nada pá fazê ia dibuiá andu. (Entrevista 2, linha 54)

E vô falá muié num fia aigodão, muié num aproveita um aigodão na roça, muié num aproveita um andu, um coisa assim da roça, muié num faz sabão, muié num faz. (Entrevista 7, linha 304)

Tem o feijão- catador, de corda né J. ? Andu que faz as farofa. (Entrevista 8, linha 364)

Fazia. Gostava de manda fazê farofa de andu com ovo pra es. (Entrevista 12, linha 165)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Andu. s. m. Bras. Um legume vulgar, que nasce em um arbusto, tem flores amarellas, e de cada flor sai uma vagem.
3. Laudelino Freire: Andu. s. m. Planta da família das leguminosas – papilionáceas, cujas sementes são comestíveis (*Cajanus indicus*, Spreng) || 2. Fruto ou semente dessa planta.
4. Aurélio: Andu. s. m. Bras. 1. Fruto do anduzeiro; guando, guandu, feijão-guando.
5. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Andu (A) s. Espécie de um legume ou vagem, de cor esverdeada, arredondada, similar a uma ervilha. “*Nós plantava tudo né...nós plantava as mesma coisa de hoje...era manaíba...feijão...milho...é cacatua...andu...*” (Entr. 5, linha 102)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: Andu. • (A) •Nm [Ssing]• Afr. • Semente do anduzeiro, similar a um feijão. • “*Ah armoço andu podre chei de bicho grudura de boi farinha de mândoca arrozi daquele arroz vermei cê podia sentá na testa dum qu’ê caía de costa*” (Ent. 07, linha 250).

Origem: Andu. (banto) (BR) s. m. fruto do anduzeiro (*Cajanus Indicus Lin*), leguminosa, espécie de lentilha. Var. ervilha-d (e)-angola, ervilha-do-congo, guandu. C. f. macundê. Kik. /Kimb/Umb. *Wandu, guandu*. (Castro, 2001, p. 163).

14. ANGICO Nm [Ssing]

Ingem tudo de pau, ingem antigo. Fazia tudo de madera lá de, de angico e de monjolo. (Entrevista 12, linha 141)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Angico. s. m. Grande árvore leguminosa-mimosácea do Brasil, de fôlhas bipinuladas e inflorescência em capítulos; o fruto é uma vagem com quatro ou cinco estreitamentos, e contém sementes (*Piptadenia colubrina*, Bth): “*O angico dá uma gota semelhante à goma arábica*”. (...)
4. Aurélio: Angico. s. m. Bras. Bot. 1. Árvore do gênero *Piptadenia*, da família das leguminosas, subfamília mimosóidea, de madeira utilíssima.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Angico. s. m. ‘planta da fam. das leguminosas, de madeira utilíssima’1871. De origem controvertida. (Cunha, 1986, p. 48).

15. ANO DO FUBÁ NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}]

Teve uma vez que teve um ano de fu...que es falava o ano do fubá. A gente num achava nada pra cumê. O minha fia já passei, já passei o tempo duro. (Entrevista 1, linha 24)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Híbrido – Port. + afr (Cunha, 1986).

16. ANTÃO [ADV]

Antão eu fiava. O dia que eu imprecava em fazê nuvelo de linha assim eu pegava nessa base de cinco hora. (Entrevista 2, linha 102)

Eu que eu fiava no fus, né? Tinha o fus de fiá agudão. Antão pegava e colocava no vidro, colocava asism e eu ia fiano. (Entrevista 2, linha 116)

E ele ainda foi e falô, ele falô assim “Ô moço meu pai fazia cachaça pra todo mundo. Antão cê já foi?”. Eu falei “ Ô moço eu num lembro mais viu”. Ele falô assim “ Eu lembro que o povo ia lá levá, levá e nós ia mais es. ” (Entrevista 4, linha 154)

Antão num dá pra vivê todo mundo vivê lá. (Entrevista 10, linha 45)

Antão o fugão de lenha era tudo. Ele fez, fazia tudo de madera assim, forradim. (Entrevista 12, linha 131)

Os cara que trabaiava carregano cana. Antão o o, puxava cana de longe e num faltava mesmo. (Entrevista 12, linha 146)

Antão aquela aquela travinha pra pegá a ponta em cima ficava um canzil aqui pá pegá. (Entrevista 12, linha 459)

Antão es pega dum lado e do oto do rio e fecha o rio todo. E faz uma cama, uma camona de madera, de vara. (Entrevista 12, linha 481)

Ele era meu vizim lá onde eu morei primero lá ne Goiás, na rua que eu morei, na bera da Belém-Brasília. Antão ele, ele me chamô pra ir... que ele tava com uma sela dessas daqui e ele num sabia pô suadô nessa sela baiana e minera não. (Entrevista 12, linha 598)

Fui lá e falô “ Antão cê vai, ce vai já tinha midido uma que cumpade H. tinha lá um paralama do jeito que era. Tirei num papelão, peguei a capa do do istribo tirei também no papelão, cortei o molde, levei. (Entrevista 12, linha 611)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Antão. adv. Lat. *intunc*. Pop. O mesmo que então.
4. Aurélio: Antão. adv. 1. Ant. Pop. Então.
5. Amaral: Antão. então, ad.: -||Antão ela reparou bem em mim, não disse mais nada, e saiu adiantell. (V. S.) |Filhos forão, parece, ou companheiros, E nella antão os incolas primeiros. (Camões, —Lus. ||).

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Antão • (A) • [Adv] • (n/e) • O mesmo que então. • *Aí, antão eu acho que o meu pai/ a minha mãe é que tava certa e meu pai tava errado. Porque meu acho que eu ia ficá feinho. (Ent. 2, linha 13)*
3. Freitas: Antão • (A) • [Adv] • Lat > Port. • O mesmo que então. • *“A madêra ficava perfeita toda antão és tirava as madêra e fazia a tal cerca de tisôra...já viu falá?” (Ent. 04, linha 422)*

Origem: Então. adv. ‘nesse ou naquele tempo, momento ou ocasião’ | entõ XIII, enton XIII etc. | Do lat. *in tunc*. (...). (Cunha, 1986, 301).

Obs: dissimilação antão < então.

17. APURA(R) [V]

O açúca é assim de jeito que a rapadura a gente tem que apurá a garapa. (Entrevista 9, linha 41)

Agora o açúca é assim. Justamente quando apura derrama, derrama no cocho. (Entrevista 9, linha 47)

Dicascava aquilo e punha dentro dum balde assim e ali ela ia pono, ia pono dicuada. Com pouco tava o sabão apurado. (Entrevista 9, linha 140)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Apurar. Fazer limpo, & puro. Purgare aliquid. Cic. & Ovid.
2. Moraes e Silva: Apurár. v. at. Purificar, separar tudo o que são fezes, pó, sedimento, borras. (...)
3. Laudelino Freire: Apurar. v. r. r. De a + puro + ar. Tornar puro, purificar (*tr. dir. ;pr. ;bitr. ou pr. ; com prep. em*) (...).
4. Aurélio: Apurar. [De a^2 + *puro* + $-ar^2$.] v. t. d. 1. Tornar puro; livrar de impureza; purificar. 2. Tornar puro ou perfeito; aperfeiçoar, aprimorar, refinar, polir: (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Puro. adj. ‘sem mistura nem alteração’ XIII. Do lat. *pūrus -a -um* || **ApurAÇÃO** || -çom XV || **ApurADOR** XIV || **ApurAR**. Do lat. med *appūrāre*. (...) (Cunha, 1986, p. 648).

18. ARACUÃ Nm [Ssing]

Pegava era aquela aracuã que tem po mato. Era saracura. Daqueles... Aqueles bicho maió.
(Entrevista 9, linha 166)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Aracuã ou Aracuan, s. m. Tupi-guar. *ará*, de *guará+aguã*. Espécie de galináceo semelhante ao jacú, de que difere por ter uma linha de penas na garganta (*Ortalis squamata*).
4. Aurélio: Araquã. [Do tupi.] s. m. Bras. Zool. 1. Ave galiforme cracídea, gênero *Ortalis*, com cinco espécies no Brasil. Vivem a maior parte do tempo nas árvores, raramente vindo ao chão, e se alimentam sobretudo de pequenos frutos e vegetais em geral. O gênero é diferenciado de outros cracídeos por ter a maxila mais alta que larga, barba interior das rêmiges da mão não recortada, e garganta com uma estria de penas no meio. [Var.: *aracuã*, *arancuã*, *aranquã*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Aracuã. s. f ‘nome comum a diversas aves da fam. dos cracídeos, aparentadas com o jacu’] 1928, *aracoá* 1587, *aracoã* c 1594, *haracoa* 1618, *aracoa* 1624, *aracoam* c 1631. etc. | do tupi ara’kũã. (Cunha, 1986, p. 62).

19. ARIA(R) [V]

Lavava vasia, né? E não tinha bombril, num tinha nada. Quando ia ariá vasia sabe como que eu fazia. Ia po rio. Se quisesse ariava. Num tinha vasia de ariá também não.

(Entrevista 7, linhas 341 e 342)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Arear. Alimpar com area. *Arear* a louça. Alimpala com area, ou cinza, ou outra cousa semelhante. (...).
2. Moraes e Silva: Arear ou Areiar (ou melhor *Areyar*), v. at. (...). Limpar esfregando com areia. (...).
3. Laudelino Freire: Arear. v. r. v. De *areia+ar* 3. Polir, esfregando com areia ou outro pó (*tr. dir.*): “Numa janela um sujeito, de óculos azues, areava os dentes” (Aluísio Azevedo).
4. Aurélio: Arear. [De *areia* + *-ar*²] v. t. d. 1. Cobrir com areia ou com matéria semelhante a areia. 2. Limpar, polir, esfregando com areia, com substância saponácea, ou outra. 3. Refinar (o açúcar). 4. Escovar (os dentes). v. int. 5. Turvar-se (a vista). v. p. 6. Encher-se ou cobrir-se de areia.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: Arear • (A) • [Fras] • (n/e) • Esfregar os dentes com pedaços de tabaco. • “*Ea ariava né... ariava dente com fumo cê sabe né? é... a eu prendi fumá foi com esse danado desse*

fumo ea ariava dente e jugava fora aquê bagaço. (Ent. 11, linhas 225 e 226)

Origem: n/e

20. ARICUM Nm [Ssing]

Ficava. Ota hora tingia com aricum. Tingia. (Entrevista 1, linha 182)

Depois de a ropa pronta aí punha o bago d'aricum dento dum pano. Um tanto assim ó dum pano e marrava e socava dento da água. Ficava vermeinha a água. Aquilo ia freveno sabe. Num soltava assim num istantim não. Ia freveno e a ropa...junto cum a roupa. Aí a ropa ficava vermeinha. (Entrevista 1, linha 184)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Urucú. s. m. O fruto do urucureiro. || 2. Substância tintorial do urucueiro. || 3. O mesmo que *urucueiro*. (...)
4. Aurélio: Urucu. [Do tupi = 'vermelho'.] s. m. Bras. 1. O fruto do urucuzeiro (q. v). 2. Substância tintorial que se extrai da polpa desse fruto; açafraão: & [Var.: *urucum*]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Urucu. s. m. 'fruto de uma planta da fam. das bixáceas (*Bixa orellana*), de cujas polpa os índios do Brasil extraíam uma substância tintorial de cor vermelha, semelhante à do almagre, com que pintavam o corpo e tingiam peças de algodão e artefatos diversos' 1592. Do tupi *uru'ku* || (...) (Cunha, 1986, p. 806)

Obs: Dissimilação.

21. ARRIA(R) [V]

Eu trabaiei ali embaixo na véia D. dezesseis ano. Mexeno com muage de cana. Mas no derradero ano depois que entrô o real eu já tinha arriado. { } Num dá pra pagá porque eles queriam cobrá o preço do cruzeiro, né? Falei "Não. Tem jeito não". (Entrevista 4, linha 62)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Arrear. Ornar. Adereçar. Enfeitar. Vid. Nos seus lugares. Arrease a noite, das esperanças, que pesa. Vieira, Oração fúnebre de D. Mar. De Attaide, 143.
2. Moraes e Silva: Arreiar. v. at., arraiar, ornar, ataviar as bestas. "
3. Laudelino Freire: Arrear. v. r. v. De *arreio* + *ar*. Colocar os arreios em (tr. dir.). (...). ||2. Pôr enfeites em, adornar (tr. dir. ; pr. ; bitr. ou pr., com prep. de, com). (...).
4. Aurélio: Arrear. [Do lat. vulg. **arredare*, 'prover', < gót. **reths*, 'conselho'; 'provisão'.] v. t. d. 1. Pôr arreios em; aparelhar. 2. Pôr arreios ou enfeites em; enfeitar, adornar, ataviar. 3. Mobilhar, mobilhar. V. p. 4. Enfeitar-se, adornar-se, ataviar-se. [Conjug.: v. frear. Fut. Do pret.: arrearria, etc. Cf. arriar, v. e arriaria, s. f.].
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Arrear (A) v. Colocar os arreios em. “...montou numa bestona bonita diacho/arreou bem arreado...e chegou lá na beira do rio...” (Entr. 4, linha 476)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: Arrear • (A) • [V] • Lat> Port. • Colocar os arreios em. • “Teve uma vez que eu peguei um burro aqui arriei ele...montei no lugá que eu montei ieu fiquei” (Ent. 05, linha 13)

Origem: Arrear. vb. ‘pôr arreios em, aparelhar, adornar’ |*arrayar* XVI |Do lat. vulg. **arredare* ‘prover’, deriv. do gót. **reths* ‘conselho, previsão, provisão’. (...). (Cunha, 1986, 70).

22. ARRIUNI(R) [V]

Aí era...dia domingo, né? Às vez quando tinha tempo de brincá. Nós morava perto. Nós é...Eis era três irmão. Era V., J. e T. Era os três irmão. Morava perto. Aí arriunia aques bu...minino des ...dia de dumingo pra brincá de boneca, brincá de fornainha. (Entrevista 1, linha 74)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Reunir. Tornar a unir o que estava separado. (...)
2. Moraes e Silva: Reunir. v. at. Tornar a unir o que estivera unido, e depois se separou, soldando, conglutinando, ou sarando. (...)
3. Laudelino Freire: Reünir. v. r. v. De *re+unir*. Juntar bem, unir bem (o que estava separado) (...).
4. Aurélio: Reunir . (e-u). [De *re-* + *unir*] v. t. d. 1. Tornar a unir, unir outra vez (o que estava unido e se separou). 2. Juntar (o que se achava disperso); agrupar: & 3. Fazer comunicar (uma coisa com outra): 4. Aliar, juntar, combinar. 5. Harmonizar, congregar, conciliar, reconciliar. 6. Chamar (muitos indivíduos); convocar. 7. Ter ou possuir como qualidade, juntamente com outras: 8. Unir com pontos de agulha; coser. v. t. d. e i. 9. Anexar, ligar, unir: 10. Juntar, aliar, combinar. v. int. 11. Realizar reunião (3). v. p. 12. Ajuntar-se, unir-se. 13. Aliar-se, unir-se, em favor de: & 14. Agregar-se, incorporar-se, juntar-se, ajuntar-se: 15. Comparecer no mesmo local; congregar-se.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

Obs: Prótese (-a)

23. ARROSA(R) [V]

Pegava a foia de banana, (()) sacudia, sapecava ela, temperava a massa e punha assim ó. Inrolava, inrolava, inrolava. Quem tinha laje pra pô dentro punha. Quem num tinha, punha no chãozim lá do forno, do forno à lenha. Quando aquilo arrosava, tirava e ficava cumeno. É assim que foi minha vida. (Entrevista 11, linha 94)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Rosar. [De *rosa* + *-ar*²] v. t. d. 1. Fazer corar; ruborizar. V. p. 2. Tornar-se cor-de-rosa. 3. Corar, ruborizar-se, enrubescer (-se). 4. Fig. Ficar envergonhado, envergonhar-se; corar. [Sin. ger.: *rosear*].
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port (Cunha, 1986).

Obs: Prótese (-a)

25. ARRUDIA~RUDIA~RUDIINHA ~ Nf [Ssing]

Aí agora cê põe o cuscuz aqui, o fubá aqui dento, lava bem lavadim, forra com um pano moiado, põe o fubá aqui dento e põe lá dento da panela fria e taca fogo aqui embaixo e tampa. Aqui pode fazê até uma rudiinha da mema farinha pra mode num vazá o ar, né? (Entrevista 6, linha 126)

Discasca a mamona e soca e agora a gente faz as, faz o monte de arrudia assim ó. E ali a gente vai tirano. Tinha umas candeinha de barro assim, sabe? (Entrevista3, linha 528)

Colocava a rudia, um pano e carregava. (Entrevista 8, linha 310)

Cascavel eu já vi. Ele faz a rudia assim e se ocê passá cumo daqui lá ele faz assim e boca no cê. (Entrevista 10, linha 320)

Quando eu cheguei eu disci o pé em cima de uma rudia de cobra. Ela vei de lá treis bocada aqui. (Entrevista 11, linha 257)

Aí eu falei “ Num precisa gente. Quem ainda num morreu vai morrê de três dias antes. ” Eu falei “Não. ” Aí ele chegô. Eu fui ispiá ela tinha saído da cama e tava bem por riba de mim lá. A rudia lá. Uma bruta de uma cobra. (Entrevista 11, linha 295)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Rodilha. Trapo, que as mulheres, que levão cantaros, ou outras cousas, costumão torcer, & pôr na cabeça para assentar, & aliviar o pezo.(...).
2. Moraes e Silva: Rodilha. s.f. Círculo, ou rosca de pannos que os carregadores põem á cabeça, e nellas assentão a carga para os não molestar.(...).
3. Laudelino Freire: Rodilha. s.f (...). 7. Pequenas voltas que os laçadores fazem junto à armada do laço quando êste é manejado.
4. Aurélio: Rodilha. s. f. Pano enrolado como rosca, e sobre o qual se assenta a carga na cabeça.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: s. Roda (...). **rodILHA** XVI. Do cast. *rodilla* (...). (Cunha, 1986, p. 688).

26. ARTELÃ Nf [Ssing]

Chazim. Gente nos curava é cum. As parteira falava pra gente né. Elas cortava né? Aí a gente colocava o azeitim todo dia. Punha um poquim de artelã. Torrava ele e muia aquele pozim bem finim e punha. Graças a Deus nada deu pobrema. (Entrevista 1, linha 347)
Tinha os remédio da horta. Artelã essas coisas assim. Tinha as mezinha que es fala. (Entrevista 8, linha 276)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Ortelãa. Herva hortense, cheyrosa, & de duas especies principaes. A primeyra tem talo quadrado, felpudo, & algum tanto vermelho, flores purpureas, ou brancas, & miudamente retalhadas. (...)
2. Moraes e Silva: Ortelãa, ou Ortolãa. s. f. Herva hortense, mui verde, crespa, e aromatica; com ella se tempera a panella, e faz salada. (...)
3. Laudelino Freire: Hortelã ou Hortelan. s. f. . Lat. *hortulanus*. Bot. Nome comum a várias plantas da família das labiadas.
4. Aurélio: Hortelã. [Do lat. tard. *hortulana*, com dissimilação.] s. f. Bot. 1. Erva rasteira da família das labiadas (*Mentha viridis*), cujas morfologia e propriedades se assemelham às da hortelã-pimenta (q. v). 2. V. levante2 (3).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Horto. s. m. (...) **hortelã** s. f. 'planta da família das labiadas' XVI. Do lat. *hortulāna*, fem. do adj. *hortulanus* como provável dissimilação. (...). (CUNHA, 1987, p. 416).

27. ARUERONA Nf [Ssing]

As floresta bunita, viu? Tem cada aruerona, cada pauero. (Entrevista 12, linha 28)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Aroeira. v. *Lëtisco*. Lëtisco he a nossa aroeira. Grisl. Desenganada. Medicina. pag. 7.
2. Moraes e Silva: Aroèira. V. *Lentisco*. Aroeira, no Brasil, arbusto de folhas aromáticas, que dá umas camarinhas vermelhas. Uma arvore que dá madeira para obras, cujo miollo é mui rijo, e atura muito em esteyos enterrados no chão.
3. Laudelino Freire: Aroeira. s. f. Tupi *ara* + *uera*. Árvore da família das anacardeáceas,

cuja madeira é própria para construções externas e cujas folhas, flores, frutos, casca e suco têm valor medicinal (*Schinus molle*, Lin.). (...). ||Sinôn.: aroeira folha de salso, aroeira-salso, corneíba, pimenteira do peru, pimenteira bastarda.

4. Aurélio: Aroeira. [Do ár. *ëar*, ‘lentisco’, + -eira, com aférese do d (que se teria confundido com o da prep. da).]. s. f. Bot. 1. Árvore ornamental, da família das anacardiáceas (*Schinus molle*), de madeira útil, cuja casca possui várias propriedades medicinais e cujos frutos, drupáceos, contêm matéria tintorial rosa; abaraíba, aguaraiá-guaçu, aroeira-do-amazonas, aroeira-folha-de-salso, corneíba, pimenteira-do-peru. 2. V. urundeúva.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Aroeira • (A) • Nf [Ssing] • Ár. • Árvore ornamental cuja madeira é própria para construções externas e cujas folhas, flores, frutos e casca possuem valor medicinal. • *Cortava um gaio de aroera. E punha fogo nele.* (Ent. 5, linha 174)
3. Freitas: n/e

Origem: Aroeira . s. f. ‘planta ornamental da fam. das anacardiáceas’ | *daaroeyra* XV, *adaaroeyra* XV | Do ár. *darū* ‘lentisco’ + -eira; na forma atual houve aférese do da-, confundido com a preposição: *daaroeyra* → *da aroeira*. (Cunha, 1987, Origem: Assear. vb. ‘limpar (-se)’ XVII. De um lat. **assēdāre* ‘sentar, pôr as coisas em seu lugar’, de *sēdēs-is* ‘assento, morada, centro’ || asseADO | XVII, *assey-1813* || asseio | XVII, *assey 1813* | Deriv. de *assear*. (Cunha, 1986, p. 76).

28. ATURA(R) [V]

Aqueles bule antigo que vinha ismaltado. Aquilo aturava demais, né? (Entrevista 8, linha 159)

Eu sacudi e ela caiu lá. E eu virei a mão prá trás assim ó, achei a enxada que eu tava assiano ao redor da casa e já vi o sangue saino lá e ela entrô debaixo duma árve que se chama baspo, imburana, qué dizê. (Entrevista 6, linha 26)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Aturar. v. at. Alimpar. § *Assear-se*: vestir-se de roupas asseadas.
3. Laudelino Freire: Aturar v.r.v. Lat. *indurare*. (...) 6. Continuar, persistir, perseverar (*tr. ind.*, com prep. *a, em*): “Não *lhe atura* criado mais quinze dias” (Aulete)
4. Aurélio: Aturar . [Do lat. **atturare*, por **addurare* < lat. *durare*, ‘durar’] v. t. d (...). 5. Subsistir por longo tempo em determinada situação; perdurar.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Aturar. vb. ‘limpar (-se)’ XVII. De um lat. *obtūrāre*. (Cunha, 1986, p. 83).

29. AVUA(R) [V]

Eu muito baxim, né? A pedra avuô no meu oi, né? (Entrevista 3, linha 21)

Ele tava inrolado. Inrolado, mas já no jeito de avuá. Que a cobra se ela tivé ispichadinha, se ela tivé ispichadinha cê pode passá um bicho na boca dela que ela pula pra trás. (Entrevista 5, linha 302)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Avoar. He pouco usado. No discurso familiar dizemos Avoou, por Fugio, Desapareceu. Dos transitorios, & breves goitos da vida diz Cicero, Avolat voluptas.
2. Moraes e Silva: Avoár. v. Voar. §. Fig. Vulg. Fugir.
3. Laudelino Freire: Avoar. v. r. v. de *a+voar*. *Ant.* e *pop.* O mesmo que voar (intr. ; tr. ind., com prep. com. (...)).
4. Aurélio: Avoar. [De *a+voar*.] V. int. Pop. Voar (1).
5. Amadeu Amaral: Avuá (r). v. i. | De voar com a explet. Conjugua-se: avua, avuô, avuava, etc. ; avuê, avuasse, etc.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: Avuar • (A) • [V] • Lat> Port. • Sustentar-se ou mover-se no ar. Variante de voar. • “Do jeito que ê pegô a cabeça dele assim e impurrô ê pra baxo e ê falô nossa sinhora d’aparicida ondê que cês vão alevá ieu aí ê saiu avuano memo e virô lá po lado do Cardoso. ” (Ent. 02, linha 26) • (avuar~vuá: Prótese)

Origem: Voar. vb. ‘sustentar-se ou mover-se no ar por meio de asas (aves) ou de aeronaves (gente)’ XIII. Do lat. *vōlāre*. (...). Avoar. vb. ‘voar’ XVI || (...). (Cunha, 1986, 826).

Obs: Prótese (-a)

30. AZANGA(R) [V]

Com três dia eu tava bão depois o trem azangava. (Entrevista 5, linha 156)

Ô mais se azangava o istambo, assim, né? Conforme sai pro mato rancano uma raiz aqui, ota ali. (Entrevista 7, linha 387)

Morreu na hora. É. Teve jeito não. Que ela tinha pressão. A pressão dela ia ne vinte e tanto. Quando ela descobriu que a pressão dela era alta demais, ela azangô. (Entrevista 12, linha 50)

Azangô. Que a pressão, a pessoa quando descobre que a pressão é alta, ele tá novo ele tem que combatê a pressão. (Entrevista 12, linha 52)

Pá limpá cocho. Limpá cocho que os fermento cumeçô a azangá. (Entrevista 12, linha 273)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Azangar. v. tr. dir. Enguiçar. || 2. Infelicitar. || 3. Irritar, molestar. || 4. *Lus.* Agourar.
4. Aurélio: Azangar. [De *a-* + *zangar*.]v. t. d. v. p. Bras. 1. Zangar.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

B

31. BANADO Nm [Ssing]

Ele contando que um dia ele pôs a cangaia no burro e foi quando chegô lá no, na casa do home lá banado do Jequitinhonha. (Entrevista 5, linha 163)

Mas fizeram a mão que es “ ai agora nós vamo pegá a estrada daqui sai ne Mandassaia, de Mandassaia subi no Corrente e sai lá banado, no coisa lá em cima” pá fazê a linha de carro. (Entrevista 5, linha 372)

Quando chegô lá no cemitério que tem lá no banado do rio virano po Fanado que eu passei representô foi uma boiada. (Entrevista 5, linha 407)

Naquele tempo o povo ia pra aqueles lado de Diamantina, ia naquelas serra, banado do Jequitinhonha aí. (Entrevista 12, linha 210)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

32. BANDERA Nm [Ssing]

A gente cumia muita coisa. Bicho do mato, né? { } Matava melete, bandera memo. Matava tudo. (Entrevista 3, linha 302)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Bandeira. s. f. . Lat. hip. *bandaria*. (...)5. Espécie de tamanduá, cuja cauda tem o aspeto de uma bandeirola. (...)
4. Aurélio: Tamanduá-bandeira. s. m. Bras. Zool. 1. Mamífero desdentado, mirmecofagídeo (*Myrmecophaga judata* ou *M. tridactyla*), das regiões tropicais e subtropicais da América do Sul. Mede cerca de 1,10m de comprimento e quase outro tanto de cauda, a qual é provida de pelagem densa e longa. Coloração cinza-escura, com uma mancha negra, orlada por estreita listra branca, estendendo-se do pescoço e do peito, obliquamente, para as costas; mãos providas de quatro dedos, porém com

apenas três unhas visíveis. Tem hábitos terrestres, alimenta-se de cupins; é animal muito dócil.

5. Amaral: Tamanduá. s. m. - mamífero desdentado, do gên. "*Myrmecophaga*". - Bandêra, espécie de grande tamanho, que se distingue também por uma enorme cauda de longos pelos.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Bandeira. s. f. 'pedaço de pano, com uma ou mais cores, às vezes com legendas, e que é distintivo de nação, corporação, partido ect. ' XIV. Do cast. *bandera*, deriv. do gót. *bandwo* 'signo', que passaria a designar o estandarte distintivo de um grupo. (Cunha, 1986, p.96).

33. BANGUÊ Nm [Ssing]

Punha num banguê. Fazia uma cama de bambu punha ele dente. Forrava punha ele dento e amarrava um pau. (Entrevista 3, linha 670)

Levava na mão, na cacunda um pau aqui e oto aqui ó e ocê iscorava no banguê assim. (()). É banguê. (Entrevista 3, linha 672)

Do mesmo jeito. Era carregado no banguê do mesmo jeito. Quatro quilômetro que carregava. (Entrevista 3, linha 674)

Enterrava no banguê? (Entrevista 3, linha 675)

Não. Chegava lá a gente tirava ele do banguê e colocava dento da cova e jogava terra po riba. (Entrevista 3, linha 678)

Punha lá na panela conforme o tamanho da panela. Aí tirava as foia de bananera, se num tivesse eu mesmo fazia o banguê de incestá cinza . (Entrevista 7, linha 326)

Aí hora que chegava que inchia que as vez era desse tamanho assim, ó o banguê. (Entrevista 7, linha 331)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Banguê. s. m. (...). Padiola de conduzir cadáveres; esquife. (...) 6. Aparelho em forma de côcho, para curtir peles, ou fazer decoada; anoque.
4. Aurélio: Banguê. [De or. afr.] Substantivo masculino. 1. Bras. Padiola em que se conduziam cadáveres de pretos escravos. (...) 8. Bras. MG GO MT Cocho de couro para curtume e decoada.
5. Amaral: Bangur, Banguê s. m. - liteira com teto e cortinados, levada por muares, que antigamente se usava. Este t. tem muitas significações pelo resto do Brasil, como se pode ver em Macedo Soares e outros vocabularistas. Origem controvertida.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Banguê • (A) • Nm [Ssing] • Afr. • Cama de lona em que se conduziam cadáveres. • *Intão tinha uns que era muito pobre/ intão pegava e arrumava banguê, né? Banguê/ ês arrumava um negócio assim de tábuia cum quatro/ tipo de uma prancheta dessa aqui. Tipo de maca dessa de hoje.* (Ent. 14, linha 114)
3. Freitas: n/e

Origem: Banguê. s. m. 'padiola' XX. De origem africana, mas de étimo indeterminado; talvez do quimb. ma'ne. (Cunha, 1986, p. 97).

34. BARRÃO Nm [Ssing]

Quando manheceu no oto dia manheceu só porco morto. Num morreu uma porca que tava noto lugá e o barrão e os porco grande, né? Mas a porcaiaada pequena que ele tinha morreu tudo. (Entrevista 3, linha 80)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Varraõ. porco, não capado. (...)
2. Moraes e Silva: Barrão. s. m. V. varrão (de verres, Latino). Varraõ. s. m. Porco não capado para fecundar as porcas de criação.
3. Laudelino Freire: Barrão. s. m. Porco novo e não capado, que serve de reprodutor ou

pai do lote; varrão, varrasco. (...)

4. Aurélio: Barrão. [Var. de *varrão*] s. m. 1. Porco novo e não castrado, que serve de reprodutor; varrasco, varrão.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Varrão. s. m ‘porco novo e não castrado, que serve de reprodutor’ | XVI, *uerrões* pl. XIII | Do lat. *verrēs-is* || **varr**ASCOS. m. ‘varrão’ 1858. (Cunha, 1986, p. 812).

35. BARRILERO Nm [Ssing]

Dicuada cê faz o barrilero e de de de taquara. Ele é assim tipo dum funil. Afunilado, né? (Entrevista 3, linha 572)

Ali cê põe e ia pono água no barrilero e ele ia iscorreno vazano embaixo a dicuada. (Entrevista 3, linha 574)

Gastava dois barrilero pra pudê fazê um sabãozim, né? (Entrevista 3, linha 585)

Então num compensava. E o sabão de coco não. Com um barrilero cê fazia uma panelada de sabão. (Entrevista 3, linha 587)

A dicuada é tirada de cinza. Cê põe a cinza no barrilero ris... e tira a água forte e joga dentro da gordura. Vai secando até virá sabão. (Entrevista 10, linha 154)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Barrileira. s. f. Vasilha em que se faz a decoada afim de se lavarem as fôrmas tipográficas. (...).
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port (Cunha, 1986).

36. BASPO Nm [Ssing]

Aí eu ia, ela bocô. Eu sacudi e ela caiu lá. E eu virei a mão prá trás assim ó, achei a enxada que eu tava aseano ao redor da casa e já vi o sangue saino lá e ela entrô debaixo duma árve que se chama baspo, imburana, quê dizê. (Entrevista 6, linha 22)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

5. Amaral:

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

37. BASSURINHA Nf [Ssing]

Esse foizinho aí esse trem que tá aí extindido na terra aí é trem que fazia remédio pra criança. Pro peitorá abri, pro istambo. Oli bassurinha pro mode dô de barriga. (Entrevista 9, linha 149)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Vassourinha. s. f. De *vassoura* + *inha*. (...) || 3. Planta malvácea, medicinal. (...) || 5. Planta da família das rubiáceas, também conhecida por *vassourinha de botão* (*Cephalantus scoparius*). || 6. Bot. O mesmo que *calção de velho*. (...)
4. Aurélio: Vassourinha. [De *vassoura* + *-inha*; var. de *vassourinha*]. s. f. (...) 2. Bras. Bot. Erva da família das escrofulariáceas (*Scoparia dulcis*), amplamente disseminada como ruderal, que tem pequenas flores alvas inaparentes e que, como é muito ramosa e lenhificada, pode ser congregada em feixes para compor *vassouras* simples e baratas; *vassourinha-de-varrer*, *tupixaba*.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port (Cunha, 1986).

38. BATEIA Nf [Ssing]

É. A vez tirava oro tamém, né? Que à vez tava lavano ques pipitona de ouro caía na bateia, a gente pegava elas, né? (Entrevista 3, linha 377)

Não. Eu peguei na bateia, né? Eu tava lavano pá ouro né e eu conheço o diamante. Com poco ele ficô junto com o oro. (Entrevista 3, linha 390)

Tipo com uma bateinha. Tirava o oro e ia do otro lado e comprava aquelas canjica e dava cada um tiquim e fazia pra nós cumê. (Entrevista 11, linha 16)

E agora cuzinhava aquela canjinha de manhã cedo pra ele cumê manhã cedo pra ele ir pro rio a manhã, madrugada. Essa vez aqui no rio Araçuaí, ca batiinha. (Entrevista 11, linha 20)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Batêa. Termo de mineiro. No Rio de Janeiro he huma gamela de pao, de feitio pyramidal redondo, na qual levaõ a terra, que tem ouro, para que no fundo fique o metal limpo.
2. Moraes e Silva: Batêa. s. f. Vaso como alguidar de madeira, com fundo afunilado, ou

conico; serve para a lavagem do oiro, que fica no fundo, quando se lava a terra mineral, como que as piscas, e folhetas estão misturadas. (*Batèya*, melh. ortogr.)

3. Laudelino Freire: Bateia. s. f. Vasp com o alguidar, de madeira, com o fundo afunilado ou cônico, o qual serve para a lavagem das areias auríferas ou cascalho diamantífero.
4. Aurélio: Bateia. [Do ár. *batya* (t), poss.] s. f. 1. Gamela de madeira que se usa na lavagem das areias auríferas ou do cascalho diamantífero.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Bateia. s. f. ‘gamela de madeira usada no garimpo’ XVIII. Provavelmente do cast. *batea*, de origem incerta, talvez deriv. do ár. *bâtya* ‘gamela’. (...). (Cunha, 1986, p. 101).

39. BEIÇO Nm [Ssing]

Aí no outro dia os bicho amanhicia dipindurado, o piau. O que come... o que viesse comê a mandioca, né? Então ele ia roeno, roeno. A hora que dava no... pegava po beição, né? E a vara e jugava es. Teve um dia que eu peguei oito piau, viu? (Entrevista 3, linha 361)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Beição. Parte duplicada, glandulosa, composta de huma carne molle, & fungosa, coberta por fora de pelle, & por dentro de huma tunica muito delgada, a qual he continua com a boca, o isofago, & ventriculo; donde nace, que aos que tem vontade de vomitar, treme o beição inferior. Serve de tapar a boca, reter saliva, & em certo modo para a formação da voz. (...).
2. Moraes e Silva: Beição. s. m. Labio, a borda da boca, que cerrada cobre os dentes. (...)
3. Laudelino Freire: Beição. s. m. Cada uma das duas partes exteriores e carnudas, situadas adiante dos dentes de ambas as maxilas e que formam o contôrno da boca; lábio. (...).
4. Aurélio: Beição. [Do céltico **baikkion*, poss.]. s. m. 1. Lábio (2). (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Beição s. m. ‘lábio’ XIII. De origem obscura, talvez de um célt. **baikkion* ‘boca (das bestas)’ || DESbeição 1813 || EMbeição 1873 || Embeição 1858 || Esbeição XX. (Cunha, 1986, p. 104).

40. BISUNGO Nm [Ssing]

Uai. Fazia bisungo de mamona. (Entrevista 1, linha 129)

Era bisungo. Fazia. Discascava mamona e socava com, com agudão e fazia aques bisungo, aques bisungo assim pá lumiá. (Entrevista 2, linhas 107 e 108)

Fazia a coivara e punha no fogo pra tirá a cinza, minha fia. Era difícil, era sofrido. Aí pra lumiá era com azeite, o bisungo. (Entrevista 7, linha 174)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

41. BITELO Nm [Ssing]

Tinha dia que uma hora dessa cê tava assim sentado no terrero com poco cê oiava cê via aquele bitelão daquele tatu bem passano ó. No meio do terrero. (Entrevista 5, linha 247)

Quando eu lá vô bem sussegado, quando eu ói ó o bitelo do jacu. (Entrevista 5, linha 280)

Que eu óio que não ó o bitelo do jirucuçu trevessado no meio do carrero. (Entrevista 5, linha 318)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Bitelo. adj. *Pop.* 1. Grande. || 2. Vistoso.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Bitelo • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Defunto grande. • *Fazia uma grade e punha o bitelo em cima da grade, punha no ombro assim...* (Ent. 4, linha 28)
3. Freitas: Bitelo • (A) • [Adj] • (n/e) • Grande. • “*Tancava aqueas mãindoca bitela mesmo inchuta que tava uma beleza*” (Ent. 01, linha 103)

Origem: n/e

42. BOCA(R) [V]

É. Ninguém nem me falô isso nada. Mai vei na cabeça a única coisa que eu podia tomá foi isto. Aí eu ia, ela bocô. Eu sacudi e ela caiu lá. (Entrevista 6, linha 20)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Abocar. v. at. Levar á boca. § Prender com a boca.
3. Laudelino Freire: Bocar ou Boccar. v. r. v. O mesmo que *abocar*. (...).
4. Aurélio: Bocar. [De *abocar*, com aférese.] v. t. d. 1. Abocar (1 a 3).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

43. BODOQUE Nm [Ssing]

Caçava passarim de bodoque, né? (Entrevista 3, linha 280)

É um negócio com a casa e a gente pega e pum joga. Um cordão. Passava no... fazia uma cabecinha na ponta do... do bodoque de madeira lá e fazia a casinha e punha a pedra e jogava, né? (Entrevista 3, linha 282)

Naquele tempo num usava era só o bodoque. (Entrevista 3, linha 284)

Uai. Quando eu era pequeno eu caçava de bodoque, istilingue. Assim que nós caçava, mas quando era ispingarda ele só dexô depois que já sabia atirá. (Entrevista 12, linha 540)

Bodoque é o quê? (Entrevista 12, linha 542)

Bodoque é feito de pau. () A mesma coisa de istilingue só que ele é de madeira. (Entrevista 12, linha 543)

Istilingue era furquia, bodoque é um cordão. Cê faz o cordão aqui com duas linha aqui. Faz o lugá aqui de cê colocá a pedra. () (Entrevista 12, linha 544)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Bodoque. Bodôque. Bala de barro. *Vid.* Besta.
2. Moraes e Silva: Bodóque. sm. Arco com duas cordas, e uma rede no meyo, na qual se poe a balla, ou pellouro de barro, com que se atira.
3. Laudelino Freire: Bodoque. s. m. Ár. *bondok*. Arco com duas cordas e uma rêde ou couro no meio da qual se põe a bola de barro, pedra ou chumbo, que se atira. || 2. *Ant.* Bola de barro ou chumbo com que se atirava com a besta.
4. Aurélio: Bodoque. [Do ár. *bunduq* < gr. *pontikón* (káryon), ‘ (noz) do Ponto (i. e., a avelã)’.] s. m. 1. *Ant.* Bola de barro que se disparava com besta. 2. *Bras.* Arco para atirar bolas de barro endurecidas ao fogo, pedrinhas, etc. 3. *Bras.* Qualquer dessas bolas. 4. *Bras.* v. *atiradeira*.
5. Amaral: Bodóque. s. m. – arco, quase idêntico ao com que os índios atiram flechas, mas de pequenas proporções (cinco, seis, oito palmos), usado para arremessar pelotas de barro, à caça de passarinhos: E o caboclo perdeu meio dia de serviço para fazer o bodoque, bem raspado com um caco de vidro que levou da cidade, encordoando-o com corda de linha “clark” encerada a capricho, rematando com gosto de artista a obra, desde o cabo até a malha”. (C. P.) || O “Novo Dic. ” dá como ant., significando “bola de barro, que se atirava com besta” e aponta-lhe o étimo no ar. “bandoque”. – V. PÉLOTE.

Registro em glossários:

1. Souza: Badoque (A) s. Atiradeira; variante de bodoque (bodoque > badoque – caso de dissimilação). “*Entr: Quando o senhor era pequeno o senhor caçava também?/ Inf: Caçava. /Entr: É mesmo! / Inf: Era badoque(risos) / Entr: Ah! / Inf: Era badoque de*

linha. ” (Entr. 7, linha 250)

2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Bodoque. s. m. ‘arco para atirar bolas de barro endurecidas ao fogo, pedrinhas, etc.’ 1813. o voc. port. talvez remonte, com visível ext. de sentido, ao ár. *bunduq* ‘noz, avelã’ ‘bala de espingarda’, deriv. do gr. *pontikón* ‘(noz) pôntica’. (Cunha, 1986, p. 115)

44. BORBOINHA~BUBUINHA Nf [Ssing]

Porque tava a borboinha e aquela priguica e inchado aqui e inchano aqui. (Entrevista 11, linha 287)

Essa vez pego no pé. Até a bubuinha tá aí. É. A bubuinha tem aí. (Entrevista 6, linha 38)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Borbulha. A empola, que faz comichão, onde coçar a borbulha. Botãosinho vermelho que vem na cara, & he causado do calor do fígado. (...).
2. Moraes e Silva: Borbúlha. s. f. Empòla pequena que brota a cutis, ou pelle. § Botãosinho vermelhor na pele. (...).
3. Laudelino Freire: Borbulha. s. f. (...) 2. Vesícula que se forma sob a epiderme e contém humor aquoso ou purulento. || 3. Pequeno ponto inflamado sôbre a pele. (...)
4. Aurélio: Borbulha. [Dev. de *borbulhar*.] s. f. 1. Bolha de fluido. (...) 4. Vesícula na epiderme, de conteúdo aquoso ou purulento. [Sin. (bras., pop.), nesta acepç.: pipoca, papoca, curuba.]. (...)
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Borbulhar. vb. (...) Talvez do cast. *borbollar*, de uma forma reduplicada **bolbollar*, deriv. do latim *büllāre* ‘ferver, formar bolhas’ ‘cobrir-se de bolhas’, de *bullā* ‘bolha’ (...). **borbULHAsf.** ‘bolha’ | XVI, *bur* –XV| Der. regress. de *borbulhar*. (...). (Cunha, 1986, p. 119).

45. BUDUQUIM Nm [Ssing]

Ah! Meu pai ele mixia com uns buduquim de roça, mas era pouco porque nós num tinha terreno. Prantava assim mais os otos, os poquim, mas nunca que dava pra gente se virá. Gente passava muita precisão. (Entrevista 1, linha 56)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

46. BUIÃO ~ BUIÃOZÃO Nm [Ssing]

Fazia panela. Fazia o buião. (Entrevista 1, linha 114)

Buião. (Entrevista 1, linha 118)

Eu sabia. Eu fiz muita panela. Fazia prato, fazia aquele buiãozim que a gente fala pichorra. De pô café. (Entrevista 2, linha 91)

Não. Garrafa tinha um buião né, J. ? (Entrevista 8, linha 153)

Tinha um buião. (Entrevista 8, linha 154)

Um buião? (Entrevista 8, linha 155)

Um buião mei arto assim ó? (Entrevista 8, linha 156)

Levantava cedo quando cuava o café e num tinha rapadura sabe o quê que nós fazia usava um café com uma pedrinha, um sal de pedra e usava uma pedra de sal dentro do buião, o buiãozão dibaixo cheio de café. Todo mundo tomava e inchia a barriga. (Entrevista 11, linha 305)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

47. BULI(R) [V]

A gente passava a rede lá e via lá e bulia com esses peixe, esses peixe vinha e maiava tudo na rede. (Entrevista 12, linha 420)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Bulir. Tocar. Não bulais nisto. (...)
2. Moraes e Silva: Bulir. V. *Bolir*. (...) Bolir. v. at. (...) §Entender-se com alguém inquietando-o. (...) §Tocar em alguma coisa. (...)
3. Laudelino Freire: Bulir. v. r. v. Lat. *bullire*. Mover-se com pouca fôrça; mudar de posição; mexer (...) ||2. Mover ou agitar de leve. (...) ||3. Tocar. (...) ||5. Causar incômodo ou inquietação. (...)
4. Aurélio: Bulir. [Do lat. *bullire*, ‘ferver’.] v. t. i. 1. Mover, agitar, balançar de leve. 2. Tocar, mexer, mover de leve. 3. Pôr as mãos; tocar. 4. Mover, movimentar. 5. Falar, tocar. 6. Caçar, mexer. 7. Bras. Seduzir, deflorar. 8. Comover, sensibilizar, tocar. v. t. d. 9. Mover, agitar de leve. V. int. V. p. 10. Mexer-se, agitar-se de leve; mudar de posição.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Bulir. vb. ‘mover, agitar’ | XIII, *bolir* XIII etc. | Do lat. *bullire* ‘ferver’ (...). (Cunha, 1986, p. 127).

48. BUQUERÃO Nm [Ssing]

Perto de Turmalina. Aí pá gente descê nesse lugá era uma serra d’um lado e ota de ota. A gente discia num buquerão de um metro por aí passano em cima, né? (Entrevista 3, linha 28)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Boqueiram. Boqueirão. Cova grãde, & profunda. Caverna. (...)
2. Moraes e Silva: Boqueirão. s. m. Quebrada, aberta, como uma grande boca, em muro, vallo, ou qualquer defesa. (...) § Grande boca de rio, ou canal. (...)
3. Laudelino Freire: Boqueirão. s. m. Grande bôca. || Grande abertura de um rio ou de um canal. || 3. Saída larga para um campo, depois de uma estrada apertada ou de um desfiladeiro. || 4. Rua ou travessa que dá para uma praia ou um rio. || 5. Quebrada entre montes, rotura larga com valados ou em muralhas de defesa. || 6. Cova grande e profunda. (...)
4. Aurélio: Boqueirão. [De *boqu* (i)- + *-eirão*.] s. m. V. *bocarra* (1). 2. Abertura em costa marítima, rio ou canal. 3. Covão (1). 4. Rua ou viela que dá sobre um rio ou praia. 5. Quebrada de serra. 6. Foz de um rio. 7. Bras. N. E. Abertura ou garganta na serra, onde corre um rio. 8. Bras. MA Braço de mar, entre uma ilha e a costa esbarrancada. 9. Bras. BA Terreno úmido e fértil, bom para a cultura de cacau. 10. Bras. s. v. *brechão*. 11. Bras. RS Saída larga para um campo, após uma estrada estreita ou um desfiladeiro.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Boca. (...) Do lat. *buccam*. (.). || **boquEIR**·**ÃO**sm. ‘abertura de costa marítima, rio ou canal’XVI. (...). (Cunha, 1986, p. 114).

49. BURCA Nf [Ssing]

Ela discia com velocidade, batia no chengue e vinha cá pá trás no rabo. O rabo era cumprido. À vez quando pai punha dois, três chengue, que lá era umas cachuerada, né? Ele, lá a burca de levá os pexe. Era muito pexe que pai pegava. (Entrevista 3, linha 331)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire:

4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

50. BUTIJA Nf [Ssing]

De barro tinha panela de ferro, ar de barro tinha panela, tinha pote, tinha butija. (Entrevista 8, linha 149)

Deixava os pote cheio lá pra bebê. Tinha umas taia, tinha butija punha água. Naquele tempo a água era limpinha num era igual hoje não. (Entrevista 8, linha 169)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Botija. Botija. Vaso com bojo, que tem boca angusta. Botija de azeitonas. (...)
2. Moraes e Silva: Botija. s. f. Vaso de barro com bojo, gargalo, e asa, serve para vinagres, azeites, &c.
3. Laudelino Freire: Botija. s. f. B. lat. *butticula*, de *butta*. Vasilha cilíndrica, de barro, de boca estreita, gargalo curto e uma pequena asa. (...)
4. Aurélio: Botija. [Do esp. *botija*.] s. f. 1. Vaso cilíndrico, de grés, de boca estreita, gargalo curto e uma pequena asa.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Botija. s. f. 'vaso cilíndrico, de boca estreita, gargalo curto e uma pequena asa' XVII. Do cast. *botija*, deriva do lat. med. *bütticūla*, dim. do lat. tardio *büttis* 'tonel'. (Cunha, 1986, p. 121).

C

51. CABAÇA Nf [Ssing]

Hum? Era ne pote. Trazia nos pote, nas taia. Ota ora era aques cabação grande. Tinha umas cabaçona grande. Que dava cabaça grande viu menino. Naquele tempo. (Entrevista 3, linhas 466 e 467)

Assim tira a ispuma toda que a água limpa, fica até as iscuma de tirá de cu... de cuia, né? De cabaça e fazi, vai limpano ela, as tachera. (Entrevista 4, linhas 130 e 131)

Buscava a água no pote, buscava água na cabaça. Ques cabaça de de de de de... que a gente pranta na roça lá que esses trem. (Entrevista 12, linha 386)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cabaça. Espécie de abobara de carneiro; para a parte do pé, tem figura de

pêra, & fazendo huma como garganta, se alarga em hum bojo.

2. Moraes e Silva: Cabaça. s. f. Espécie de abobora, que tem a figura de pera.

3. Laudelino Freire: Cabaça. s. f. . Fruto de uma planta da família das cucurbitáceas, em forma de pêra ou de um 8, cujos dois bojos desiguais são separados por um colo mais ou menos estreito. //2. Vasilha formada pela casca inteira e seca desse fruto. //3. Qualquer vaso do feitio daquele fruto.

4. Aurélio: Cabaça. [De or. pré-romana, poss.] Substantivo feminino. 1. Bot. V. cabaceiro-amargoso. 2. V. porongo1 (1 e 2): —Uma cabaça foi posta contra os seus lábios, e bebeu dela, avidamente. || (Eça de Queirós, Últimas Páginas, p. 317.)

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: Cabaça • (A) • Nf [Ssing] • Desc. • Vasilha formada pela casca inteira e seca do fruto de uma planta conhecida como cabaça. • *INF. 1: Cuié de pau e a foia de cabaça né? PESQ.: Cabaça é aquele?...INF. 1: Cabaça é aquela abroba que a gente num come. PESQ.: Aquela dura? INF. 1: É. PESQ.: Que serve de enfeite? INF. 2: Não, a foia da cabaça eu num lembro não. Eu lembro é da ().* (Ent. 1, linhas 452, 454 e 458)

3. Freitas: Cabaça • (A) • Nf [Ssing] • desc. • Vasilha formada pela casca inteira e seca do fruto de uma planta conhecida como cabaça. • “*Povo fazendêro aí trocava terra por uma cabaça de melado azedo*” (Ent. 11, linha 198)

Origem: Cabaça¹. sf. ‘vasilha’|XV, cabaacha XIII, baaça XV| De origem desconhecida, certamente pré-romana. (Cunha, 1986, p. 130).

52. CABAÇA(R) [V]

É no rego. Ia cabaçando o chão e fazê o rego. (Entrevista 3, linha 457)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes e Silva: n/e

3. Laudelino Freire:

4. Aurélio: n/e

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

3. Freitas: n/e

Origem: Cabaça¹. sf. ‘vasilha’|XV, cabaacha XIII, baaça XV| De origem desconhecida, certamente pré-romana. (Cunha, 1986, p. 130).

53. CABEÇADA Nf [Ssing]

Aí quando eu cheguei aqui eu já to... já cheguei aqui e falei “ Ah! Eu vô mexê mais é com essa, é com sirviço de coro pá fazê cangaia e fazê... cunsertá sela e fazê essas (), fazê alfoje e cabeçada. (Entrevista 12, linha 633)

Nós fazia e tinha A. A. toda vida ajudô eu, mas ele num, num pegava uma peça pá cortá. Já o Z. M. cortava. Z. M. cortava e fazia tudo. Alfoje, cabeçada. (Entrevista 12, linha 641)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cabeçada. (...) Cabeçada de cavallo. Guarniçam da cabeça do cavallo com argolas fortes, & de tornel, paraque as cadeas se não enrolem. He a modo de hũ cabresto de couro, com argola, na qual està preza hũa cadea de ferro, metida na trave da mangedoura. Ha de ser forte, dobrada, & estofada, na focinheyra, & no alto da cabeça. (...)
2. Moraes e Silva: Cabeçada. (...) *Cabeçada do cavallo*; especie de cabresto com argola, na qual se ata a prisão, ou adeya, que o liga á magedoura. (...)
3. Laudelino Freire: Cabeçada. s. f. De *cabeça* + *ada*. (...). 2. Correias que cingem a cabeça, testa e focinho do cavalo e lhe seguram o freio. (...). Cabeçadas. s. f. pl. Tiras de couro que se prendem nas argolas superiores do freio e seguram na bôca do animal, passando por detrás das orelhas.
4. Aurélio: Cabeçada. s. f. (...) 8. Bras. Cabresto ou focinheira, adornado com fitas ou tiras de chita, e provido de campainhas, que leva o animal que vai na frente amadrinhando a tropa. 9. Bras. Conjunto de couro e metal que, ajustado à cabeça do cavalo, serve para melhor sustentar a embocadura.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Cabeça. (...) Do lat. vulgar *capītia* (class. *capūt*)|| **cabEÇADA** XVII. (...). (Cunha, 1986, p. 131).

54. CACHIMBÓ Nm [Ssing]

Eu tinha, mas joguei fora. Eu tinha muito. Eu tinha daquele negócio de cachimbo de tirá fogo. Isso que é mais difícil de tê hoje, né? Num havia fósforo, né? A gente quemava o algodão até ficá mal queimado, com cinza e...ficava corado o algodão, mas ele mal queimado e punha num chiboque, né? (Entrevista 12, linha 505)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

55. CACIMBA Nf [Ssing]

*A água panhava do poço. Tinha a cacimba pra panhá. (Entrevista 1, linha 103)
Nem caneca tinha. Coité ma fia. Aí eis já fizeram uma cacimba assim grande. Ela inchia, ficava mesm' limpinha. E buscava no pote. Pote de barro. Prá casa. Pá dento de casa. (Entrevista 1, linha 107)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cacimbas. (Termo do Brasil) Assim chamão humas covas, que como pequenos poços abrem junto do mar, para tirarem água doce, que como tão vizinha da salgada fica ainda demasiadamente salobra, & apenas de serviço para o uso mais ordinario. (...).
2. Moraes e Silva: Cacimba. s. f. Cova que se faz em lugar humido, para nella se ajuntar agua, que reçuma; fazem-se junto as prayas e lenteiros.
3. Laudelino Freire: Cacimba. s. f. . Quimb. *quixima*. Cova feita no leito seco dos rios temporários ou na areia e terrenos úmidos, para recolher água para usos domésticos.
4. Aurélio: Cacimba¹. [Do quimb. *kixima*] s. f. . (...). 3. Bras. NE. Escavação em baixadas úmidas ou no leito de um rio, no qual a água se acumula como num poço.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Cacimba. (A) s. Cova feita em lugares úmidos onde se acumula água. “*Esse rio...ele era um rio muito limpo...ninguém fazia panhar água em cacimba...só panhava no rio...*” (Entr. 12, linha 68) .
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Cacimba¹. s. f. ‘cova que recolhe a água dos terrenos pantanosos’ ‘poço’|1675, *qucima* 1575, *casima* 1681 |Do quimb. *ki’sima*, var. despalatalizada de *ki’sima* ‘poço’. (Cunha, 1986, p. 134).

56. CACUNDA Nf [Ssing]

*Levava na mão, na cacunda um pau aqui e oto aqui ó e ocê iscorava no banguê assim. (Entrevista 3, linha 671)
Assim na base das duas hora pus essa mala na cacunda, aquela malona e “ Cê pode ir andano que onde nós aicançá ocê toma a mala e ocê monta na garupa de um burro de quaiqué um de nós e vai”. (Entrevista 5, linha 375)
Com poco o cabelo começo a rupiá e eu só joguei essa mala na cacunda aqui desse jeito e mandei. (Entrevista 5, linha 388)
No chapadão ai de primero tinha gente que vinha lá do e ia andano com poco cê via aquele home pontano lá com aquele paução na cacunda. (Entrevista 5, linha 397)
Quando oiei dento da mata tava uma muié lá com um pano branco na cacunda minha fia, um cabelo que aquele trem tava o maió trem do mundo. (Entrevista 5, linha 450)
E nós era da roça com a inxada na cacunda prantano manaíba, prantano cana, prantano feião, prantano muda de fumo. (Entrevista 11, linha 65)
Levantô cedo, tomava um cafezim, jogô a inxada na cacunda e ia pra roça, ou os menino. (Entrevista 11, linha 202)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e

3. Laudelino Freire: Cacunda. s. f. Corr. de *carcunda*. Costas, dorso.
4. Aurélio: Cacunda. [Do quimb. *kakunda*.]. s. f. Bras. 1. Dorso, costas. [Sin. (bras.): *canastra*.] 2. V. corcunda (1). S. 2 g. 3. V. corcunda (2).
5. Amaral: Cacunda. s. f. . – costas: “...e ela se pohnou outra vez de cacunda, que é como dormia quase que a noite inteirinha”. (V. S). – “Para dor de peito que responde na cacunda, cataplasma de jasmim de cachorro é porrete. (M. L). ||Orig. afric., como querem alguns, ou simples corrupt. de corcunda, passando por carcunda, como querem outros.”

Registro em glossários:

1. Souza: Cacunda (A) s. Costas, dorso. “...por fim eu casei foi com esta aí...minha prima carnal aí...porque...que eu carreguei até na minha cacunda.” (Entr. 4, linha 83)
2. Ribeiro: Cacunda • (A) • Nf [Ssing] • Afr. • Costas, dorso. • PESQ.: *E a água? Tinha água encanada ou não? INF. 1: Não. Era do corgo mia fia. PESQ.: Mas como fazia pá buscá? Ia no corgo? INF. 1: Era na cacunda mia fia.* (Ent. 9, linha 214)
3. Freitas: Cacunda• (A) •Nf [Ssing]• Afr. • Costas, dorso. • “Fui caçá tatu tava com uma *ispingarda vinte e oito na cacunda*” (Ent. 02, linha 275)

Origem: n/e

57. CADO [PRON]

Porque ela já contô um cado... (Entrevista 6, linha 4)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

58. CAICA(R) [V]

Ai cê punha, forrava com as foia de banana assim e punha as cinza e caicava bem caicadinha e punha um poco d'água, caicava. Punha ota camada de cinza e caicava. Punha um poquim d'água e caicava. (Entrevista 7, linhas 329 e 330)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

59. CAMARADA Nm [Ssing]

Tinha, nós punha camarada pá ajudá. Nós num cuidava sozim não que nós num guentava, nós num dava conta. Aí punha camarada pra ajudá a gente cuiê. (Entrevista 1, linhas 44 e 45)

Trabaiava. Tinha. Direto tinha camarada comigo. Que lá primeiro era só chamá. Chamava um ia dois, três. E prantava bem roça. Canavial tudo tinha. (Entrevista 5, linha 199)

De tarde jantava. A gente punha camarada pra trabaiá por dia era assim. (Entrevista 7, linha 97)

Os camarada. (Entrevista 7, linha 98)

Mais quando tinha camarada. Levantava de madrugada. Punha o feijão no fogo, punha umas pela dento. (Entrevista 7, linha 129)

Lá véi tinha muito camarada. () (Entrevista 8, linha 180)

Fazia. Ela era até tecelona. Do jeito que tinha um tiá. Ela fiava. Dava muito aigodão. E ela punha camarada pra fiá. Ticia de tudo. Cuberta, pano. De tudo ela cuidava. (Entrevista 9, linha 99)

Ali, aquela casinha era minha. Eu saí daí e fui lá pra riba. Lá tinha ... a minha casa era lá. Eu ia tê uns camarada no otro dia. (Entrevista 11, linha 253)

Quando foi no otro dia ele foi pra Rancharia fazê compra. Ele foi fazê compra e dexô eu lá com os camarada. (Entrevista 11, linha 290)

Vô falá com cê. No meu tempo foi tempo de coisa custosa. Tudo era custoso. Por exemplo só cê pensá. Camarada. (Entrevista 11, linha 323)

Os camarada tava disposto a ficá ele muía. Ma as cana um mucado era pertim do ingem. A maioria era perto do ingem. As ota mais longe. Lá no Lureão, corgo lá onde o A. mora. (Entrevista 12, linha 150)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Camarada. Derivase de camara, ou de cama; & valo mesmo que companheiro de casa, & mesa, & he particularmente usado entre gente de guerra, & soldados, alistados na mesma compahia, ou que vivem no campo, ou arrayal de baixo da mesma tenda.
2. Moraes e Silva: Camarada. s. f. Vivenda, e conversação de pessoas no mesmo rancho, ou câmara, nos navios e quartéis.
3. Laudelino Freire: Camarada. s. m. (...). 8. Indivíduo empregado nos serviços de campo ou das fazendas.
4. Aurélio: Camarada. [Do fr. *camarade*.] s. m. 8. Bras. Indivíduo empregado em serviços avulsos, nas fazendas.
5. Amaral: Camarada. s. m. – indivíduo que, nas fazendas, está encarregado de vários serviços; trabalhador de roça.

Registro em glossários:

1. Souza: Camarada (A) s. Indivíduo empregado para serviços variados nas fazendas. “...então quando eu morava mais meus pais...quando era no tempo de fazer roça...ele num / era fraquinho...nós tudo fraquinho...ele num podia botar um camarada...era nós

era mulher era homem...” (Entr. 7, linha 267)

2. Ribeiro: Camarada • (A) • Nf [Ssing] • Fr. • Indivíduo empregado em serviços avulsos, nas fazendas. • Cada uma fazia nas suas casa. Agora quando tinha muito camarada no sirviço, ia ajudá fazê. Fazia/ o feijão já posava cuzinhano. *INF.: Num panelão. Posava cuzinhano o feijão né? Pro oto dia vermeinho. Aí cedo já cumeçava. Uma ia ranjá verdura, ota ia lavá o arroiz, otas ia arranjanho. Fazia aquês panelão quando tinha mais camarada na roça. Ficava boa a comida, fazia aquê tantão, né?* (Ent. 11, linhas 179 e 183)
3. Freitas: n/e

Origem: Câmara. (...). **camarADA** s2g. ‘companheiro’ XVI. Do fr. *camarade*, deriv. do cast. *camarada*. (...). (Cunha, 1986, p. 142).

60. CAMBUIM Nm [Ssing]

As frutas do mato era ambuim, né J. ? Jambo. {}Tinha jambo na bera do corgo, tinha jambo, tinha ambuim a gente panhava pra cumê, mas hoje ninguém come mais não, né J. ? (Entrevista 8, linhas 93 e 94)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Cambuí. s. m. Árvore da família das mirtáceas (*Myrcia sphaerocarpa*, DC). || 2. Fruto dessa planta. || 3. O mesmo que *aroeira vermelha*. (...).
4. Aurélio: Cambuí. [Do tupi.] s. m. Bras. Bot. 1. Árvore da família das mirtáceas (*Myrcia sphaerocarpa*), de folhas grossas, coriáceas, oblongas, providas de glândulas translúcidas, flores muito pequenas, alvas, reunidas em inflorescências cimosas, e cujos frutos são pequenas bagas esféricas. [Sin.: cambuizeiro.] 2. O fruto dessa árvore.
5. Amaral: Cambuí. s. m. – designa várias plantas do gên. “Eugenia”, Mirtáceas; a fruta dessas árvores.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Cambuí. s. m. ‘planta da família das mirtáceas; o seu fruto’| 1587. *camuiz c* 1594, *camboi* 1702 etc. | Do tupi *ka’ñui*. (Cunha, 1986, p. 143).

61. CANA- BRABA Ncf [Ssing + ADJsing]

Eu fazia é de cana-braba, né? Mas no fundinho. Ia inrolano o cipó no fundim que o fundim ficava assim e abria assim igual um jiqui, né? (Entrevista 7, linha 327)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Cana brava. s. f. . Erva da família das gramináceas, também chamada de *cana do brejo*, *macega brava*, *penachinho* (*Erianthus saccharoides*, Michx.). || 2. O mesmo que *cana do rio*. || 3. O mesmo que *cardamomo da terra*. || 4.

O mesmo que *ubá*.

4. Aurélio: *Cana-brava*. s. f. Bras. Bot. 1. Urubá-de-caboclo. 2. V. *ubá* 2 (2). 3. V. *cardamomo-da-terra*.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

62. CANDEIA Nf [Ssing]

E punha na candeia. Candeia de barro também. É assim a candeinha e punha ele aí dentro. Quando num fazia assim fazia de...fazia de ói, fazia de óio. Um negócio assim que fazia. (Entrevista 1, linha 130)

Era bisungo. Fazia. Discascava mamona e socava com, com agudão e fazia aquês bisungo, aquês bisungo assim pá lumiá. Ota ora era azeite. Fazia aquês pavio assim e moiava no azeite e punha candeia. Um trem de bico assim pá fazê candeia. (Entrevista 2, linhas 108 e 109)

A sinhora tem uma aqui? Tem não, né? Candeia? (Entrevista 2, linha 110)

Fazia. A candeia de barro. E punha azeite, punha o pavio pá lumiá. Ieu até vagalungo eu pegava e colocava naques vidro branquim pá lumiá, pá pudê fiá agudão. (Entrevista 2, linha 113)

Tinha umas candeinha de barro assim, sabe? (Entrevista 3, linha 528)

A gente punha na candeinha. (Entrevista 3, linha 529)

Não. Tinha a candi...a candeia, né? Essa chamava candeia, né? (Entrevista 3, linha 534)

A candeia. (Entrevista 6, linha 112)

Ah! Candeia e candiêro. (Entrevista 6, linha 113)

Fazia um negócio, uma candeia assim e punha um pavi. Moiava com azeite e ficava lumiano. (Entrevista 8, linha 267)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: *Candea*. Candea de garavato. He uma candea pequena sem pe, & que tem hum ganchosinho, donde se pendura.
2. Moraes e Silva: *Candeia*. s. f. Ant. vela. vaso de metal para luz; e a luz: v. g. “apagar a candeia”.
3. Laudelino Freire: *Candeia*. s. f. . Lat. *candela*. Vaso de barro ou de folha que se usa suspenso da parede ou do velador e em que se coloca azeite ou querosene para alimentar a luz na torcida que sai por um bico do mesmo vaso. (...).
4. Aurélio: *Candeia*¹. [Do lat. *candela*, ‘vela de sebo ou de cera’.] s. f. 1. Pequeno aparelho de iluminação, que se suspende por um prego, com recipiente de folha-de-flandres, barro ou outro material, abastecido com óleo, no qual se embebe uma torcida, e de uso em casas pobres; candela, candil. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: *Candeia* (A) s. Objeto usado para iluminação, geralmente feito de barro, e alimentado por azeite ou cera do mato. “É...candeia...naquele tempo num tinha vela...alumiava com azeite e cera do mato né...” (Entr. 6, linha 15)

2. Ribeiro: Candeia • (A)•Nf [Ssing]• Lat. • Objeto usado para iluminação, geralmente feito de barro, e alimentado por azeite ou cera do mato. • *E o oto é candeero. O candeero é esse/ é acendia/ chamava candeia. Uma peça de ferro assim feita de/ feita na ferraria. Intão punha um pavio grande nela e enchia de azeite.... Candeia...* (Ent. 14, linhas 212 e 217).
3. Freitas: Candeia• (A) •Nf [Ssing]• Lat> Port. • Objeto usado para iluminação, geralmente feito de barro, e alimentado por azeite ou cera do mato. • “*Quano ele entrô que bateu com o oi ne mim menina é virô cada candeia desse tamãe com o oi assim*” (Ent. 09, linha 162).

Origem: Candeia. s. f. ‘pequeno aparelho de iluminação, abastecido com óleo’ ‘vela de cera’ | XVI, candea XIII | Do lat. candela. (Cunha, 1986, p. 146).

63. CANDIÊRO Nm [Ssing]

Era...candiêro. É. Mas tudo de barro. Os candiêro era de barro tamém, né?

(Entrevista 3, linha 535)

Um assim, oto assim, oto assim, né? E fazia três fogo num candiêro só, né? (Entrevista 3, linha 538)

Ah! Candeia e candiêro. (Entrevista 6, linha 113)

Candiêro. (Entrevista 6, linha 113)

Es fazia de barro. Era. Lá em casa usava era sempre usava essa de que eles trata de candiêro. (Entrevista 12, linha 369)

Mandava fazê candiêro, lamparina. Mandava fazê tudo. (Entrevista 12, linha 377)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Candieiro. Vaso de latão, folha de Flandes, ou outra materia, em q se deita azeite com torcida, para alumear. Segundo F. de Oliveira, no cap. 39 da sua Gramm. Port.,candieiro, se deriva do verbo latino *Candeo*, *candes*, que quer dizer *Resplandecer*, (ou para melhor dizer), *Arder*, & o candieiro resplandece, & arde, porém quando tem lume, & não sempre, (como advertio o dito author).
2. Moraes e Silva: Candiêro. s. m. Vaso de metal para óleo, com bicos por onde sai torcida, que se accende.
3. Laudelino Freire: Candeeiro. s. m. De *candeia* + *eiro*. Vaso de várias formas, em que se coloca azeite, querosene ou gás inflamável para iluminação. (...).
4. Aurélio: Candeeiro. [De *candeia*¹⁺ -eiro.] s. m. 1. Aparelho de iluminação, alimentado por óleo ou gás inflamável, com mecha ou camisa incandescente; lampião, leocádio.
5. Amaral: Candiêro¹. s. m. – lamparina de lata, com torcida, e que se alimenta com azeite ou querosene.

Registro em glossários:

1. Souza: Candiêro (A) s. objeto usado para iluminação, geralmente feito de metal, e alimentado por óleo ou gás. “*É...hoje é...e antigamente ocê amanhecia o dia aí tranqüilo...com os candieiro aceso assim ó...amarrado lá em cima na telha...*” (Entr. 7, linha 188)
2. Ribeiro: Candiêro • (A)•Nm [Ssing]• Lat. • Objeto usado para iluminação, geralmente feito de metal, e alimentado por óleo ou gás. • *E o oto é candeero. O candeero é esse/ é acendia/ chamava candeia. Uma peça de ferro assim feita de/ feita na ferraria. Intão punha um pavio grande nela e enchia de azeite.... E ali aquela/ a luz que usava ()candeero.* (Ent. 14, linhas 212 e 215)

3. Freitas: n/e

Origem: Candeia. (...) Do lat. *candela*. **candeIRO** XIV. (...). (Cunha, 1986, p. 146).

64. CANGAIA Nf [Ssing]

Ó aqui primero ó logo que eu casei que eu mudei aqui pra cima tinha dia de eu pô a cangaia no burro e ir lá pra A. Fazê o quê? Buscá quiabo, maxixe. (Entrevista 5, linha 92)

Ele contando que um dia ele pôs a cangaia no burro e foi quando chegô lá no, na casa do home lá banado do Jequitinhonha. (Entrevista 5, linha 162)

O home pego disarriô os burro pra ele, soltô numa manga e ele “Dê cá um lugazim de deitá. ” e ele deu ele o lugá pr’ele deitá e ele pôs té uma capa de cangaia e deitô. (Entrevista 5, linha 165)

E no oto dia quando foi quase na mesma hora eu ia passá no mesm’ lugá bem sossegado montado no meio da cangaia do burro que eu tinha levado a carga. (Entrevista 5, linha 415)

Era igual seu pai. Mexia com ... mixia era com cangaia, muchila de, sela, arrumano aques trem tudo. (Entrevista 7, linha 45)

Eu falei “ Eu tenho. Eu punha aqui. ” Falô “ Cê faz cangaia, cê faz esses trem tudo?”. “ Faço!” Que eu fazia muita cangaia aqui antes d’eu ir pá Goiás. Forrava sela pos oto. (Entrevista 12, linhas 607 e 608)

De vez em quando chegava um. De vez em quando eu tinha um véi lá que eu fiz uma cangaia, uma duas cangaia po véi, cunsertei umas ota. (Entrevista 12, linhas 629)

Aí quando eu cheguei aqui eu já to... já cheguei aqui e falei “ Ah! Eu vô mexê mais é com essa, é com sirviço de coro pá fazê cangaia e fazê... cunsertá sela e fazê essas (), fazê alfoje e cabeçada. (Entrevista 12, linhas 633)

Cunsertei as cangaia pra ele. Tem uma sem panhá que es panharo, mas num me pagô. (Entrevista 12, linha 680)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cangalhas. Armadilha de paos, q fromaõ como huma grade larga, para sustentar as quartas, que os Aguadeiros carregaõ nas bestas.
2. Moraes e Silva: Cangalhas. s. f. . pl. Duas como canastras de grades de páo, que se acomodaõ no seladouro das bestas, pendendo de cada ladoduas, para estas cargas.
3. Laudelino Freire: Cangalhas. s. f. . pl. Armação que se coloca sobre o dorso das bêstas e em que se sustenta e equilibra a carga de um e outro lado.
4. Aurélio: Cangalhas. [Pl. de *cangalha*.] s. f. pl. 1. Armação de madeira ou de ferro em que se sustenta e equilibra a carga das bestas, metade para um lado delas, metade para o outro; *cangalha*.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Cangaia • (A)•Nf [Ssing]• Cel. • Armação de madeira ou de ferro e que se sustenta e equilibra a carga das bestas, metade para um lado delas, metade para o outro lado. • *Laçava, marrava, punha uma cangaia no pescoço dele assim. Ele ficava dereiano caquela cangaia até tirá corda do pescoço pa depois pô a canga. (Ent. 4, linhas 140 e 141)*
3. Freitas: Cangaia • (A) •Nf [Ssing]• Cel. • Armação de madeira ou de ferro em que se sustenta e equilibra a carga das bestas, metade para um lado delas, metade para o outro lado. • “*Sabe quanto que nós vindia? oito mil réis o saco...oito eu tem muita coisa aí resto de cangaia coisa que eu vendi com essa farinha desse preço comprei cangaia*

essas coisa era um home que vinha lá de Taquaraçu com a tropa dele comprava nossa farinha” (Ent. 04, linhas 402 e 403)

Origem: Canga¹. (...). Provavelmente do célt. **cambīca* ‘madeira curva’, de *cambus* ‘curvo’. (...). **cangALHA** 1813. (...). (Cunha, 1986, p. 147).

65. CANZIL Nm [Ssing]

Antão aquela aquela travinha pra pegá a ponta em cima ficava um canzil aqui pá pegá. (Entrevista 12, linha 460)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Canzil. (Termo de Atafona) Os canzils são dous paos, com suas brochias, que puxão pelos tirantes à Mula, que faz andar a pedra.
2. Moraes e Silva: Canzil. s. m. us. no plur. Canzils. Páos da atafona, que puxão pelos tirantes das bestas.
3. Laudelino Freire: Canzil. s. m. O mesmo que cangalho. || 2. Cada um dos dois paus presos aos tirantes ou por baixo da canga, entre os quais se põe o pescoço do boi ou cavalo.
4. Aurélio: Canzil. [Do port. **cangil*<*cangal* (q. v.).] s. m. 1. Cada um dos dois paus da canga, entre os quais o boi mete o pescoço: cangalho, canil.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Canzil • (A)•Nm [Ssing]• Cel. • Cada um dos dois paus da canga, entre os quais o boi mete o pescoço. • *Tinha os tamoero, dipois tinha os canzil que era os buraco que ia imboxo pá botuá no pescoço do boi.* (Ent. 14, linha 356).
3. Freitas: n/e

Origem: Canga¹. (...). Provavelmente do célt. **cambīca* ‘madeira curva’, de *cambus* ‘curvo’. (...). **canzil**. s. m. ‘cada um dos paus da canga’ 1813. (...). (Cunha, 1986, p. 147).

66. CAPADO Nm [Ssing]

Ficô aqui uns dois ano. Trabaio dois ano ô três trabaiano de fiscal, arrecardano dinheiro pra Prefeitura. Quem vindia um capado aí tinha que pagá ele. (Entrevista 12, linha 193)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Capado. Filho da cabra, já mayor, passando de anno, ordinariamente são capados.
2. Moraes e Silva: Capado. Substantivamente se entende do porco, e talvez do bode, castrados, e dos homens capados.
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Capado. [Part. de *capar*.] adj. 1. Que se capou; castrado. s. m. 2. Carneiro ou bode castrado. 3. Bras. Porco castrado que se destina a engorda. ”
5. Amaral: Capado. s. m. – porco castrado.

Registro em glossários:

1. Souza: Capadão(A) s. Porco grande e castrado para engorda. “...*ês chegava aqui / aqueles capadão gordo / naquele tempo tinha fartura demais...atirava na cacunda de um porco...*” (Entr. 12, linha 227)

2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: Capado• (A)•Nm [Ssing]• Lat> Port. • Porco grande e castrado para engorda.
 - “*Nós ingordava poico trazeno mãindoca na cabeça assim pareceno chifre de boi jogava no terrêro é poica é capado cumia engordava que nós num passava farta de toicim*” (Ent. 09, linha 449)

Origem: Capado. → Capão¹. Capão¹. s. m. ‘galo castrado’ XIII. Do lat. **cappō-ōnis* (cláss. *cāpō-ōnis*). (...). (Cunha, 1986, p. 150).

67. CAPOTA Nf [Ssing]

Que ela punha o papo dentro assim e amarrava no pescoço assim pá ninguém vê, né? Ela fazia a capota, punha no pescoço pá ninguém vê, né? (Entrevista 3, linha 180)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Capota. s. f. . Fr. *capote*. Espécie de touca usada à noite que cobre a cabeça e cai sôbre os ombros. || 2. Chapéu em forma de touca, usado pelas crianças de colo. (...)
4. Aurélio: Capota. [Do fr. *capote*.] s. f. 1. Antigo toucado; touca. 2. Coberta de automóveis e outros veículos.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Capa. (...). **capOTA** s. f. ‘antigo toucado’ ‘touca’ ‘cobertura de automóveis e outros veículos’ 1873. Do fr. *capote*. (...). (Cunha, 1986, p. 149).

68. CAPUCHO Nm [Ssing]

Discascava a mamona e discascava o capucho de agudão, né? E tirava o caroço e aí socava e enrolava assim ó parecendo um biscoito. (Entrevista 1, linha 131)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Capulho. O botão da flor. *Vid.* Botão.
2. Moraes e Silva: Capúlho. s. m. O botão da flor, ou ante a cápsula que o cobre. *O capúlho do algodão*; a casca esverdeada, em que elle se contem.
3. Laudelino Freire: Capucho. s. m. Semente preta do algodão; capulho. Capulho. s. m. Invólucro da flor ou do fruto, quando tem a consistência e a forma de fôlhas. || 2. Cápsula dentro da qual se forma o algodão.
4. Aurélio: Capucho¹. s. m. Bras. Bot. 1. V. capulho (2). Capulho [Do esp. *capullo*.] s. m. Bot. 1. Invólucro da flor. 2. Cápsula dentro da qual se forma o algodão.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Capa. (...) **capuCHO**. s. m. ‘capuz’ XVI. Do it. *cappuccio*. || **capULHO**. s. m. ‘invólucro da flor’ XVII. O voc. resulta seguramente de um cruzamento de *capelo* ‘capucho, capulho’ (lat. *cappellus*), com *cogula* ‘capa’ ou seu original latino *cucullus* ‘capucho’. (...). (Cunha, 1986, p. 150).

69. CARRANCERO Nm [Ssing]

Era um carrancero minina, seu pai mesmo sabe. (Entrevista 4, linha 3)

Era. E era um carrancero que a gente num fazia grande coisa quê tudo era de graça, né? (Entrevista 4, linha 27)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

70. CARRERO Nm [Ssing]

Quando eu lá vô bem sossegado, bem distraído quando eu óio no carrero. O carrero era estriitim assim. (Entrevista 5, linha 317)

Que eu óio que não ó o bitelo do jirucuçu trevessado no meio do carrero. (Entrevista 5, linha 319)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Carreiro. Caminho estreito por onde anda a gente de pé. (...).
2. Moraes e Silva: Carrêira. s. f. O lugar por onde se corre a pé, ou a cavallo.
3. Laudelino Freire: Carreira. s. f. . Corrida veloz. 2. Caminho de carro. ||3. Estrada pouco larga; carril, carreiro.
4. Aurélio: Carreiro. [De *carro* + *-eiro*.] s. m. 2. Caminho estreito; atalho, vereda, carreira. (...). 3. Caminho entre fileiras de plantas. 4. V. carreira (4).
5. Amaral: Carrêro. carreirinho, s. m. – caminho estreito, trilho.

Registro em glossários:

1. Souza: Carreiro(A) s. Estrada, caminho; trilha feita no mato. “*Num tinha rodagem não...aí moço () de madeira...o povo fazendo aqueles carreiro velho...cortava de machado e limpando...* (Entr. 1, linha 348)
2. Ribeiro: Carrero • (A)•Nm [Ssing]• Lat. • Guia de carro de bois. • *O Zé Coração é carrero.* (Ent. 4, linha 169)
3. Freitas: Carrero• (A) •Nm [Ssing]• Lat> Port. • Guia de carro de bois. • “*Pegava boi de qualquer tipo no pasto depois passei pra cê pra cê carrêro...mansei mûcho boi mûcho burro brabo*” (Ent. 05, linha 07)

Origem: Carro. (...) **CarrEIRO**. s. m. ‘caminho estreito, atalho’ |XIII. (...). Do lat vulg. **carraria*, de *via carraria* ‘caminho de carros’. (...). (Cunha, 1986, p. 159).

71. CASCA(R) [V]

O sabão a gente quebrava a mamona, casca, punha na panela, incestava a cinza. (Entrevista 6, linha 81)

Colocava a mamona intera lá na panela e ia no pilão e socava e casca agudão, de discaroçá agudão e põe. (Entrevista 7, linha 170)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Cascar. v. tr. dir. De *casca* + *ar*. Tirar a casca a; descascar.
4. Aurélio: Cascar. [Do lat. vulg. **quassicare*< lat. *quassare*, ‘sacudir’, ‘quebrar’.] v. t. d. 1. Tirar a casca a; descascar. (...)
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Cascar. vb. ‘tirar a casca de’ XVI. Do lat. *quassĩcãre*, de *quassãre* ‘sacudir, quebrar’. (...). (Cunha, 1986, p. 161).

72. CATADÔ Nm [Ssing]

Mas quando ela cumeçava a muage era es pa muê e os cortadô de cana e os catadô, carregadô de cana, né? (Entrevista 12, linha 146)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Catador. (ô). [De *catar*² + *-dor*.] adj. 1. Que cata. s. m. 2. Aquele ou aquilo que cata. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

73. CATIRINO [ADJ]

Ah! O feijão é... Hoje num dá bem dele. Era mais um catirino, um preto. Depois arrumô um comi-caldo, que era um rajado. (Entrevista 5, linha 80)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Catarino ou Catharino. adj. Diz-se de uma variedade de feijão também chamado *feijão de Santa Catarina*.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

74. CATRÃO ~ CATRE Nm [Ssing]

A cama era aques catrão né, J. ? (Entrevista 8, linha 129)

Catre de correia. (Entrevista 8, linha 130)

Catre de correia. (Entrevista 8, linha 131)

Cumpade Z. A. eu morei lá muitos ano tinha os catre de correia que ele dexô, que ele pôs lá pra mim. (Entrevista 8, linha 135)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Catre. Leito pequeno, com pilares não totalmente levantados, como os do leito. (...).
2. Moraes e Silva: Cátle. s. m. V. *catre*. *Cast.* 2. 168. *Barr.* 1. 4. 8. “hum leito, a que

elles chamam *catle* (em Calecut).

3. Laudelino Freire: Catre. s. m. Cast. *catre*. Leito tóso e pobre. || 2. Camilha dobradiça. || 3. Cama de viagem. || 4. Na Índia, machila ou maca de lona, suspensa por um varal. || 5. Espécie de jangada.
4. Aurélio: Catre. [Do malaiala *kattil*.] s. m. 1. Cama de viagem, dobrável, de lona. 2. Leito tosco e pobre; grabato. 3. Bras. S. Espécie de jangada. 4. Zool. Bras. V. *chupim* (1).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Catre. s. m. ‘leito tosco’ | *catel* XVI, *catele* XVI, *catle* XVI etc. | Do tam. *kaṭṭil* ‘cama’, sofá’ relacionado como o sânscr. *khátvā* ‘leito, catre’. (Cunha, 1986, p. 166).

75. CEVA(R) [V]

Aí cê tornava dexta uns dia cevá de novo. Aques oto quando tava acostumado ali a hora que ocê tirava o mio de lá de dento, colocava um mio, es ia cevano, cevano, cevano. (Entrevista 12, linhas 466 e 467)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cevar. Engordar, fallando em Bestas, aves, &c. (...).
2. Moraes e Silva: Cevar. v. at. Dar ceva para nutrir, engordar. (...). § Iscar a armadilha. § Nutrir. (...).
3. Laudelino Freire: Cevar. v. r. v. Lat. *cibare*, Alimentar, nutrir. (...)|| 2. Tornar gordo, engordar. (...). || 4. Pôr isca em. (...).
4. Aurélio: Cevar. [Do lat. *cibare*, ‘alimentar’.] v. t. d. 1. Alimentar, nutrir. 2. Tornar gordo; engordar. 3. Satisfazer, saciar, fartar. 4. Fig. Fomentar, estimular. 5. Pôr isca em. 6. Fig. Atrair com engodo (s); engodar. 7. Bras. Preparar (a mandioca), pondo-a na água por três ou quatro dias, até que se torne massa puba (q. v.). (...)
5. Amaral: Céva, s. f. - lugar onde se põem grãos ou outros engodos para a caça.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Cevar. s. m. ‘alimentar, nutrir, saciar’ XIII. Do lat. *cībāre*. (...). (Cunha, 1986, p. 175).

Obs: Arcaísmo.

76. CHENGUE Nm [Ssing]

É. Como que chamava? Chengue. (Entrevista 3, linha 325)

Chengue? (Entrevista 3, linha 326)

Chengue. É uma istiva. Nas cachueira a gente traça uma istiva. (Entrevista 3, linha 327)

Ela discia com velocidade, batia no chengue e vinha cá pá trás no rabo. . (Entrevista 3, linha 330)

À vez quando pai punha dois, três chengue, que lá era umas cachuerada, né? . (Entrevista 3,

linha 331)

Não, era chengue. Que num tinha rede naquele tempo. . (Entrevista 3, linha334)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

6. Souza: n/e
7. Ribeiro: n/e
8. Freitas: n/e

Origem: n/e

77. CHIA(R) [V]

O T. ele pegô e foi chama uma benzedora. Ah! Mais ele foi e não vortô mais. É hoje, é agora e nada. E eu chiano lá na cama, rolano lá. (Entrevista 6, linha 24)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Chiar. Chiâr. Fazer um ruido agudo, & desagradavel, como fazem as ródas dos carros. (...).
2. Moraes e Silva: Chiár. v. n. Dar som agudo, e aspero, como as rodas do carro carregado e seco nos eixos. (...).
3. Laudelino Freire: Chiar. v. intr. De *chio* + *ar*. Emitir grito agudo. (...). || 2. Produzir som semelhante ao de cousa a ferver ou frigir. (...).
4. Aurélio: Chiar [De or. onom.] v. int. 1. Emitir chio. (...). 4. Fig. Esbravejar de cólera; vociferar. 5. Bras. Gír. Protestar, reclamar.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Chiar. vb. ‘Emitir som agudo’XVI. De origem onomatopaica. (...) (Cunha, 1986, p. 178).

78. CHIBOQUE Nm [Ssing]

A gente quemava o algodão até ficá mal queimado, com cinza e...ficava corado o algodão, mas ele mal queimado e punha num chiboque, né? (Entrevista 3, linha 507)

Punha uma pedra, põe o chiboque aqui, a pedra na frente e bate tiapo. À vez com uma fâisca só pegava no algodão. (()) (Entrevista 3, linha 510)

Ota hora acordava de manhã cedo, num tinha nada batia o algodão, punha no chiboque, né? (Entrevista 3, linha 515)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Chibuque. s. m. Longo cachimbo oriental.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Chibuque. s. m. ‘espécie de cachimbo turco’ XX. Do fr. *chibouque*, deriv. do turco *çibūk*. (Cunha, 1986, p. 178).

79. CHICO - RAMO NCm [Ssing + Ssing]

Raiz de mentraço, raiz de mentraço, raiz de ... panhava raiz de mentraço e foia de chico-ramo. Essas foia. (Entrevista 7, linha 390)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

80. CHIQUERO Nm [Ssing]

Um chiquero. No lugá de lama. (Entrevista 12, linha 441)

Chiquero? (Entrevista 12, linha 442)

Que chiquero é esse? (Entrevista 12, linha 444)

É o chiquero. Cê faz o chiquero é assim ó. Aqui é a bera. Aqui é a bera, a bera da praia, a bera do rio, né? Aqui cê pega o... cê pega, tira umas vara diritinha. Vara tudo diritinha assim. (Entrevista 12, linha 445)

Chama chiquero? (Entrevista 12, linha 447)

Pá fazê o chiquero. Pá fazê o chiquero. Chiquero pá pegá pexe. Ela é armadilha que chama chiquero. (Entrevista 12, linhas 448 e 449)

Esse era o chiquero? (Entrevista 12, linha 463)

Era o chiquero. Eles ficava tudo lá dento. Ai nós pegava com o balaio. Pegava. Pegava três, quatro, cinco pexe. Era só es... Ai es já cismava. Quando es pegava uns lá, aques nós pegava e tirava. (Entrevista 12, linha 464)

Só o piau. Piabanha num... Piabanha é difícil pá pegá porque piabanha ela num fica, ela num fica dento do chiquero. (Entrevista 12, linha 471)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Chiqueiro. De porcos. (...).
2. Moraes e Silva: Chiqueiro. s. m. vulg. V. *possilga*.
3. Laudelino Freire: Chiqueiro. s. m. Lugar onde se criam ou recolhem porcos; pocilga; curral de porcos.
4. Aurélio: Chiqueiro. [De *chico*³ + *-eiro*.] s. m. 1. Pocilga ou curral de porcos; enxurdeiro.
5. Amaral: Chiquêro. s. m. - um dos compartimentos do curral de peixe.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Chiquero • (A)•Nm [Ssing]• Cast. • Lugar onde se criam ou recolhem porcos. • *Era. Mais o chiquero tava cheio de porco.* (Ent. 10, linha 604)
3. Freitas: n/e

Origem: Chiqueiro. s. m. ‘curral de porcos’ XVII. Do cast. *chiquero*, deriv. do moçárabe *širkhájr* ‘cabana’ de origem incerta. (Cunha, 1986, p. 179).

81. CIGARRA(R) [V]

Isto. Fazia o cigarrim e cigarrava. To. . Algum tempo todo mundo cigarrava. Às vez hoje em dia mas assim mesmo. Só muié que num cigarrava. Hoje em dia até muié tá cigarrano. E tá sabeno que tá fazeno mal e pois tá cigarrano, né? (Entrevista 7, linhas 466,467 e 468)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Cigarrar. v. intr. De *cigarro* + *ar*. Fumar cigarro: “ Pois não *cigarres*, brejeiro!”. (Castilho).
4. Aurélio: Cigarrar. [De *cigarro* + *-ar*².] v. int. 1. Fumar cigarro (s).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Do Cast. *cigarro*.

82. CIRQUIM [ADV]

Num perdia uma de jeito nenhum, né?. Quando os cachorro latia no mato que vinha partino pro lado do reberão porque ela vem cirquim do reberão, né? (Entrevista 3, linha 299)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

83. COÃ Nf [Ssing]

O home... ela num sabia o nome do home que levô. Eu falei com ela “ Não. ” Esse negócio aí agora, hoje é o seguinte. A florestal já tava na Coã. (Entrevista 12, linha 565)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Acaüã ou Acauan. s. f. . T. onom. Ave de rapina, que ataca os ofídios (*Deroptylus acciptrius*). (...).
4. Aurélio: Acauã. [Do tupi.] s. f. e m. Bras. Zool. 1. Ave falconiforme, falconídea (*Herpetotheres cachinnans*), distribuída do Panamá à Argentina, de coloração pardacenta mais escura no dorso e na cauda, esta com faixas claras transversais; tem o lado inferior branco, uma mancha clara circundando o pescoço, uma faixa negra em torno dos olhos, prolongando-se até a nuca, e o alto da cabeça branco; acaná, acanã, cauã, macaá, macaguã, macauã, nacauã, uacauã.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Acauã. s2g. ‘ave de rapinada fam. dos falconídeos’ | *oacaoam* 1587, *macauhan* 1800, *cahuam* 1817, *acauán* 1833 etc. | Do tupi *ua'kauã*. (Cunha, 1986, p. 8).

84. COIVARA Nf [Ssing]

O sabão a gente quebrava a mamona, cascava, punha na panela, incestava a cinza. Buscava a cinza onde é que tinha e saia pro mato pra fazê coivara pá pudê... (Entrevista 7, linha 171) Coivara? (Entrevista 7, linha 172)

Fazia a coivara e punha no fogo pra tirá a cinza, minha fia. Era difícil, era sofrido. (Entrevista 7, linha 173)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Coivara. s. f. . Guar. *có+ ibá*. Montinho de galhos ou gravetos, incompletamente queimados na roça, a que se deitou fogo, e que se juntam para serem reduzidos a cinzas. (...). || 2. Fogueira. (...).
4. Aurélio: Coivara. [Do tupi.] s. f. 1. Bras. Restos ou pilha de ramagens não atingidas pela queimada, na roça à qual se deitou fogo, e que se juntam para serem incineradas a fim de limpar o terreno e adubá-lo com as cinzas, para uma lavoura. [Cf. *paulama* (2)]. (...).

5. Amaral:Coivara, s. f. - paus meio carbonizados que restam de uma queimada: “Assaltava, aqui, um monte de coivara velha; além, o sapé...” (C. P). Do tupi “co-ybá”, mato seco, gravetos?

Registro em glossários:

1. Souza: Coivara (A) s. Terreno coberto de galhos e troncos que restaram de uma queimada. “...ês jogava os cavaco tudo em cima...das coivara né...” (Entr. 6, linha 258)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas:Coivara• (A) •Nf [Ssing]• Ind. • Terreno coberto de galhos e troncos que restaram de uma queimada. “O home bateu bateu pra quemá sapecaro o trem que o trem deu muita coivara aí fez a...arrumô a roça quas todo” (Ent. 03, linha 113)

Origem: Coivara s. f. ‘técnica indígena, ainda hoje empregada no interior do Brasil, que consiste em pôr fogo em restos de mato, troncos e galhos de árvore para limpar o terreno e prepará-lo para a lavoura; terreno coberto de galhos e troncos quebrados’| 1863, *coibara c* 1607 | De provável origem tupi. (...). (Cunha, 1986, p. 194).

85. COITÉ~CUITÉ Nm [Ssing]

Coité. (Entrevista 1, linha 105)

Num coité? (Entrevista 1, linha 106)

Nem caneca tinha. Coité ma fia. Aí eis já fizeram uma cacimba assim grande. Ela inchia, ficava mesm’ limpinha. E buscava no pote. Pote de barro. Prá casa. Pá dento de casa. (Entrevista 1, linha 107)

Cumia até nas cuia, né? Tinha as cuia limpinha de cumê. Tinha. Num tinha copo. Era coité. A gente rapava os coité e... (Entrevista 3, linhas 478 e 479)

E aquele coitezinho pá tomá cachaça? (Entrevista 3, linha 480)

Tinha tamém aquele coitezim. (Entrevista 3, linha 481)

Hã? Coitezim... (Entrevista 3, linha 483)

É coité memo... (Entrevista 3, linha 489)

Era uns coitezim de... (Entrevista 3, linha 491)

Eu sei que a gente tomava no coitezim, né? (Entrevista 3, linha 495)

Era nos coitezim. Só se eu tô esquecido que tinha o nome. (Entrevista 3, linha 497)

Pegava e despejava no coité. A gente punha nos coité. Num tinha xícara também não. Era aques coitezão assim, sabe? Rapava os coité bastante depois ferventava. Tornava a rapá de novo, né? Eu sei que ficava só o osso do coité. Mas os coité vai ino menino ficava cheroso de café. Mas é o café de coité é gostoso, viu? Muito mais, viu? Até eu lembro até hoje, viu? Me dá vontade de tomá café no coité. É ota coisa. (Entrevista 3, linha 781 a 785)

O senhô vai tê que arrumá um coité por aí. (Entrevista 3, linha 786)

Ah. Eu tenho um. Eu acho que eu tenho um coitezim de pinga aí, viu? (Entrevista 3, linha 787)

Ela trabalhou lá em casa quantas vez. Tinha os coité, que dava os coité, as vez dava uns coitezão grande assim. (Entrevista 7, linha 93)

Coité. (Entrevista 7, linha 347)

Que os coitezero dava coité grande assim e dava o coitezim assim. Diz que é conforme as pedra que ocê põe nele dá assim nas gaia assim. (Entrevista 7, linha 349)

Se quisé que dá grande põe pedra grande, mas tem coitezero que dava todo tipo. Às vezes dava e a gente serrava os coitezim assim desse tamanho pra tomá café. Às vez o coité ficava pritim assim mesmo lumiano. (Entrevista 7, linhas 354 e 355)

Rapava, rapava e punha no coité. Num tinha prato. Punha num coité pra um, num coité pra outro. (Entrevista 11, linha 44)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Cuité. s. f. . Bras. V. *Cabaço*.
3. Laudelino Freire: Cuité. s. m; Cuieira. || 2. Fruta da cuitezera. || 3. Cabaça, de que se fazem cuias. ||4. Pacová. (...).
4. Aurélio: Coité. [Var. de *cuité*.] s. f. Bras. Bot. 1. V. *cuieira* (1). 2. V. *cuia* (1 e 2).
5. Amaral: Cuieté. s. m. - árvore que produz um fruto grande, de casca rijá, utilizado para vasilhas; esse mesmo fruto. | De S. P. para o Norte dizem “cuité” para designar o fruto, “cuítezera” e “cuietra”, para designar a árvore. - Do tupi.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Cuieté. s. f. ‘planta da fam. das bignoniáceas, cuieira’ | *cuijete* c 1631, *cuyaté* 1761etc. Do tupi *kujete*; v. CUIA. || **cuíteZ·EIRA** 1817. (Cunha, 1986, p. 232).

86. COLOCA(R) AS IDEIA Fras [V+ Art+ Ssing]

Amanhã ia pro rio e tirava oro. Nós ficava ali brincando com terra, fazeno biscoitim de terra, brincano pra intertê o dia e colocá as ideia. (Entrevista 11, linha 48)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

87. COLÔNIA Nf [Ssing]

Ah! Tinha a colônia. Gente fazia os pocim d’água no mei das colônia pá pegá água e pegava o ... (Entrevista 2, linha 132)

Quando secava um poço a gente ia no meio da colônia e furava oto. (Entrevista 2, linha 136)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Colonião. s. m. *Bot. O mesmo que capim da colônia.*
4. Aurélio: Colonião. [F. red. de *capim-colonião*.]s. m. 1. *Bot. V. capim-guiné*. [Var.: *colônã*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Colono (...). **colôn**IA. (...). XVII. Do lat. *colōnīa*. (...). . (...). (Cunha, 1986, p. 196).

88. COME-CALDO Fras [V+Ssing]

Ah! O feijão é... Hoje num dá bem dele. Era mais um catirino, um preto. Depois arrumô um come-caldo, que era um rajado. (Entrevista 5, linha 80)

Registro em dicionários:

6. Bluteau: n/e
7. Moraes e Silva: n/e
8. Laudelino Freire: n/e
9. Aurélio: n/e
10. Amaral: n/e

Registro em glossários:

4. Souza: n/e
5. Ribeiro: n/e
6. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

89. CONFRONTE [ADV]

Morreu até naquele... pra abaixo ali confronte a casa de Z. M. ali. (Entrevista 10, linha 73)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Confronte. adj. De *confrontar*. Que confronta; que defronta; que está em frente.
4. Aurélio: Confronte. [De *con-* + *fronte*.] adj. 2 g. 1. Que confronta, que está em frente de. adv. 2. Bras. N. E. Defronte; em face; em frente.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

90. CONHECICÃO Nf [Ssing]

Mas fizero a mão que es “ *Aí agora nós vamo pegá a estrada daqui sai ne Mandassaia, de Mandassaia subi no Corrente e sai lá banado, no coisa lá em cima*” pá fazê a linha de carro. Ô minha fia! E a estrada que o home fez a laigura dela era com daqui *Aí ó. Feita a mão. Eu peguei e falei “ () Quem vai levá a mala é ieu” “ Mas pra quê?” “ É pra conhecê o ônibus”.* Ô conhecicão de ôibus . Só pá conhecê. (Entrevista 5, linha 374)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

91. CORISCO Nm [Ssing]

O que eu já passei medo vindo da roça lá no...distância de cinco quilômetro foi tempestade. Isso aí eu já passei medo. Corisco caía ne mim, em roda de mim todo canto. (Entrevista 3, linha 809)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Corisco. Pedra de corisco. *V.* Pedra.
2. Moraes e Silva: Corisco. s. m. Fenomeno aéreo; são cintas de fogo, que abrem nas nuvens, sem trovão: o vulgo crê que então cái a pedra de corisco.
3. Laudelino Freire: Corisco. s. m. De *coriscar*. Faisca elétrica. || 2. Centelha que rasga as nuvens eletrizadas, sem que ouçam trovões. (...).
4. Aurélio: Corisco. [Dev. de *coriscar*.] s. m. 1. Faisca elétrica. 2. Centelha que fende as nuvens eletrizadas sem se ouvirem trovões. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: Curisco• (A) •Nm [Ssing]• Lat> Port. • Faisca elétrica. O mesmo que raio. • “*Num sobró nem uma muenda pra contá caso...quebrô as treis muenda rachô como se fosse um curisco que caiu nele*” (Ent. 02, linha 192)

Origem: Coriscar vb. ‘brilhar omo corisco’ ‘faiscar, relampejar’XVI. Do lat. *coruscāre*|| **corisco** XIII. Deriv. regress. de *coriscar*. C. p CORUSCAR. (Cunha, 1986, p. 217).

92. CORREÇÃOZADA Nf [Ssing]

Tenho minha vista boa. Agora que eu tô com uma durzinha aqui no meu zói. Isto dia deu uma correçãozada. (Entrevista 11, linha 298)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

93. CORTA(R) A PROSA [V]

No meu tempo era assim. Fiava agudão e tudo como eu tô falano. Fazia tudo. Aí cuia mamona, batia mamona e cortava a prosa dele. (Entrevista 6, linha 79)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

94. CORTA(R) O DIA Fras [V + Art+ Ssing]

Não. Mixia com... Ô gente. Tinha cachorro bão ia pro mato e cortava o dia intirim. Cachorro trabaiano e a gente bem sossegado no mato. Era bem bão. Hoje acabô tudo, minha fia. (Entrevista 5, linha 241)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

95. CUIA Nf [Ssing]

As vasia? Ah! Era prato ismaltado. { } Era cuiá... (Entrevista 3, linha 475)

Cuia. Cuia pá pudê... Tinha... tinha dia que a gente cumia nas cuiá porque à vez os prato num dava, né? Cumia até nas cuiá, né? Tinha as cuiá limpinha de cumê. Tinha. Num tinha copo. Era coité. A gente rapava os coité e... (Entrevista 3, linhas 477 e 478)

Assim tira a ispuma toda que a água limpa, fica até as iscuma de tirá de cu..., de cuiá né? (Entrevista 4, linha 131)

Quando tava bem socadim misturado com o agudão inchia uma vazia, inchia uma cuiá pá acendê, pá lumiá, sustentá lumiá numa casa. (()) (Entrevista 6, linha 82)

É? Na cuiá? (Entrevista 6, linha, 84)

Na cuiá? (Entrevista 6, linha 86)

É na cuiá que fazia? Mas num queimava, não? (Entrevista 6, linha 89)

Punha na cuiá aquele rolão que a gente fazia. (Entrevista 6, linha 90)

Um prato, numa cuiá... (Entrevista 6, linha 98)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cuya. Vaso de barro, em que bebe o Gentio do Brasil. Rede, cabaço, & cuya.
2. Moraes e Silva: Cuia. V. Cuya.
3. Laudelino Freire: Cuia. s. f. . 2. Casca do fruto da cuieira, que depois de seca é empregada na fabricação de pratos, púcaros e outros utensílios.
4. Aurélio: Cuia. [Do tupi.] s. f. (...). 2. Vaso feito desse fruto maduro depois de esvaziado do miolo. [Sin. (nessas acepç.): cabaça ou cabaço, coité, cuieté ou cuieté, cuitê ou cuitê.] .
5. Amaral: Cuia s. f. - metade de um fruto de cabaceira, ou cuieté, limpo, usado como vasilha, principalmente como farinheira. | T. corrente em todo o Brasil com ligeiras variações de sentido. - Dão-lhe orig. tupi-guar.: —iacuil, - o que faz pensar no celebre epigrama: —Il a bien changé sur la route!...

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Cuia • (A)•Nf [Ssing]• Ind. • Vasilha feita com a casca da cuieira. • *É desajeitado/tinha que carregá assim ó. Ai é tinha um biquinho tarrancava naquilo ali. /Pirigo cá c'aquilo/quebrá a cuiá e ainda perdê o cumê. (Ent. 1, linha 711)*
3. Freitas: Cuia• (A) •Nf [Ssing]• Ind. • Vasilha feita com a casca da cuieira. • *“PESQ.: e comé que era esse fuso? INF.: ê tá aí enrolado...não é uma tábuá quarquê sabe o povo fazia até de caco de cuiá na época até de caco de cuiá ês fazia o fuso” (Ent. 04, linhas 19 e 20)*

Origem: Cuia. s. f. ‘vasilha feita com a casca da cuieira. ‘[1587, *cuya* c1584 etc. ||Do tupi ‘*kuja*. (...). (Cunha, 1986, p. 232).

96. CUIADA [ADJ]

O açúca é assim. O mêis que fazia açúca, era só açúca. Ia tirano e fazeno o melado e dispejano numa masserona, tirano o melado a semana toda, quando era no fim da semana que ele tava cuiada a forma já tava feita. (Entrevista 11, linha 108)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

97. CUMBUCA Nf [Ssing]

Ela dava conta de tudo dento de casa. E nós era da roça com a inxada na cacunda prantano manaíba, prantano cana, prantano feijão, prantano muda de fumo. Moiano com a cumbuca de coco. (Entrevista 11, linha 66)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Cumbuca. s. f. . O mesmo que *cuiambuca*. || 2. Rifa. || 3. Cabaça. || 4. Concha de tirar água do pote. (...).
4. Aurélio: Cumbuca. [De *cuiambuca*, com síncope.] s. f. Bras. 1. Vaso feito de cabaça na parte superior da qual se fez uma abertura circular, e destinado principalmente a conter água ou qualquer outro líquido; *cuiambuca*. (...).
5. Amaral: Cumbuca. s. f. - cabaça esvaziada, que serve a vários fins, entre os quais o de armadilha para apanhar macacos. Neste caso, é um vaso grande, de boca muito pequena, onde se põe milho, e que se coloca em lugar conveniente, no mato. O macaco mete a mão pelo orifício e agarra um punhado de grãos, mas não pode retirar a mão cheia, e debate-se preso á *cumbuca*, sem se lembrar de largar o milho. Isto se conta geralmente, mas não conhecemos ninguém que o houvesse testemunhado em pessoa. Cp. o provérbio - “macaco velho não mete a mão em *cumbuca*”. | B. - R. regista “*cuiambuca*”, forma bastante semelhante ao cast. *callambuco* e à ant. port. *calambuco*, certa substância vegetal aromática do Oriente.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Cumbuca. s. f. ‘Espécie de cuia’| *cuiambuca* c 1686, *cumbuca* 1874| *Do tupi kui’ muka*; v. CUIA. (Cunha, 1986, p. 233).

98. CUME ~ CUMO [CONJ]

Não. Do jeito que é. O que ela fazia era mexê com tecido de pano, né? Cume eu to falano, mas e pra cuidá ela fazia os pavio pra pô nas coisa aí ela fazia também. (Entrevista 9, linha 130)

Do dia que ele pôs nós na escola quatro mês. Aí quando nós tava na iscola pegô um bom tempo, cume tá agora. (Entrevista9, linha152)

Cê deve qué sabê cumo a gente elementava, se a gente trabalhava. (Entrevista 1, linha 4)

Cumo? (Entrevista2, linha 205)

O pinhão é cumo diz. É igual a mamona mesmo. Dicaçava aquilo e punha dentro dum balde assim e ali ela ia pono, ia pono dicuada. Com pouco tava o sabão apurado. (Entrevista 9, 138)

Pescá cumo? (Entrevista 10, linha 232)

Cascavel eu já vi. Ele faz a rudia assim e se ocê passá cumo daqui lá ele faz assim e boca no cê. (Entrevista 10, linha 320)

Hoje a coisa é cumo tá no céu. (()) Nóis durmia lá no mato, meu pai fez uma roça lá no Macuco. (Entrevista11, linha 206)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Cuma ~ Cume(n/d) pron. Interrog. Variante de como. Entr: “E o rio aqui...como era esse rio?” / Inf: “Cuma?” (Entr. 12, linha 64) “Fac.:...pa ganhar neném como que era...que eles fazia? / Inf: Cume?” (Entr. 3, linha 75)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

99. CUMÉ [PRON]

Uai eles trazia as coisa aí. Ai tinha um era J. de R. Tinha é...tinha é ...aquele ...como é que chama é...o pai de P. Cumé que fala ele? É... (Entrevista 1, linha 28)

Ah não é seu irmão não. É...Como é que é aquele home que toca? Cumé que ele chama? É... (Entrevista 1, linha 94)

Dava chazim de apoejo, chazim de aquele...cumé que chama? Erva-doce. (Entrevista 1, linha 350)

É. Fazia bolo, fazia pituba. Lá tempo pra trás num fazia num nada disso não que num tinha nem leite pá fazé. Cumé que fazia essas coisas sem leite, né? (Entrevista 1, linha 271)

Ô num ia não. Cumé que ia? Num tinha jeito de ir não. (Entrevista 1, linha 309)

Quando cê bate a vista um diamantim miudim parece que tá desse tamanho, viu? Um foco, ele dá um.... maço, né? Cê num quando cê vira ele tá plá. Tão lindo! Cê num vê esses brilhante. Um brilhante cumé que é. Cê vai sempre tá dano aquela... É daquele jeito memo (())É...dá, dá cor, né? Muita...

(Entrevista 3, linha 393)

Matava porco punha no, as banda de tocim na fumaça né? A vez quando chegava de acabá de cumé o tocim ele tava...Cê sabe cumé que fica? Defumado mesmo, né? O torresmo ficava gostoso, né? De tocim defumado ficava muito gostoso. (Entrevista 3, linha 442)

Tornava a iscuê o feijão e punha no fogo. Quando ele chegava às vez amanhã. “Cumé que cês tá?” “Tá bem pai. ” (Entrevista 11, linha 46)

Cheguei lá o meico, a primera coisa que fez comigo foi contá eu proxima. Aí que num tinha ordi, que num tinha conveino. Cumé que ele mandava a gente pra lá sem conveino. Que ele ia cuidá de mim que tava picada de cobra. (Entrevista 11, linha 268)

O C. mas o... mas A. e M. gostô de vê cumé que lá é bunito de mata. Nós fomo lá. Nós era, nós era pra ir o ano passado. (Entrevista 12, linha 29)

Tinha um vêi lá. Tinha um cumpade dele, chamava.... Cumé que é? T. C e o L. P. Esses home, esses home. (Entrevista 12, linha 143)

Sabão. Usava... Cumé é que é gente? Cumé que chamava o sabão? O sabão. Eu num sei se é comprado. (Entrevista 12, linha 243)

Ela torra ele e põe no e põe e soca ele e põe na va...e põe no tacho e tira o óleo dele. J. que sabe ixplicá ocê cumé que faz o óleo. (Entrevista 12, linha 352)

O barro quebrava muito. Agora esses aqui feito, esses com, como. Cumé quem mexe com cobre? Cumé que es trata ele? Tachero. Os tachero fazia de cobre. (Entrevista 12, linhas 373 e 374)

Ele falô “ Mais óia! Eu num sabia cumé que fazia esse trem, seu J. Sinhô tá me dano aula. ” Aí ele falô “ Vai. Até o sinhore prega o pano prega o pano e custura lá na máquina. ” (Entrevista 12, linha 613)

Eu falei com ele “ Eu tenho custume é de custurá ne mão, máquina piquena. Essa aí de pé eu num tem não. ” “ Ah moço! Cê custura. ” Aí me insinô lá cumé que custurava. Aí igual o suadô que eu pregava. Eu passava na máquina lá. Ele falô “ Ah! Cê fica. Cê custura bem. Cê aprende a custurá nela. ” (Entrevista 12, linha 616)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

100. CUMÉRCIO Nm [Ssing]

Lá é um cumércio. (Entrevista10, linha 15)

E o pai do senhor morava dentro do cumércio? (Entrevista10, linha16)

Quem é que tem e pode mais que ele agora? Tá quase tudo apusentado, tudo ganhano, recebeno é bolsa iscola, é ota hora bolsa famia. É trabaiano. Tão luxano mais que quem mora no cumércio. (Entrevista 7, linha 105)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: **Comércio**. [Do lat. *commerciu.*] s. m. (...) 5. Bras. BA ES MG Povoado onde

se realizam feiras semanais; comércinho, rua.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Comércio(...) – cyo XVI. | Do lat. *commercium* –ĩ (...).Port. (Cunha, 1986, p.198)

101. CUNCUMBUZIM Nm [Ssing]

Acordei são. Eu tava com sete ano. Nesse tempo. Sete pá oito ano porque pai ia pá roça dá ... trabaiá prantano manaíba e eu ia tamém, né? Com um cuncumbuzim pá dá cova. E no eu dá a cova a pedra. Eu muito baxim, né? A pedra avuô no meu oi, né? (Entrevista 3, linha 20)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

102. CURIMBA Nf [Ssing]

*Não. Eu não. Agora com ispingarda pra matá peixe é duro. Matava peixe demais. Curimba. Curimba e piabanha. (Entrevista 12, linhas 551 e 552)
Curimba. (Entrevista 12, linha 553)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Curimbatá. s. m. *Ictiol.* O mesmo que curimatá. (...)
4. Aurélio: Curimbatá. s. m. Bras. Zool. 1. V. curimbatá. Curimbatá. [Var. de curimatá < curumatá, do tupi.] s. m. Bras. Zool. 1. Designação comum a peixes teleósteos, actinoptérgios, caracíformes, caracídeos, proquilodontídeos, esp. do gênero *Prochilodus*, com 24 espécies distribuídas por todo o Brasil. Sua pesca é feita com redes; alimenta-se de vegetais, sobretudo lodo, prestando-se bem para piscicultura; costuma remexer a terra nas lagoas, donde lhe vem o nome de papa-terra. [Outras var.: curibatá, curimatá, curimatã, curimataú, curimba, curumbatá. Sin.: grumatá ou grumatã, papa-terra.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Curimatã s. f. ‘nome de diversos peixes da fam. dos caracídeos’| *curumata* 1618, *curimata c* 1631 etc| Do tupi *kurima'tã*. (Cunha, 1986, p. 235).

103. CURNICHA Nf [Ssing]

O povo, as muié usava pá rapé era curnicha, né? Tinha as curnicha. Era pra pô rapé. A curnicha era feita de coco. (Entrevista 3, linha 499)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

104. CUTIANO Nm [ADJ sing]

Porque nessas sela que eu ando aqui. Essas montaria que es tratava é cutiano, num é essas sela paulista que ele falava “ Eu ponho o suadô e dá certo. (Entrevista 12, linha 601)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Cutiano. adj. 1. De, ou pertencente ou relativo a Cutia (SP). s. m. 2. O natural ou habitante de Cutia.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

D

105. DA(R) COVA Fras [V+Ssing]

Eu danoca...cova pá manaíba, né? E a inxadinha miudinha de um metro de cumprimento e aí a lasca de pedra bateu no meu olho, né? Eu fiquei dois ano. Dois ano acidentado com a vista e com a pedra dentro do olho, né? (Entrevista 3, linha 3)

Acordei são. Eu tava com sete ano. Nesse tempo. Sete pá oito ano porque pai ia pá roça dá... trabaiá prantano manaíba e eu ia tamém, né? Com um cuncumbuzim pá dácova. E no eu dácova a pedra. Eu muito baxim, né? A pedra avuô no meu oi, né? (Entrevista 3, linha 20)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

106. DA(R) DE Fras [V+Prep]

Aí nós deu de mudá aqui pra véia D. os menino já tava tudo grande, grande. (Entrevista 1, linha 46)

Depois que eu dei de senti mal é que eu parei “ Vô mexê com esse trem mais não. ” (Entrevista 5, linha 204)

Eu dei de intrá no mato quando eu intrei. Dei de intrá não. Quando eu bati a muleta que eu vejo aquele trem ta bateno caxacaxacaxaca e falei “ Ei diá!” (Entrevista 5, linha 285)

E o pau era muito mais cumprido com daqui ai ó. Fora da istrada. Aí eu dei de intrá no acero. (Entrevista 5, linha 290)

Aquilo quando chegô numa altura onde tem um pauzão d'óleo, aonde es discansava com difunto eu lá vô cunversano dei de oiá dento da mata. (Entrevista 5, linha 249)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

107. DA(R) FÉ Fras [V+Ssing]

Foi, morreu de fome quê num... quando os povo ... nós deu fé pá levá as coisa pra ela, nem comê mais ela num comia. (Entrevista 3, linha 176)

Menina, pois quem trabaia na roça quase volta e meia. Se ocê num dá fé cê tá vendo ele. (Entrevista 10, linha 333)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Dar fé de. loc. verb. Ver, notar.
4. Aurélio: Dar por fé. 1. Afirmar como verdadeiro; certificar. 2. Garantir, por encargo legal, a verdade ou autenticidade do conteúdo de um documento ou relato; portar por fé. ”
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Deu por fé (n/A) loc. verb. Perceber; notar. “...fizeram aquele (rebuçado) de capim... () capim...botou fogo...e o fogo trançou lá nesse paiol...e ()...quando deu por fé tava aquela fogueira medonha...” (Entr. 4, linha 419)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

108. DA(R) VENDA Fras [V+Ssing]

Quando deuvenda. Pai vendeu, tirô o sentido. (Entrevista 10, linha 38)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

109. DE CUMÊ NCm [Prep + Ssing]

Difícil. O decumê num faltava não. Tinha ano que as lagaita comeu ou o sol, todo mundo tinha, todo mundo tinha cana, tinha o ingem que atravessava assim cortava a cana e chegava aqui e tocava ó garapão lá pra bebê garapa, cumê melado. (Entrevista 11, linha 122)

Nunca foi médico nem nada com doze dia tava carregano um balaião assim de cumê com as panela lá pro chapadão. (Entrevista 11, linha 191)

Minha mãe panhava tinha dia, ela tinha galinha lá no quintal. Ovo lá em casa tinha que vende ovo. De cumê ovo direto. (Entrevista 12, linha 168)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Comer. Tomar a refeição.... Nos primeyros dias não se há de dar de comer ao doente. *Abstinendus a cibo primus diebus est aeger* Cels. ; ...Levar de comer a alguém. *Cibum alicuiferre*. Cic. ; ...Fazer de comer; ...Dar bem de comer a alguém, regalando-o com boas iguarias. *Alicui mensam conquistissunis epulis estruere*. Cic.
2. Moraes e Silva: Comer. s. m. O que se come. *Seu comer son carnes crudas*. C. cartas. “he do seu comer”, i. e., coisa do seu gosto. A refeição que se toma entre dia: v. g. a cada comer beberá uma vez de vinho.
3. Laudelino Freire: Comer. s. m. Comida, alimento. ||2. Refeição usual.
4. Aurélio: Decomer. [De *de* + *comer*.] s. m. 2 n. Bras. Pop. 1. Coisa de comer; alimento, comida.
5. Amaral: De-cumê (r). s. m. – comida, provisão de comida: Eu ganho dois mi-réis i mais o de-cumê”. ||Af. Taun. Regista “decomer”, farnel, como t. cearense, abonado com o romance “Luzia Homem”; mas é também paulista. – muito compreensível esta substantivação de uma locução que, em certas frases, devia soar a ouvidos rudes como um apelativo: Dar de comer a alguém, etc.

Registro em glossários:

1. Souza: De comer (A) s. Comida, provisão de comida. “...*aí ...jogou esse de comer tudo pra lá e fez essa nega fazer outros de comer...*” (Entr. 4, linha 434)
2. Ribeiro: De comer (A) s. Comida, provisão de comida. “...*aí ...jogou esse de comer tudo pra lá e fez essa nega fazer outros de comer...*” (Entr. 4, linha 434)
3. Freitas: Cumê• (A) •Nf [Ssing] • Lat> Port. • O mesmo que comida. • “*Lá em casa era muito menino era nove...tinha que fazê as panelada de cumê...tinha dia que mamãe fazia uns cumê engraçado né um mamão com aquê trem...tinha dia que num discia não*” (Ent. 03, linha 133)

Origem: Port. (Cunha, 1986).

110. DE PIQUENA [LOC. ADV]

O bolo que eu conheci da minha vida de piquena até vinte ano era cuiiscuiz. (Entrevista 11, linha 79)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

111. DE PRIMERO [LOC. ADV]

Falo co cê. De primero foi duro pra gente vivê. (Entrevista 1, linha 33)

Não. De primero num fazia doce não. (Entrevista 1, linha 227)

De primero esses muim rodado a água. (Entrevista 1, linha 258)

De primero passava, né? Furei meu meu. Furei aqui ni mim ó. (Entrevista 1, linha 333)

Eu fazia. De primero eu fazia. De taba. (()) (Entrevista 5, linha 255)

De primero eu gostava muito de caçada. (Entrevista 5, linha 273)

De primero aqui tinha bastante agora ali... Tem até um morro ali que chama Morro do Pau Sangue. (Entrevista 5, linha 341)

Porque de primero tinha. Ali pra cima da fazenda ali unido ali na fazenda passava uma bem. (()) Tinha. Tinha dia que mei' dia com o sol quente topava com um cara e falava "Quê que foi?". "Ah topei com a onça ali e ela rosnô pra mim fui obrigado a corrê." (Entrevista 5, linha 345)

Mas lá é mais difícil quê... De primero era nessas matinha igual aqui ó. Aqui. Nesse matim dessa manga de Z. de J. de Z. qui ó. Tudo ela versava aqui ó, li ó. (()) (Entrevista 5, linha 347)

É que de primero cê fazia medo do cê andá no meio do mato desse sozim. Gato de jabutirica. Vixi! (Entrevista 5, linha 349)

No chapadão aí de primero tinha gente que vinha lá do e ia andano com poco cê via aquele home pontano lá com aquele pausão na cacunda. (Entrevista 5, linha 395)

Que de primero também era ruim pro cê andá. Num é todo mundo que tinha corage não. A istrada não era aqui igual a rodage não. (Entrevista 5, linha 417)

De primero. Hoje que acabô. De primero só rico é que usava caxão, minha fia. Feito de taba. (Entrevista 5, linha 426)

Que de primero nos ia nos baile lá pra Bera do Rio tudo nós ia. (Entrevista 5, linha 445)

Ah moça era... Gente o baile era... de primero os baile tudo respeitado. Baile assim pá todo mundo. (Entrevista 7, linha 218)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: De primeiro. loc. adv. Primeiramente, antes de tudo ou de todos: "de primeiro, Vasco Fernandes a puras bombardas impedia que o abordassem" (Aulete) ||2. Antigamente.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: De primeiro(n/A) loc. adv. Antigamente; outrora. "O forró...deprimeiro...num tinha esse negócio de...de...mulher num dançava não..." (Entr. 4, linha 100)
2. Ribeiro: De primeiro• (n/A) • [loc. adv.]• Antigamente; outrora. • *É uma pecinha piquena/ mas e a querosene de primero vinha na lata de 20 litro. (Ent. 14, linha 218)*
3. Freitas: De primero• (n/A) • [Loc. Adv] • (n/e) • Antigamente; outrora. "De primêro era no pilão né...pilão igual esse aí ó...ca gente socava...agora tem o aranholi enche o tambori e roda pa podê tirá o azeite" (Ent. 01, linha 08)

Origem: Port. (Cunha, 1986).

112. DE RESTO [LOC. ADV]

Agora por parte de pai eu tinha muito irmão. Mas de resto só existe eu. (Entrevista 2, linha 34)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986)

113. DEFERENTE [ADJ]

Não. Lá Gangorra é município de Berilo. Agora eu morava num coigo deferente que era município de Chapada, mas tudo pertim de Gangorra. Do jeito que é morei lá, por lá eu casei. (Entrevista 9, linha 9)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Diferente. Diverso, dessemelhante. (...).
2. Moraes e Silva: Diferente. adj. Diverso, dessemelhante, distinto.
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio: Deferente² adj. 2 g. Ant. Pop. 1. V. *diferente*.
5. Amaral: Deferente diferente, q. - inimizado, estremeado com: “Vacê parece que anda meio deferente cum seu Pedro?” | Ver DEFERENÇA

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Diferente | *diff-* XVI | Do lat. *differens – entis*, part. pres. de *differre*. (Cunha, 1986, p. 264).

114. DELANGA(R) [V]

De delangue. Delangava. (Entrevista 3, linha 243)

Gente fazia o delangue, né? E es ia pra lá delangá. (Entrevista 3, linha 247)

Quando dia domingo a gente chegava cedo lá o tal M. del P. já tava lá delangano, né?

Todo dia que a gente chegava era M. del P. tava lá delangano e num deixava a gente delangá. (Entrevista 3, linha 253)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e

3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

115. DELANGUE Nm [Ssing]

De delangue. (Entrevista 3, linha 241)

De delangue. Delengava. (Entrevista 3, linha 243)

Gente fazia o delangue, né? E es ia pra lá delangá. (Entrevista 3, linha 246)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

116. DERRADERO / A [ADJ]

Quando eu pus a derradera que ele deu corpo vem eu sapequei e tam tam e ele aaam e eu pam. (Entrevista 5, linha 331)

Quando terminava ali que muía a derradera cana. (Entrevista 12, linha 149)

Parece que eu num tinha bem juízo não. Quando eu risulvi casá foi de uma vez. “Agora eu quero casá”. Que eu num quiria dexá aquele derradero iscapuli não. Aquele era meu. (Entrevista 11, linha 165)

Eu trabaiei ali embaixo na véia D. dezesseis ano. Mexeno com muage de cana. Mas no derradero ano depois que entrô o real eu já tinha arriado. { } Num dá pra pagá porque eles queriam cobrá o preço do cruzeiro, né? Falei “Não. Tem jeito não”. (Entrevista 4, linha 62)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Derradeiro. “último. *Exstremus, a, um*. Cic. Vid. Ultimo.
2. Moraes e Silva: Derradêiro. adj. Ultimo, final.
3. Laudelino Freire: Derradeiro. adj. Que fica ou vem atrás ou depois; o último, o restante. ||2. Final, extremo.
4. Aurélio: Derradeiro. [Do lat. vulg. **derretrariu, derratrariu* < lat. *retro*, ‘para trás’.] adj. 1. Que vem atrás; que está depois; último. 2. Extremo, final; último:

“Aplicaram tal medida como derradeiro recurso.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Derradeira (A) adj. Relativo a última, a mais nova. “*É...quando casa derradeira tinha esse uso...num sabe não?*” (Entr. 13, linha 152)
2. Ribeiro: Derradero •(A)• Nm [Ssing]• Relativo ao último, ao mais novo. • *Mais o derradero, acabô () limpinho. Um bunito terrero, assim limpinho. O o [u]to café mais vêio e sujo é o povo do C. que ia panhá.* (Ent. 1, linha 22)
3. Freitas: n/e

Origem: Derradeiro. adj. ‘último, extremo’ XIV. Do lat. **derrat(r)arius*, de **derretrarius*, de retro ‘para trás’. ” (Cunha, 1986, p. 248).

117. DIBUIA(R) [V]

O dia que num tinha nada pá fazê ia dibuiá andu. (Entrevista 2, linha 53)

Comia muito feijão verde. Pai fazia os feijoa. Pecava amarilim. Eu me lembro. Ia lá e arrancava os fexe e trazia pá dento de casa e fazia. Dibuiava. (Entrevista 3, linha 750)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Debulhar. He andar o gado na eira a roda sobre o calcadouro, moendo a palha, & fazendo sahir o graõ. (...).
2. Moraes e Silva: Debulhárv. at. Tirar o grão dos casulos. §Desfolhar: v. g debulhar uma flor. (...).
3. Laudelino Freire: Debulhar. v. tr. dir. Lat. *despoliare*. Separar do competente invólucro e das fôlhas, praganas, etc. (o grão dos cereais): esbagoar. (...). || 2. Tirar a pele dos frutos; descascar: “*Debulhar um pêsego*” (Aulete).
4. Aurélio: Debulhar. [Do lat. **depoliare* < lat. *despoliare*, ‘espoliar’.] v. t. d. 1. Extrair os grãos ou sementes de; esbagoar: & 2. Tirar a pele ou casca de; descascar. (...)
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: Dibuiar• (A) • [V] • Lat> Port. • Desfazer-se. • “*É tava dibuiano pra cai aí a (C...) falô assim “o (P...) pra quê que cê faz isso (P...) bebe não” aí é falô assim “não (C...) num bibi não eu vim aqui pra sinhora falá pra (P...) que é num fica incomodada comigo não porque eu num tô bebendo não”...tonto ((risos))tonto que tava rolano “ô num tô bebendo não e pra sinhora falá pra ea que ô tô aqui rezano pra ela pra ea sará” ((risos)) ô coitado...num levô três dia o home morreu*” (Ent. 08, linha 92)

Origem: Debulhar vb. ‘esbagoar, separar do casulo os grãos dos cereais, descascar, tirar a pele’ | *llar* XIII | Do lat. med. lus. *dibulare*, de * *depoliãre*, por *despoliãre*, de *spolium* –ii || **debulha** 1813. (Cunha, 1986, p. 240).

118. DICUADA Nf [Ssing]

E aí ia pono água. Aí aquilo pingava aquela dicuada forte. (Entrevista1, linha 151)

Porque cinza é forte, né? Aí pingava aquela dicuada forte. Punha na mamona. Todo dia, todo dia, todo dia. (Entrevista 1, linha 152)

Tinha que fazê sabão de mamona, dicuada. (Entrevista 2, linha 79)

Dicuada e pegava é ... Pegava uns pau punha assim, marrava de cipó e pegava cinza de fornaia e colocava. (Entrevista 2, linha 81)

Colocava e ia fazeno o buraco assim e ia moiano, moiano, moiano e depois fazia aquele pilão e ia pono água os poquim pra fritá a dicuada. Fritava a água e saia aquela água escura pra gente cuzinhá sabão. (Entrevista 2, linha 83)

Mais ainda. Secá um mucado daquela água, né? Quando ela tá poca punha dicuada. Vai colocano dicuada. Nesse tempo num tinha soda não. (Entrevista 3, linhas 569 e 570)

Quê que é dicuada? (Entrevista 3, linha 571)

Dicuada cê faz o barrilero e de de de taquara. Ele é assim tipo dum funil. Afunilado, né? aí cê enche ele de cinza, forte. (Entrevista 3, linha 572)

Casca de feijão dá muito dicuada. (Entrevista 3, linha 573)

Todo pau dá dicuada. Ali cê põe e ia pono água no barrilero e ele ia iscorreno vazano embaixo a dicuada. Com aquela dicuada é que punha no sabão. . (Entrevista 3, linhas 574 e 575)

Gastava muita dicuada pra...Gastava dois barrilero pra pudê fazê um sabãozim, né? (Entrevista 3, linha 585)

Aí deve ... hora que inchia a vasia de dicuada, quando a gente fazia chegava a cortá porque era bem forte. (Entrevista 7, linha 334)

É a mesma coisa. Põe, fazia a dicuada e incestava a cinza no cesto. (Entrevista 8, linha 233)

Punha a cinza num balaio aí e punha água, pingava aquela dicuada. (Entrevista 8, linha 234)

É porque dicuada é a mesma soda. Dá a mesma coisa. Quando, quando es trazia soda. (Entrevista 8, linha 235)

Dicascava aquilo e punha dentro dum balde assim e ali ela ia pono, ia pono dicuada. Com poco tava o sabão apurado. (Entrevista 9, linha 139)

Uai. Punha o dicuada na gurdura e fazia o sabão. (Entrevista 10, linha 149)

Cê põe a gurdura na panela de ferro e põe a soda ou dicuada. A dicuada é tirada de cinza. (Entrevista 10, linha 154)

Não. Fazia com cinza também a dicuada. (Entrevista12, linha 262)

É. Punha a cinza, pegava a cinza pá fazê dicuada, mas é... Mas é tinha. Naquele tempo tinha sabão de soda. (Entrevista12, linha 264)

Punha e misturava a dicuada pá fazê sabão. Punha... (Entrevista12, linha 265)

Como que fazia essa dicuada? (Entrevista12, linha 266)

Punha a cinza, punha a cinza dento e punha água. Aquilo tá... fazia uma dicuada. (Entrevista12, linha 271)

Eu ali na véia D. eu ainda fiz dicuada. Aqui na véia D. quando eu tava mueno cana ali. Pá limpá cocho. (Entrevista12, linha 272)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Decoada. Cenrada, cinza fervida em agoa, com que se alimpa estanho, prata, § e todo o serviço de madeyra. (...).
2. Moraes e Silva: Decoáda. s. f. . A cenrada, lexívia, ou agua embebida nos saes, que contém as cinzas, ou cal, por onde passa, para barrella ou para sabão,&c e às vezes se misturam hervas aromaticas. (...).
3. Laudelino Freire: Decoada. s. f. . De *de* + *coada*. Barrela, lixívia. || 2. Ação de coar a lixívia. || 3. Cinzas fervidas com que geralmente se limpam as colheres ou outros

utensílios de metal.

4. Aurélio: Decoada. [De *decoar* + *-ada*¹.] s. f. 1. V. *barrela*. 2. Ato de coar a água da barrela.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

119. DIENTA(R) [V]

Eu vô fala com a senhora. A gente contasse a senhora o que passô com nós não dienta nem contá. (Entrevista 6, linha 45)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Adiantar (...) 11. Ter efeito; aproveitar; valer a pena; compensar. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Diante. prep. ‘em frente de, em presença de’| XIV, *deante* XIII etc. | Do lat. *de* + *inante*, através das vars. arc. *denante* (XI), * *dēante*, *deante*. (...). AdiantAR| XIV, *ade*- XIII. (...). (Cunha, 1986, p. 262).

120. DIENTE [ADV]

E me pagô. Me pagô um mirrés do jeito dos home. Depois daquele dia em diente eu fiquei ganhano do mesmo preço dos home. (Entrevista 4, linha 51)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Diante. Preposição local, oposta a *detraz*, & às vezes val o mesmo, que em ou na presença. (...).
2. Moraes e Silva: Diãnte. Usão-nos os Classicos como preposição. (...).
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio: Diante. [De *de* + o lat. tard. *inante*] adv. 1. Desus. *Adiante*. prep. 2. P. us. *Diante de*. ♦ *Diante de*. 1. Na frente de; defronte de; em presença de. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Diante. prep. ‘em frente de, em presença de’ XIV, *deante* XIII etc. | Do lat. *de* + *inante*, através das vars. arc. *denante* (XI), * *dēante*, *deante*. (...). (Cunha, 1986, p. 262).

121. DIGERIM [ADV]

Peguei o fubá e acendi o fogo, pus o bolo lá no fogo e pus a lata. Falei “Agora vô pegá um cavaco que eu sei dele ali pra mode eu pô aqui em riba dessa lata e assá esse bolo digerim.” E foi assim. (Entrevista 11, linha 256)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Ligeiro. Agil. Que anda com ligeireza. (...).
2. Moraes e Silva: Ligeiro. adj. Agil, que anda expeditamente. (...).
3. Laudelino Freire: Ligeiro. adj. (...) 3. Veloz, corredor. (...).
4. Aurélio: Ligeiro. [Adapt. do fr. *léger* < lat. vulg. **leviarius* < lat. cláss. *levis*.] (...). adv. 14. Rapidamente; às pressas, à pressa.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Ligeiro adj. ‘orig. fácil, inconstante’ ext. leve, desembaraçado’ ‘rápido, veloz, ‘vago, leviano’] XIII, *ligeyro* XIII etc. | Adapt. Do fr. *léger*, deriv. Do lat. **lěvīariŭs*, de *lěvis*. (...). (Cunha, 1986, p. 474).

Obs: Assimilação progressiva

122. DISANDA(R) [V]

Pegava e ia fazê e colocava uma mulhé pá levá o açuca e disandava o açuca e e num tacho e ia bateno o açuca otra vez. (Entrevista 12, linha 299)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Desandar. (...). Desandar o andado. Metaphoricamente he Desfazer o que se tem feyto. (...)
2. Moraes e Silva: Desandár. (...) Desandar o andado, *fig*, desfazer o que é feito. (...)
3. Laudelino Freire: Desandar. v. r. v. De *des* + *andar*. Fazer andar para trás, em sentido oposto ao natural, ou contrário ao que seguia anteriormente. (...) 5. Tornar-se mau, piorar. (...).
4. Aurélio: Desandar. [De *des-* + *andar*.] v. t. d. 1. Fazer andar para trás; tresandar. 2. Percorrer em sentido contrário. 3. Desatarraxar. 4. Soltar; desatar. v. t. d. e i. 5. Dar com força. 6. Dar em resultado; redundar, reverter. v. int. 7. Andar para trás; retroceder. 8. Entrar em decadência; decair, declinar, retroceder. 9. Tornar-se mau; adquirir hábitos condenáveis. 10. Bras. Pop. Decompor-se, alterar-se por influência de qualquer fator externo. 11. Bras. Pop. Estar com diarréia.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Andar. vb. ‘dar passos, caminhar’ XIII. De origem controversa; a hipótese mais viável é a que liga o voc. port. ao lat. * *ambiātare* (do cláss. *ambīre* ‘dar voltas, rodear’). (...). || **DESandar** XVI. (Cunha, 1986, p. 45).

123. DISARRIA(R) [V]

Ele chego lá sem guentá e pediu um home pra disarriá os burro pra ele que ele tava sem guentá. (Entrevista 5, linha 163)

O home pego disarriô os burro pra ele, soltô numa manga e ele “Dê cá um lugazim de deitá.” e ele deu ele o lugá pr’ele deitá e ele pôs té uma capa de cangaia e deitô. (Entrevista 5, linha 164)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Desarrear. v. tr. dir. De *des* + *arrear*. Tirar os arreios a.
1. Aurélio: Desarrear. [De *des-* + *arrear*.] V. t. d. 1. Tirar os arreios a.
4. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Arrear. ‘vb. ‘pôr arreios em, aparelhar, adornar’ | *arrayar* XVI | Do lat. vulg. **arredare* ‘prover’, deriv. do gót. **reths* ‘conselho, previsão, provisão’. (...). **DESarreAR** 1881.” (Cunha, 1986, p. 70).

124. DISCAROÇA(R) [V]

Colocava a mamona intera lá na panela e ia no pilão e socava e cascava agudão, de discaroçá agudão e põe. (Entrevista 6, linha 81)

Cê tá entendeno ó? Dicascá o agudão. Discaroçá o agudão, jogá dento do pilão junto com a mamona e ir socano, socano. (Entrevista 6, linha 92)

Registro em dicionários:

2. Bluteau: n/e
3. Moraes e Silva: Descaroçar. v. at. Tirar o caroço. “*Descaroçar algodão*”. t. us. no Brasil, e Commercio. *Roda de descaroçar algodão*; engenho apropriado para esta manipulação, para apartar a lã do algodão da sua semente, que ella cobre, e forra.
4. Laudelino Freire: Descaroçar. v. tr. dir. *Lus*. Tirar a caroça a (o linho).
5. Aurélio: Descaroçar. [De *des-* + *caroço* + *-ar²*.] V. t. d. 1. Tirar o (s) caroço (s) a.
6. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Caroço. s. m. (...). De origem controvertida; talvez do lat. vulg. *carūdium*, deriv. do gr. *kary̅dion* ‘avelã, noz pequena’ || (...) DEScaroçAR 1813. (...). (Cunha, 1986, p. 157).

125. DISPONTA(R) [V]

O jiqui é assim. (()) Cê faz ele do tamanho que ocê quisé. Faz ele desse tamanho aqui, né? Começo com o fundo dele e cê pode fazê ele grande assim. E agora cê vai dispontano, vai dispontano ele e chega na boca (()). (Entrevista 5, linha 220)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Despontar. Tirar a ponta. Despõntar hum prego. (...).
2. Moraes e Silva: Despontar. v. at. Desfazer, tirar, quebrar a ponta: v. g. despontar um prego. (...).
3. Laudelino Freire: Despontar. v. r. v. De *des+ponta+ra*. Cortar, arrancar ou gastar a ponta de. (...).
4. Aurélio: Despontar. [De *des-* + *ponta* + *-ar*². v. t. d. 1. Gastar a ponta a;embotar. 2. Cortar as pontas ou chifres a (o vacuum). (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Ponta. (...). Do lat. *puncta-ae* ‘estocada’. (...). ||DESpontAR. XVI (...). (Cunha, 1986, p. 622).

126. DIVERA [ADV]

E lá morava um Pirnudo. Morava na frente de casa. Aí ele passô lá e eu falei “ Ô Pirnudo? Ispia pro cê vê que trem bacana que eu arrumei”. “ Quê que é esse trem?” Eu falei “ Ispia pro cê vê” “ Nossa Senhora! Cê num é doido, não?” “Doido o quê?” “ Pois eu comigo laigava ele e ia embora correno” “ Ô vai lá” Ele “Até que eu vô lá oiá”. “Vai lá”. Pois ele chegô lá e topô ele ispichado divera. (Entrevista 5, linha 311)

Que os coitezero dava coité grande assim e dava o coitezim assim. Diz que é conforme as pedra que ocê põe nele dá assim nas gaia assim. Se ocê pô a pedra de um lado dizem o povo que é divera. (Entrevista 7, linha 351)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Deveras. Verdadeiramente. Sem ficção. Ex animo, ou bonafide. Terent.
2. Moraes e Silva: Devéras. “v. véras. ”
3. Laudelino Freire: Deveras. adv. De *de* + *veras*. Verdadeiramente, realmente.
4. Aurélio: Deveras. “ [De *de* + *veras*.] adv. 1. A valer; verdadeiramente, realmente; muito, em alto grau. [Cf. *deveras* (ê), do v. *dever*.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Devera(n/d) adv. Realmente, com certeza. Variante de *deveras* (*deveras* > *devera* – caso de apócope). “...“Ô meu filho foi ele... ele representa que nem um cachorro... ele representa quem um porco... representa que nem um jegue”...“Ô

pois eu topei um jegue”... e lá numtinha jegue... pois foi ele... foi ele devera...”
(Entr. 12, linha 275)

2. Ribeiro: n/e

3. Freitas: Divera• (A) • [Adv]• Lat> Port. • Realmente, com certeza. O mesmo que deveras. • “*TER.: coitada essa muié já judô ieu demais menina esse trem aí já me judô panhá café quano ô tô panhano café ô vejo ea gritano da minha oreia...ea já tabaiô INF.: tabaiei divera...minha vida era só tabaiá fora num parava den’ de casa não*” (Ent. 10, linha 86)

Origem: Deveras. adv. ‘a valer, verdadeiramente’ XVI. De de + *veras* (v. verdade). Verdade. Do lat. *veritas, -ātis*(...). (Cunha, 1986, p. 259, p. 816).

127. DIVIRTUME Nm [Ssing]

Saia pros mato e divirtume. (Entrevista 9, linha 158)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

128. DOBRA(R) [V]

Eu peguei e falei “ () Quem vai levá a mala é ieu” “ Mas pra quê?” “ É pra conhecê o ônibus”. Ô conhecição de õibus. Só pá conhecê. Diz que era muito bonito. Dobrei. (Entrevista 5, linha 375)

Assim na base das duas hora pus essa mala na cacunda, aquela malona e “ Cê pode ir andano que onde nós aicançá ocê toma a mala e ocê monta na garupa de um burro de quaiqué um de nós e vai”. E dobrei. (Entrevista 5, linha 377)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Dobrar. Voltar. Tomar outro caminho. (...).
2. Moraes e Silva: Dobrar. (...). Dobrar o Cabo; Termo de Naut. Passar além delle navegando. (...).
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Dobrar. vb. (...)‘modificar, passar além de, torneando’ XIII. Do lat. tardio *duplāre*, de *duplus* ‘dobro’, deriv. de *duo* ‘dois’ (...). (Cunha, 1986, p. 274).

E

129. EI DIÁ [INTERJ]

Quando eu bati a muleta que eu vejo aquele trem ta bateno caxacaxacaxacaxa e falei “Ei diá!” e eu falei “Deve sê um é é é aquele bicho que tem aqui. Se eu num a... matá nada ao meno levá ele.”(Entrevista 5, linha 286)

Quando eu chego ali em cima onde é a tor’ lá eu parei e falei “Óia lá Minas Nova. Ô diá! Onde eu vô todia. Ei diá! Óia que bacana.” (Entrevista 5, linha 378)

Quando eu chego lá no lugá definitivo es tinha abrido a picada. Na mata. Pus a mala no chão tra vez e fui sentá e oiá . “Ei diá! Isso aqui daqui uns dia é uma estrada que passa dois carro. Deve ser um trenhão bunito.” (Entrevista 5, linha 380)

E mãe pôs, amarrô uma tuaia na arça da, da mala que eu punha ela debaixo do braço e ela ficava xinhenco inheco inheco inheco inheco. Naquilo quando eu oiei o sol entrô e o furadô apontô cá. Já tinha dado tiro. Eu falei “Ei diá!”. E mandei. (Entrevista 5, linha383)

E falei “Ei diá! Ô evem um.Ô! De certo que tá bebo.” Aí eu miudei a currida. (Entrevista 5, linha390)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

130. EM ANTE [LOC. ADV]

É. E depois em ante de Z. casá. Depois que Z. casô num dexô ela saí mais. Ficô ieu e ela lá. (Entrevista 5, linha 34)

Se o cara tivesse mei’ bebo es oiava assim pá oto. Tem dia que es tava chamano a pussss a gente saía em ante des chamá porque caso se es chamasse a gente num fosse es brigava. (Entrevista 7, linha 223)

Quando ela, ela inchia d’água, quando o rio inchia ela entrava lá e saia cá. Em ante dela derramá os peixe vinha e incostava na ilha. (Entrevista 12, linha 416)

Quando cê chegava na boca da ilha em ante dos peixe... Os peixe tava pra baixo a uma distância com daqui muito mais... com daqui lá po... (Entrevista 12, linha 418)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: Im antes, em antes. loc. usada as vezes pela forma simples “antes”: “Estive lá ainda em antes que ele chegasse”.

Registro em glossários:

1. Souza: Em ante(n/d) loc. adv. Antes, anteriormente. “...*mas em ante dessa barragem aí esse rio dava enchente de fazer medo viu?*” (Entr. 4, linha 231)
2. Ribeiro: Em antes • (n/A) • [loc adv] • Antes, anteriormente. • *Eu vô fazê só mais uma verdura e o arroiz. É iguale ieu. Se eu fô fazê, tem o arroiz pronto, se o L. num fô sai trabuçano em antes do armoço, ieu isquento aquele ali que eu fiço ontí.* (Ent. 13, linha 10)
3. Freitas: Im ante • (n/A) • [Loc. Adv] • (n/e) • Antes. • “*pegô e deu uma foiçada no pé do coquêro levantô a foice deu ôtra foiçada im ante de enterá a tercêra eu falei “o nêgo vem cá cê num vai fazê nada não cê vai ficá vigiano é (D...) aqui ó”* (Ent. 04, linha 109)

Origem: Ante. prep. ‘diante de, em presença de’ XIII. Do lat. *antē*. (Cunha, 1986, p. 52).

131. EM RIBA [LOC. ADV]

Prantava muito mio. Era muito. Pra tratá dessa porcada, né? Tinha que ser muito mio. Tinha quatro, cinco roça pá todo canto. Grotá cheia de mio. De baixo e em riba. (Entrevista3, linha 156)

Todo dia que a gente chegava era M. del P. tava lá delangano e num deixava a gente delangá. Foi aí “ Ô gente”. Eu falei. J. foi lá em riba e cortô. Cortô o timbó e deixô só um fi... só uma... (Entrevista 3, linha 253)

Otos coloca o barro em riba do açu.... do açúcarado, o barro. Ali o barro puxa, o o o ...o sujeira toda, do açuca. Aí tira o barro. O açuca quando é sujo, fica o açuco sujo. (Entrevista 3, linha 421)

Cortava bambu, fazia uma tuia assim ó daqui lá punha denti de uma bica e colocava a massa aqui, forrado, fazia barro, batia em riba daquela massa barro de terra vremeia um paimo. (Entrevista 11, linha 109)

Eu levava no meico. Aí já tinha meico. Eu pegava burro, punha ele em riba, levava, trazia. Ficava ali, ficava lá e voltava pra minha casa. (Entrevista 11, linha 238)

Peguei o fubá e acendi o fogo, pus o bolo lá no fogo e pus a lata. Falei “Agora vô pegá um cavaco que eu sei dele ali pra mode eu pô aqui em riba dessa lata e assá esse bolo digerim.” E foi assim. (Entrevista11, linha 256)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: De riba. De lugar alto. Cousa de riba. Supernus, a, um. Plin. Algua vezes se diz, Superus, a, um.
2. Moraes e Silva: De riba. i. e., do alto para baixo, de cima. A riba, a cima; v. g., ir a riba, ir a cima.
3. Laudelino Freire: Em riba. loc. adv. Em cima. || 2. Além disso, para mais ajuda.
4. Aurélio: Riba. [Do lat. *ripa*.] s. f. 1. Margem alta de rio; ribanceira; ribeira, arriba. 2. Pop. A parte mais elevada; cima. 3. Bras. Espécie de rolo compressor a tração animal, próprio para descascar o café. Em riba de. 1. Em cima de. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Riba (A) adv. Em cima de algum lugar. “...passando arreio nas costa...em riba d’umas pinguela de pau né...” (Entr. 4, linha 200)
2. Ribeiro: Riba • (A) • [Adv]• (n/e) • Em cima de algum lugar. • *No caminho que nós ia pa escola e o papai taiava, taiava a (), tirava por riba e fazia aquê coro da árve, pingava aquilo ali ó...* (Ent. 1, linha 407)
3. Freitas: n/e

Origem: Riba. s. f. ‘ribeira, margem’ XIII. Do lat. *rīpa* –ae. (Cunha, 1986, p. 684).

132. EM RODA [LOC. ADV]

Quando os cachorro latia no mato que vinha partino pro lado do reberão porque ela vem cirquim do reberão, né? Ai ele já ficava em roda do reberão. (Entrevista3, linha 300)

O que eu já passei medo vindo da roça lá no...distância de cinco quilômetro foi tempestade. Isso aí eu já passei medo. Corisco caía ne mim, em roda de mim todo canto. (Entrevista 3, linha 809)

Em roda do ingem es jugava água no ingem pra num dá puera. Pegava água. O rio era pertim. Lá era pertim do rio. Es moiava, muía a cana. (Entrevista 12, linha 148)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Em roda. loc. adv. O mesmo que *à roda*. Em roda de, loc. prep. O mesmo que *à roda de*.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

F

133. FAZEDERA Nf [Ssing]

Não. Tinha fez que ela compra das fazedera. Até hoje de vez em quando eu vejo es fazê e vendê vasia aí na rua. Mas minha mãe não ela comprava dos oto, mais ela mesma não fazia não. (Entrevista9, linha 95)

As fazedera de doce aí. Num sei nem quantos, quantas lata de doce numa festa aí que esse povo. Eu sei que dá doce demais po povo. Ainda sobra doce. (Entrevista 12, linha 312)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Fazer vb. ‘executar, realizar, fabricar’. XIII. Do lat. *facĕre*. || (...) **fazEDOR** XIII. (...). (Cunha, 1986, p. 351).

134. FEDEGOSO Nm [Ssing]

Rancava fedegoso, rancava foia de um trem quaiqué aí e punha pra freivê, bibia e era remédio. (Entrevista 11, linha 147)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Fedegosa. He huã especie de ortiga morta, quente, & secca no primeiro grão; resolve os apostemas duros, flematicos, & melancolicos, & ao por eas cozida em agoa, & pisada com manteiga crua. Recopil. de cirurg. 278. vid. Ortiga morta.
2. Moraes e Silva: Fedegoso. Herva. Esp. de urtiga morta.
3. Laudelino Freire: Fedegoso. s. m. Nome dado a diversas plantas da família das leguminosas cesalpiniáceas do gênero *Cassia*, umas forrageiras (*Cassia calycioides*, DC. ; *Cassia rotundifolia*, Pers.), outras medicinais (*Cassia hirsuta*, L. ; *Cassia leiophylla*, Vog; *C. oblongifolia*, Vog.) e outras ornamentais (espécies várias). || 2. O mesmo que *feijão bravo amarelo*. || 3. O mesmo que *borragem brava*.
4. Aurélio: Fedegoso. (ô). [Do lat. **foeticosu*, poss.] s. m. 2. Bras. N. a S. Bot. Designação de vários arbustos ou árvores pequenas da família das leguminosas, pertencentes ao gênero *Cassia*, algumas medicinais, dotadas de flores amarelas, cujos frutos são vagens, às vezes recurvadas; bico-de-corvo, fedegoso-dos-jardins, feijão-bravo-amarelo, pasto-rasteiro, paramarioba, tararucu. 3. Bot. V. fedegoso-verdadeiro. 4. Bot. V. dartrial.
5. Amaral: Fedegoso. s. m. – nome de um arbusto do campo.

Registro em glossários:

1. Souza: Fedegoso (A) s. Arbusto usado para fazer chá. “*Olha...tinha um tal / tinha o fedegoso...tinha uma artelã...tinha puejo...*” (Entr. 14, linha 161)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Feder. (...). **fedegoso** XV. Do lat. **foeticosus*, formado a partir de **foeticus*, por *foetidus* ‘fétido’. (...). (Cunha, 1986, p. 352).

135. FEJÃO - CATADOR NCm [Ssing + Ssing]

Tem o feijão catador, de corda né J. ? Andu que faz as farofa. (Entrevista 8, linha 364)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Feijão-catador (n/d) s. Tipo de feijão. “...*ai num dá feijão não...só dá feijão-catador...é fava...agora o milho...quando era no quintal [e] tudo...dava milho...*” (Entr. 8, linha 131)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

136. FEJÃO DE CORDA NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

Tem o feijão catador, de corda né J. ? Andu que faz as farofa. (Entrevista 8, linha 364)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Feijão-corda. s. m. O mesmo que *feijão-fradinho*. Feijão de corda. s. m. *Agr.* Planta trepadeira que dá continuamente.
4. Aurélio: Feijão-de-corda. s. m. Bras. Bot. 1. V. *feijão-fradinho*.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

137. FERRUA(R) [V]

Quando eu tava com daqui onde tá ocês aí e eu vi foi tá. Eu tirei o pé e sacudi assim, falei “Ô T. tem um negócio que me ferruô qui”. (Entrevista 6, linha 18)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Ferroar. v. intr. De *ferrão* + *ar*. Picar com ferrão; dar ferroadada em.
4. Aurélio: Ferroar. [De *ferrão* + - *ar*, com desnasalação.] v. t. d. 1. V. *ferretoar*. 2. Dirigir palavras ásperas a; censurar. v. t. d. e c. 3. Ferroar (1). v. int. 4. Dar ferroadadas.
5. Latejar, doer, como que por sofrer ferroadadas.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Ferro. (...) Do lat. *ferrum* -i. (...). **ferr**O·AR 1899. (...). (Cunha, 1986, p. 354).

138. FIA(R) [V]

Ninguém fiava da gente nada aquele tempo. Num tinha fazendero que num fiava da gente nada. (Entrevista 11, linha 205)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Fiar. v. at. (...)§ *Fiar alguma coisa de alguém*: Vender-lhe a credito, havendo a palavra do comprador por empenho da paga. (...).
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Fiar². vb. ‘abonar, afiançar’, ‘confiar’ XIII. Do lat. **fidāre*, por *fidēre*. || (...). (Cunha, 1986, p. 355).

Obs: Arcaísmo

139. FICHILERO Nm [Ssing]

Ferrero. Fichilero. Esses fazedô de trem de lata, né? Fazia aquilo lá do jeitim que tá aqui, uma taça, né? Punha um bicão () pá pô o pavi’. Fazia o pavi’ de agudão. De linha e colocava o azeite e punha fogo. (Entrevista 12, linha 358)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

140. FRAGMENTADIM [ADJ]

Quando ele tava no ponto es tirava do fogo e cabava de secá. Es batia ele, batia ele e aí fazia o açúca. Ele ficava todo fragmentadim. (Entrevista 12, linha 305)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Fragmentado. adj. P. p de *fragmentar*. Partido em fragmentos,

subdividido, truncado.

4. Aurélio: Fragmentar. [De *fragmento* + *-ar*².] v. t. d. 1. Reduzir a fragmentos; partir em pedaços; dividir, fracionar. v. p. 2. Fazer-se em fragmentos; quebrar-se.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Fragmento. (...). | *fragmento* XVI | Do lat. *fragmentum* -i. (...).

141. FRUTA-FEJÃO Ncf [Ssing + Ssing]

No mato tinha o jambo que dava lá pras bera do rio. A gente pegava aqueles jambo, cumia. Cê saía pra buscá lenha tinha aquelas fruta pretinha, fruta-fejão que eles fala, né? Tem fejão. Cumia aquele trem, pegava ele, pegava cada gaião, ducinha. (Entrevista 7, linha 379)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

142. FUÇA(R) [V]

Eu era a mais véia que fuçava pra tratá des e ele saía óia os menino aí, J. Eu ficava, o fejão no fogo numa panelona de ferro e punha lá no fogo. (Entrevista 11, linha 35)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Foçar. Revolver a terra com o focinho, como faz o porco. (...).
2. Moraes e Silva: Foçar. v. at. Revolver cavando com o focinho. (...)
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Fuçar. [De *fuça* + *-ar*².] v. t. d. Bras. 1. V. *fossar* (1 e 2). 2. Fig. Revolver, remexer. (...). 3. Fig. Sondar, bisbilhotar, farejar.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Focinho. (...). Do lat. * *faucinus*, deriv. de *faux* 'garganta' (...). **fuÇAR** XX.

(Cunha, 1986, p. 363).

143. FURADÔ Nm [Ssing]

Naquilo quando eu oiei o sol entrô e o furadô apontô cá. Já tinha dado tiro. (Entrevista 5, linha 383)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Furador. Furadôr. Ferrinho redôdo, & por uma extremidade agudo, para furar. (...).
2. Moraes e Silva: Furador. s. m. Instrumento de ferro, de furar. (...).
3. Laudelino Freire: Furador. adj. Que fura. || 2. Empreendedor.
4. Aurélio: Furador. (ô). [De *furar* + *-dor*.] adj. 1. Que fura. (...). 4. Bras. V. cavador(3)
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Furar. vb. (...). Do lat. *forāre*. (...). **furADOR XIII** || (...). (Cunha, 1896, p. 372).

144. FURQUIA Nf [Ssing]

Cama era de vara. Fincava duas furquia e punha um treveso forrava de vara e...Os cochão era inchido com paia. (Entrevista 3, linha 702)

Então aqui cê pagava uma taba igual essa taba ali, fincava duas furquia lá e e e tampava por cima até, de jeito que a taba pegava aqui, aqui tava a altura, a altura do rio. (Entrevista 12, linha 453)

Bodoque é feito de pau. () A mesma coisa de istilingue só que ele é de madeira. Istilingue era furquia, bodoque é um cordão. (Entrevista 12, linha 544)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Forquilha. He hum páo de três pontas, que serve de tirar a palha mais miúda do trigo, depois de tirada a grossa, lançando na Eira a palha no ar.
2. Moraes e Silva: Forquilha. s. f. . Páo com três pontas de apartar herva miúda na eira, e lança-la ao vento, para a separa do trigo.
3. Laudelino Freire: Forquilha. s. f. . Lat. *furcilla*. Forcado com três hastes agudas, com que se remexe a palha e o mato nos estabelecimentos agrícolas; garfo. (...). 3. Estaca; pau terminado em duas hastes com que se amparam os ramos das árvores, etc. (...).
4. Aurélio: Forquilha. [Do esp. *horquilla*.] s. f. 1. Pequeno forcado de três pontas. 2. Vara bifurcada na qual descansa o braço do andor; descanso. 3. Pau ou tronco bifurcado; forqueta.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Furquia • (A) • Nf [Ssing] • Esp. • Pequeno pedaço de madeira de três pontas. • *É, estaleiro. Acho que era num barranco. E punha umas furquia, sei lá.* (Ent. 1, linha 643)
3. Freitas: Furquia • (A) • Nf [Ssing] • Esp. • Vara bifurcada. • “Num existia arame não

e cerca de tisôra...a cerca de tisôra é o seguinte...aí ês bate as furquia aqui...e ôta aqui e põe o varão” (Ent. 04, linha 424)

Origem: Forca. (...). **forquilha** 1813|| Adapt. do cast. *horquilla*. (Cunha, 1896, p. 364).

145. FUS Nm [Ssing]

Antão eu fiava. O dia que eu imprecava em fazê nuvelo de linha assim eu pegava nessa base de cinco hora. Quando eu ia deitá já tava. A roda tava cheia. O fus da roda tava cheio pá fazê o nuvelo. (Entrevista 2, linha 103)

Eu que eu fiava no fus, né? Tinha o fus de fiá agudão. Antão pegava e colocava no vidro, colocava asism e eu ia fiano. (Entrevista 2, linha 116)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Fuso de torcer linhas. He hum fuso mais grosso em cima, & em baixo, & em cima tem huma rodinha, & na ponta do fuso, que vay por cima da rodinha, tem hum ganchosinho de ferro, ou arame, onde se prendem as linhas, para não escaparem, & se torcerem.
2. Moraes e Silva: Fuso. s. m. Peça de páo roliça grossa na base, que vem afinando-se, e adelgaçando-se para cima. Alguns tem uma ponta de ferro com corte espiral até a ponta, e outros cabecinha nella. Deste instrumento usão as mulheres para torcer o fio, que fião, e enrolá-lo nelle até fazer certa grossura. O fuso de torcer linha, é mais grosso em cima onde tem uma roda, e sobre ella um ganchinho, onde se prende a linha.
3. Laudelino Freire: Fuso. s. m. Lat. *fusus*. Peça de pau roliça que vai adelgaçando para uma das extremidades a ponto de acabar quase em bico, e que serve para fiar e enrolar o fio até formar a maçaroca.
4. Aurélio: Fuso. [Do lat. *fusus*.] s. m. 1. Instrumento roliço sobre o qual se forma, ao fiar, a maçaroca: “Ela dando alguns passos, ...com a sua roca, e fiando, com os dedos tão trêmulos, que o fuso lhe caía na relva.” (Eça de Queirós, Últimas páginas, p. 376). [Aum.: fuseira.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza:Fuso(A) s. Instrumento de madeira, roliço, onde se torce o fio até o mesmo atingir a grossura desejada. “...mamãe punha uma linha...enfiou no fuso /que eu (pus pé num fuso)...eu queromandar fazer um fuso assim pra mim...” (Entr. 6, linha 316)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas:Fuso• (A) •Nm [Ssing]• Lat> Port. • Instrumento de madeira, roliço, onde se torce o fio até o mesmo atingir a grossura desejada. • “Era a roda aí antão cê ia com o gudão pra roda mais se eu fô contá a história é muito complicado sabe aí tem que levá pra roda e a roda tem o fuso cê tem que colocá a linha ali e agora funcioná a roda então agora a fiadêra vem e vem sortano o gudão assim e fiano” (Ent. 4, linha 12).

Origem: Fuso. s. m. ‘instrumento roliço sobre que se forma a maçaroca ao fiar’, (...). XV. Do lat. *fusus*, -i. (...). (Cunha, 1986, p. 373).

G

146. GABINA Nf [Ssing]

Ela tinha o lugá do povo fica e a gabina do motorista. Era separado porque senão quando... (Entrevista 5, linha 367)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Cabina. s. f. Fr. *cabine*. Pequeno compartimento para passageiros em navios mercantes; camarote.
4. Aurélio: Cabina. [Do fr. *cabine*.] (...). s. f. 7. Pequeno compartimento; cubículo.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Cabine. s.f ‘compartimento, boxe, guarita’ | XX, -na XX | Do ing. cabin, deriv. do fr. *cabine*|(...). (Cunha, 1986, p. 131).

147. GAMELA Nf [Ssing]

Tomava banho...no quê? (rs) Na gamela. Nem bacia tinha, na gamela. Tinha a gamela que a gente usá e tinha a gamela de pé. Eles falavam assim “essa daqui é a gamela de pé. É a gamela de tomá banho”. Punha lá e tomava. (Entrevista 1, linhas 139 e 140)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Gamella. Vaso de pao concavo, ou tronco vasado, comprido em que comem os porcos. ||gamella também he outro vaso de pao cavado em redondo, largo, & pouco fundo, em que as molheres costumaõ trazer maõs de carneiro.
2. Moraes e Silva: Gamella. s. f. . Vaso de páo como alguidar, ou cõncavo por igual em redondo para banhos, ou lavar o corpo; para dar de beber as bestas, &c. Laudelino Freire: Gamella. s. f. . Lat. *camella*. Vasilha em forma de tigela muito grande ou alguidar, ordinariamente de madeira, em que se dá a comer aos porcos e outros animais, e serve também para banhos, lavagens e outros fins.
3. Aurélio: Gamela². [Do lat. vulg. **gamella*, clásss. *camella*, ‘certo vaso de madeira’.] s. f. 1. Vasilha de madeira ou de barro, com a forma de alguidar ou de escudela grande, us. para lavagem (4) e/ou para dar comida aos animais domésticos.
4. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Gamela(A) s. Utensílio, geralmente de madeira ou barro, em forma de tigela, usado para lavar alimentos ou mesmo para servi-los. ” () lá na parambeira/o machado tenho / pracortar madeira / pra fazer gamela pra vender na feira/ pra comprar sapato pra dançarrancheira...” (Entr. 6, linha 136)
2. Ribeiro: Gamela • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Utensílio, geralmente de madeira ou barro, em forma de tigela, usado para lavar alimentos ou mesmo para servi-los. • PESQ.: *Cortava a árvore? INF. 2: Fazia uma gamela lá.* (Ent. 1, linha 419)

3. Freitas: Gamela• (A) •Nf [Ssing]• Lat> Port. • Utensílio, geralmente de madeira ou barro, em forma de tigela, usado para lavar alimentos, para servi-los ou até mesmo para tomar banho. • “No torcê a massa aquela água vai...o purví vai assentano ô numa gamela ô no tacho que parô ea o pruví vai assentano...no fundo” (Ent. 01, linha 156).

Origem: Gamela. s. f. ‘espécie de alguidar feito de madeira’ XIII. Do lat. *camella*, dimin. de *camera* ‘vaso para beber’. (...). (Cunha, 1986, p. 377).

148. GANGORRA Nf [Ssing]

Tinha um canalão. { }Na gangorrinha. Isso foi na Gangorrinha. (Entrevista 3, linha 25)

Que a gente pegava bizerro, né? Então... e a gente vinha de pé, de lá da Gangurrinha. (Entrevista 3, linha 128)

Ela morava fora da Gangurrinha, nota grotá. (Entrevista 3, linha 177)

Mas também tinha dia que eu socava o mi hoje, hoje eu ganhava minino. Na gangorra ainda. Torrava farinha e tudo. (Entrevista 7, linha 197)

A farinha de mi gente fazia, mas mandava pra quem tinha gangorra fazê. Lá ne Gangorra que eles fazia farinha, torrava, fazia farinha. (Entrevista 8, linha 44)

Juntava aquela turma pá tomá banho. Tinha uma gangorra lá e lá na gangorra o povo fazia farinha lá na gangorra do o to lado e nós ia aproveitava e tomava banho todo dia de lá, né? (Entrevista 8, linhas 211 e 212)

Tinha um muim, gangorra. (Entrevista 8, linha 215)

Aqui () eu morava ocê num conhece não. Xará é capaz que conhece. Eu morava ne Gangorra. Hoje em dia trata é José Gonçalves de Minas. (Entrevista 9, linha 3)

Não. Lá Gangorra é município de Berilo. (Entrevista 9, linha 9)

Agora eu morava num coigo deferente que era município de Chapada, mas tudo pertim de Gangorra. (Entrevista 9, linha 10)

A irmã minha ainda tem aí na mora ne Gangorra. Mas num tem nenhum ne Gangorra. Eu fiquei sozim lá. (Entrevista 9, linha 20)

Morava na Gangurrinha. (Entrevista 10, linha 9)

Na Gangorrinha onde que é isso? (Entrevista 10, linha 10)

Era na Gangorrinha memo uai. (Entrevista 10, linha 20)

Eu tava na Gangorrinha. (Entrevista 10, linha 346)

J. da Gangorra que morava mais cumade G. Cumade A. (Entrevista 12, linha 34)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Gangorra. s. f. Trave apoiada no meio por um espigão, e em cujos extremos os rapazes cavalgam por divertimento. (...). || 2. Armadilha para apanhar animais bravios; espécie de curral de entrada fácil e saída impossível para pega de pequenos animais. (...).
4. Aurélio: Gangorra¹ (ô). [De or. incerta.] s. f. Bras. 1. Aparelho para diversão infantil: uma tábua apoiada num espigão, sobre o qual gira horizontalmente, ou oscila, ocorrendo que, neste caso, as crianças montam as extremidades, que sobem e descem alternadamente; arre-burrinho, burrica, coximpim, jangalamarte, jangalamaste, João-galamarte, zangaburrinha, zangaburrinho. 2. Engenho manual, primitivo, de cana-de-açúcar, constituído tão-somente por dois rolos de madeira entre dois esteios verticais. 3. Bras. PI CE Armadilha para apanhar animais bravios. 4. Bras. PB Engenho de madeira usado pelos pequenos lavradores para fabricar rapadura. (...). 6. Bras. MG Curral de entrada fácil e saída impossível, para pega de pequenos animais.

5. Amaral: Gangorra. s. f. - aparelho conhecido, de que usam meninos para se divertir. Consiste num pau colocado transversalmente no topo de um outro e girando sobre este, preso por um espigão ou por um prego servindo de eixo. | É t. espalhado pelo sul do Br. No Piauí, seg. B. - R., designa uma armadilha de caça.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Gangorra. s. f. ‘orig. tipo primitivo de engenho de cana-de-açúcar’ ‘aparelho para divertimento infantil, que consiste numa táboa apoiada num espigão, sobre o qual gira horizontalmente XVI. De orig. obscura. (Cunha, 1986, p. 378).

149. GARAPA Nf [Ssing]

Uai. Rapadura é por a garapa pra limpá. (Entrevista 4, 109

Eles fazia é muía a cana. Quando a garapa via iscumano no tacho punha mutamba até quando es parava tinha que por azeite e ai dispejava quando dava ponto, dispejava na massera e ia bateno. (Entrevista 4, linha 114)

Hora que secava tirava aquele e jogava mais cana. Hora que secava era de novo, fazia de novo e tirava a garapa iscurria na bica e saia lá no poço, lá na varanda. (Entrevista 7, linha 68)

Uai. O açúcar a gente faz, a rapadura a gente fazia punha a garapa no tacho, limpava e batia o tacho até secá. (Entrevista 8, linha 25)

O açuca é assim de jeito que a rapadura a gente tem que apurá a garapa. Agora quando tá aquele melado dá ponto agora a gente põe tinha o cocho de pô aquele melado e vai mexeno até ele ficá no ponto de ingradável. (Entrevista 9, linha 41)

Tinha ano que as laigata comeu ou o sol, todo mundo tinha, todo mundo tinha cana, tinha o ingem que atravessava assim cortava a cana e chegava aqui e tocava o garapão lá pra bebê garapa, cumê melado. (Entrevista 11, linha 124)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Garapa. s. f. Bebida feita de calda, ou melaço com água, e limão no Brasil.
3. Laudelino Freire: Garapa. s. f. Bebida refrigerante que se extrai da cana de açúcar.
4. Aurélio: Garapa. [Der. regress. do esp. *garapiña* < esp. *garapiñar*, ‘solidificar um líquido, de modo a formar grumos’.] s. f. Bras. (...). 4. O caldo da cana, quando destinado à destilação.
5. Amaral: Garapa, Guarapa. s. f. - caldo de cana de açúcar. | É também corrente no Norte do Br., com ligeiras variantes. Parece que a idéia central é a de bebida melosa. Em Angola, seg. Capelo e Ivens, citados por B. - R., designa uma espécie de cerveja de milho e outras gramíneas. O fato de ser o t. conhecido há séculos no Br., e também na África, parece indicar que é de importação lusitana. Talvez originado do fr. *grappe*, ou do it. *grappa*. Garcia, seguindo a B. Caetano, dá-lhe étimo tupi-guarani.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Garapa • (A) • Nf [Ssing] • Cont. • Bebida proveniente da cana-de-açúcar. • *Chegava de madrugada () ficava pono o cavalo no ingenho, um punha a cana e o oto*

tocava o cavalo. Chegava manhecia o dia aquela caxa grande cheia de garapa. Punha nas caxa e ia apurá! (Ent. 5, linha 320).

3. Freitas: Garapa• (A) •Nf [Ssing]• cont. • O sumo da cana usado como bebida e para produção de derivados da cana. • “*Oiava debaxo da fornáia aquês trem véi tudo que tinha aqueas bagacêra vêia dento da fornáia de cuzinhá garapa aquês trem véi tudo*” (Ent. 04, linha 362)

Origem: Garapa. s. f. ‘Bebida formada pela mistura de mel ou açúcar com água’ ‘o caldo de cana’ XVI. De origem controversa. Em 1638, em carta escrita da Bahia, lê-se: “Vinho de assucar [=aguardente de cana-de-açúcar] a q cá chamão garapa [...]”.... (Cunha, 1986, p. 378).

150. GARAPÃO Nm [Ssing]

Tinha ano que as laigata comeu ou o sol, todo mundo tinha, todo mundo tinha cana, tinha o ingem que atravessava assim cortava a cana e chegava aqui e tocava o garapão lá pra bebê garapa, cumê melado. (Entrevista 11, linha 124)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Garapa. s. f. ‘Bebida formada pela mistura de mel ou açúcar com água’ ‘o caldo de cana’ XVI. De origem controversa. Em 1638, em carta escrita da Bahia, lê-se: “Vinho de assucar [=aguardente de cana-de-açúcar] a q cá chamão garapa [...]”. (Cunha, 1986, p. 378).

151. GARRAFADA Nf [Ssing]

Fazia o chá e dava pra ela. E ela miorava. Foi ino até. Depois o último remédio que ela tomô foi garrafada. (Entrevista 2, linha 24)

Cê alembra não, né? Um J. L. que morava ali na ...Na Quexada. Acho que é Quexada, num sei. Chama Quexada. Aí ela tomô garrafada lá, mas já tava perto de morrê. (Entrevista 2, linha 27)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Garrafada. s. f. . (...) || 3. Beberagem que os curandeiros preparam e vendem às garrafas.
4. Aurélio: Garrafada. [De garrafa + -ada¹.] s. f. (...). 2. Medicamento líquido contido em uma garrafa. (...) 4. Bras. Beberagem de curandeiro aplicada como remédio.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Garrafa. (...). Do ár. *garrāf*. (...). **garraf**ADA 1873|| (...). (Cunha, 1986, p. 379).

152. GATO DE JABUTIRICA NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

É que de primero cê fazia medo do cê andá no meio do mato desse sozim. Gato de jabutirica. Vixi! (Entrevista 5, linha 349)

Gato de jabutirica. (()) Era inraçado a onça. O gato de jabutirica se ele tiver infezado que ocê topá qu'ele cê tem que corrê. (Entrevista 5, linha 351)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Jabutirica. s. f. . Felino selvagem.
4. Aurélio: Jaguatirica. [Do tupi.] s. f. Bras. Zool. 1. Mamífero carnívoro fissípede, felídeo (*Pantera* [*Jaguarius*] *pardalis*), que atinge cerca de 85 cm de comprimento e 40cm de altura. Cor ruivo-amarelada, com manchas redondas orladas de preto; na nuca apresenta cinco ou seis estrias pretas. Ocorre em todo o Brasil e América meridional; vive em matas e banhados, e alimenta-se de aves e pequenos mamíferos.
5. Amaral: Jaguatirica s. f. - espécie de onça pequena (“*Felis mitis*”). | Tupi.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Híbrido – Port. + ind. Jaguatirica s. f. ‘Gato-do- mato’| *jaguatarica* 1772| Do tupi **iaüati’rika* <*ia’üara* + *ti’rika* ‘ruído de estalo’. (...). (Cunha, 1986, p. 452).

I

153. IMBIGO Nm [Ssing]

Hoje eu tô essa sonsa aqui, mais eu alembro disso tudo. Eu comia imbigo de banana, angu de banana. (Entrevista 11, linha 98)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Umbigo. Embigo. Vid no seu lugar. O primeiro parece mais próprio pela analogia, que tem com *umbilicus*, que em latim significa o mesmo. Porém o uso he por embigo.
2. Moraes e Silva: Umbigo. V. *embigo*, como se diz ordinariamente.
3. Laudelino Freire: Umbigo. “s. m. Cicatriz no meio do ventre, originada pelo corte do cordão umbilical. ”
4. Aurélio: Umbigo. [Do lat. *umbilicu*, pela f. **umbiigo*.] s. m. 1. Anat. Cicatriz no meio do ventre, originada pelo corte do cordão umbilical. 2. Bot. Formação mais ou menos desenvolvida que se nota no centro e na base de certos frutos, como, p. ex., a laranja-da-baía.
5. Amaral: Imbigo. s. m. || Embigo é forma popular antiga, usada literariamente até que se

introduziu “umbigo”, mais chegada à latina.

Registro em glossários:

1. Souza: Imbigo(n/A) s. Cicatriz produzida pelo corte do cordão umbilical. Variante antiga de umbigo (Umbigo > imbigo – caso de assimilação). “...quando eles cortava *imbigo* a gente fazia eraazeite... () pra passar no *imbigo*...e era assim...aí com três dia...quatro...o *imbigo* caía. . ” (Entr. 9, linha 123)
2. Ribeiro: Imbigo • (n/A) •Nm [Ssing]• Lat. • Cicatriz produzida pelo corte do cordão umbilical. Variante antiga de umbigo (Umbigo > imbigo – caso de assimilação). • *Aí fazia tamém um de pô no imbigo/redondinho/vai as tirinha por riba/sabe como a mãe fazia aquilo/fazia pos quarto iscondida. Enfiava de baixo da cama. Óia o tanto que nós era bobo.* (Ent. 1, linha 575)
3. Freitas: Imbigo• (A) •Nm [Ssing]• Lat> Port. • Depressão cutânea localizada no centro do abdômem. O mesmo que umbigo. • “O menina mais num tem muitos ano que ea morreu... (T...) cortô o *imbigo* do (L...) que ti (M...G...) quebrô o braço e num pode vim assim mesmo ea brigô de ciúme que os premero é pirigoso” (Ent. 06, linha 146)

Origem: Umbigo. s. m. ‘cicatriz no meio do ventre, originada pelo corte do cordão umbilical’ | XVI, *embiigo* XIII, *ynbiigo* XIV, *embijgo* XIV etc. | Do lat. *umbilicus* –i. ” (Cunha, 1986, p. 802).

Obs: Arcaísmo

154. IMBOICA(R) [V]

Agora se tivesse o moi... Aí se tivesse carne punha tamém e levava e imboicava os prato nem nem nada punha não. Botava o prato assim por cima e punha dento do balaio. (Entrevista 7, linha 281)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Emborcar. Entornar. (...).
2. Moraes e Silva: Emborcar. v. at. Voltar o vaso com a boca para baixo. (...).
3. Laudelino Freire: Emborcar. v. r. v. De *em* + *bôrco* +*ar* . Virar de fundo para o ar. (...).
4. Aurélio: Emborcar. [De *em*-² + *borcar*.] v. t. d. 1. Pôr de boca para baixo, virar de borco (uma vasilha, uma canoa, etc.). (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Revolcar . vb. (...) Do lat. vulg. * *revolvicare*, de *řevölvěre*. (...) **emborcar**| *emborcar* XIV, *embrocar* XV. (...). (Cunha, 1986, p. 683).

155. IMBORNALADA Nf [Ssing]

Tinha hora que a gente ia pra lá numa hora a gente pegava uma imbornalada de lambari, três, quatro quilo de lambari, baigue. (Entrevista 3, linha 308)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Embörnál, ou Ambörnäl. s. m. Saco, em que se dá cevada, ou milho às bestas, mettendo-lho o focinho. (...).
3. Laudelino Freire: Embörnäl. s. m. De *em* + *börnäl*. Saca em que se dá cevada ou milho às bêstas, para o que se lhe prende em tórno da bôca; cevadeira. (...).
4. Aurélio: Embörnäl!. [De *em*-²+ *börnäl*.] s. m. 1. Saco que se põe no focinho das bestas; cevadeira, börnäl. 2. Bras. Saco ou bolsa, ger. usada a tiracolo, para transportar alimentos, ferramentas, etc. ; börnäl.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Embörnazada • (n/d) • Nf [Ssing] • Embörnäl cheio ou quase de qualquer conteúdo. • *É...eucalipero. Oto dia até peguei uma embörnazada. Veio num sábado aqui. Falei —oh, vô pegá aí, o que as arve tivê. ‖ Parece que tá semo bão a ().* (Ent. 13, linha 107)
3. Freitas: n/e

Origem: Börnäl. s. m. ‘Saco de pano utilizado para transportar provisões, ferramentas etc.’ 1813. De origem incerta || **EMbörnäl** 1813. (Cunha, 1986, p. 119).

156. IMBURANA Nf [Ssing]

Aí eu ia, ela bocô. Eu sacudi e ela caiu lá. E eu virei a mão prá trás assim ó, achei a enxada que eu tava asseano ao redor da casa e já vi o sangue saino lá e ela entrô debaixo duma árve que se chama baspo, imburana, quê dizê. (Entrevista 6, linha 22)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Imburana. s. f. . Árvore do Brasil, da família das burseráceas, também chamada *umburana* (*Bursera leptophleos*). (...).
4. Aurélio: Imburana. [De *imbu* + *-rana*.] s. f. Bras. Bot. 1. Pequena árvore da caatinga, muito esgalhada, da família das burseráceas (*Bursera leptophleos*), de folhas penadas, com folíolos aromáticos, flores muito pequenas, fruto oleífero, comestível quando bem maduro, e madeira branca e dura, utilizável em carpintaria e construção; imburana-vaqueira.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Imbu. s. m. (...). || **imbuRANA** em- 1874 | Do tupi * *imu'rana* < *imu* + *'rana*

‘semelhante’. (...). (Cunha, 1986, p. 426)

157. IMPENHA(R) [V]

Tinha um moço aqui dos T., o T. Tinha um fejoal lá e ele impenhava eu e ele combinava demais comigo. Foi arrumá ieu pá ajudá a rancá aquele feirão lá numa grota infeliz que tem ai atrás. (Entrevista 6, linha 12)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Empenhar. Deyxar, ou dar em penhor. (...).
2. Moraes e Silva: Empenhar. v. at. Dar alguma coisa em penhor. § fig. *Empenhar a palavra, a fé*; obrigá-la alguém por promessa. § *Empenhar alguém em alguma coisa*; fazer com que tome sobre si, se encarregue della, se metta nella (...).
3. Laudelino Freire: Empenhar. v. r. v. De *empenho* + *ar*. (...). 4. Ter interêsse ou empenho no êxito de alguma cousa; diligenciar conseguí-la (...). 5. Comprometer, obrigar por promessa. (...).
4. Aurélio: Empenhar. [De *em*-² + port. ant. *peño, penho* (< lat. *pignu*) + *-ar*.] v. t. d. 1. Dar em penhor; hipotecar, empenhorar. 2. Empregar, aplicar com diligência. 3. Comprometer, obrigar por promessa. 4. Atrair, dominar; tomar. v. t. d. e i. 5. Forçar, compelir, impelir. 6. Empregar, aplicar. 7. Bras. Econ. Efetuar empenho (7). v. p. 8. Endividar-se, dando penhor. 9. Pôr todo o empenho (4); fazer toda a diligência. 10. Ficar obrigado por compromisso ou promessa.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Empenhar. vb. ‘dar em penhor, hipotecar’ XVII. Do lat. tardio * *impignāre*. (...). (Cunha, 1986, p. 293).

158. IMPRENSA(R) [V]

Era muito porco. Só nos mangueiro. No chiqueiro tinha muito. Aí a gente esqueceu quê pai mixia com muita farinha, né? Muita. Aí ele... ele esqueceu a ... debaixo da prensa. Era... quê... imprensava a massa a água curria debaixo da prensa, né? (Entrevista 3, linha 75)

Era. E uma, uma. Imprensava e a água curria. Foi a noite que ele imprensô, né? E esqueceu de apará a água. A água desceu no mangueiro matô, matô a porcajada toda. (Entrevista 3, linha 78)

Trabaiava, moça. Ieu, quando pai morreu, eu tava com doze ano eu com doze ano eu torrava farinha, tocava roda, né? Pá pudê fazê coisa, pá pudê imprensá e fazê coisa. (Entrevista 7, linha 110)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Imprensar, ou Emprensar. Apertar na prensa. (...).
2. Moraes e Silva: Imprensár. v. at. Apertar na Prensa.
3. Laudelino Freire: Imprensar. v. tr. dir. De *imprensa* + *ar*. Apertar no prelo. || 2. Imprimir. || 3. Apertar muito; apertar como numa prensa.
4. Aurélio: Imprensar. [De *imprensa* + *-ar*.] v. t. d. (...). 2. Apertar à maneira de uma

prensa; apertar muito.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Imprimir. vb. (...)Do cast. *imprenta*||**imprensar** 1813. (...). (Cunha, 1986, p. 428)

159. IMPRETA(R) [V]

É pá num dexá a fumaça. No fugão de lenha pra num dexá a fumaça impretá a rapadura. Tinha vez que... O açúça. O açúca dexava na forma. O açúca. { } (Entrevista 12, linha 135)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

160. INCANADINHA [ADJ]

Eu fui lá e peguei essas três pedra aí quando eu pus essas três pedra aí eu falei “ Agora tem que pô es perto de mim porque a hora que eu mandá uma eu mando tudo incanadinha tam tam tam quê uma que num acertá eu cabo de matá de muleta”. (Entrevista 5, linha 327)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Encanado. Columna *encanada*. A que tem humas rayas, a modo de meios canudos, concavos, § convexos. (...). Encanado. Rio *encanado*. O que leva as suas agoas pelo seu canal. (...)
2. Moraes e Silva: Encanado. P. passado de Encanar. Que vai pelo canal. (...).
3. Laudelino Freire: Encanar. v. r. v. De *en* + *cano* + *ar*. (...). Fazer seguir determinada direção. (...).
4. Aurélio: Encanar¹. (...). 2. Abrir raias longitudinais em (uma coluna).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Cana. s. f. (...) Do lat. *canna*, deriv. do gr. *kánna*. (...) **EncanAR** XVII. (...).

(Cunha, 1986, p. 145).

161. INCARBA(R) [V]

Subia em cima de teiado to contano aqui subia em cima de teiado e travava os muro de uma casa, incarbá e inripava e ribuçá e tudo. Dava trem de um jeito. (Entrevista 5, linha 204)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

162. INCESTA(R) [V]

Fazia. Socava mamona e punha ...e punha no fogo. Incestava cinza. Punha a cinza num ...num negócio lá. Fazia tipo uma arapuca. Ota hora tirava uma na lata e furava. (Entrevista1, linha 148)

O sabão a gente quebrava a mamona, cascava, punha na panela, incestava a cinza. Buscava a cinza onde é que tinha e saia pro mato pra fazê coivara pá pudê... (Entrevista7, linha 170)

É o que eu tô falano com ocê. Quebrava a mamona, discascava tudo. Umas duas medida ô três. Punha lá na panela conforme o tamanho da panela. Aí tirava as foia de bananera, se num tivesse eu mesmo fazia o banguê de incestá cinza. Furava os buraco no chão, fíncava os toco e ia inrolano os cipó. (Entrevista 7, linha 326)

É a mesma coisa. Põe, fazia a dicuada e incestava a cinza no cesto. { }Punha a cinza num balaio aí e punha água, pingava aquela dicuada. (Entrevista 8, linha 233)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

163. INCHUMENTO Nm [Ssing]

A casa que eu morava primeiro era de inchumento. Era de taipa que chama hoje, né? Inchumento. Punha os inchumento e aí batia barro. Era taipa que chama hoje, né? E nós tratava era casa de inchumento, né? (Entrevista 3, linhas 206 e 207)
Ela é de inchumento? (Entrevista 8, linha 120)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).**164. INDÉ** [ADV]

Depois que a gente pegô a trabaiá, que todo mundo pegô a trabaiá aí cumeçô a melhorá um pouco, né? Ele tinha muito porco. Indé um dia mesmo ele tinha uns sessenta porco. (Entrevista 3, linha 71)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).**165. INFEZADO** [ADJ]

Gato de jabutirica. (()) Era inraçado a onça. O gato de jabutirica se ele tiver infezado que ocê topá qu'ele cê tem que corrê. (Entrevista 5, linha 351)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Enfezar (Termo do vulgo) Enfadar muyto. Encher de cólera. *Movere alicui bilem. Cic. Alicui stomachum movere. Plin.*
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Enfezado adj. 2. Aborrecido, irritado.
4. Aurélio: Enfezado. (...). adj. 2. Fig. Irritado; impertinente. 3. Fig. Aborrecido,

amolado, irritado.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: Enfezado • (A) • [Adj]• desc. • Bravo, arredio. • “*É quebrô meu nariz eu fui e fiquei enfezado demais da conta quebrei a cara dele*” (Ent. 02, linha 171)

Origem: Enfezar. vb. ‘irritar-se’1813. De etimologia desconhecida ||**enfezADO** XVII. (Cunha, 1986, p. 298).

166. INFILUDEDO Nm [Ssing]

Quando era tempo de disagua tinha tudo quanto é fruta. É. Era goiaba. Era infiludedo. Era tudo quanto é coisa assim de fruta. (Entrevista 9, linha 172)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

167. INGEM Nm [Ssing]

Lá onde que o sinhô morava, o pai do sinhô só mexia com...num tinha ingem de cana não? (Entrevista 3, linha 398)

Tinha. Tinha ingem. Ingem de, de, de três moenda. Tocada a boi, sabe? 3, 401

Ele não tem mais ingem não. Quem faz rapadura é o véi G. Quando ele começa com cana. (Entrevista 4, linha 104)

É ingem de pau. Vai mueno. (Entrevista 7, linha 62)

Alembro. Era no ingem de pau. Tem três muenda. Ficava dois. Duas pessoa. Um daqui e o to de cá. Dentro tinha o tabuado, né? E punha o boi pá rodá. (Entrevista 7, linha 64)

Ele tinha ingem, tinha burro. Acabô com tudo com a doença de minha mãe. (Entrevista 11, linha 102)

Tinha ano que as lagaita comeu ou o sol, todo mundo tinha, todo mundo tinha cana, tinha o ingem que atravessava assim cortava a cana e chegava aqui e tocava ó garapão lá pra bebê garapa, cumê melado. Num faltava nada. (Entrevista 11, linha 123)

Num pricisava de boi de ninguém. Ele tinha os boi. Tinha os muedô tudo certo. Ingem tudo de pau, ingem antigo. (Entrevista 12, linha 140)

O ingem ficava limpim. Todo dia es arrumava tudo. Num dexava. O ingem ficava. Em roda do ingem es jugava água no ingem pra num dá puera. (Entrevista12, linhas 147 e 148)

Ma as cana um mucado era pertim do ingem. A maioria era perto do ingem. (Entrevista 12, linha 151)

Quando eu cresci, já tomei um tamanho aí de doze o treze ano eu já carregava cana pro ingem. (Entrevista 12, linha 153)

Mais a vêia se fosse o ingem dela, que num é Z. num tinha dado o... (Entrevista 12, linha 658)
...eu num tomei prejuízo que eu fiz muita cachaça lá, mas o único problema de Z. é que ele num dexava a gente arrumá o ingem. Num dexava mesmo. Que pôs P., até M. de P. alejado, o ingem. Pôs Z. de G. Z, Z. nós teve que pagá o tratamento dele, do dedo dele. (Entrevista 12, linha 660)

É. Lá no ingem. () falava com ele pá arrumá o ingem direito que lá “ Esse trem tá bambo. ” (Entrevista 12, linha 665)

Todo mundo chegava ne mim e falava “ Uai, moço! ()Cê cortá cabelo e mexê com coro é mió pro cê. ” Eu falava com es “ Uai. Muié tratô cumigo pra tomá conta desse ingem. ” Os oto tava largano, cachaça tava boa de preço. (Entrevista 12, linha 668)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Engenho. (...). Engenho de açúcar. (...).
2. Moraes e Silva: Engenho. s. m. (...) Máquina. (...).
3. Laudelino Freire: Engenho. s. m. Lat. *ingenium*. 10. Estabelecimento agrícola, destinado à cultura da cana e fabricação do açúcar.
4. Aurélio: Engenho. [Do lat. *ingeniu*.] Substantivo masculino. (...). 7. Bras. Moenda (1) de cana-de-açúcar. 8. Bras. Estabelecimento agrícola destinado à cultura da cana e à fabricação do açúcar.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: Engem• (A) •Nm [Ssing]• Lat> Port. • Aparelho para moer cana de açúcar; moenda. “Quano manheceu papai disse “ó vai lá na casa do (A..) e eu vô cortá o pau ali pa fazê ôto engem que nós tá com cento e oitenta quilo que cana no engem”” (Ent. 02, linhas 194 e 195)

Origem: Engenho. s. m. ‘máquina’ oficina’|XIV, *engeo* XIII, *engeyo* XIII, *engeno* XIV| Do lat. *ingenium*. (...). (Cunha, 1986, p. 299).

168. INGROSSADO Nm [Ssing]

Fubá cumia também. Angu. Ingrossado, angu, mingau na hora da merenda. Era assim. Mingau com leite. Punha leite no, punha o fubá no leite e fazia os mingau. Era cada paneladão nego comia até dizê chega. (Entrevista 3, linha 763)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Grosso. (...). Do lat. *grössus*. (...) EN**gross**ADO XVI. (...). (Cunha, 1986, p. 396).

169. INLUGA(R) [V]

Eu sofri demais. E sofrê mais dipois, com minha sogra. Meu pai morreu e já tava cuidano dele, né? Laigui minha casa e passei pra casa dele. Inluguei a dele. (Entrevista 11, linha 237)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Alugar. Tomar por aluguel. (...). Alugar dar em aluguel. (...). Causa que huma pessoa aluga para si. (...)
2. Moraes e Silva: Alugár. v. at. Dar alguma coisa em aluguel. § Tomar a coisa para usar della por certo preço. (...).
3. Laudelino Freire: Alugar. v. r. v. De *a* + lat. *locare*. Dar de aluguel. (...). 2. Tomar de aluguel. (...).
4. Aurélio: Alugar. [De *a*-2 + lat. *locare*, por via popular.] v. t. d. 1. Tomar por aluguel. 2. Dar de aluguel; locar. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Alugar. vb. ‘ceder (ou tomar) mediante pagamento, por algum tempo, um imóvel, um objeto etc. ‘arrendar’ XIII. Do lat. (*ad-*) *locāre*, de *lōcus* ‘lugar’. (...). (Cunha, 1986, p. 36).

170. INRIPA(R) [V]

Subia em cima de teiado to contano aqui subia em cima de teiado e travava os muro de uma casa, incarbá e inripava e ribuçá e tudo. Dava trem de um jeito. (Entrevista 5, linha 204)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Enripar. [De *en*-2 + *ripa* + *-ar*.] v. t. d. Bras. 1. Colocar as ripas de (um telhado).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

171. INTANCADA [ADJ]

Mas é hoje. Aqui no alambique era um real e pouco. (()) Aqui es tem cachaça intancada aqui. Cê vendê cê acha um real e pouco, um e cinquenta no lito. (Entrevista 12, linha 675)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Entancar. v. r. v. De *en* + *tanque* + *ar*. Lus. Formar tanque ou represa (falando da água pluvial ou corrente) (*intr*). || 2. Represar em tanques, empoçar. (*tr. dir.*).
4. Aurélio: Entancar. [De *en*-²+ *tanque*¹ + *-ar*².] v. t. d. Bras. 1. Represar (água).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

172. INTANCA(R) [V]

Num falei com es não. Eu já tinha pegado uma foinha. Aí pus aí. O sangue intancô, né? (Entrevista 1, linha 337)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Entancar. v. r. v. De *en* + *tanque* + *ar*. Lus. Formar tanque ou represa (falando da água pluvial ou corrente) (*intr*). || 2. Represar em tanques, empoçar. (*tr. dir.*)
4. Aurélio: Estancar. [De or. controvertida.] v. t. d. 1. Impedir o corrimento de (um líquido); vedar, deter; estagnar. 2. Pôr fim a; fazer cessar. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

173. INTRIVALO Nm [Ssing]

A vez pai ía. Naquele intrivalo a gente ficava cumeno sem gurdura, né? (Entrevista 3, linha 59)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Entrevallo. Vid. Intervallo.
2. Moraes e Silva: Entrevallo. V. *Intervallo*, como se diz.
3. Laudelino Freire: Intervalo ou Intervallo. s. m. (...). 7. Espaço de tempo entre duas

épocas, entre dois fatos, entre as partes dum espetáculo. (...).

4. Aurélio: Intervalo. [Do lat. *intervallu.*]. s. m. (...). 3. Espaço de tempo entre dois fatos, duas épocas.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Intervalo. s. m. ‘espaço entre dois pontos, intermitência’| *antrevallo* XIII, *ontrevallo* XIV| Do lat. *intervallum.* (...) . (Cunha, 1986, p. 442).

174. INVARA(R) [V]

Dento de casa. Tava invarano casa mais meu véio. Invarano casa quando eu vi o movimento aí “Vamo embora pra casa. ” Nóis saiu correno. Num ficô uma hora eu ganhei a minina. (Entrevista 11, linha 186)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Envarar. v. tr. dir. De *en* + *vara* + *ar*. Colocar varas ou ripas, horizontalmente, prendendo-as por meio de pregos, já por atilhos, aos enxaméis de (casas de taipa), ou estacas de (cêrcas).
4. Aurélio: Envarar. [De *en*⁻² + *vara*¹ + *-ar*².] v. t. d. 1. Colocar varas, ou ripas, horizontalmente, prendendo-as, quer por meio de pregos, quer por atilhos, aos enxaiméis das casas de taipa, ou às estacas das cercas.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

175. INZAME Nm [Ssing]

Hoje tá com oito dia que eu vim ali ó. Cheguei a falá cocê que ia fazê meus inzame. Tava com meus inzame tudo. (Entrevista 4, linha 72)

Cheguei hoje tá com oito dia que dotor M. falô “seus inzame, cê num sente nada. (Entrevista4, linha 73)

Eu levantei e sacudi a cuberta assim. Tava como um ispinzim aqui. O dia que os méico vier aí eu vou fazê inzame. (Entrevista 11, linha 300)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Exame. Exâme. Prova, que se faz para conhecer as qualidades de hum sogeito. Exame se faz das letras, sufficiência, boa fama, bons costumes, &c.
2. Moraes e Silva: Exame. s. m. O acto de examinar; ou ser examinado. § Averiguação; verificação. (...).

3. Laudelino Freire: Exame. s. m. Lat. *examen*. Consideração, investigação, análise ou pesquisa atenta e minuciosa das circunstâncias de alguma cousa. (...).
4. Aurélio: Exame. (z). [Do lat. *examen*.] s. m. 1. Ato de examinar; interrogatório.
2. Prova a que alguém é submetido e pela qual demonstra sua capacidade em determinado assunto ou matéria. 3. Inspeção, revista, vistoria. 4. Investigação, pesquisa, observação ou análise dalguma coisa, dum fato. 5. Med. Observação minuciosa feita pelo médico, para avaliar o estado de saúde física e mental de um indivíduo.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Exame. (...). || **exame** | *jsame* XV | Do lat. *exāmen –īnis*. (...). (Cunha, 1986, p. 340).

176. ISBAGAÇA(R) [V]

Quando eu pus a derradera que ele deu corpo vem eu sapequei e tam tam e ele aaam e eu pam. Aí eu fui na cabeça dele com a muleta e agora isbagaçei ela toda e falei “ O quê?”. Até hoje eu num vortei lá mais que eu cismeí falei “ Não, num vô andá mais dentro desses mato sozim não. ” (Entrevista 5, linha 332)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Esbagaçar. v. tr. dir. Lus. Partir em pedaços; esfacular. || 2. Reduzir a bagaço.
4. Aurélio: Esbagaçar. [De *es-* + *bagaço* + *-ar²*.]v. t. d. Bras. Açor. 1. Fazer em cacos ou em bagaços; despedaçar, espedaçar, escacar, espatifar, arrebentar. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Baga. (...) Do lat. *bāca* (...). || **ESbagaÇA**·AR XX. (...). (Cunha, 1986, p. 92).

177. ISCAROÇADÔ Nm [Ssing]

O de cumê num faltava não. Tinha ano que as lagaita comeu ou o sol, todo mundo tinha, todo mundo tinha cana, tinha o ingem que atravessava assim cortava a cana e chegava aqui e tocava o garapão lá pra bebê garapa, cumê melado. Num faltava nada. (()) Tratava iscaroçadô. (Entrevista 11, linha 124)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Descaroçador. adj. De *descaroçar* + *dor*. Que descaroça. Descaroçador. sm. Instrumento para descaroçar.

4. Aurélio: Descaroçador. (ô). [De *descaroçar* + *-dor*.] adj. 1. Que descaroça. s. m. 2. Aparelho, ou máquina, para descaroçar.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Caroço. (...). De orig. controvertida; talvez do lat. vulg. *carūdium*, derivado do gr. *karýdion* ‘avelã, noz pequena’. (...). || **DESCAROÇADOR** 1813. (...). (Cunha, 1986, p. 158).

178. ISPIA(R) [V]

E lá morava um Pirnudo. Morava na frente de casa. Aí ele passô lá e eu falei “ Ô Pirnudo? Ispia pro cê vê que trem bacana que eu arrumei”. “ Quê que é esse trem?” Eu falei “Ispia pro cê vê”. (Entrevista 5, linha 309)

A gente trabaiava demais. Quando era de noite tava aquele sono. Quando eu tirei a mão fora e coçô, coçô eu resolvi levantá. Dormi tra vez. Deu três picada. No otro dia eu falei fulano. “ Ô A. um trem me mordeu aqui de noite, Ispia pro cê vê. ” (Entrevista 11, linha 286)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Espiar. Observar o que se passa. *Observare*, ou *Speculari*. Cic.
2. Moraes e Silva: Espiár. v. at. Estar sem ser visto, notando o que alguém faz, ou sem o dar a entender, observando as suas acções, ditos, passos, &c.
3. Laudelino Freire: Espiar. v. r. v. Ant. al. *spehon*. Vigiar secretamente (o que alguém faz ou diz). ||3. Observar muito atentamente.
4. Aurélio: Espiar¹. [Do gót. *spaihôn*.] (...). v. t. d. 4. Bras. Cabo-verd. Observar, olhar. (...). V. int. 8. Observar, olhar. ”
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Espiar(A) v. Ver; visitar. “...trabalhei pr’os outro demais...agora os outros num vai fazer conta nem de vir me espia ao meno. ” (Entr. 3, linha 7)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Espia¹. (...). || Do it. *spia*, de origem germânica. (...) **espiar**¹ vb. ‘observar secretamente’ XVI. (...). (Cunha, 1986, p. 323).

179. ISQUIFE Nm [Ssing]

Via as pessoa. Topava com pessoa, topava com ropa istendida no chão, topava com isquife, tudo quanto é trem. (Entrevista 12, linha 421)

Isquife de carregá difunto. Tudo aí. Capaz. (Entrevista 5, linha 424)

Murria uma pessoa ia no mato tirava vara e fazia aquele trem ó e punha ele dento, levava pro cemitério. Lá no cimitério mesmo se passasse tava aquela ruma de isquife. E chegava lá e tirava o cara do isquife e punha na cova e punha o isquife lá pro lado de fora lá. (Entrevista 5, linhas 428 e 429)

Deus ajudô que hoje caiqué pessoa hoje cê interra é no caxão. Era no isquife se quisesse. (Entrevista 5, linha 430)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Esquife. (...)Esquife de enterrar. (...).
2. Moraes e Silva: Esquife. s. m. (...) Cama estreita usada nos Hospitales. *Luc. f. 45. col. I. e para dormir a sesta.* (...).
3. Laudelino Freire: Esquife. s. m. Cast. *esquife*. Caixão para transportar cadáveres; féretro, ataúde. || 2. *Ant Batel grande*. || 3. Barco. || 4. *Des*. Catre, pequeno leito.
4. Aurélio: Esquife. [Do lombardo *skif*, ‘barco’, pelo it. *schifo* e pelo cat. *esquif*.] s. m. 1. V. caixão(2)(...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Esquife. s. m. ‘orig. embarcação pequena’ 1500; ‘ext. caixão, ataúde, urna-funerária’ 1693. Do it. *schifo*, deriv. do lombardo *skif*.... (Cunha, 1986, p. 326).

180. ISTAMBO Nm [Ssing]

Rapadura pra pra merenda lá na roça que é muito forte. A gente comia aqueles pedaço de rapadura e batia água no istambo. Aquilo era uma fortaleza, minina. (Entrevista 3, linha 437)
Meus minino mesmo quando tava nasceno dente saiu eu po mato afora. Ó mais se azangava o istambo, assim, né? Conforme sai pro mato rancano uma raiz aqui, ota ali. (Entrevista 7, linha 387)

Esse foizinho aí esse trem que tá aí extindido na terra aí é trem que fazia remédio pra criança. Pro peitorá abri, pro istambo. Oli bassurinha pro mode dô de barriga. (Entrevista 11, linha 149)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Stomago, Estômago, ou Estamago. Derivase destas duas palavras Gregas *Stoma*, & *queo*; & val o mesmo que *Bocca*, pella qual se pode meter numa cavidade alguma cousa. (...).
2. Moraes e Silva: Estômago. s. m. O bucho, o ventriculo, a parte do animal, onde se faz o cosimento, a digestão dos alimentos. (...).
3. Laudelino Freire: Estambo. s. m. *Pop*. Estômago.
4. Aurélio: Estômago. [Do gr. *stómachos*, pelo lat. *stomachu*.] s. m. 1. Anat. Viscera na qual se faz parte da digestão dos alimentos, situada entre o esôfago e o duodeno. 2. P. ext. A parte externa do corpo que corresponde à região estomacal. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Estoma. (...). || **estômago** | XVI, *estamago* XVI | Do lat. *stömächus* –i, deriv. do gr. *stómachos*. (...). (Cunha, 1986, p. 332).

181. ISTILA(R) [V]

Aí põe a gurdura até inchê a forma daquela massa, de melado e agora punha barro. Punha barro naquilo e istilava. O açuca ficava branquim. (Entrevista 9, linha 50)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Estilar³. [Do lat. *stillare*.]v. t. d. 1. V. destilar (1 e 2). (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Estilar. vb. ‘destilar, derramar, chorar’ 1572. Do lat. *stillāre*. Cp. DESTILAR. (Cunha, 1986, p. 331).

182. ISTUMA(R) [V]

A toca era assim pra baixo. Ela vinha, né? Ai...Ela vinha igual uma bala, né? A gente bate o ispeto e fura ela. Era assim. Ota hora era nas toca, no mato, istumava cachorro. (Entrevista 3, linha 293)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Estumar. [Alter. de *estimular*, poss.] v. t. d. v. t. d. e i. Bras. 1. Assanhar, excitar, incitar, acirrar, açular (cães).
5. Amaral: Estumar. v. t. - ativar os cães na caça com ruídos, assovios, etc. (...).

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

183. ISTREBORDA(R) [V]

Ah! Mais ele foi e não vortô mais. É hoje, é agora e nada. E eu chiano lá na cama, rolano lá. Sangue istrebordano em todos os fi de cabelo. (Entrevista 6, linha 25)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

184. ISTRIBO Nm [Ssing]

Esses daí igual J. trabaia aí pra mim. Ele, ele foi e “ Põe um aí pra mim vê. O sinhore já tem costume de pô?” Eu falei “ Eu tenho. Eu punha aqui. ” Falô “ Cê faz cangaia, cê faz esses trem tudo?”. “ Faça!” Que eu fazia muita cangaia aqui antes d’eu ir pá Goiás. Forrava sela pos oto. Aí ele chegô lá falô cumigo “ E esses () istribo?” Eu fazia alfoje, fazia tudo aqui. É po povo. Mas aí ele foi e falô cumigo “ E esses istribo que vem nessas sela minera, nessa baiana? (Entrevista 12, linhas 609 e 610)

Tirei num papelão, peguei a capa do do istribo tirei também no papelão, cortei o molde, levei. Cheguei lá e... cheguei lá e cortei o istribo e fiz, cortei os paralama fiz. (Entrevista 12, linhas 612 e 613)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Estribo. Estríbo. Derivase de *Strepa*, que na baixa Latinidade antigamente significava *Estribo*. (...). Estribo he hum instrumento de ferro, ou de pao, q pende da sella, & em que descansão os pés do cavalleiro. (...).
2. Moraes e Silva: Estribo. s. m. Peça de madeira (V. *Caçambas*), ou de metal, em que o Cavalleiro. *Tom. I* mette as pontas dos pés, e se firma para montar. (...).
3. Laudelino Freire: Estribo. s. m. Germ. *streup*. Peça de metal, de madeira ou sola, em forma de aro um tanto alongado, de caixa ou de sapato, que prende cada lado da sela, selim, selote, albarda, etc. por meio de uma suspensão de couro (loro), e onde o cavaleiro firma e segura os pés, cavalgando. (...).
4. Aurélio: Estribo. [Da mesma or. incerta que o esp. *estribo*, o cat. *estrep*, o fr. ant. *estrieu* (atual étrier); poss. de or. germ.] s. m. 1. Peça de metal, de madeira ou de sola, em forma de aro, caixa ou sapato, presa ao loro, de cada lado da sela, e na qual o cavaleiro firma o pé. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Estribeira. (...). Do a. fr. *estrivière*, de origem germânica. (...). | *estrybo* XV. (Cunha, 1986, p. 334).

185. ISTURVO Nm [Ssing]

A farinha de mandioca quando quema fica aquele isturvo, né? Ninguém come, ninguém cumia. Aí nós num cumia tamém não. (Entrevista 3, linha 86)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

J

186. JARDINERA Nf [Ssing]

*No chapadão eu era rapaz. J. deve lembrá. Ô ele num morava qui ainda? Quando J. F. pôs a linha de ônibus lá no Corrente. (()) Porque cê sabe eu cunhecia muito era jardinera, que a jardinera era pequena. (()) Era jardinera. (()) Aí saiu o ôibus lá. Eu cunhecia jardinera lá ne Minas Nova, Chapada, Turmalina. Tudo eu cunhecia. (Entrevista 5, linhas 361 e 362)
Jardinera é é é um pouco maió que um carro desse, um Kombi. (Entrevista 5, linha 365)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
6. Laudelino Freire: Jardineira. (...). Grande carro destinado ao transporte de muitas pessoas, em bancos e dispostos em móveis diversos. (...)
3. Aurélio: Jardineira. [De *jardim* + *-eira*, seg. o padrão erudito.] (...). s. f. 7. Bras. Grande carro de transporte coletivo, ger. ônibus (q. v.), com bancos paralelos.
4. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Jardim. (...). Do fr. *jardin*, do antigo *jart*, derivado do frâncico * *gard*. (...). **jardin**EIRA 1858. (...). (Cunha, 1986, p. 453).

187. JIQUI Nm [Ssing]

*É balaio. Pescava de balaio. Quiçamba também. E ... é jiqui. Ota hora colocava jiqui. Isso aí era no poço maió. (Entrevista 3, linha 349).
*Como que é esse jiqui? (Entrevista 3, linha 351)
O jiqui ele é cumprido, grosso...uma roda de... cumprido. Ali é...um peixe entra na boca. A boca é... (())(Entrevista 3, linha 352)
Não. Sempre eu gostava dum jiqui porque o jiqui é como diz cê pôs n'água. (())5 217
O jiqui é assim. (()) Cê faz ele do tamanho que ocê quisé. Faz ele desse tamanho aqui, né? Começo com o fundo dele e cê pode fazê ele grande assim. E agora cê vai dispontano, vai dispontano ele e chega na boca (()) (Entrevista 5, linha 219)
Furava os buraco no chão, fincava os toco e ia inrolano os cipó. Eu fazia é de cana-braba,**

né? Mas no fundinho. Ia inrolano o cipó no fundim que o fundim ficava assim e abria assim igual um jiqui, né? (Entrevista 7, linha 328)

Tinha um jiqui que eles fazia aqueles balaio cumprido assim. Então lá pegava.
(Entrevista 8, linha 391)

Ah! Esse que cê fala é jiqui? (Entrevista 12, linha 484)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Jiqui. s. m. Do tupi. Espécie de nassa, feita de varas finas e flexíveis.
4. Aurélio: Jequi. [Do tupi.] s. m. 1. Bras. N. E. Cesto para pesca, muito oblongo, afunilado, feito de varas finas e flexíveis; cacuri. adj. 2 g. 2. Bras. Amaz. N. E. Justo, apertado; jequito.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Jequi. s. m. 'rede de malhas utilizadas em pescaria'. | *gequi* 1874, *jequy*, 1875 etc. | Do tupi. *jeke'i*. (Cunha, 1986, p. 454).

188. JIRAU Nm [Ssing]

Cama. É. Cama não que não havia nem cama. Cê fazia assim aquele jirau e pegava e punha as pessoa dentro e saia carregano. Igual carrega difunto. (Entrevista 7, linha 24)

Num jirau? (Entrevista 7, linha 26)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Jirau. s. m. (...). 3. Palanque, dentro de casa, entre o pavimento e o teto, para arrumação de objetos vários. (...). 6. Cama de varas.
4. Aurélio: Jirau. [Do tupi.] s. m. Bras. 1. Estrado de varas sobre forquilhas cravadas no chão, us. para guardar panelas, pratos, legumes, etc. 2. Armação de madeira sobre a qual se edificam as casas a fim de evitar a água e a umidade. 3. P. ext. Qualquer armação de madeira em forma de estrado ou palanque. 4. Cama de varas. 5. Arquit. No interior de um compartimento, piso (3) a meia altura que cobre, apenas parcialmente, a sua área.
5. Amaral: Jirau. s. m. - estrado de varas ou tábuas, colocado sobre esteios, ou na parte superior de uma parede, para nele se depositarem objetos quaisquer, ou para se fazer algum serviço, como de serra, que demande altura para o competente manejo.

Registro em glossários:

4. Souza: n/e
5. Ribeiro: n/e
6. Freitas: Jirau • (A) • Nm [Ssing] • Ind. • Armação de madeiras dispostas sobre forquilhas que pode ser utilizada como cama ou como depósito para utensílios

domésticos. • “*Eu chuchava lá pa casa do ...da dona dele chegava lá tinha aquela purção de cama de jirau assim ó ‘quea purção cada cama tinha um balaím d’buneca dibaxo’*” (Ent. 06, linha 286)

Origem: Jirau. s. m. ‘espécie de estrado’ | *iuraoc* 1597, *juraó* 1627 etc. | Do tupi *ju’ra*. (Cunha, 1986, p. 455).

189. JIRUCUÇU Nm [Ssing]

Quando eu lá vô bem sossegado, bem distraído quando eu óio no carrero. O carrero era estriitim assim. E eu andano com uma muleta em tempo de cair que o lugá era assim. Que eu óio que não ó o bitelo do jirucuçu trevessado no meio do carrero. (Entrevista 5, linha 329)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Jararacuçu. s. m. Cobra venenosa, comprida e verde-negra. (*Lachesis alternatus*).
4. Aurélio: Jararacuçu. [De *jararaca* + *-uçu*.] s. f. e m. Bras. Zool. 1. Reptil ofídio, crotalídeo (*Bothrops jararacussu*), comum nas regiões baixas e alagadiças desde o litoral S. e L. até a região C. O. do Brasil, de dorso amarelo-escuro com largas manchas laterais levemente unidas ou confluentes; comprimento: até 2,20m.
5. Amaral: Jararacuçu, s. f. - Jararaca grande.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: Jaracuçu cabeça de pato • (A) Ncf [Ssing+Ssing+prep+Ssing] • Ind. • Cobra peçonhenta com o dorso amarelado e de grande ferocidade. • “*Inventei de fiá essa mão aqui ó...a mão esquerda essa é a mão esquerda...enfiei a mão assim ó quano eu enfiei a mão assim ó saiu aquê bicho/aquea BICHONA com aquê cabeção assim ó ((risos))cóba jaracuçu cabeça de pato*” (Ent. 10, linha 31)

Origem: Jararaca (...). Do tupi *jara’raka*. (...). Jararacuçu c 1584. (...). (Cunha, 1986, p. 453)

L

190. LAJE Nf [Ssing]

Pegava a foia de banana, (()) sacudia, sapecava ela, temperava a massa e punha assim ó. Inrolava, inrolava, inrolava. Quem tinha laje pra pô dentro punha. Quem num tinha, punha no chãozim lá do forno, do forno à lenha. (Entrevista 11, linha 93)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Laje. s. m. O mesmo que lájea.
4. Aurélio: Laje. [De or. incerta.] s. f. 1. Pedra de superfície plana ger. quadrada ou retangular; lousa. 2. Constr. Obra contínua de concreto armado, a qual constitui sobrado, teto de um compartimento, ou piso.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Laje. s. f. ‘pedra de superfície plana, lousa’ | *lagea* XIII, *lagem* XVI| De origem controversa. (...). (Cunha, 1986, p. 463)

191. LAMBIQUERO Nm [Ssing]

Não. Cachaça não. De jeito que cachaça. Naquele tempo era pouco lambiquero. Hoje em dia pra todo canto tem cachaça, né? (Entrevista 9, linha 53)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

192. LAMBU Nm [Ssing]

Uai. Era tudo quanto era trem uai. Lambu, jacu, paca, cutia, tatu. Tudo quanto é trem. (Entrevista 5, linha 235)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Inambú. s. f. Do tupi. Nome de várias espécies de aves perdíceas. (...).
4. Aurélio: Lambu: s. m e f. Bras. PB Zool. 1. V. *inhambu*. [Do tupi.] s. m. Bras. Zool. 1. Designação comum às aves tinamiformes tinamídeas, gêneros *Tinamus* e *Crypturellus*, características da região neotropical, e desprovidas completa ou quase completamente de cauda.
5. Amaral: Inambú, Inhambú, Nambu, s. f. - designa várias aves do gen. “*Crypturus*”, fam. das Perdíceas. |Tupi.

Registro em glossários:

1. Souza: Lambu (A) s. Ave de caça, sem cauda, de pernas curtas e fortes, também conhecida como inhambu, nambu, inambu. “...na época que tinha aqui...tinha jacu...tinha izabelê...tinha juriti...tinha a lambu...” (Entr. 5, linha 688)
2. Ribeiro: n/e

3. Freitas: Inhambu • (A) • [V] • Ind. • Ave de corpo robusto, cor escura, pernas grossas e desprovida de rabo. • “Tinha muito passarim codorna perdiz tinha muita aqui num tô veno mais...os passarim que existia inhambu num tem mais...codorna nós chegava como daqui ali eas chegava até ali ó piano um tanto de codorna aí ó era perdiz num tem nada mais” (Ent. 04, linha 394)

Origem: Inambu. s. m. ‘ave da fam. dos tinamídeos’ *nambu* 1587, *inhambu* 1618, *nābu* 1624 etc. | Do tupi *ina’mu*. (Cunha, 1986, p. 430).

193. LIBRANf [Ssing]

Uma medida de arroz, meia de feijão. Meia não, né? Num falava quilo não. Falava era meia libra. Meio num falava mei’ quilo falava era uma libra, meia libra que ele tirava. (Entrevista 7, linha 74)

Um quilo é uma libra? (Entrevista 7, linha 78)

A libra é a metade. Era a metade do quilo. E a meia libra era a metade da meia. (Entrevista 7, linha 79)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Libra [Do lat. *libra*.] s. f. 1. Unidade de medida de massa, igual a 0,45359237kg, utilizada no sistema inglês de pesos e medidas; libra-massa [sím.: lb].
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: Libra • (A) • Nf [Ssing] • Lat > Port. • Unidade de medida. • “Tinha um fuso lá na roda agora depois da linha tá cheia mesmo podia sinhora parava a roda...parava a roda e agora aí enrolá aquela roda toda e fazê aquês nuvelo es falava uma libra...uma libra um nuvelo desse tamãim assim” (Ent. 04, linha 32)

Origem: Libra. s.f. ‘peso, moeda’ | XIII, *livra* XIII etc. | Do lat. *libra*. (...). (Cunha, 1986, p. 473).

194. LICURI Nm [Ssing]

Aí rapa, tira aquele açúca branco quando chegá no sujo, porque é... as são grande, né? São alta. Aí quando chegá no sujo aí torna a forrá de foia de banana, torna ba ...pô oto barro, né? Pro cima. Sabe? Ó foia de banana ô licuri. (Entrevista 3, linha 421)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Licurizeiro. s. m. Nome vulgar de um coqueiro do Brasil.
4. Aurélio: Licuri. s. m. Bras. 1. F. aferética e dissimilada de *aricuri* (q. v). Aricuri. [Do tupi.] s. m. Bras. Bot. 1. Planta da família das palmáceas (*Cocos coronata*), de drupas comestíveis, cuja medula fornece fécula e cuja semente fornece óleo alimentar. [Var.:

alicuri, aricuí, iricuri, uricuri, ouricuri, licuri, nicuri; sin.: urucuriiba, cococabeçudo, coqueiro-cabeçudo, butiá, butiazeiro, licurizeiro.]

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: ind. - tupi

195. LUMIA(R) [V]

Socava a mamona, tirava a gordura dela e moiava o pavizim e lumiava. Todo canto que chegasse. Num tinha um lugá que tinha luz. (Entrevista 1, linha 134)

Fazia. Discascava mamona e socava com, com agudão e fazia aques bisungo, aques bisungo assim pá lumiá. (Entrevista 2, linha 108)

Fazia. A candeia de barro. E punha azeite, punha o pavio pá lumiá. (Entrevista 2, linha 113)

Ieu até vagalungo eu pegava e colocava naqueles vidro branquim pá lumiá, pá pudê fiá agudão. (Entrevista 2, linha 114)

Quando tava bem socadim misturado com o agudão inchia uma vazia, inchia uma cuia pá acendê, pá lumiá, sustentá lumiá numa casa. (Entrevista 6, linha 82)

Às vez o coité ficava pritim assim mesmo lumiano. (Entrevista 7, linha 336)

A hora que a gente passava coisa a lua lumiano. A lua lumiano não. O galo cantano. Ota hora a vez a lua tava lumiano tamém. (Entrevista 7, linha 405)

Fazia um negócio, uma candeia assim e punha um pavio. Moiava com azeite e ficava lumiano. (Entrevista 8, linha 267)

Era óleo de mamona. E tinha. Fazia um pavio de linha de agudão. E moiava com o óleo e lumiava. (Entrevista 9, linha 114)

Pois é. E colocava o óleo de mamona ali e punha o pavio e lumiava. No mais era lamparina. A gente comprava querosene, né? (Entrevista 9, linha 122)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Lumiar. v. at. V. *Allumiar*. Arraes, 3. 10. “O sol lumia. ” E 3. 3. “lumiar o entendimento.
3. Laudelino Freire: Alumiar. v. r. v. Lat. hip. *adluminare*. Dar luz a. (...). 2. Pôr claridade em, iluminar. (...).
4. Aurélio: Allumiar. [Do lat. *illuminare*.] v. t. d. v. t. d. 1. Dar luz ou claridade suficiente a; iluminar, (desus.) aluminar. 2. Dar lume a; acender, (desus.) aluminar. 3. Dar claridade, brilho, vida, a; iluminar. 4. Fig. Instruir, ilustrar, esclarecer; iluminar. V. int. 5. Dar ou espargir luz, claridade; iluminar. 6. Bras. Reluzir, rebrilhar, resplandecer. V. p. 7. Ficar iluminado; iluminar-se. 8. Ilustrar-se, instruir-se; iluminar-se.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Lumiar(n/A) v. Tornar claro algum lugar. Variante antiga de alumiar (alumiar > lumiar - caso de aférese). Cf. *alumiar*. “...era bem pequenininho e tinha as cancelinha assim ao redor...e botava as candeia pra lumiar. ” (Entr. 6, linha 13)
2. Ribeiro: n/e

3. Freitas: Lumiar• (n/A) • [V] • Lat> Port. • Tornar claro algum lugar. O mesmo que alumiar. • “Tava iscuero né tirei o fósfo lumiei assim ó tava aquê cuê de bicho pro chão fora” (Ent. 04, linha 294).

Origem: Iluminar. (...). **Alumiar**|-mear XIII | Do lat. **allūmĩnāre*. (...). (Cunha, 1986, p. 425)

M

196. MACAÚBA ~ MUCAÚBA Nm [Ssing]

Tudo era bão. Sabão de coco pelo menos sabendo fazê o sabão de coco macaúba. (Entrevista 8, linha 244)

Fazia. Panhava coco. Conhece coco macaúba? (Entrevista 11, linha 131)

Sabão de coco macaúba. (Entrevista 12, linha 252)

Doce de... Xô vê de quê gente. De coco. É coco mucaúba. Cê já viu? (Entrevista 3, linha 144)

Coco mucaúba. Mãe socava o coco e tirava o leite do coco mucaúba. Com o leite ela misturava no oto leite e fazia o doce. Secava o doce. (Entrevista 3, linha 146)

Fazia de coco. Agora de coco nós num tinha muito o costume de mexê cum coco não porque num tinha coquero. Lá prond'ê que nós morava num tinha coquero de macaúba. Esses coquero de macaúba até que dá pra fazê. Mãe fazia até de caroço de aigudão. (Entrevista 1, linha 164)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Côcodebacaiúba. s. m. Palmeira da família das palmáceas, também chamada *bacaiáuba*, *bacaiuba*, *côco de bacaiáuba*. (*Acrocomia glaucophylla*, Dr.)
4. Aurélio: Macaúba. [Do tupi.] s. f. Bras. Bot. 1. V. coco-de-catarro. s. m. Bras. N. a L. Bot. 1. V. coco-de-catarro. Cocodecatarro. s. m. Bras. N. a L. Bot. 1. Espique ornamental, da família das palmáceas (*Acrocomia sclerocarpa*), de fruto drupáceo, comestível, amarelo-pálido, de aroma agradável, flores monóicas, suavemente aromáticas e amareladas; coco-baboso, coco-de-espinho, coco-macaúba, macajuba, macaibeira, macaúba, macajá, macaíba, mucajá, mocajá, bocaiúva.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Macaúba. s. f. ‘espécie de palmeira’ 1873. De origem tupi, mas de étimo indeterminado|| **macaubEIRA** 1876. (Cunha, 1986, p. 486)

197. MACUQUIM Nm [Ssing]

É. Tinha o legítimo. Feijão preto legítimo. É macuquim. Era tudo. Tinha tudo quanto é qualidade de feijão. Do memo jeito de hoje, né? Hoje também tem. Só o que sumiu foi o legítimo, né? Feijão preto legítimo. Ele é do bago grandão assim, mas é um feijão bom. E dá viu? (Entrevista 3, linha 743)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Macucú. s. m. (...). 2. Nome de duas árvores da família das *leguminosas-ee-salpiniáceas* (*Aldina heterophylla*, Benth. ; e *Aldina latifolia*, Benth). (...).
4. Aurélio: Macucu. [Do tupi.]s. m. Bras. Bot. 1. Designação comum a diversas árvores da família das leguminosas (gênero *Aldina*). 2. Designação comum a diversas árvores da família das rosáceas (gêneros *Couepia*, *Hirtella* e *Parinarium*).
5. Amaral: Macuco. s. m. - designa várias espécies da fam. "Tinamidae".

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: ind. - tupi

198. MAIA(R) [V]

Foi só passá a incruziada dela da casa, eu pulei por cima da cabeça de G. N. e na cabeça do burro e bati lá. Lá eu deitei e ele foi e maiô cumigo pra mim levanta. (Entrevista 5, linha 454)
A gente passava a rede lá e via lá e bulia com esses peixe, esses peixe vinha e maiava tudo na rede. (Entrevista 12, linha 420)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Malhar. Bater com mangoaes. (...).
2. Moraes e Silva: Malhar. v. at. Bater, golpear com malho, martello. (...).
3. Laudelino Freire: Malhar. v. intr. De *malha*!. Lus. Cair na malha ou na rêde.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Malho. (...) Do lat. *mallĕus-ī*. (...) **malhAR** XIII. (...). (Cunha, 1986, p. 492)

199. MANAÍBA Nf [Ssing]

Uai! Tem que eu prantei manaíba. Eu prantei ...tem um tanto de coisa prantada. Agora mesmo eu prantei um tanto de coisa aí. Eu pranto quiabero, abrobera. (Entrevista 2, linha 158)

Eu dano ca ... cova pá manaíba, né? E a inxadinha miudinha de um metro de comprimento e aí a lasca de pedra bateu no meu olho, né? (Entrevista 3, linha 3)

Acordei são. Eu tava com sete ano. Nesse tempo. Sete pá oito ano porque pai ia pá roça dá ... trabaiá prantano manaíba e eu ia tamém, né? Com um cuncumbuzim pá dá cova. E no eu dá a cova a pedra. Eu muito baxim, né? A pedra avuô no meu oi, né? (Entrevista 3, linha 20)

Não. Prantava...Rocinha?Era muita roça. Pai prantava uma base de sessenta, setenta fexe de manaíba ó.

(Entrevista 3, linha 154)

E nós era da roça com a inxada na cacunda prantano manaíba, prantano cana, prantano feijão, prantano muda de fumo. Moiano com a cumbuca de coco. (Entrevista 11, linha 66)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Maniva. s. f. t. do Bras. O páo cuja raiz é a mandioca, de que se faz farinha; dos trços delle plantados nos matombos se reproduz a mandioca.
3. Laudelino Freire: Maniva. s. f. Tupi *mani-iva*. Planta da família das euforbiáceas, conhecida por maniveira e mandioca brava (manihot utilíssima, Pohl.).
4. Aurélio: Manaíba/maniva. [Var. de *maniva*, do tupi.] s. f. Bras. Bot. 1. Tolete do caule do aipim ou da mandioca, cortado para plantio; muda de aipim ou de mandioca. ” / [Do tupi.] s. f. Bras. N. N. E. 1. Manaíba. 2. Bot. V. mandioca (1 e 2).
5. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Manaíba~maniva(A) s. O caule da mandioca. A parte que se planta. “*É pois é...a mandioca é da manaíba...depois planta...agora aí dá a mandioca e a gente faz a farinha.* ” (Entr. 11, linha 246) “*...era trabalhar na roça...fazer roça...plantar feijão...maniva ...pra gente fazer farinha né...* ” (Entr. 1, linha 3)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Manaíba. s. f. ‘pé de mandioca’ / *mandiiba* c1607, *baniba* 1616, *manaíba* 1663 etc. / Do tupi *mani’iua*. (...). (Cunha, 1986, p. 493).

200. MANDUINZAL Nm [Ssing]

Não! Fazia cachaça. Fazia rapadura não. Nós fazia muita cachaça. Nós ficava meises mexeno com cachaça. Prantava roça também. Mio, feijão, arroz, manduinzal. (Entrevista 1, linha 52)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva:
3. Laudelino Freire: Mendubim. s. m. O mesmo que amendoim.
4. Aurélio: Amendoim. (o-ím). [Do tupi, com infl. de *amêndoa*.] s. m. Bot. 1. Planta herbácea da família das leguminosas (*Arachis hypogaea*), cujo fruto subterrâneo é empregado na alimentação humana, e do qual se extrai óleo de vários empregos, como, p. ex., óleo de cozinha e lubrificante de máquinas e motores. 2. Este fruto

utilizado na alimentação humana, torrado ou coberto de açúcar, etc. [Sin., nesta acepç.: (angol.) *jinguba*, (cabo-verd. e guin.) *mancarra*.] [Var.: *amendoí*, *amendois*, *mandobi*, *mandubi*, *mendubi*, *menduí*, *mindubi*.]

5. Amaral:

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: ind. - tupi

201. MANDUINZE~MINDUINS Nm [Ssing]

Plantava de tudo. Plantava feijão, arroz, milho, manduinze. Mas eu era pequena. (Entrevista 2, linha 3)

Faz o doce. Punha minduins, faz o doce. (Entrevista 12, linha 284)

Eles trata doce de minduins e doce de leite, né? Mas aqui hoje quase que o povo num mexe com isso não. (Entrevista 12, linha 286)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Amendoim. s. m. Planta, e fruto oleoso, que nasce na raiz, oleoso, saboroso que se come torrado no Brasil, e Africa; delle se extrahe azeite, para comer, e luzes.
3. Laudelino Freire: Mendubim. s. m. O mesmo que amendoim.
4. Aurélio: Amendoim. (o-ím). [Do tupi, com infl. de *amêndoa*.] s. m. Bot. 1. Planta herbácea da família das leguminosas (*Arachis hypogaea*), cujo fruto subterrâneo é empregado na alimentação humana, e do qual se extrai óleo de vários empregos, como, p. ex., óleo de cozinha e lubrificante de máquinas e motores. 2. Este fruto utilizado na alimentação humana, torrado ou coberto de açúcar, etc. [Sin., nesta acepç.: (angol.) *jinguba*, (cabo-verd. e guin.) *mancarra*.] [Var.: *amendoí*, *amendois*, *mandobi*, *mandubi*, *mendubi*, *menduí*, *mindubi*.]
5. Amaral:

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Amendoim. s. m. ‘nome de diversas plantas da fam. das leguminosas’ | α *mendubi* c 1584, *mindoin* c 1631, *menduí* 1702 etc. ; β . *amendoí* 1587, *amendoim* 1618, *ameñdui* 1664 etc. | Do tupi *manu’ui*; as vars. β foram influenciadas pelo voc. AMÊNDOA. (Cunha, 1986, p. 39).

202. MANGA Nf [Ssing]

Levantava e ia pras manga pegá burro e botava a caiga e ia batia pra Chapada. Aí eu feito um besta num dia eu fui e aprendi. (Entrevista 5, linha 68)

Trazia caiga de maxixe. Quê aqui em cima prantava, mas num dava e lá na fazenda até no mei' das manga, cê tava no mei' das manga e tava trupicano ne maxixe. (Entrevista 5, linha 96)

Ele chego lá sem guentá e pediu um home pra disarriá os burro pra ele que ele tava sem guentá. O home pego disarriô os burro pra ele, soltô numa manga e ele "Dê cá um lugazim de deitá. " e ele deu ele o lugá pr'ele deitá e ele pôs té uma capa de cangaia e deitô. (Entrevista 5, linha 164)

Nesse matim dessa manga de Z. de J. de Z. qui ó. Tudo ela versava aqui ó, li ó. (()) É que de primero cê fazia medo do cê andá no meio do mato desse sozim. (Entrevista 5, linha 348)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Manga. s. f. . (...). Pastagem cercada, onde se guardam cavalos e bois.
4. Aurélio: Manga . [Do esp. plat. *manga*.] s. f. (...). 3. Bras. CE à BA MG a GO Pastagem cercada onde se guarda o gado. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

6. Souza: Manga(A) s. Pastagem cercada próxima à casa da fazenda, especialmente preparada para guardar o gado. "Até ali eu conheci aquilo ali...uma manga só de capim..." (Entr. 5, linha 293)
7. Ribeiro: n/e
8. Freitas: n/e

Origem: Esp. Plat.

203. MANGUERO Nm [Ssing]

Imprensava e a água curria. Foi a noite que ele impresô, né? E esqueceu de apará a água. A água desceu no manguero matô, matô a porcaiada toda. (Entrevista 3, linha 79)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Mangueiro. s. m. Curral grande.
4. Aurélio: Mangueiro¹. [De *mangueira*³.] s. m. Bras. 1. Pequeno curral.
5. Amaral: Manguêra, Manguêro, Mangueiro, s. f. e s. m. - Recinto fechado onde se recolhe gado.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

204. MANGUIM Nm [Ssing]

A cobra... a onça vei pegá os porco no manguim. (Entrevista 10, linha 348)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Mangueiro. s. m. Curral grande.
4. Aurélio: Mangueiro¹. [De mangueira³.] s. m. Bras. 1. Pequeno curral.
5. Amaral: Manguêra, Manguêro, Mangueiro, s. f. e s. m. - Recinto fechado onde se recolhe gado.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

205. MANZUABA Nf [Ssing]

E manzuaba também. (Entrevista 3, linha 336)

Manzuaba? (Entrevista 3, linha 337)

É manzuaba. A pescaria da gente quando gente tava garimpano, era manzuaba. Ieu, ieu ia no mato, tirava. Eu fazia, né? (Entrevista 3, linha 338)

Mas eu almava a manzuaba. (Entrevista 3, linha 345)

A manzuaba, eu num cabei de contá viu, M. A manzuaba... eu... a gente tira uma vara e racha um toco, né? A gente pega o toco é num lugá de areia que a gente põe, né? E vai lá dend'água. (Entrevista 3, linha 353)

Alma debaixo da mandioca e deixava. Almava um, oto, oto. Aquela carrera de manzuaba, né?. Aí no outro dia os bicho amanhicia dipindurado, o piaú. (Entrevista 3, linha 360)

Desse jeito com a manzuaba, né? É uma pescaria boa, né? Que no oto dia cê chega lá tá tudo dipindurado. É só ocê tirá. (Entrevista 3, linha 366)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

206. MARIA-POBRE NCF [Ssing + ADJsing]

De cinza. De paia. De paia de feijão. Cinza de... Tinha um pau no mato, chama... Es tratava pau pobre, Maria-pobre que es tratava. Aquilo dava uma cinza. Gente aquês, aquês. (Entrevista 12, linha 268)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Maria-pobre. s. f. . Árvore da família das sapindáceas.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

207. MARIMBA Nf [Ssing]

É assim. Tinha. É... Como é que chama? Marimba. Aquês fininha que dá assim. (Entrevista 1, linha 298)

Abóba d'água, marimba. Tinha muita coisa. Eu num comprei quiabo e nem abóbra. Até agora. (Entrevista 2, linha 164)

Hã? Não... É marimba. É marimba que fala. Mas sei lá papai tratava de muringa, né? (Entrevista 3, linha 64)

É muringa. Em vez de falá marimba era muringa, né?. Ai a gente cumia isso, né? A vez quando faltava gurdura. Era longe. Quatro quilômetro da ... do lugá de comprá o tocim, né? A vez pai ia naquele intrivalo a gente ficava cumeno sem gurdura, né? (Entrevista 3, linha 67)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Marimba. s. f. 'instrumento músico' 1681. Do quim. *mari'ma*, do pref. *ma-* e '*rima* 'tambor'. (Cunha, 1986, p. 502).

208. MASSERA~MASSERONA Nf [Ssing]

Cê põe um meladão grosso no cocho, forra de de paia de banana, coloca o melado em cima da paia de banana, né? Até inchê uma massera grandona. Uma masserona, né? Tipo duma canoa. (Entrevista 3, linha 409)

Quando a garapa via iscumano no tacho punha mutamba até quando es parava tinha que por azeite e ai dispejava quando dava ponto, dispejava na massera e ia bateno. (Entrevista 4, linha 115)

Rapadura, rapadura ocê aquel masserona de pau. No tacho cê põe, cê põe mutamba. Ô limpa. Tem gente que limpa sem precisá... (Entrevista 4, linha 117)

O açuca de forma tira ele, G., põe o melado a hora que dá ponto, tira e põe na massera. E pega ele e deixa lá dum dia por oto. Quando é no oto dia... (Entrevista 4, linha 141)

É dento da massera e vai pono deixano esfriá lá. { } Depois cê tira e coloca na grade. Faz uma grade de madeira assim ó. { } De madeira bem fiitinha e vai pondo ele e vai pono e põe foia de banana pá iscorrê, pá iscorrê o melado e põe barro em cima dele depois que caba põe barro e o melado que cai tir'ele e leva po lambique. Faz uma cachaça de primeiríssima. (Entrevista 4, linha 145)

O açuca é assim. O mêis que fazia açuca, era só açuca. Ia tirano e fazeno o melado e dispejano numa masserona, tirano o melado a semana toda, quando era no fim da semana que ele tava cuiada a forma já tava feita. (Entrevista 11, linha 107)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Masseira. s. f. De *massa* + *eira*. Grande tabuleiro de madeira de bordos altos, onde se amassa a farinha para o fabrico do pão. || 2. Qualquer vaso ou gamela em que amassa o pão. (...).
4. Aurélio: Masseira. [De *massa* + *-eira*.] s. f. 1. Grande tabuleiro onde se amassa a farinha para fabricar o pão. [Cf. *amassadeira*.] 2. Calha por onde corre a água que cai dos alcatruzes. 3. Bras. Prancha com que, no arrocho (4), se cobre a massa (5), e que recebe o brinqueto.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Massa. (...). Do lat *massa* (\leq gr. *máza*) 'pasta, massa'. (...) **massEIRA** | *masseyra* XIII. (...). (Cunha, 1986, p. 505).

209. MELETE Nm [Ssing]

A gente cumia muita coisa. Bicho do mato, né? { } Matava melete, bandeira memo. Matava tudo. (Entrevista 3, linha 301)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Melete. s.m. Espécie de tamanduá. (*Myrmecophaga didactyla*).
4. Aurélio: Melete. s.m. 1. Bras. Zool. V. *tamanduá-colete*.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

210. MENHÃ Nf [Ssing]

Aí a veiz ele gritava “vem comê” que a gente tinha que dá armoço, levantá de madrugada, tempe... pô uma pela pra cuzinhá no feijão. Pela de poico pra cumê com farinha de menhã cedo. (Entrevista 7, linha 96)

Café de menhã? Tomava café limpo. Punha era quando a gente ia trabaiá na roça. (Entrevista 7, linha 124)

Né? Feijão com pela, farinha, torremo, né? Aí cumia de menhã. (Entrevista 7, linha 132)

Hein G. ? Quando foi topá um sirviço. Quando eu cheguei aqui, o povo fazia o almoço era de menhã cedo. O povo cumia, inchia a barriga pá ir pro sirviço. (Entrevista 8, linha 367)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Menhaã. Vid. Minhã.
2. Moraes e Silva: Manhãa. s. f. . O espaço do dia, dès que se levanta a aurora até ao meyo dia. (...).
3. Laudelino Freire: Menhã. s. f. . *Ant.* O mesmo que manhã.
4. Aurélio: Menhã. s. f. Bras. Pop. Ant. 1. Manhã.
5. Amaral: Menhã, Minhã, Manhã, s. f. | “...se ajuntem comvosco todolos dias pela menhã...” - “...cada dia pela menhã vos saluem...” (Regimento real a Dom J. de Castro, em M. de S. Pinto, p. 381, nota).

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Manhã. s. f. ‘parte do dia que vai do alvorecer até o meio-dia’| *mannãa* XIII, *manhana* XIII, *manãa* XVI etc. | Do lat. vulg. **maneãñã*, abrev. de *hōrã* * *maneãñã* ‘em hora matutina’ de mane, forma neutra do adj. *mānis* ‘ bom, favorável, benévolo’, aplicado ao tempo. (...). (Cunha, 1986, p. 495).

211. MENTRAÇO Nm [Ssing]

Raiz de mentraço, raiz de mentraço, raiz de ... panhava raiz de mentraço e foia de chico ramo. Essas foia. (Entrevista 7, linha 390)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Mentastro. s. m. Lat. *mentastrum*. Planta sinantérea, medicinal, espécie de hortelã silvestre (*Ageratum conyzoides*; *Mentha rotundifolia*, Lin.).
4. Aurélio: Mentastro. [Do lat. *mentastru*.] s. m. Bot. 1. Pequena erva (*Peltodon*

radicans) da família das labiadas, bastante dispersa no L., de folhas aromáticas, caule quadrangular, e pequeninas flores ordenadas em glomérulos esféricos situados na ponta de longo pedúnculo.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Menta. (...) Mentastro s. m. ‘planta medicinal da família das labiadas’| XVIII, mentrasto XVI| Do lat. *menstastum*, de *menta* + *astrum* (de *-aster*, *-tri*, sufixo latino que traz a ideia de semelhança). (...). (Cunha, 1986, p.513).

212. MEZINHA Nf [Ssing]

Tinha os remédio da horta. Artelã essas coisas assim. Tinha as mezinha que es fala. (Entrevista 8, linha 276)

Essas mezinha que es fala. Tinha os, as erva que es... Até hoje muita gente ainda tem. Fazia o remédio lá e a pessoa toma. (Entrevista 8, linha 278)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Mêzinha. Qualquer medicamento, bebido como xarope, ou purga, ou aplicado com emplastro. (...).
2. Moraes e Silva: Mezinha. s. m. Remedio caseiro; de ordinario se diz por *cristel*, ou ajuda. § v. *Arc. L. s. r. 19*. por medicamento. §. fig. Remedio de qualquer mal. “ a tempo o ferro he mesinha”. *Sá Mir. Carta i. est. 14*.
3. Laudelino Freire: Mezinha sf. De *medicina*. Líquido para clister. || 2. *Pop*. Qualquer medicamento caseiro.
4. Aurélio: Mezinha. [Do lat. *medicina*, por via popular.] s. f. 1. Líquido para clister. 2. *Pop*. Qualquer remédio caseiro.
5. Amaral: Mêzinha, mezinha, s. f. | Releva notar que a 1.ª forma, que é a caipira, está mais próxima ao étimo (*medicina* (m)), representando, possivelmente, a geral pronúncia antiga.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Médico. (...) Mezinhas. f. ‘qualquer remédio caseiro’| XIV, *meez̄ya* XIII, *meezynna* XIII etc. | Forma divergente popular de *medicina*, do lat. *mēdīcina*.(...).(Cunha, 1986, p. 509).

213. MIDIDA Nf [Ssing]

Uma midida de arroz, meia de feijão. Meia não, né? Num falava quilo não. Falava era meia libra. Meio num falava mei’ quilo falava era uma libra, meia libra que ele tirava. . (Entrevista 7, linha 73)

Otos falava que queria uma midida d’arroz, otos falava que queria uma midida de feijão. (Entrevista 7, linha 81)

Uma midida? (Entrevista 7, linha 85)

Uma mi... uma midida é dois quilo. Dois quilo dá uma midida, que meio quilo é meia midida. Meio quilo não. É um quilo é meia midida. (Entrevista 7, linha 86 e 87)

Fazia oito, nove, dez midida de farinha. Punha lá. Aí limpava, quebrava milho, punha n'água, socava, levava... levantava de madrugada socava aquilo, torrava a farinha pra cumê sopa, né? (Entrevista 7, linha 191)

Tinha a sopa a gente cumia a sopa. Aí incostava lá as quatro midida de farinha. Três, quatro incostava lá pra... Aí eu vinha no reberão e lavava as cuberta tudo. Que num podia lavá de resguardo, né? (Entrevista 7, linha 194)

É o que eu tô falano com ocê. Quebrava a mamona, discascava tudo. Umas duas midida ô três. Punha lá na panela conforme o tamanho da panela. Aí tirava as foia de bananera, se num tivesse eu mesmo fazia o banguê de incestá cinza. Furava os buraco no chão, fincava os toco e ia inrolano os cipó. (Entrevista 7, linha 324)

À vez trazia uma meia midida de sal. Nós já... Amanhã ia pro rio e tirava oro. Nós ficava ali brincando com terra, fazeno biscoitim de terra, brincano pra intertê o dia e colocá as ideia. (Entrevista 11, linha 47)

O cara pá ganhá uma midida de feijão era tempo pum dia de sirviço. (Entrevista 12, linha 695)

Cê chegava lá nos mercado lá pá vende a a ... todo mundo vendia nas midida lá do mercado. Cê pagava imposto pá vende. (Entrevista 12, linha 189)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Medida. Qualquer cousa que serve para dar a conhecer a extensaõ da quantidade continua, ou a multidão da quantidade discreta. (...).
2. Moraes e Silva: Medida. s. f. . Qualquer grandeza conhecida, de que usamos para examinar as desconhecidas, e termos um padrão dellas. (...).
3. Laudelino Freire: Medida. s. f. (...)
6. Vaso de grandeza determinada com que se medem os grãos e outros objetos. (...).
4. Aurélio: Medida. [De *medir* + *-ida*³.] s. f. 1. Medição (1). 2. V. padrão¹ (2). 3. Qualquer objeto destinado a medir uma quantidade. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Medir (...). Do lat. med. Lus. *Medire*, por *metiri*. (...). **MEDIDA** | XIII,*mi*-XIII, *my*-XIII etc. (...). . (Cunha, 1986, p.509).

214. MIRRÉIS Nm [Spl]

Cê sabe naquele tempo as coisa era baratinha, mais num havia dinheiro. Eu nem sei o dinheiro que era. Eu acho que era mirréis, viu? (Entrevista 3, linha 37)

Mirréis? (Entrevista 3, linha 38)

Ele já tinha pagado os home um mirréis e pegô uma pratinha. Acho que era prata. Uma pratinha de um mirréis e me pagô. (Entrevista 4, linha 47)

E me pagô. Me pagô um mirréis do jeito dos home. Depois daquele dia em diente eu fiquei ganhano do mesmo preço dos home. (Entrevista 4, linha 51)

Me deu quinhentos mirréis. Os quinhentos mirréis eu peguei e impreitei com A. D. pra tirá os resto da ... do meu dente com os quinhentos mirréis. (Entrevista 7, linhas 409 e 410)

Aí no otro ano ele já foi pra São Paulo. Me deu quatro mirréis, quatro cruzero, mirréis. Eu

num sei se é mirréis se é cruzero, se era cruzado. (Entrevista 7, linhas 412 e 413)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Reis. Moeda bayxa de Portugal; He abreviatura de *Reaes*. (...).
2. Moraes e Silva: Réis. s. m. pl. Reaes, a ultima especie de moeda, e ideal, em que se resolve o dinheiro, e de que usamos no nosso modo de contar: *vinte réis*.
3. Laudelino Freire: Real. s. m. Antiga moeda portuguesa que teve diferentes valores em diferentes épocas. || 2. Moeda de cobre que ainda hoje corre na índia portuguesa. || 3. Antiga unidade convencional no sistema monetário de Portugal e do Brasil.
4. Aurélio: Réis. s. m. pl. 1. Pl. de *real*² (3).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

215. MIUDA(R) [V]

Aí eu miudei a currida. Quanto mais eu curria mais os caçadô montava atrás dum lado e de oto. (Entrevista 5, linha 390)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Amiüdar. v. tr. dir. De *a + miúdo + ar*. Tornar miúdo. (...).
4. Aurélio: Amiudar². (i-u). [De *a*⁻² + *miúdo* + *-ar*².] v. t. d. 1. Tornar miúdo. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

216. MONJOLO Nm [Ssing]

Ingem tudo de pau, ingem antigo. Fazia tudo de maderá lá de, de angico e de monjolo. (Entrevista 12, linha 141)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Munjolo. s. m. Máquina agrícola, com que se limpa o milho, tornando-o próprio para a fabricação da farinha; máquina de pilar milho.
4. Aurélio: Monjolo. (ô) [Do quimb.] s. m. (...). 3. Bras. MG S. Engenho tosco, movido a água, usado para pilar milho e, primitivamente, para descascar café.
5. Amaral: Munjólo. s. m. - engenho rústico, movido por água e destinado a pilar milho. |

A forma corrente entre a gente culta é —monjôlol. - Dava-se outrora este nome aos pretos de certa nação, importados no Br. ao tempo do tráfico dos africanos. - O sr. Sílvio de Almeida aventou, há tempos, o étimo mulineolum. Foneticamente. nada se lhe opõe; resta verificar se há traços reais dessa evolução.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Munjolo • (A) • Nm [Ssing] • Afr. • Engenho, movido a água, usado para pilar milho e, primitivamente, para descascar café. • *E a farinha punha lá no munjolo. O munjolo massetava o mio até virá fubá.* (Ent. 11, linha 124)
3. Freitas: n/e

Origem: Monjolo. s. m. 'engenho tosco movido à água, empregado para pilar milho e, a principio, no descascamento do café' XX. De provável origem africana. (...). (Cunha, 1986, p. 530).

217. MORDIDURA Nf [Ssing]

Uma bruta de uma cobra. Aí meu marido chegou e cutucô ela e ele mixia com esses negócio de benzeção. Cutucô. Eu num sei se benzeção vale alguma coisa pra mordidura de cobra. (Entrevista 11, linha 297)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Mordedura. A impressãõ que faz o que morde, ou a açãõ de morder. (...).
2. Moraes e Silva: Mordedúra. s. f. . Dentada; a impressãõ, ou ferida, que se faz mordendo. (...).
3. Laudelino Freire: Mordedura. s. f. De *morder*+ *dura*. Ação ou efeito de morder; dentada. || 2. A ferida ou sinal que ela deixa.(...).
4. Aurélio: Mordedura. [De *morder* + *-dura*.] s. f. 1. Ato ou efeito de morder; dentada. [Sin., pop.: *leva-dente*.] 2. Vestígio de dentada. 3. Fig. Impressãõ, marca, vestígio doloroso.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Morder. (...). Do lat. *mōrdēre*. (...) **mordED**·URA| XV, *-didura* XIV. (...). (Cunha, 1986, p. 532).

218. MUCADO [PRON]

Mais ainda. Secá um mucado daquela água, né? Quando ela tá poca punha dicuada. Vai colocano dicuada. Nesse tempo num tinha soda não. (Entrevista 3, linha 569)

Por isso, hoje, tem hora que eu acho que um mucado das perrengiuce minha é isto.

Um mucado de quê? (Entrevista 6, linhas 34 e 35)

Quem num trabaiava num comia não. E quem podia mais naquela Bera do Rio era finado Z. M. F., meu pai e ... o véi D. Só esse povo lá, um mucado do povo lá do Coigo Grande. (Entrevista 7, linha 49)

Ah! É comprada um mucado na venda. Essa comum nossa conhecida. (Entrevista 8, linha 84)

Ô L. e as porcelona? E as porcelona de, de que tinha antigamente. A véia J. deve tê deixado um mucado p'esse povo dela. (Entrevista 8, linha 142)

É. Tinha umas tigelona. Um mucado quebrô. (Entrevista 8, linha 146)

Meu pai fazia quarenta, cinquenta carga de rapadura. Sessenta, oitenta, cem carga de rapadura. E punha tudo. Ele tinha três... Ele tinha um mucado de sote. (Entrevista 12, linha 130)

Ma as cana um mucado era pertim do ingem. A maioria era perto do ingem. (Entrevista 12, linha 151)

O mesmo grupo que tem é lá em frente a casa nossa lá, da famia nossa lá, nossa casa lá em frente lá. Foi o primero grupo de Turmalina quando municipô. Levô anos pá fazê. Depois criaro um mucado de grupo. (Entrevista 12, linha 717)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Mucado (n/d) pron. Tanto; quantidade indefinida. "...eu namorei um mucado de moça..." (Entr. 4, linha 81) "É...eu fiquei morando ali um mucado de tempo..." (Entr. 2, linha 31)
2. Ribeiro: Mucado • (n/d) • [Pron]• (n/e) • Tanto; quantidade indefinida. • *Eu lavei um mucado cedo das panela.* (Ent. 13, linha 74).
3. Freitas: Mucado~Mucadim• (n/d) •Nm [Ssing]• (n/e) • Tanto; quantidade indefinida. • "Depois que eu casei moro aqui...até hoje...tem um mucado de ano" (Ent. 01, linha 175) • "Mais graças a deus mais foi pra treiná com os serviço né porque nem tanto a gente vindia né...porque fazia pôco num dava conta de fazê muito de uma vez...ia fazeno os mucadim mas o purví era dessas duas dona que eu tô falano" (Ent. 01, linha 280)

Origem: n/e

219. MUEDÔ Nm [Ssing]

A roça dele ficava tudo limpinha. Cana dele, tudo prantava, limpava tudo diriitim. Muía. Os muedô... cê cridita que os muedô dele, quem num muía tinha muedô que muía lá pra ele cinco, dez ano. A parede de muedô. (Entrevista 12, linhas 125 e 126)

Até ele muía com os bois dele. Num pricisava de boi de ninguém. Ele tinha os boi. Tinha os muedô tudo certo. Ingem tudo de pau, ingem antigo. (Entrevista 12, linha 140)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Moedor. s. m. O que pisa, e móe. *B. Pe.* § Que mòe. adj. "engenho bom *moedor*.
3. Laudelino Freire: Moedor. adj. e s.m. De *moer* + *dor*. Aquele que mói.(...).
4. Aurélio: Moedor. (ô). [De *moer* + *-dor*.] adj. 1. Que mói, tritura ou pisa. (...). S. m 4. Fig. Indivíduo moedor (2).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

220. MURINGA~MURINGONA Nf [Ssing]

Muringa. Papai tratava de muringa. (Entrevista 3, linha 60)

Muringa? (Entrevista 3, linha 61)

Era muringa que ele tratava. Pé de muringa, né? (Entrevista 3, linha 63)

Hã? Não... É marimba. É marimba que fala. Mas sei lá papai tratava de muringa, né? É muringa. (Entrevista 3, linhas 64 e 65)

Muringa? (Entrevista 3, linha 66)

É muringa. Em vez de falá marimba era muringa, né?. Ai a gente cumia isso, né? A vez quando faltava gurdura. Era longe. Quatro quilômetro da ... do lugá de comprá o tocim, né? A vez pai ia naquele intrivalo a gente ficava cumeno sem gurdura, né? (Entrevista 3, linha 67)

O papo, né? Então tinha uma muié que o papo dela parecia uma muringa. (Entrevista 3, linha 170)

E tinha um pescoço fininho. Cê podia pegá assim que num dava mais que um dedo. Batia no peito dela aqui ó. Pá socá ela pegava aquilo com a mão e jugava pás costa. Era uma muringona, né? (Entrevista 3, linha 172)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Moringa. s. f. . O mesmo que *moringue*. || 2. Árvore da família das moringáceas (*Moringa oleifera*, Lam.).
4. Aurélio: Moringa². [Do tax. *moringa* (poss. do malaiala).] s. f. Bot. 1. Gênero de árvores da Índia oriental e da África, que constituem a família das moringáceas, têm folhas penadas, flores irregulares, com 10 estames, e fruto capsular trivalvar. 2. Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a *Moringa oleifera*, originária da Índia, de folhas e frutos comestíveis. 3. Qualquer espécie desse gênero.
5. Amaral: Moringue, s. f. - vaso de barro com gargalo, para água. | A forma "moringa" é estranha ao dial.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Moringa. s. f. 'garrafão ou bilha de barro para conter e refrescar a água' | -gue 1844| Do cafre *mu'riña*. (Cunha, 1986, p. 533).

221. MUTAMBA Nf [Ssing]

Eles fazia é muita a cana. Quando a garapa via iscumano no tacho punha mutamba até quando es parava tinha que por azeite e ai dispejava quando dava ponto, dispejava na massera e ia bateno. (Entrevista 4, linha 114)

Rapadura, rapadura ocê aquel masserona de pau. No tacho cê põe, cê põe mutamba. Ô limpa. Tem gente que limpa sem precisá... (Entrevista 4, linha 117)

Mutamba? (Entrevista 4, linha 119)

Mutamba, um pau que tem no mato faz aquela liga. Ô aliás põe bicabornato, né E. ? (Entrevista 4, linha 120)

Se ocê põe mutamba demais dá muito bicho. (Entrevista 4, linha 121)

Aí depois punha no tacho, iscomava a gara... iscomava aquilo ali tudo e ia bateno e punha mutamba, punha tudo. Ia bateno o tacho pra num derramá. (Entrevista 7, linha 169)

Colocava mutamba. Aquele trem que dá aquela gosma, aquela baba e punha e limpava o tacho e ficava limpim. A iscuma ficava branquinha igual esse papel aí. (Entrevista 8, linha 29)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Mutamba. s. f. Árvore da família das esterculiáceas, também chamada *ibixuna*, *mucungo* (*Guazuma ulmifolia*, Lam.).
4. Aurélio: Mutamba. [Do quimb. *mu'tamba*.] s. f. 1. Bras. Bot. Arvoreta da família das tiliáceas (*Guazuma ulmifolia*), que medra do México ao Brasil, onde é comum, de folhas polimorfãs, ovadas e pilosas, flores com pétalas cuculadas e providas de longos apêndices filiformes, reunidas em panículas laxas, e cujas cápsulas, lenhosas e negras, medem 2 a 3cm; mucungo. 2. Bras. AM. Óleo extraído da cápsula da mutamba (1) usado para perfumes e amaciar os cabelos.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Mutamba. s. f. 'planta da fam. das tiliáceas' '88'. Do quimb. *mu'tamã*, de *mu* pref + *tamã* 'tamarindeiro'. (Cunha, 1986, p. 541).

N**222. NEFRAGA(R) [V]**

Era tudo importada da Itália. Tudo num navi'. Cê lembra dum navi' () que nefragô lá? Eles acharo tudo lá ainda no fundo do mar. (Entrevista 8, linha 162)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Naufragar. Fazer naufragio. Padecer naufragio. Perderse no mar. (...).
2. Moraes e Silva: Naufragár. v. n. Fazer naufragio. § fig. Arruinar-se, perder-se: v. g. naufragou a fazenda, e o credito. *Macedo*. (...).
3. Laudelino Freire: Naufragar. v. r. v. Lat. *naufragare*. Espedaçar-se (o navio) no mar. (...).

4. Aurélio: Naufragar. [Do lat. *naufragare*.] V. int. 1. Ir a pique, soçobrar (a embarcação). (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Naufragar. Vb. ‘soçobrar, ir a pique’ XVII. Do lat. *naufragāre*. (...). (Cunha, 1986, p. 545).

223. NERA Nf [Ssing]

Quando dia domingo a gente chegava cedo lá o tal M. del P. já tava lá delangano, né? Quando foi um dia eu falei “Óia J. . ”. Eu e J. que fazia. J. meu irmão, um que morreu, né? J. era maiorzim e subia. Gente marrava o timbó lá. Era uma nera dessa grossura o timbó, né? (Entrevista 3, linha 250)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

224. NOVATO [ADJ]

Que essas pessoas novato num sabe afogá uma cumida direito, né? Quando eu tô guentano eu faço. Mas minha ideia é mexê no quintal aí ó. (Entrevista 2, linha 155)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Novato. Estudante novo, do primeiro anno. He termo usado na universidade. *Recens ingmnasio auditor, is*. Masc.
2. Moraes e Silva: Novato. s. m. Estudante novel da universidade. Fig. Rude, imperito.
3. Laudelino Freire: Novato. s. m. Estudante novel; noviço, aprendiz, calouro, principiante. ||2. Estudante que freqüenta o primeiro ano de qualquer faculdade em Coimbra. ||3. Indivíduo inexperiente, ingênuo.
4. Aurélio: Novato. [Do lat. *novatu*.] s. m. 1. Estudante novel; calouro. 2. Aluno do primeiro ano de qualquer faculdade. 3. Principiante, aprendiz, noviço. 5. Bras. Alcinha dada aos portugueses, no extremo S., no período colonial.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Novata(n/d) s. Juventude; mocidade. "...aqueles povo mais velho assim que nem eu...envergonhoso...a novata pode até acompanhar...mas o povo de meia idade que tem a nação / de meia idade pra trás né...esse povo num vai aceitar..." (Entr. 10, linha 336)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Novo. (...). **novato** XVII. Do lat. *novatus* –a. (...). (Cunha, 1986, p. 552).

O

225. Ô DIÁ [INTERJ]

Quando eu lá vô bem sussegado, quando eu ôi ó o bitelo do jacu. Qua qua qua qua qua. Eu falei " Ôdiá! Perdi. "Falei "É". Ai eu num liguei não. Falei " É. Seja o que Deus quisé". (Entrevista 5, linha 281)

Quando eu chego ali em cima onde é a tor' lá eu parei e falei "Óia lá Minas Nova. Ôdiá! Onde eu vô todia. (Entrevista 5, linha 377)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

226. OFENDIDA [ADJ]

Eu só tirei a chinela do pé e taquei nela. Tava ofendida de cobra naquele dia. Ocê acredita que eu num tomei nenhum comprimido? (Entrevista 11, linha 262)

Quando ele veio apertô, apertô saiu uma aguinha. "Se ocê tivesse que morrê cê já tinha morrido. Cê foi ofendida dez hora de cedo nem sangue num tá saindo aí. (Entrevista 11, linha 272)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Offendido. Aggravado. (...).
2. Moraes e Silva: Offendido. P. pass. de Offender: v. g. *tenho esse braço ofendido da queda*. (...).
3. Laudelino Freire: Ofendido ou Offendido. adj. (...)|| 3. *Pop.* Mordido (especialmente por cobra).
4. Aurélio: Ofendido. [Part. de *ofender*.] adj. 1. Que recebeu ou sofreu ofensa. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Ofender. vb. ‘injuriar, ferir, chocar’|| *offender* XVI| Do lat. *offēndere*. (...). (Cunha, 1986, p. 557).

227. OFENSA Nf [Ssing]

Fui fazê um roçado lá um dia, batê a foice topano com meu sobrinho. Ele de lá e eu de cá. Nós topava no meio. Vei de lá e picô de novo. Otra picada. Passô otros dia mais um pouco. Tornô a me pegá. Três vez. Por isso eu acho que tem horas que é essas ofensa que fica me atrasando. (Entrevista 6, linha 42)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Ofensa. Aggravo que se faz, ou se recebe. (...).
2. Moraes e Silva: Offênsa. (...). O sentimento da offensa feita. (...).
3. Laudelino Freire: OfensaouOffensa. s. f. . Lat. *offensa*. (...) Mal causado a alguma pessoa. (...).
4. Aurélio: Ofensa. [Do lat. *offensa*.] s. f. 1. Injúria, agravo, ultraje, afronta. 2. Lesão, dano. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Ofender. (...). **Ofensa** XV. Do lat. *offēnsa* –ae, com provável interferência do fr. *offense*. . (...)... . (Cunha, 1986, p. 557).

228. OVO DE INDEZ NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

Pois é! Aquele foi o primero. Aquele vixi. Aquilo era o ovodeindez de mãe. G., Z. M. Nossa sinhora! (Entrevista 5, linha 103)

Era in... o ovodeindez dela. (Entrevista 5, linha 106)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Endes. s. m. Lat. *index*. Ôvo que se coloca no lugar em que se deseja que uma galinha ponha outros. || 2. *Pop*. Criança ou pequena cousa que faz empecilho. || 3. Chamariz. || 4. Cousa única.
4. Aurélio: Indez. (ê). [Do lat. *indicii* (subentende-se *ovum*), ‘ovo indicador’.] adj. s. m. 1. Diz-se de, ou ovo que se deixa no ninho para servir de chama às galinhas. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

3. Freitas: n/e

Origem: Index. (...). **Endez, indez** adj. sm. ‘diz se de, ou ovo que se deixa no ninho para servir de chamariz às galinhas’ *endès XVII* | DO latim *indiciũ (ouum)*, genit. de *indiciũm* ‘sinal,aviso’. (...). (Cunha, 1986, p. 433).

P

229. PAÇOCA Nf [Ssing]

Fazia a paçoca. Fazia era de tudo. (Entrevista 8, linha 355)

Paçoca? (Entrevista 8, linha 356)

A paçoca era feita de fritá a carne e socá no pilão. (Entrevista 8, linha 357)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Paçoca. s. f. Carne pilada com farinha. (...).
4. Aurélio: Paçoca. [Do tupi.] s. f. 1. Bras. Cul. Prato típico da cozinha brasileira, feito de carne fresca, seca ou carne-de-sol previamente cozida, e que, depois de picada, moída ou desfiada, é frita ou refogada em gordura bem quente, e socada com farinha de mandioca ou de milho. (...).
5. Amaral: Paçoca. s. f. - Carne pilada com farinha; amendoim pilado com farinha e açúcar; fig., misturada, confusão de coisas amarfanhadas, como, por ex., fitas, rendas ou panos revolvidos.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Paçoca ‘iguaria preparada com carne desfiada e farinha de mandioca socadas no pilão’ (...) | *passoca 1873*; (...) Do tupi *pa'soka*. (Cunha, 1986, p. 570).

230. PADICE(R) [V]

E o quê fazê quando seus fi tá piqueno e a pobre mãe cansada padicê eu já falo assim “ é ieu”. (Entrevista 7, linha 207)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Padecer. Dano, injuria, enfermidade, morte, ou qualquer outra cousa semelhante. (...).
2. Moraes e Silva: Padecer. v. at. Soffrer algum mal fisico ou moral; v. g. “padecer dores, dano, injuria, miseria. (...).
3. Laudelino Freire: Padecer. v. r. v. Lat. *patescere*. Ser atormentado, martirizado ou afligido por: sofrer. (...).
4. Aurélio: Padecer. [Do lat. vulg. **patiscere*, incoativo de *pati*, ‘sofrer’.] v. t. d. 1. Ser afligido, atormentado, martirizado por; sofrer. 2. Suportar, agüentar. 3. Consentir, admitir, permitir. V. t. i. 4. Ser acometido, ou sofrer (de alguma enfermidade, algum mal). v. int. 5. Ser vítima de violências físicas. 6. Sentir dores

físicas ou morais. 7. Ser ou estar doente.

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Padecer. vb. ‘sofrer, suportar, aguentar’XIII. Do lat. *patēscēre*, incoativo de *pāti*. (...). (Cunha, 1986, p. 571).

231. PAINA Nf [Ssing]

Cochão de foia... Minha mãe num gostava muito. Es fazia cochão de paina. (Entrevista 12, linha 203)

Cochão nós num, minha mãe num gostava muito de cochão de paina não. (Entrevista 12, linha 204)

Não. Gostava mais era cochão de paia, né? Que cochão de paina é muito quente demais. (Entrevista 12, linha 206)

Cochão de paina é muito quente. Cochão de paina é danado pá atacá os rim da gente. (Entrevista 12, linha 207)

Antigamente fazia muito cochão de paina. (Entrevista 12, linha 209)

Naquele tempo o povo ia pra aqueles lado de Diamantina, ia naquelas serra, banado do Jequitinhonha aí. O povo tirava paina e fazia travissero tudo de paina, mas o cochão não. (Entrevista 12, linha 210)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Paina. He um cabellino, que se cria em huma arvore do Brasil, chamada (se não me enganáraõ) *Samamoeira*. Deste cabellino se fazem colchões muito commodos.
2. Moraes e Silva: Paina ou Pãina. s. f. . Especie de algodão mui fino, que dá em certas arvores grandes do Brasil, dentro d’uma bage espinhosa, por fóra de pontas curtas, e não mui agudas: o tal algodão tem dentro uns carocinhos pretos, e não é tão consistente como o algodão verdadeiro, mas muito mais alvo e delicado; os carocinhos estão quasi soltos no meyo da lã.
3. Laudelino Freire: Paina. s. f. Conjunto de fibras sedosas e cotonosas, de grande aplicação industrial, que envolvem as sementes de diversas plantas das famílias das asclepiadáceas, bombacáceas, tifáceas e outras; panha.
4. Aurélio: Paina. (ã). [Do malaiala *paññi*] s. f. Bras. 1. Conjunto de fibras sedosas, parecidas às do algodão, que envolvem as sementes de várias plantas, em especial das famílias das bombacáceas, asclepiadáceas e tifáceas, e têm larga aplicação industrial.
5. Amaral: Paina. s. f. Fibras finíssimas e sedosas, contidas nas cápsulas da paineira.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Paina. s. f. ‘Conjunto de fibras sedosas, parecidas às do algodão, que envolvem as sementes de várias plantas’ XVIII, *panha* XVI | Do malaiala *paññi*. (...). (Cunha, 1986, p. 571).

232. PANTANERÃO Nm [Ssing]

É que o véi quiria colocá no mesmo modo que tinha. Aquele moldão, aques pantanerão é desse, é cumpridão assim e a ota que es faz aqui, essas que os carpintero faz ela grande, faz pequena, faz do tamanho que a gente quisé a sela, o casco. (Entrevista 12, linha 604)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

233. PARALAMA Nm [Ssing]

Mas aí ele foi e falô cumigo “ E esses istribo que vem nessas sela minera, nessa baiana? Sinhô sabe fazê esses paralama?” (Entrevista 12, linha 611)

“ Sei fa... sei. ” Fui lá e falô “ Antão cê vai, ce vai já tinha midido uma que cumpade H. tinha lá um paralama do jeito que era. (Entrevista 12, linha 612)

Cheguei lá e... cheguei lá e cortei o istribo e fiz, cortei os paralama fiz. (Entrevista 12, linha 613)

Ah! Mais esse véi tomô uma fé de mim pá ajudá ele lá. Foi ino ele mandava eu cortá paralama, ele mandava igual tinha um oto minino lá que... tinha dia que o minino num ia. (Entrevista 12, linha 622)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Pára-lama. s. m. Aparelho que cobre a roda de certos veículos para proteger os viajantes da lama.
4. Aurélio: Pára-lama [De *pára-* + *lama*¹.] s. m. 1. Anteparo curvo, ou parte recurvada da carroçaria, que se situa por cima das rodas de veículos para proteger de respingos de lama, água ou detritos, quando o veículo se acha em movimento.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

234. PARAMBERA Nf [Ssing]

Levantô cedo, tomava um cafezim, jogô a inxada na cacunda e ia pra roça, ou os menino. Outra hora levava os menino e amarrava pras perna debaixo pra eles num rolá nas parambera. (Entrevista 11, linha 203)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Perambeira. s. f. . Precipício, abismo.
4. Aurélio: Pirambeira. s. f. Bras. 1. V. perambeira. ” “Perambeira s. f. Bras. 1. Precipício; abismo.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Parambeira(n/d) s. Precipício, abismo. Variante de pirambeira (Pirambeira > parambeira – caso de assimilação). “...e com essa perna quebrada eu fui assim na parambeira...eu fuicortar de machado...depois meu pé prancheou e tinha umas moita de espinho terrível assim...e eu ainda olhei pras moita de espinho...” (Entr. 7, linha 352)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Pirambeira. s. f. ‘bras. Precipício, abismo’ XX. De etimologia obscura. (Cunha, 1986, p. 608).

235. PARIL Nm [Ssing]

Paril. (Entrevista 12, linha 477)

Paril? (Entrevista 12, linha 478)

É. Es trata paril de pegá pexe. (Entrevista 12, linha 479)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Pari. [Do tupi.] s. m. Bras. 1. Armadilha feita de talas e varas, com que se apanha peixe nos rios; paritá.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Pari. s. m. ‘barragem de madeira, espécie de armadilha para apanhar peixe’ 1895. Do tupi *pa’ri*. (Cunha, 1986, p. 582).

236. PATAÇÃO~PATACONA Nm [Ssing]

Conforme a nota era grandona e largona, dessa largura. Uns dez centímetro de largura a nota, sabe? Uns dez ô doze centímetro, sabe? Era uma notona, grande, né? Ota hora era patação, né?Ieu me lembro de pai ainda negociano as patacona de cobre, né? Umas grandona assim ó. (Entrevista 12, linha 197)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Patação. Moeda. Antigamente no Reyno de Portugal, & suas conquistas houve patações de cobre, & patações de prata. Mandou ElRey D. Joaõ III. bater o patação de cobre, que pezava cinco oitavas, & valia dez reis. Tinha de huma parte o circulo real coroadado, na orla *Joam III,Port.* []. Da outra um X, & na orla, *Rex quintusdecimus*. Denotava o X o preço do seu valor. Chamou-se patação pela semelhança que tinha com os patacoens de prata castelhanos.
2. Moraes e Silva: Patação. s. m. Moeda de cobre de peso de 5/8: valia dez reis em tempo de D. João III. No de D. Sebastião vierão a valer 3. reis; no do Prior do Crato tornarão a subir a dez reis.
3. Laudelino Freire: Patação. s. m. Moeda de cobre do tempo de D. João III. ||2. Antiga moeda brasileira; pataco.
4. Aurélio: Patação. [Da mesma or. incerta que o esp. *patacón*.] s. m. 1. Designação comum a várias antigas moedas portuguesas, brasileiras, espanholas e sul-americanas. 2. Antiga moeda portuguesa, de cobre, do valor de 40 réis, que, com o tempo, passou a chamar-se pataco. 3. Bras. Moeda antiga, de prata, de dois mil-réis. [No RS, pelo menos, a palavra designava tb. as cédulas de igual valor.]
5. Amaral: Pataca. s. f. . – 320 réis.

Registro em glossários:

1. Souza: Patação(A) s. Moeda antiga de prata usada no Brasil. "...enterrava prata e ouro naquele tempo...que era o dinheiro que tinha...é patação de prata que eu conheci..." (Entr. 4, linha 552)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Pataca. s. f. 'moeda antiga de prata, do valor de 320 réis'XVI. Provavelmente do prov. *patac*|| patação XVI.(...).

237. PAU-POBRE NCm [Ssing + ADJsing]

De cinza. De paia. De paia de feção. Cinza de... Tinha um pau no mato, chama... Es tratava pau-pobre, Maria-pobre que es tratava. Aquilo dava uma cinza. Gente aquês, aquês. (Entrevista 12, linha 268)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Pau pobre. s. m. Planta da família das sapindáceas, também chamada *farinha seca* (*Dilodedron hipinnatum*, Radl).
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

238. PAUERO Nm [Ssing]

A gente viu. Lá é alto. Eu num fui lá onde ele fez a tapera não. Tá tudo matão. Hoje tá tudo com a...Matão. Lá é mato puro. Lá cê vê. As terra tudo. As floresta bunita, viu? Tem cada aruerona, cada pauero. Vixi tá. (Entrevista 12, linha 28)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

239. PECA(R) [V]

Tinha. Quando. Comia muito feijão verde. Pai fazia os feijoal. Pecava amarilim. Eu me lembro. Ia lá e arrancava os fexe e trazia pá dento de casa e fazia. (Entrevista 3, linha 749)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Pecar. V. n. Fazer-se pêco, vem a pecar o *fruito de vicio* (viço). (...).
3. Laudelino Freire: Pecar. V. pr. De *pêco* + *ar*. Tornar-se pêco.
4. Aurélio: Pecar². [De *peco* + *-ar*².]V. int. 1. Tornar-se peco. Peco. (ê). [De or. incerta.] s. m. 1. Mal que faz definhar os vegetais; definhamento. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

240. PEGA(R) A Fras [V + Prep]

É. Se tivesse gordura punha, mas num tinha gurdura pra gente pô. Quando pegô a usá gordura, aí punha um pouco de gurdura junto. (Entrevista 1, linha 160).

Depois que a gente pegô a trabaiá, que todo mundo pegô a trabaiá aí cumeçô a milhorá um pouco, né? Ele tinha muito porco. Indé um dia mesmo ele tinha uns sessenta porco. (Entrevista 3, linhas 70 e 71)

Assim de dez, de dez acima eu já peguei a trabaiá. (Entrevista 8, linha 190)

Tinha não. Depois veio a querosene e a gente comprô, pegô a comprá a querosene e largô o azeite. Ficô mió. (Entrevista 8, linha 270)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários: Lexias comuns

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

241. PEITORÁ Nm [Ssing]

Esse foizinho aí esse trem que tá aí istindido na terra aí é trem que fazia remédio pra criança. Pro peitorá abri, pro istambo. Oli bassurinha pro mode dô de barriga. (Entrevista 11, linha 149)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Cousapeitoral. Medicina boa para os achaques do peyto, & que facilita as materias, conteudas dentro no bofe, & traca arteria, capazes de serem expulsadas. (...).
2. Moraes e Silva: Peitoral. adj. Do peito: v. g. “Cruz *peitoral*” § Bom para o peito: v. g. “remedio *peitoral*”.
3. Laudelino Freire: Peitoral. s. m. (...) 7. Denominação dada a dois músculos do tórax.
4. Aurélio: Peitoral. [Do lat. *pectorale*.] (...). s. m. 3. Anat. Cada um dos dois músculos (grande peitoral e pequeno peitoral) existentes em cada metade da parede torácica anterior. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Peito. (...). **peito-R·AL** | XIV, *pey-* XIII etc. | Do lat. *pectōrāle-is*. (...). (Cunha, 1986, p. 591).

242. PELEJA(R) [V]

Eu já ganhei trezentos réis, já ganhei ... Um dia eu fui trabaiá prum home lá. Ele tava com uns garrancho pra panhá e pelejano pra panhá os garrancho lá e () Ele falô comigo. Ele falô comigo, ele falô comigo que me dava quinhentos réis e logo depois ele foi me deu foi o dia de sirviço, pagô eu do mesmo jeito. (Entrevista 4, linha 37)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Pelejar. Lutar, vid. combater.
2. Moraes e Silva: Pelejár. v. at. Batalhar, lutar.
3. Laudelino Freire: Pelejar. v. r. v. Corr. de palejar, do lat. palus. Batalhar, brigar, lutar, pugnar, combater.
4. Aurélio: Pelejar. [De *pêlo* + *-ejar*, poss.]v. int. Batalhar, combater, lutar, pugnar. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Pelejar • (A) • [V] • Lat. • Batalhar; trabalhar muito. • *INF. 1: Eu cheguei, pelejei pa tirá esse gado. Cadê se dá jeito d'eu tirá. Aí chegô um cumpade meu e ajudô a tirá o gado da horta.* (Ent. 15, linha 629)
3. Freitas: n/e

Origem: Pêlo. (...). **peEJ·AR XIII**. Talvez deriv. do lat. de *pêlo* + EJAR, na acepção de 'agarrar pelos cabelos'. (...). (Cunha, 1986, p. 592).

243. PERNIZ Nm [Ssing]

Era assim. Fazia um () de manhã cedo com pela de porco, perniz esses trens e cozinha isso tudo e fazia aquela fejoada e cumia. Quando era mei' dia, tornava fazia cumida. Era três vez. (Entrevista 8, linha 369)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

244. PERRENGUICE Nf [Ssing]

Por isso, hoje, tem hora que eu acho que um mucado das perrenguiçe minha é isto. (Entrevista 6, linha 34)

Essas perrenguiçe por causa do veneno, porque três vez me pegô. (Entrevista 6, linha 36)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

245. PIADO [ADJ]

E dobrei. Quando eu chego ali em cima onde é a tor' lá eu parei e falei "Óia lá Minas Nova. Ô diá! Onde eu vô todia. Ei diá. Óia que bacana" Invés de eu ir imbora não. Num liguei não. Piado mesmo. Ô menina! (Entrevista 5, linha 378)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Pear. Impedir o movimento dos pés. Embaraçar o caminho com cousas que pegaõ nos pés. (...).
2. Moraes e Silva: Peâr. v. at. Por pèa, prender com ella as bestas. § Impedir o passo. (...).
3. Laudelino Freire: Pear. v. tr. dir. De *peia* + *ar*. Lançar peias a; prender com peia. (...). ||2. Pôr obstáculos a; impedir, embaraçar.
4. Aurélio: Pear. [De *peia* + *-ar*².] v. t. d. 1. Lançar peia (s) a. 2. Prender com peia (s). 3. Embaraçar; impedir; estorvar.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Pear. (...) Do lat. *pedīca* –*ae*. (...). **PeAR** XIII. (Cunha, 1986, p. 591).

246. PICADA Nf [Ssing]

Num liguei não. Piado mesmo. Ô menina! E a... Mandei. Quando eu chego lá no lugá definitivo es tinha abrido a picada. Na mata. (Entrevista 5, linha 379)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Picada. (...) Caminho estreito, que se faz por entre mato, derribado algumas arvores. (...).
3. Laudelino Freire: Picada. s. f. . (...). 8. Abertura mais ou menos larga, conforme o uso a que se destina, feita através da mata ou de campo cerrado, para estabelecer comunicação de um ponto a outro. (...).
4. Aurélio: Picada¹. [De *picar* + *-ada*¹.] s. f. . (...). 9. Bras. Angol. Cabo-verd. Guin. Moç. Santom. Atalho estreito, aberto no mato a golpes de facão; pique.
5. Amaral: Picada. s. f. Passagem aberta através do mato. | É port., mas o "Novo Dic. " o registra como colhido pela primeira vez, o que mostra que não será usual. Entre nós é de emprego comuníssimo.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

3. Freitas: n/e

Origem: Picar. (...). Voc. de orig. expressiva, que deve remontar, provavelmente ao lat. vulg. **piccare*, de *pīccus*, forma expressiva de *pīcus*. (...). **PicADA XIV**. (...). (Cunha, 1986, p. 602).

247. PICHORRA Nf [Ssing]

Eu sabia. Eu fiz muita panela. Fazia prato, fazia aquele buiãozim que a gente fala pichorra. De pô café. (Entrevista 2, linha 91)

Tinha de barro também. É é é pichorra. Chamava a chalera. (Entrevista 3, linha 778)

Pichorra? (Entrevista 3, linha 779)

Pichorra. O lugá de guardá. Era de barro. Chamava pichorra. Punha o café na pichorra. Ela tinha um bico assim. A gente pegava no cabo dela. Ela tinha uma alça igual um vaso, né? Pegava e despejava no coité. (Entrevista 3, linha 780)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Pichorra. Vaso de estanho, que difere do Pichel em ter bico. *Vid.* Pichel.
2. Moraes e Silva: Pichorra. Vaso de estanho, que difere do pichel, em que ella tem bico.
3. Laudelino Freire: Pichorra. s. f. Pichel com bico. || 2. *Lus.* Pequeno cântaro de barro com bico.
4. Aurélio: Pichorra¹. (ô). [De *picho* + *-orra*.] s. f. 1. Pichel com bico. 2 Pequeno cântaro de barro com bico. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Pichel. (...). Do a. fr. *pechier* ou *pichier* (hoje *pichet*). (...) **pichORRA** 1813. (Cunha, 1986, p. 603).

248. PISSUI(R) [V]

A mudança dela ela punha num balaio, punha na cabeça e ia embora. Agora ela ia trabaiá mais o marido pra podê pissui. (Entrevista 11, linha 182)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: Pissuí. “possuir, v. t. – adquirir, comprar”...senão quando u’a galinha já esporada que eu pissuí no levantá aquele rancho...” (V. S.) || Quanto à forma, veio ela, muito provavelmente, de Port., haja vista ao galego “pessuir” (L. de Vasc., Textos). Quanto ao sentido, esse acreditamos que resultou de evolução realizada aqui. Para exprimir a idéia do nosso “possuir”, usa o caipira de “ter” ou de algum circunlóquio. Ao Nordeste, a aceitar-se como documento válido um verso de Cat., o verbo conserva o sentido castiço: Era rico, apois pissuia / uma furtuna de gado. (“Quinca Micuá”)

Registro em glossários:

1. Souza: Pessuir(n/A) v. Ter; adquirir; comprar. "...*meu pai nunca pessuiu terra não...*" (Entr. 5, linha 129)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Possuir. vb. 'ter ou reter em seu poder'| *pesoir* XIII, *pussuyr* XIII, *pusuir* XIII, *possoir* XIV, *pessoyr* XIV | Do lat. *possidere*. (...). (Cunha, 1986, p. 626)

Obs: Arcaísmo

249. PITUBA Nf [Ssing]

É. Fazia bolo, fazia pituba. Lá tempo pra trás num fazia num nada disso não que num tinha nem leite pá fazé. (Entrevista 1, linha 270)

Ah! É bolo. Fazia pituba. Tratava de pituba nesse tempo, né? (Entrevista 3, linha 221)

Pituba. Era... era um bolo eu esqueci gente. Eu sei que esse bolo que ela fazia, ela colocava num sei o que nele. Eu esqueci o quê que era. Isso aí eu esqueci. (Entrevista 5, linha 223)

Hoje nós vamo fazê um pituba, chamava pituba de foia de banana. (Entrevista 11, linha 90)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

250. PORVA ~ PORVERA Nf [Ssing]

Eu caçava de ispingarda aqui, lá ne finado L. F, pai de Q. Es tinha Z. de M. tinha, tomô a ispingarda emprestada, rebentô ela. Era de porva, porvera. Picada boa. Levô ela pra cunsertá. O... Chegô com ela lá pra cunsertá e o véi L. já tava ruim, com câncer num pode cunsertá a ispingarda mais. Num guentô. "Hora que eu miorá eu cunserto." E num fui eu que levei pra ele, foi Z. de M. que levô e ele ia pagá o cunserto. E quando ele morreu os cara foro lá e pegaro minha ispingarda. (Entrevista 12, linha 559)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Pôlvora. Composição de salitre, enxofre, & carvão, que pelas armas de fogo causa os effeytos, que todos os dias se experimentaõ. O salitre como a grande rarefação, que resolve tudo em vapor, & ar, he causa do grande estrondo, o enxofre. (...).
2. Moraes e Silva: Pólvora. s. f. . Mistura porporcionada de salitre, enxofre, e certos carvões, a qual se inflama, e causa grande rarefação do ar, chegando-lhe o fogo, levando a bala, ou munição que tem diante. (...).

3. Laudelino Freire: Pólvora. s. f. Lat. *pulvis*. Mistura inflamável e explosiva, composta de salitre, carvão e enxôfre, com que carregam as armas de fogo, ou se faz rebentar minas, etc. (...).
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: Pórva,pólvora, s. f. Pórva, espingarda e cutia, um facão fala-verdade. - (C. P.)

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Pólvora. s. f. ‘mistura ou composto explosivo utilizado como carga de propulsão ou de arrebatamento em projetis, bombas, minas etc’. | *poluora* XV| Do cast. *pólvora*, deriv. do cat. *pólvora* e, este, do lat. *pŭlvĕra*, plural de *pulvis*. (...). (Cunha, 1986, p. 621).

251. PRA MODE~PRO MODE [LOC. ADV]

Aí agora cê põe o cuscuz aqui, o fubá aqui dento, lava bem lavadim, forra com um pano moiado, põe o fubá aqui dento e põe lá dento da panela fria e taca fogo aqui embaixo e tampa. Aqui pode fazê até uma rudiinha da mema farinha pra mode num vazá o ar, né? Quando fazê puf puf puf cê tira, dexa o cuscuzeiro lá e tá feito o bolo. Mas é gostoso demais. (Entrevista6, linha 126)

Peguei o fubá e acendi o fogo, pus o bolo lá no fogo e pus a lata. Falei “Agora vô pegá um cavaco que eu sei dele ali pra mode eu pô aqui em riba dessa lata e assá esse bolo digerim.” (Entrevista 11, linha 255)

Cama nova, casa nova e meu marido arranjou umas escama nova e pos assim na porta pra mode num entrá semente de chuva que chovesse naquelas face né? (Entrevista 11, linha 283)

É pro mode da roça, né? (Entrevista 9, linha 149)

Esse foizinho aí esse trem que tá aí extindido na terra aí é trem que fazia remédio pra criança. Pro peitorá abri, pro istambo. Oli bassurinha pro mode dô de barriga. (Entrevista 11, linha 149)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

252. PRA RIBA [LOC. ADV]

A manzuaba, eu num cabei de contá viu, M. A manzuaba... eu... a gente tira uma vara e racha um toco, né? A gente pega o toco é num lugá de areia que a gente põe, né? E vai lá dend'água. Água de... dava uns oitenta centimo e bate um pouco de jeito que fica aí ao meno uns trinta pra riba. (Entrevista 3, linha 355)

Morava lá pra riba um pouquinho e depois eu mudei. Depois que ela morreu eu mudei. Já tava acertado de fazê a casa. Eu fiz a casa pra baixo um poquim. (Entrevista 4, linha 92)

Foi arrumá ieu pá ajudá a rancá aquele feção lá numa grotta infeliz que tem Aí atrás. Cê chega embaixo e cê óia pra riba, a serra. (Entrevista 6, linha 13)

Ele tinha cozido ele ia buscá o sal e tinha dia que ele perdia a cabeça. Isquecia de vir embora e por lá ficava. Num tinha o que comê e o quê que eu fazia. Oiava pra riba e tinha um sóto assim cheio de rapadura. Cê conhece rapadura? (Entrevista 11, linha 38)

Ali, aquela casinha era minha. Eu saí daí e fui lá pra riba. Lá tinha ... a minha casa era lá. Eu ia tê uns camarada no otro dia. Eu cheguei lá e falei “Eu vô fazê um bolo que eu tô morreno de fome. (Entrevista 11, linha 252)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: De riba. De lugar alto. Cousa de riba. *Supernus, a, um*. Plin. Alguas vezes se diz, *Superus, a, um*.
2. Moraes e Silva: De riba. i. e., do alto para baixo, de cima. A riba, a cima; v. g., ir a riba, ir a cima.
3. Laudelino Freire: Riba. s. f. . Lat. *ripa*. Margem elevada de rio. ||2. Arriba, ribanceira. ” “riba, adv. Em cima.
4. Aurélio: Riba. [Do lat. *ripa*.] s. f. 1. Margem alta de rio; ribanceira; ribeira, arriba. 2. Pop. A parte mais elevada; cima. Em riba de. 1. Em cima de. u Pra riba de. 1. Pra cima de.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Riba(A) adv. Em cima de algum lugar. “...passando arreio nas costa...em riba d'umas pinguela de pau né...” (Entr. 4, linha 200)
2. Ribeiro: Riba • (A) • [Adv]• (n/e) • Em cima de algum lugar. • *No caminho que nós ia pa escola e o papai taiava, taiava a (), tirava por riba e fazia aquê coro da árve, pingava aquilo ali ó... (Ent. 1, linha 407).*
3. Freitas: n/e

Origem: Riba. s.f. ‘ribeira, margem’ XIII. Do lat. *ripa* –ae. (...). (Cunha, 1986, p. 684).

253. PRECATA~PRECATINHA Nf [Ssing]

Uai! Num usava! Eu, chinelo pra mim era aqueles coro de boi. Era aquês coro de boi. A gente comprava a cabeça de boi, pegava aquele couro de boi e esticava, cortava e fazia chinelo pá podê pô no pé. A gente tratava precata. Fazia aquês precatinha de colocá no pé. (Entrevista 2, linha 124)

Mas no oto dia eu amanheci com os pé igual um adobe inchado desceno ladera só de pedra correno, sem sapato, sem precata. (Entrevista 5, linha 395)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

254. PREMERO [ADV]

Aí eu fiz a janta e ele tava passano um reboco assim na casa pro riba e naquilo lá e eu também cabei de fazê a janta e chamei ele “Cabá de fazê esse sirviço aqui premero. (Entrevista 6, linha 16)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Primeiro. No numero, ou na ordem que as cousas tem entre si. (...).
2. Moraes e Silva: Primeiro. adj. O anterior ao segundo, aquelle de que se começa a contar, ordinalmente. (...).
3. Laudelino Freire: Primeiro. s. m. O que está em primeiro lugar. (...).
4. Aurélio: Primeiro: [Do lat. *primariu*.] Num. 1. Ordinal correspondente a um. adj. 2. Que antecede outros quanto ao tempo, lugar, série ou classe; primário. (...).
5. Amaral: Premêro. primeiro, det. num. | "...o qual foi traslado em tempo do mui esforçado rey dom Iohão de boa memorea o premeiro deste nome em Portugal..." (Fern. de Oliv., seg. Ad. Coelho).

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Primeiro. adj. num. s. m. ‘ordinal correspondente a um’ ‘que antecede outros quanto ao tempo, lugar, série ou classe’ XIII. Do lat. *primārius –a –um*. (...). (Cunha, 1986, p. 634).

255. POR RIBA~PO RIBA~PRO RIBA [LOC. ADV]

Punha po riba da fornaia e ele ficava lá. Hoje cê compra um tocim. Se ele tivé um amarelim diz que o tocim tá véi, que não sei o que não sei o quê. (Entrevista 3, linha 445)

Intupia bem duro e daquelas, daquele algudão mal queimado, né? E punha fogo nele assim por riba. (Entrevista 3, linha 508)

Não. Chegava lá a gente tirava ele do banguê e colocava dento da cova e jogava terra po riba. (Entrevista 3, linha 678)

Aí eu fiz a janta e ele tava passano um reboco assim na casa pro riba e naquilo lá e eu também cabei de fazê a janta e chamei ele “Cabá de fazê esse sirviço aqui premero. (Entrevista 6, linha 16)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: De riba. “De lugar alto. Cousa de riba. *Supernus, a, um*. Plin. Algua vezes se diz, *Superus, a, um*.
2. Moraes e Silva: De riba. i. e., do alto para baixo, de cima. A riba, a cima; v. g., ir a

riba, ir a cima.

3. Laudelino Freire: Riba. s. f. . Lat. *ripa*. Margem elevada de rio. ||2. Arriba, ribanceira. riba, adv. Em cima.
4. Aurélio: Riba. “ [Do lat. *ripa*.] s. f. 1. Margem alta de rio; ribanceira; ribeira, arriba. 2. Pop. A parte mais elevada; cima.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Riba. s. f. ‘ribeira, margem’ XIII. Do lat. *ripa* –*ae*. (...). (Cunha, 1986, p. 684).

256. PUBA(R) [V]

É. Só de coco. Ferv... Soca o coco e põe ele pra pubá, soca o coco e tira a massa. A massa dele por fora, né? Quando ele pubô bastante cê soca rapidim. (Entrevista 3, linhas 564 e 565)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Pubar. v. r. v. De *puba*. Pôr a curtir em lama ou na água (a mandioca) (*tr. dir.*). || 2. Fermentar (*intr.*). || 3. Apodrecer (*intr.*).
4. Aurélio: Pubar. [De *puba* + *-ar*.] v. t. d. Bras. 1. Fazer fermentar, tornar *puba* (a mandioca).
5. Amaral: Puba¹, q. - diz-se da mandioca fermentada. | Tupi.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Pubo, puba. adj. ‘mole, cansado’ ‘podre, imprestável’ XX. Do tupi *puya*. O voc. ocorre, também, como elemento de composição, na formação de alguns compostos de origem tupi: *tapiopuba*, *vipuba* etc. (Cunha, 1986, p. 646).

257. PUNHA(R) [V]

Eu era a mais vêia que fuçava pra tratá des e ele saía óia os menino aí, J. Eu ficava, o feijão no fogo numa panelona de ferro e punha lá no fogo. Catava, lavava e punhava no fogo e tacava fogo. (Entrevista 11, linha 36)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Ponhar. v. r. v. *Pop*. O mesmo que *pôr*.
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

258. PUXA(R) CANA Fras [V + Ssing]

Os cara que trabaivava carregano cana. Antão o o, puxava cana de longe e num faltava mesmo. O ingem ficava limpim. Todo dia es arrumava tudo. Num dexava. O ingem ficava. (Entrevista 12, linha 147)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

Q

259. QUARA(R) [V]

É. Quarava es, punha...jogava...istindia es. Onde é que tinha água, né? Quando num tinha lavava e depois enxugava mais onde que tinha água a gente enxaguava e istindia assim na pedra e ia jogano água ali. Ai ficava. Ficava claro. (Entrevista 1, linha 194)
Punha pra quará no sol. (Entrevista 3, linha 602)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Quarar. v. t. d. v. int. Bras. 1. V. corar (2 e 9, e nota).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Quarar. Vb. ‘corar, tingir’ ‘branquear’ XX. De **quorar*, deriv. de *corar*, por ultracorreção, em alusão aos numerosos vocábulos em que *qua-* *quo-* alternam com *ca-* *co-* (*quatorze/catorze*, *quociente/cociente* etc.). (...). Cor(...) **corAR**(...). Do lat. *colārāre* (... (Cunha, 1986, p. 650, p.216).

260. QUEMADA Nf [Ssing]

Tomava era assim, umas quemada de reméido de horta. Arruda. (Entrevista 7, linha 187)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Queimada. s. f. (...). 6. Cachaça fervida com açúcar e gengibre. (...)
4. Aurélio: Queimada. [De *queimar* + *-ada*¹.] s. f. (...). 5. Bras. S. Aguardente fervida com açúcar e gengibre.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Queimar. (...) Do lat. *cremāre*, através de uma forma **caimare*. Influenciada pelo grego bizantino *káima* ‘queimadura, calor’. (...). **QueimADA** 1813. (...). (Cunha, 1986, p. 652).

261. QUIÇAMBA Nf [Ssing]

É balaio. Pescava de balaio. Quiçamba também. E ... é jiqui. Ota hora colocava jiqui. Isso aí era no poço maió. (Entrevista 3, linha 349)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Quiçamba. s. f. Jacá de taquara, em que se conduz café em grão e milho, servindo também de medida do milho em palha.
4. Aurélio: Quiçamba. [Do quimb. *kisambu*, ‘samburá grande’.] s. f. Bras. SP 1. Espécie de jacá, de uso caseiro, feito de taquara.
5. Amaral: Quiçamba. s. f. - Jacá de taquara, de fundo estreito, em que se conduz o café em grão do cafezal para a tulha. Pouco us. | Alter. de "caçamba"?

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Quimbundo

262. QUINTO Nm [Ssing]

Eu vindi um quinto de pinga ali ne S. Vindi muitos quinto de pinga pá S. Cem lito de pinga. Naquele tempo setenta real. Setenta e três. J. comprô cachaça de oitenta. Real. (Entrevista 12, linha 672)

Eu vindia cachaça, eu fazia cachaça, mas nunca perdi dinheiro nela não. Vindi minha cachaça era de... Num ficô um quinto de pinga aqui. (Entrevista 12, linha 683)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Quinto. s. m. (...). 3. *Lus.* A quinta parte de uma pipa; barril que leva quatro almudes e meio. (...).
4. Aurélio: Quinto. [Do lat. *quintu.*]. (...). 5. Barril cuja capacidade equivale à quinta parte de uma pipa. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Quinto. num. sm. ‘ordinal e fracionário correspondente a cinco’ ‘ quinta parte’ XIII. Do lat. *quīntus -a - um.* (...). (Cunha, 1986, p. 657).

R

263. RAIZERO Nm [Ssing]

Eu viajava sempre Turmalina e um dia então eu fui pra Turmalina e chegô lá um home me ensinou. Até um raizero lá. (Entrevista 5, linha 128)

Raizero? (Entrevista 5, linha 129)

Pudia tomá remédio do jeito que fô. Aí um dia eu fui lá. Mãe ia direto na casa dele que ela cuidava de reméido de raizero. (Entrevista 5, linha 132)

Ele pegô e ainda xingô “ E num passa de sê aquela desgraça daquela muié que aquela muié acho que o capeta tá mais ela que direto ela jogano gente de burro no chão lá e fazeno es vim de lá aqui. Eu vô fazê um remédio. Eu vô fazê um remédio. Cé leva e dá ele e faz uma cruz na testa dele” Que ele era raizero tamém. (Entrevista 5, linha 459)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Raizeiro. s. m. *Lus.* O mesmo que *raizeira*. || 2. Curandeiro que trata das doenças com raízes vegetais.
4. Aurélio: Raizeiro. (a-i). [De *raiz* + *-eiro.*] s. m. Bras. N. E. MG 1. Curandeiro que trata doenças valendo-se de raízes vegetais.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

264. RAPÉ Nm [Ssing]

O povo, as muié usava pá rapé era curnicha, né? Tinha as curnicha. Era pra pô rapé. A curnicha era feita de coco. (Entrevista 3, linha 499)

Fejão preto. Fejão. Tinha um fejão que es tratava lá fejão ligítimo. Um fejão. O nome dele es

tratava feijão legítimo. Um feijão antigo. Que hoje ninguém vê mais. Ele é assim cor de rapé.
(Entrevista 12, linha 102)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Rapé. Fr. *râpé*. Tabaco em pó, para se cheirar.
4. Aurélio: Rapé. [Do fr. *râpé*.] s. m. 1. Tabaco em pó, para cheirar.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Rapé. s. m. 'tabaco em pó para cheirar' XVIII. Do fr. *râpé*. (Cunha, 1986, p. 663).

265. RASERO Nm [Ssing]

Onde tinha um pau perto nós fazia era um istandarte e cubria de ramo por cima, pá tampá, pá num tomá sol e ficava era isperano elas viesse, vir na bera, vir na bera, vir naques rasero.
(Entrevista 12, linha 556)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Raseiro. adj. De *raso*. Achatado. || 2. Com pouco fundo. (...).
4. Aurélio: Raseiro. [De *raso* + *-eiro*.] adj. 1. Que tem pouco fundo; achatado, chato, baixo, raso. 2. Rasourado.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

266. RASTA(R) INXADA Fras [V + Ssing]

O rapaz também era pobre. Nós casô e foi nós dois trabaiá. Graças a Deus toda vida eu tenho corage de infrentá. Nós foi rastá inxada. (Entrevista 1, linha 17)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

267. RASTERO [ADJ]

Aí fez foi tomô o chá e nunca mais viu cólica. O quê que é um carrapichim com coisa que dá assim rastero no chão. (Entrevista 5, linha 172)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Rasteiro. Causa baixa, & chegada ao chão, rente da terra.
2. Moraes e Silva: Rasteiro. adj. Baixo, não erguido do chão. (...).
3. Laudelino Freire: Rasteiro. adj. De *rasto* + *eiro*. Que anda de rastos ou arrastando-se pelo chão. (...). 3. Que é baixo, que nem depois de ter desenvolvido se ergue muito acima do chão. (...).
4. Aurélio: Rasteiro. [De *rasto* + *-eiro*.] adj. 1. Que se arrasta; arrastadeiro, arrastado. 2. Que anda de rastos; rastejador, rastejante. 3. Que se eleva a pouca altura; raso. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Rasto, rastro¹. (...) Do lat. *rāstrum* -ī. (...). **rastEIRO** *adj.* ‘que se arrasta’ XVI. (...) (Cunha, 1986, p. 664).

268. RECEBE(R)AS FANFARRA Fras [V + Art+ Ssing]

Peixe que ia recebia as fanfarras. É difícil é cê arranjá ele aí. Desde quando eu vejo gente passando aqui com a varinha de anzol na garupa da moto. Vai lá e traz o peixe. (Entrevista 10, linha 256)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

269. REDA(R) [V]

Não cê põe ele n'água lá e deixa ele dormino n'água lá. (()) balai' também já redeimuito de balai'. (Entrevista 5, linha 223)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Redar. v. tr. dir. De *rêde* + *ar*. Lançar (a rêde.)
4. Aurélio: Redar². [De *rede* + *-ar*².]V. int. 1. Lançar a rede.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

270. REGO Nm [Ssing]

Tinha. Tinha muita água. Na cabicera tinha um ...o broto, tinha um rego, né? Tirava no rego e punha numa bica. Pai tirava com uma bica de coqueiro e punha, punha uma istaca de baixo, colocava a bica por cima, um bicão d'água. (Entrevista 3, linha 450)

É no rego. Ia cabaçando o chão e fazê o rego. Ela vinha num, ela vinha num...desceno igual a hoje cedo tinha inchorrada aí. Ma...Abria a valeta e fazia.... (()) Ela caía, né? Tinha um rego tamém pa sai num corgo, né? Caía no corgo de novo. (Entrevista 3, linhas 457 e 458)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Rêgo. s. m. O sulco, a abertura, que deixa na terra o ferro do arado entre leiva, e leiva. §. fig. *O rego*, que faz a roda do carro. § O que se abre para derivar águas, e as que correm pelos regos derivadas das fontes. *Arraes*, 9. §. O rego que se abre em algum taboleiro de lavoura, mais baixo para dar escoamento á águas que não empocem nelle, e não resfriem as plantas.
3. Laudelino Freire: Rêgo. s. m. Lat. *rigus*. Sulco ou abertura que deixa na terra o ferro do arado ou de qualquer instrumento. || 2. Pequena vala que se abre nas terras para escoamento das águas. (...). ||5. Riacho estreito e raso, formado pelas águas da chuva em campo descoberto, secando no verão. || 6. Canalização das águas de um rio ou riacho, para rega das plantações. (...).
4. Aurélio: Rego. (ê). [Do pré-romano **recu*, poss. misturado com o céltico *rica*, 'sulco'.] s. m. 1. Sulco natural ou artificial que conduz água; valado, valão, valo. 2. Sulco deixado pelo arado. 3. Valeta num campo cultivado. (...). 6. Bras. PA Riacho alimentado por águas da chuva, em campo descoberto.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Rego. s. m. 'sulco natural ou artificial que conduz água' XVI. De um pré-romano *

rěcu-, cruzado provavelmente com o céltico *rīca* ‘sulco’. (Cunha, 1986, p. 672).

271. RELÉ [ADJ]

Aí que pegô usá es trazeno aqui uns...uns panim relé, uns panim besta. (Entrevista 5, linha 196)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Relê. Casta, companhia, laya. (...).
2. Moraes e Silva: Relê. V. *Ralé*. §. Casta, companhia, laia, sorte, especie. (...).
3. Laudelino Freire: Ralé. s. f. *Ár. rahhalin.* (...). || 3. O refugio da sociedade; a arraia-miúda; populacho. (...).
4. Aurélio: Relé¹. [Var. de *ralé*.]. s. f. 1. V. *ralé*(1).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Ralé. s. f. ‘a camada mais baixa da sociedade’ XVI. De origem incerta, talvez no fr. antigo *ralée* ‘ida, no sentido de ato de capturar uma presa’. (Cunha, 1986, p. 662).

272. REPRESENTA(R) [V]

Quando eu andei uma distancinha boa representô foi uns caçadô . Dum lado e de oto da estrada. (Entrevista 5, linha 385)

Quando chegô lá no cemitério que tem lá no banado do rio virano po Fanado que eu passei representô foi uma boiada. (Entrevista 5, linha 407)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Representar. (...). Representar alguma cousa a alguém. (...).
2. Moraes e Silva: Representar -se. (...). Affigurar-se á fantasia, appresentar-se aos olhos.
3. Laudelino Freire: Representar. v. r. v. (...). 4. Parecer ter, figurar, aparentar. (...).
4. Aurélio: Representar. [Do lat. *representare*.] v. t. d. 1. Ser a imagem ou a reprodução de. 2. Tornar presente; patentear, significar. 3. Participar de espetáculo teatral, de filme, etc., desempenhando papell (4); interpretar. 4. Levár à cena; exhibir, encenar (em teatro). (...). 8. Figurar, aparentar:
5. Amaral: Representá (r), v. i. - Parecer: "...me representa escuitar uns guinchos finos..." (V. S). | Este verbo, usadíssimo entre o povo, é o castiço *representar-se* (pronom.) = *afigurar-se*.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Representar. vb. ‘ser a imagem ou a reprodução de’ ‘patentear, significar’ XIV. Do lat. *rapraesentāre*. (...). (Cunha, 1986, p. 677).

273. RESCALDO Nm [Ssing]

Tem que sê rescaldo, né? Rescaldo de fogão. (Entrevista 3, linha 637)

É? Como que faz esse rescaldo? (Entrevista 3, linha 638)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Rescaldo. Borrvalho. *Vid.* no seu lugar. O primeyro he Castelhana.
2. Moraes e Silva: Rescaldo. s. m. O borrvalho. (...).
3. Laudelino Freire: Rescaldo. sm. (...) 3. O borrvalho ou a cinza que conserva ainda algumas brasas. (...).
4. Aurélio: Rescaldo. [Dev. de *rescaldar*.] s. m. (...). 2. Cinzas com brasas. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Rescaldar. (...). De *re*+ *escaldar*|| **rescaldo** XVI. Deriv. regressivo de *rescaldar*. Caldo (...). Do lat. *caldārius* (...). (Cunha, 1986, p. 678, p.140).

274. RIBUÇA(R) [V]

Subia em cima de teiado to contano aqui subia em cima de teiado e travava os muro de uma casa, incarbá e inripava e ribuçá e tudo. (Entrevista 5, linha 204)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Rebuçar. v. r. v. De *re* + *embuçar*. Cobrir com capa ou com rebuço. (...).
4. Aurélio: Rebuçar. [De *re*- + (*em*)*buçar*.]v. t. d. 1. Encobrir com rebuço; embuçar. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Boca. (...). Do lat. *būccam*. (...). **Rebuçar** vb. ‘embuçar’ XVI. (...). (Cunha, 1986, p. 114).

275. ROLÃO Nm [Ssing]

Era com, era com azeite. Ota hora era rolão. (())Tratava rolão. (())Rolão. A gente socava mamona com algudão, bem socada até virá aquela pasta. (Entrevista 3, linha 526)

A gente punha na candeinha. Ela tem um biquinho. A gente punha o rolão assim na ponta, né? E punha fogo e era. (Entrevista 3, linha 529)

Punha na cuiã aquele rolão que a gente fazia. (Entrevista 6, linha 88)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Rolão¹. [De *rolo*¹ + *-ão*¹.] (...). 3. Grande *rolo*¹. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986)

276. RUMA Nf [Ssing]

Murria uma pessoa ia no mato tirava vara e fazia aquele trem ó e punha ele dento, levava pro cemitério. Lá no cimitério mesmo se passasse tava aquela ruma de isquife. (Entrevista 5, linha 428)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Ruma. Quantidade de cousas, hũas sobre outras, como Ruma de cadeyras, Ruma de papeis, &c. (...).
2. Moraes e Silva: Rúma. s. f. . Monte de coisas sobre postas: v. g. *huma ruma de livros, de papeis. Vieira.*
3. Laudelino Freire: Ruma. s. f. . O mesmo que *rima*, pilha.
4. Aurélio: Ruma¹. [Var. de *rima*³.] s. f. 1. Pilha, montão, rima
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

S

277. SAPECA(R) [V]

Pegava a foia de banana, (()) sacudia, sapecava ela, temperava a massa e punha assim ó. Inrolava, inrolava, inrolava. Quem tinha pra pô dentro punha. Quem num tinha, punha no chãozim lá do forno, do forno à lenha. Quando aquilo arrosava, tirava e ficava cumeno. (Entrevista 11, linha 92)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Sapecar. v. tr. dir. Tupí *sapec*. Chamuscar ou secar (a cegonha). || 2. Secar ou moquear (carne ou peças de caça), para conservar. (...)
4. Aurélio: Sapecar¹. [Do tupi = ‘queimar levemente’, + *-ar*².] v. t. d. 1. Bras.

Chamuscar, crestar. (...).

5. Amaral: Sapécá (r). v. t. - queimar ligeiramente, chamuscar: "Cheguei tão perto do fogo que a labarêda me sapecô a rôpa". - "Pra pelá o porco, precisa sapecá premêro". | Querem que derive do tupi "sapec". Não virá simplesmente de sapé? Note-se que é costume, na roça, empregar o sapé como combustível, quando se trata de chamuscar, dê queimar superficialmente alguma coisa, como o porco antes de ser retalhado. Daí se teria formado sapecar, mediante a introdução de um c, pelo modelo de "pererecar", "petecar", etc. - Na Amaz. se diz "saberecar", "sabrecar" e "sabererecar". Influência de "pererê", "saperê", ou forma mais próxima da origem?

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Sapecar¹. vb. 'chamuscar, crestar' 1899. De origem tupi, mas de étimo indeterminado. (Cunha, 1986, p. 705).

278. SARACURA Nf [Ssing]

Pegava era aquela aracuã que tem po mato. Era saracura. Daqueles... Aqueles bicho maió. (Entrevista 9, linha 166)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Saracura. s. f. (...). 3. Ave aquática brasileira. (*Aramites*)
4. Aurélio: Saracura. [Do tupi.] s. f. (...). 2. Zool. Designação comum às aves gruiformes, ralídeas, representadas no Brasil por 13 gêneros e várias espécies. São aves desconfiadas, que passam o dia escondidas na vegetação, saindo, em geral, à tarde, para se alimentar de insetos, crustáceos e peixes de pequeno porte. (...).
5. Amaral: Saracúra. s. f. Designa várias aves pernaltas, do gên. "Gallinula". | Tupi.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Saracura. s. f. 'ave gruiforme da fam. dos ralídeos' | 1587, *çaracura c* 1584| Do tupi *sara'kura*. (Cunha, 1986, p. 705).

279. SEBO DE BOI NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

Aí tinha uma fruta. Hoje em dia nem vê isso mais moça. Fruta sebo de boi, de burro, sebo de burro que eles fala ou, aliás, sebosa. (Entrevista 7, linha 381)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

280. SEBOSA Nf [Ssing]

Aí tinha uma fruta. Hoje em dia nem vê isso mais moça. Fruta sebo de boi, de burro, sebo de burro que eles fala ou, aliás, sebosa. (Entrevista 7, linha 381)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

281. SECA(R) O DOCE Fras [V + Art+ Ssing]

Coco mucaúba. Mãe socava o coco e tirava o leite do coco mucaúba. Com o leite ela misturava no odo leite e fazia o doce. Secava o doce. (Entrevista 3, linha 149)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

282. SEMENTE DE CHUVA NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]

Cama nova, casa nova e meu marido arranhou umas escama nova e pos assim na porta pra mode num entrá semente de chuva que chuvesse naquelas face né? (Entrevista 11, linha 283)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

283. SINAPISMO Nm [Ssing]

Os remédio era pulgante, era sinapismo. Sinapismo cê sabe o quê que é né? (Entrevista 3, linha 355)

É a semente de mostarda. Cê soca ela. Soca ela e coloca, coloca ela em cima. Ela vira uma pasta. aí cê faz aquela pasta e coloca aqui na batata da perna e marra um pano. Ma o trem quema, mas quema. Quema, mas quema mesmo. Ali puxa, sabe? É engraçado viu. É bom pá reumatismo. Cê tá com uma dô no juei cê coloca o sinapismo aquilo alivia. (Entrevista 3, linha 661)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: Sinapismo. [Do gr. *sinapismós*, pelo lat. tard. *sinapismu*.] s. m. Terap. 1. Cataplasma de mostarda, que se aplica, por via de regra, como revulsivo.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
Ribeiro: Sanapismo • (n/A) • Nm [Ssing] • Fr. • Papa medicamentosa, que tem como principal componente a mostarda. • *O sanapismo é isso de queimá.* (Ent. 1, linha 339)
2. Freitas: n/e

Origem: Sinapismo. sm. ‘cataplasma de mostarda’ 1844. Do fr. *sinapisme*, deriv. do lat. med. *sīnāpimuse* este, do gr. *sinapismós*, de *sīnapi* ‘mostarda’. (...). (Cunha, 1986, p. 725).

284. SOTE~SOTO Nm [Ssing]

Eu morei na casa da minha sogra quatro ano. Depois é que eu fiz minha casa. Mas separado. Eu tinha meu quarto de dormi, eu tinha meu fugão, eu tinha meu soto de eu pô rapadura. Que a gente fazia café era de rapadura, né? (Entrevista 7, linha 241)

Meu pai fazia quarenta, cinquenta carga de rapadura. Sessenta, oitenta, cem carga de rapadura. E punha tudo. Ele tinha três... Ele tinha um mucado de sote. Punha ela em cima do fugão. (Entrevista 12, linha 130)

A foia de bananera seca e forrava tudo assim ó. Forrava tudo o lugá do sote que ele punha. É em cima aqui. Que nem em cima dessa taba aí ó. (Entrevista 12, linha 133)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Sótão. s. m. Casa soterranea, escura. (...).
3. Laudelino Freire: Soto. s. m. *Ant. e pop.* O mesmo que sótão.
4. Aurélio: Sótão. [Do lat. vulg. **subtulu* < lat. *subtus*, ‘debaixo’.] s. m. 1. Pavimento situado imediatamente abaixo da cobertura de um edifício, e caracterizado pelo pé-direito reduzido ou pela disposição especial que permite adaptá-lo ao desvão do telhado. 2. Espaço vazio na armadura do telhado, que normalmente serve de depósito.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Sótão. s. m. ‘orig. porão’ ‘pavimento situado imediatamente abaixo da cobertura de um edifício e caracterizado pelo pé-direito reduzido ou pela disposição especial que permite adaptá-lo ao desvão do telhado’ | *sotã* XVI, *sotom* XIV | Do lat. vulg. **sūbtūlum*, deriv. do lat. *subtus* ‘debaixo’. (Cunha, 1986, p. 737).

285. SUADÔ Nm [Ssing]

Antão ele, ele me chamô pra ir... que ele tava com uma sela dessas daqui e ele num sabia pô suadô nessa sela baiana e minera não. (Entrevista 12, linha 599)

Aí o quê que eu ...Aí eu fui e ele falô cumigo “O sinhô põe suadô nessa sela?”. Eu falei “ Ponho. ” (Entrevista 12, linha 600)

Essas montaria que es tratava ecutiano, num é essas sela paulista que ele falava “ Eu ponho o suadô e dá certo. Nessas que eu faço. Agora essas casco de madeira que vem lá de Minas Gerais e Bahia eu num, eu num, o suadô meu num dá certo. ” (Entrevista 12, linhas 602 e 603)

Aí me insinô lá cumé que custurava. Aí igual o suadô que eu pregava. (Entrevista 12, linha 617)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Suadouro. s. m. (...). *Suadouro das sellas*, são dois coxins de lã, que assentão sobre o corpo do cavallo para não o molestar, pegadas na armação da sella.
3. Laudelino Freire: Suadouro. s.m. De *suar* + *douro*. (...). 4. Coxim de lã que assenta sôbre o corpo do cavalo para o não molestar e sôbre o qual assenta a sela ou selim. (...).
4. Aurélio: Suadouro. [De *suar* + *-douro*²; var. de *suadoiro*.] s. m. (...) 5. Parte do lombo da cavalgadura onde se assenta a sela; peitudo. (...).
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

T

286. TABUADO Nm [Ssing]

Alembro. Era no ingem de pau. Tem três muenda. Ficava dois. Duas pessoa. Um daqui e o to de cá. Dentro tinha o tabuado, né? E punha o boi pá rodá. (Entrevista 7, linha 65)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Taboado. As taboas de hum soalhado, ou muytas taboas desta, ou daquela casta, como taboado de casquinha. (...).
2. Moraes e Silva: Tabóado. s. m. Multidão de taboas.
3. Laudelino Freire: Tabuado. s. m. Porção de tábuas. || 2. Sobrado, sôlho. || 3. Tapume de tábuas.
4. Aurélio: Tabuado. [Do lat. *tabulatu*, por via popular.] s. m. 1. Conjunto de peças de madeira, unidas entre si ou colocadas lado a lado, que constituem forro de assoalho, o próprio assoalho, revestimento de parede, a própria parede, etc. ; tabuame.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Tábua. (...). **tabu**ADO, **tabu**LADO s. m. | *tauolado* XIII, *taulado*, XIII, *tauoado* XV, *tabolado* XVII. | Do lat. *tabŭlātum*. (...). (Cunha, 1986, p. 749).

287. TACHERO/A Nm [Ssing]

Agora o barro quebrava demais. Num aturava nada não. Qualquer cuisinha quebrava. O barro quebrava muito. Agora esses aqui feito, esses com, como. Cumé quem mexe com cobre? Cumé que es trata ele? Tachero. Os tachero fazia de cobre. Fazia mais de cobre. (Entrevista 12, linha 375)

Assim tira a ispuma toda que a água limpa, fica até as iscuma de tirá de cu..., de cuia né? De cabaça e fazi, vai limpano ela, as tachera. (Entrevista 4, linha 131)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Tacheiro. s.m. Operário que lida com as tachas de cozimento do açúcar.
4. Aurélio: Tacheiro. [De *tacho* + *-eiro*.] s. m. Bras. N. E. 1. Nos engenhos de açúcar, ajudante que se encarrega dos tachos.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

288. TAIA Nf [Ssing]

Trazia nos pote, nas taia. Ota ora era aques cabação grande. Tinha umas cabaçona grande. Que dava cabaça grande viu menino. Naquele tempo. () Cada barriga desse tamanho. (()) É igual abobra o pé dela. Eu sei que é a mema coisa. (Entrevista 3, linha 466)

Deixava os pote cheio lá pra bebê. Tinha umas taia, tinha butija punha água. Naquele tempo a água era limpinha num era igual hoje não. (Entrevista 8, linha 169)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Talha. Vaso de barro, de grande bojo, & boca estreita. (...).
2. Moraes e Silva: Talha. s. f. . Vaso de barro de grande bojo, e boca estreita, o fundo conico, serve para guardar azeite nas adegas. (...).
3. Laudelino Freire: Talha. s.f. Vaso de barro ou de fôlha de bôca estreita e de grande bôjo, em que deita água, azeite, etc. || 2. Qualquer outra vasilha com a forma dêsse vaso.
4. Aurélio: Talha². [Dev. de *talhar*.] s. f. 1. Vaso de barro de grande bojo. 2. Vaso de lata ou de zinco, para azeite; pote.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Talha. s.f. ‘vasilha’ | XIV, *talla* XIII, *taalha* XIV | Do lat. **tenacŭla*, por **tīnacŭla*, de *tīna*. (Cunha, 1986, p. 751).

289. TAMPA(R) [V]

Até ropa branca tudo. Lavava que fazia gosto. Sua mãe lavava com sabão e depois que tampô vir soda. Não. Toda vida tinha soda. (Entrevista 8, linha 249)

Esses dias mesmo eu, eu nem quis cumê, comprá doce oto dia. A muié me ofereceu. Se amanhã tivê fera é perigoso ela trazê. Se o povo fô buscá es. Se tampá chuvê num vai não. (Entrevista 12, linha 70)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Tampa. (...). Provavelmente do germânico, deriv. de um gót. **tappa*. (...). **tampAR** XX. (...). (Cunha, 1986, p. 753).

290. TAQUARA Nf [Ssing]

Dicuada cê faz o barrilero e de de de taquara. Ele é assim tipo dum funil. Afunilado, né? aí cê enche ele de cinza, forte. (Entrevista 3, linha 572)

Mas eu fazia de taquara. (Entrevista 12, linha 496)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Tacuara. s.f. Designação vulgar das várias espécies de bambú. || 2 (...).
4. Aurélio: Taquara. [Do tupi.] s. f. Bras. 1. Bot. Designação comum a diversas plantas da família das gramíneas, ger. dotadas de caule oco, como, por ex., a *Bambusa tacuara*, de colmo arbóreo de 6 a 7m de altura e 5 a 6cm de diâmetro, ramos cilíndricos, estriados, bainha cilíndrica, estriada na parte superior e glabra na inferior, e grandes panículas áfilas. (...).
5. Amaral: Tacuara. s. f. - designa várias espécies de gramínea, do mesmo gên. do "bambu", nome que se reserva para as espécies importadas e de grande diâmetro. Há tacuaruçu, tacuaratinga, tacuara do Reino, tacuari, tacuara-póca, etc. - Tupi.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Taquara. s. f. 'planta da fam. das gramíneas, taboca, bambu' | 1627, *tacoarac* 1584 etc. (...). | Do tupi **ta'kyara*. (...). (Cunha, 1986, p. 755).

291. TECELONA Nf [Ssing]

Fazia. Ela era até tecelona. Do jeito que tinha um tiá. Ela fiava. Dava muito aigodão. E ela punha camarada pra fiá. Ticia de tudo. Cuberta, pano. De tudo ela cuidava. (Entrevista 9, linha 98)

Naquele tempo era duro. À vez da gente fiá agudão. Prantá o agudão, fiá ele, cuiê. Fiá, mandá as tecelona chegá, fazê uma carça prum home desse tamanho do pano de agudão. Aquele panim de cortá E agora depois da carça feita tirá a casca de pau, cuzinhá, tingi, lamiá ali na lama ali e lavá. Ficava pretim feito a noite. (Entrevista 6, linha 63)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Tecelôa, ou Tecedeyra. *Vid.* Tecedeyra.
2. Moraes e Silva: Tecelôa. V. *Tecedeira*.
3. Laudelino Freire: Tecelona. s.f. De *tecelão*. O mesmo que tecedeira. || 2. Mulher de tecelão.
4. Aurélio: Teceloa. s. f. 1. Fem. de tecelão; tecelã.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

292. TEMPO DE DISÁGUA NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

No mato tinha tudo quanto é fruta. Quando é ... No tempodiságua, né? (Entrevista 9, linha 170)

Quando era tempo de diságua tinha tudo quanto é fruta. É. Era goiaba. Era infiludedo. Era tudo quanto é coisa assim de fruta. (Entrevista 9, linha 172)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

293. TENTA Nf [Ssing]

Que era quatro tenta o timbó, né? Três tenta. Ele cortô duas e deixô uma da mais fininha. Que uma só num ia aguentá, né? Aí quando ele isticô ele desceu dento duma jabuticabera. (Entrevista 3, linha 254)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

294. TIMBÓ Nm [Ssing]

A gente marrava um timbó num jatobazerão que tinha lá. Até hoje tem esse jatobazeiro lá, né? E esticava, né? (Entrevista 3, linha 245)

Quando foi um dia eu falei “Óia J. .”. Eu e J. que fazia. J. meu irmão, um que morreu, né? J. era maiorzim e subia. Gente marrava o timbó lá. Era uma nera dessa grossura o timbó, né? (Entrevista 3, linha 250)

Foi aí “ Ô gente”. Eu falei. J. foi lá em riba e cortô. Cortô o timbó e deixô só um fi... só uma... Que era quatro tenta o timbó, né? (Entrevista 3, linha 254)

Quando chegava lá na ponta que voltava dava uns cinco, cinco metro, seis de altura. E ele desceu desse trem e tocô dento da, dentro da... o timbó rebentô e ele caiu dentro da, meio das

pedra, da jabuticabera, né? (Entrevista 3, linha 257)

Aí foi o dia do timbó, né? Ele ...que eu num contei o que tinha acontecido pra trás o que ele fez comigo, né?Aí eu falei “Eu vô cortá o timbó que ele cai. (Entrevista 3, linhas 272 e 273)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Timbó. s. m. Nome comum a duas plantas da família das leguminosas-papilionáceas (*Dahlstedtia pinnata*, de Malme, e a *Lonchocarpus nicou*, de Benth.). || 2. Arbusto da família das sapindáceas que é o mesmo que *cururu-apé*. || 3. Espécie de cipó venenoso (*Piscidia erytharia*). || 4. O mesmo que *camaiua-cipó*. || 5. O mesmo que *cipó de sapo*.
4. Aurélio: Timbó. [Do tupi = ‘o que tem cor branca ou cinzenta’; ‘vapor’, ‘exalação’, ‘fumaça’.] s. m. Bras. 1. Bot. Designação comum a plantas, basicamente leguminosas e sapindáceas, que induzem efeitos narcóticos em peixes e, por isso, são usadas para pescar. Fragmentadas e esmagadas, são lançadas na água; logo os peixes começam a boiar e podem ser facilmente apanhados a mão. Deixados na água, recuperam-se, podendo ser comidos sem inconveniente. [Sin.: tingui.] 2. Bot. V. *cipó-de-sapo*. (...).
5. Amaral: Timbó. s. m. Nome de vários vegetais empregados por pescadores de rio para tontear o peixe. | Daí atimbòado, zonzo, tonto.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Timbó. s. m. ‘designação comum a várias plantas da fam. das leguminosas e das sapindáceas, cuja seiva é tóxica para peixes, e por isso, usada para pescar’| Do tupi *ti'mo*. (...). (Cunha, 1986, p. 769).

295. TIRA(R) O SENTIDO Fras [V+Art+ Ssing]

Tem hora que eu alembro. A gente vendeu tirô o sentido. (Entrevista 10, linha 29)

Quando deu venda. Pai vendeu tirô o sentido. (Entrevista 10, linha 38)

Tirô o sentido? Como assim? (Entrevista 10, linha 39)

Num sobrou nada. Tirá o sentido é mió. (Entrevista 10, linha 40)

Como assim tirô o sentido? (Entrevista 10, linha 41)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

296. TOCA(R) LAVORA Fras [V+Ssing]

Não. Naqueles intervalo ele tocava um lavorão. Tinha vez que tocava roça. Quando tava cresceno, laigata dava e cumia tudo. (Entrevista 11, linha 52)

Ele foi fazê compra e dexô eu lá com os camarada. Nós tocava lavora de aigodão. (Entrevista 11, linha 290)

Trabaiei lá no... ali atrás no campo de futibol. Pá dento do campo ali, pr'aquela grotta que eu toquei lavora muitos ano.

(Entrevista 12, linha 644)

Naquele tempo pra pagá um pá () quando cumeçô o real quatro real, cinco real por dia. Foi ino a cachaça um real e poco o cara aqui ganha trinta real por dia. Tem condição? Um trem desse. Nem tocá lavora aí. O povo cabô. (Entrevista 12, linha 687)

Quem qué tocá sua lavurinha tem que tocá é sozim agora. (Entrevista 12, linha 688)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

297. TOCA(R) ROÇA Fras [V+Ssing]

Não. Naqueles intervalo ele tocava um lavorão. Tinha vez que tocava roça. Quando tava cresceno, laigata dava e cumia tudo. (Entrevista 11, linha 52)

Eu toquei roça muitos ano. Foi depois eu passei a trabaiá mais a véia D. Aí quando eu fui trabaiá lá na véia D. (Entrevista 12, linha 647)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

298. TOCA(R) RODA Fras [V+Ssing]

Quando era pequeno é é ... pai tinha um homem lá que pai pagava ele, né? Pá ajuda tocá a roda. Que era tocada a mão. Num tinha motô num tinha nada. Era à mão, né? (Entrevista 3, linhas 99 e 100)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

299. TOMA(R) FÉ Fras [V+Ssing]

Ah! Mais esse vêi tomô uma fé de mim pá ajudá ele lá. Foi ino ele mandava eu cortá paralama, ele mandava igual tinha um oto minino lá que... tinha dia que o minino num ia. (Entrevista 12, linha 621)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

300. TOMA(R) LUITA Fras [V+Ssing]

Brincá? Brincá era tomá banho, era tomá luita, era corrê. Era isso. (Entrevista 8, linha 282)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

Obs: Arcaísmo

301. TOMA(R) OPINIÃO Fras [V+Ssing]

Mais a vida. aí cas... arranjou uma viúva lá e tomô opinião de nós que ia casá. Nós pulô, pulô de alegria. (Entrevista 11, linha 62)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

302. TOMA(R) TAMANHO Fras [V+Ssing]

Aí eu pe... tomei um tamanho, peguei viajano. Era direto, era mui... direto era dia e noite eu viajano. Vendeno cachaça pra eles. (Entrevista 5, linha 36)

Não. Eu fiquei. Até tomei um tamanho e quando eu tomei um tamanho que eu peguei uma idadezinha eu peguei foi vendê. Sai vendeno cachaça. (Entrevista 5, linha 56)

Tudo era chei' de cana. Nós carregava toda pra lá. Quando eu cresci, já tomei um tamanho aí de doze o treze ano eu já carregava cana pro ingem. (Entrevista 12, linha 152)

Eu levantava todo dia. Eu fazia café pra es. Quando eu tomei um tamanho já mais grande, assim duns oito, dez ano. Dez ano mais ó meno eu levantava todo dia e cuava o café pra es. (Entrevista 12, linha 160)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

303. TOPA(R) [V]

Fazia as duas furminha e vê se topava e deixava a boca assim. Agora tocava o dedo. (Entrevista 3, linha 503)

Ispia pro cê vê que trem bacana que eu arrumei”. “ Quê que é esse trem?” Eu falei “ Ispia pro cê vê” “ Nossa Senhora! Cê num é doido, não?” “Doido o quê?” “ Pois eu comigo laigava ele e ia embora correno” “ Ô vai lá” Ele “Até que eu vô lá oiá”. “Vai lá”. Pois ele chegô lá e topô ele ispichado divera. (Entrevista 5, linha 311)

De primero aqui tinha bastante, agora ali... Tem até um morro ali que chama Morro do Pau Sangue. É só dá a volta nele que a gente topava com ela aí. (Entrevista 5, linha 342)

Só não era da ligítima que a ligítima é preta ou intão a pintada. Andava Aí uma vermeia. É todo mundo topava com ela aí. (Entrevista 5, linha 343)

Tinha dia que mei’ dia com o sol quente topava com um cara e falava “Quê que foi?” “Ah topei com a onça ali e ela rosno pra mim fui obrigado a corrê. ” (Entrevista 5, linha 346)

Gato de jabutirica. (()) Era inraçado a onça. O gato de jabutirica se ele tiver infezado que ocê topá qu’ele cê tem que corrê. (Entrevista 5, linha 352)

Já viu uai. Já topei com muitos. (Entrevista 5, linha 354)

Aqui pra baixo nesse riberão aqui esse povo “Ah! Topei com isso, com aquilo” (Entrevista 5, linha 417)

Via as pessoa. Topava com pessoa, topava com ropa istendida no chão, topava com isquife, tudo quanto é trem. (Entrevista 5, linha 421)

Topava com... topava com o quê? (Entrevista 5, linha 424)

Quando ele chegô com o cavalo “Boa hora T., que cê chegou, que isto lá cê num arrumô nada. Então vão levá, me levá ali no arto. Avisa meus fio porque es vir topá com cê e arruma um carro e traz pa me levá lá pra Minas Nova ô Trumalina. ” (Entrevista 6, linha 28)

Pegô. Fui fazê um roçado lá um dia, batê a foice topano com meu sobrinho. Ele de lá e eu de cá. Nós topava no meio. (Entrevista 6, linhas 39 e 40)

Hein G. ? Quando foi topá um sirviço. Quando eu cheguei aqui, o povo fazia o almoço era de menhã cedo. O povo cumia, inchia a barriga pá ir pro sirviço. (Entrevista 8, linha 366)

Não. Sai de lá passei na casa de D. Mandei ele topá comigo passá coida. (Entrevista 11, linha 264)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Topar. Deriva-se do grego *Topazein*, que he buscar, & topar, he achar a cousa que andamos buscando, & estendese a qualquer outra cousa, com a qual nos encontramos, aindaque a não busquemos. (...).
2. Moraes e Silva: Topar. v. n. Encontrar com alguém, ou alguma coisa à caso, e imprevistamente, ou de propósito. (...)
3. Laudelino Freire: Topar. “v. r. v. De *tope* + *ar*. Encontrar (tr. dir.): “Se eles cá vem, é contar que não deixam nada; diz que metem a saque tudo quanto topam, pois não metem?” (Camilo). ||2. Deparar, encontrar (tr. ind. com prep. *com*): “A curta distância toparam com a cavalgada da rainha” (Rebêlo da Silva). ”
4. Aurélio: Topar. [De *top*, onom. de um choque brusco, + *-ar*².] v. t. d. 1. Encontrar, achar. / v. t. i. 5. Encontrar, achar. 6. Encontrar (-se), deparar. 7. Ir de encontro; encontrar-se, chocarse. / v. p. 12. Encontrar-se, deparar. ”
Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Topar(A) v. Encontrar, achar. “...outra hora cê topa com ele na estrada...”

(Entr. 5, linha 589).

2. Ribeiro: Topar • (A) • [V] • Onomat. • Deparar, encontrar. • *De veiz em quando eu topo cum ela no Ki-Barato lá.* (Ent. 12, linha 179)
3. Freitas: n/e

Origem: Topar. vb. ‘encontrar- (se) com’ XIII. De origem onomatopaica. (...). (Cunha, 1986, p. 775).

304. TRUPIA(R) [V]

Foi. Fazendo o quê na mata? Trupiano. (Entrevista 5, linhas 15 e 16)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Tropear. v. intr. Exercer funções de tropeiro.
4. Aurélio: Tropear². [De *tropa* + *-ear*².] v. int. Bras. 1. Trabalhar como tropeiro; conduzir tropa.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

305. TRUPICA(R) [V]

Trazia caiga de maxixe. Quê aqui em cima prantava, mas num dava e lá na fazenda até no mei' das das manga, cê tava no mei' das manga e tava trupicano ne maxixe. (Entrevista 5, linha 96)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
2. Moraes e Silva: Tropicar. v. n. Tropeçar, e ir cahindo; v. g. *este burro tropic, s. vulg.*
3. Laudelino Freire: Tropicar. v. intr. Tropeçar muitas vezes (falando das bêstas).
4. Aurélio: Tropicar. [Do arc. *tropigo*, ‘hidrópico’ (v. *trôpego*), + *-ar*².] V. int. 1. Tropeçar numerosas vezes.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Tropicar(A) v. É o mesmo que tropeçar. “...que aqui mesmo a gente tá tropicando neles aí na rua...” (Entr. 2, linha 688)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: Trupicar • (A) • [V] • arc. • Dar topada com o pé. O mesmo que tropeçar. • “De noite ia na cozinha tava trupicano ne menino” (Ent. 04, linha 127)

Origem: Trôpego. (...). **TropICAR** vb. ‘tropeçar inúmeras vezes’ 1813. Liga-se, provavelmente, ao arc. **tropigo* ‘trôpego’. (...). (Cunha, 1986, p.793).

306. TUIA Nf [Ssing]

Arroz era nas tuiã. Pá socá no pilão. Que era socado nos pilão. (Entrevista 3, linha 728)
Cortava bambu, fazia uma tuiã assim ó daqui lá punha denti de uma bica e colocava a massa aqui, forrado, fazia barro, batia em riba daquela massa barro de terra vremeia um paimo. Daqui a um mês cê via rachá aquele, cê ia lá tirava aquele e jugava fora barro tornava fazê oto e punha naquele maió. Quando vencesse aquele mês que ele rachava cê ia lá e o açuca tava dessa coire. (Entrevista 11, linha 109)
Naquele tempo num tinha supermercado. Meu pai era um supermercado. Qué vê. Ele cuía e inchia a casa. Inchia as tuiã dele lá de feijão, os caxote de farinha e vindia tudo po povo. (Entrevista 12, linha 698).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Tulha. He o nome genérico de vários receptáculos de tijolo, ou de vimes, ou de esparto, em que se recolhe separadamente azeitona, castanha, arroz, ou outros frutos da terra, & como num celeyro há vários montes de trigo, cevada, centeyo, milho, &c.
2. Moraes e Silva: Túlha. s. f. . O monte de pães, e grãos, castanhas, nozes, arroz, que está no celleiro, em divisões talvez.
3. Laudelino Freire: Tulha. s. f. . Lat. tudicula. (...) 8. Eira ou terreno cercado, onde se secam frutos; passal.
4. Aurélio: Tulha . Substantivo feminino. 2. Grande arca usada para guardar cereais.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: Tuia • (A) •Nf [Ssing]• Cont. • Grande arca usada para guardar cereais. • *Ingordava o capado. Matava o capado, tinha a carne e tinha a gurdura. E o mantimento todo tanto que cuía num vindia não. Punha na tuiã lá no canto. (Ent. 11, linha 114)*
3. Freitas: Tuia• (A) •Nf [Ssing]• cont. • Grande arca feita de bambu e em alguns casos coberta de barro, usada para guardar cereais. • *“Barriava mais nós nunca barriô. . fazia ea de bambu bem fechadim que o mantimento num passava na greta...agora o (D...) hoje cê num tá comprano trem pa mode inchê tuiã...num é?” (Ent. 06, linha 416).*

Origem: Tulha. sf. ‘celeiro’. (...). XIV. De origem controvertida. (...). (Cunha, 1986, p. 796).

V**307. VAGALUNGO Nm [Ssing]**

Fazia. A candeia de barro. E punha azeite, punha o pavio pá lumiá. Ieu até vagalungo eu pegava e colocava naques vidro branquim pá lumiá, pá pudê fiá agudão. (Entrevista 2, linha 113)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: Vagalume. s.m. O mesmo que *pirilampo*.
4. Aurélio: Vagalume. [De *caga-lume*, com eufemismo.] s. m. 1. Zool. V. *pirilampo*.

(...).

5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

308. VENDERO Nm [Ssing]

Cê colocava no mercado. Ia lá no mercado pesá ele, vendê aí na rua cê tinha que pesá ele. Ir lá pesá e intregá o vendero lá, o comerciante pá vendê e ele cobrava, ele cobrava da pessoa. (Entrevista 12, linha 196)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Vendeiro. Taverneiro. O Adágio português diz: Ninguém seria vendeiro, senão fosse o dinheiro.
2. Moraes e Silva: Vendeiro. “sm. Homem que tem venda, ou taverna.
3. Laudelino Freire: Vendeiro. s. m. De *venda* + *eiro*. O mesmo que taberneiro.
4. Aurélio: Vendeiro. [De *venda* + *-eiro*.] s. m. 1. Dono de venda (2 e 3). [Sin.: taberneiro, taverneiro (bras., N. E.), vendilhão e (p. us.) vendelhão.]
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: Vendeiro(A) s. Dono de venda. “...o vendeiro...é...o vendeiro...o velho que eu costume comprar na mão dele. ” (Entr. 12, linha 330)
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Vender. (...). Do lat. *vendĕre*. (...) **vendEIRO** 1844. (...) (Cunha, 1986, p. 814).

309. VERSA(R) [V]

De primero era nessas matinha igual aqui ó. Aqui. Nesse matim dessa manga de Z. de J. de Z. qui ó. Tudo ela versava aqui ó, li ó. (()) É que de primero cê fazia medo do cê andá no meio do mato desse sozim. Gato de jabutirica. (Entrevista 5, linha 348)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: Versár. Ocupar-se, exercer-se. (...).
3. Laudelino Freire: Versar. v. r. v. Lat. *versare*. (...). 7. P. us. Ter trato ou convivência, conviver. (...).
4. Aurélio: Versar¹. (...). 7. P. us. Ter trato ou convivência; viver, tratar.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Port. (Cunha, 1986).

310. VESPA(R) [V]

Quando eu tava vespano de ganhá o minino eu ia pro mandiocal, rancava três, quatro balai de mandioca, ralava aquilo no ralo. (Entrevista 7, linha 188)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: Vespano • (n/d) • [V] • (n/e) • Nas vésperas; aproximando. • “*Nós foi pra lá dento e esse dia como ea era mei cismada colocô os menino tudo lá perto dela diz ela que quano foi lá vespano nessa hora que caiu um trem lá dentro do quarto*” (Ent. 04, linha 216)

Origem: Port. (Cunha, 1986).

311. VINHÁTICO Nm [Ssing]

Otra hora era casca, casca de vinhático. Muito boa tinta tamém. (Entrevista 3, linha 629)
(...) Vinhático? (Entrevista 3, linha 630)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: Vinhático. Pao do Brasil, muito amarello. (...).
2. Moraes e Silva: Vinhático. s. m. Pao não muito rijo, amarello do Brasil.
3. Laudelino Freire: Vinhático. s. m. Lat. *vineaticus*. Árvore leguminosa-mimosácea do Brasil e dos Açôres. (*Plathymenia reticulada*, Benth.). || 2. Madeira dessa árvore. || 3. *Gír*. Vinho.
4. Aurélio: Vinhático. [Do lat. *vineaticu*, ‘de vinha’.] s. m. Bot. 1. Designação comum a duas espécies do gênero *Plathymenia*, da família das leguminosas, providas de excelentes madeiras amarelas: vinhático-da-mata e vinhático-do-campo.
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: Vinho. (...) **vinhático** s. m. ‘designação comum a duas espécies de plantas da fam. das leguminosas, providas de excelentes madeiras amarelas’ 1813|| Do lat. *vīneātīcus* ‘de vinha’. (...). (Cunha, 1986, p. 823).

Z

312. ZANGALIA(R) [V]

Tirava o varão e amarrava ele ali no cubertô e saia zangaliano pra estrada afora. Fazia o maió medo. (Entrevista 5, linha 431)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes e Silva: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e
3. Freitas: n/e

Origem: n/e

4.2. ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização do levantamento de dados do vocabulário rural de Minas Novas foi realizada a etapa seguinte, proposta para este trabalho, que é a análise quantitativa e qualitativa dos dados presentes nas fichas lexicográficas. Uma melhor sistematização das unidades linguísticas pode ser visualizada por meio de gráficos e tabelas que se seguem.

4.2.1. Quanto às lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas

Após a análise das fichas lexicográficas pode se verificar que um número significativo de vocábulos não estava dicionarizado, porém muitos deles encontraram-se registrados em pelo menos um dicionário. Vale salientar que: a) as lexias cujo significado dentro do contexto das entrevistas fosse diferente do significado presente nos dicionários foram contabilizadas também como não encontradas. O significado para essas palavras foi considerado somente no dicionário de Antônio Geraldo da Cunha, pois foi considerada a origem do étimo, independente do seu significado; b) também as lexias que não apresentaram alterações significativas com relação à sua forma foram computadas como dicionarizadas.

De um total de 312 lexias foi verificado que 226 lexias possuem registro em pelo menos um dos dicionários consultados. Esse número corresponde a 72% do número total de lexias. Também foi verificado que 86 lexias não foram encontradas em nenhum dos dicionários consultados, o que corresponde a 28% do *corpus*. Esses dados podem ser melhor visualizados no gráfico 1.

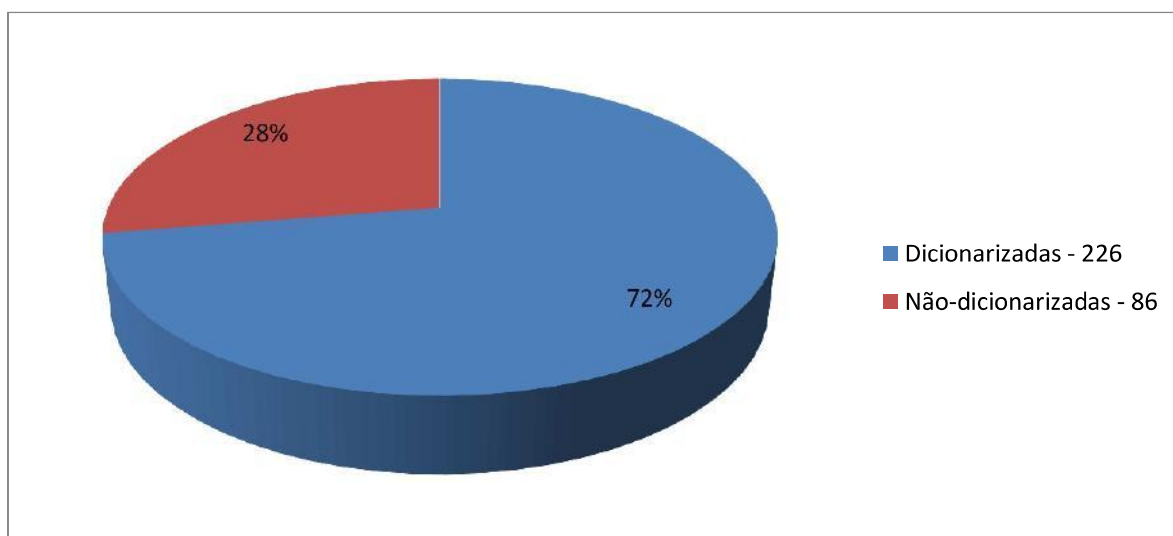


Gráfico 1 -Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não dicionarizadas

4.2.2. Quanto ao número de lexias presentes em cada dicionário

O gráfico 2 mostra, em números absolutos, quantas lexias entre as 226 dicionarizadas são registradas em cada dicionário: 1) no dicionário de Bluteau foram encontrados 109 vocábulos, o que corresponde a 48% do total de lexias dicionarizadas; 2) já no dicionário de Moraes e Silva, representado pela coluna azul, apresenta 126 lexias dicionarizadas, o que representa 56%; 3) o maior número de lexias foi encontrado nos dicionários de Laudelino Freire e no Aurélio, representados, respectivamente, pelas colunas em verde e em vermelho, com 215 e 210 vocábulos, o que corresponde a 95% e 93% ; 4) no dicionário de Amadeu Amaral, verificamos a presença de 57 unidades léxicas, ou seja, 25% do total de 226 lexias que se encontram dicionarizadas.

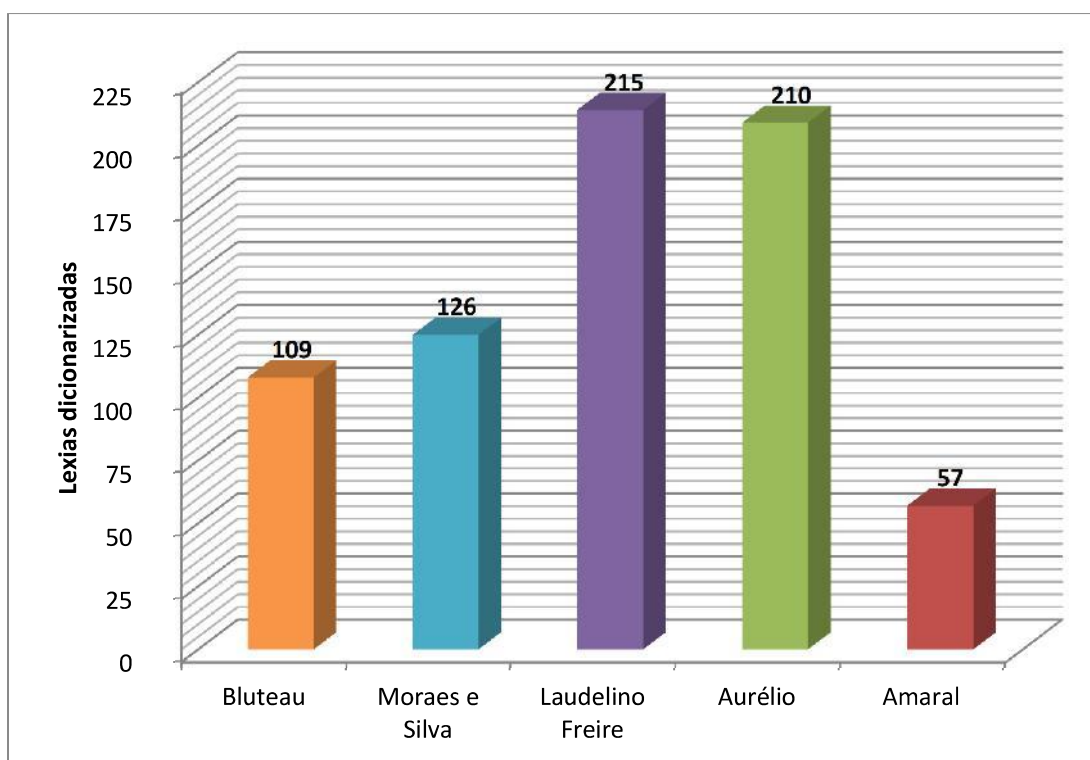


Gráfico 2 -Número de lexias encontradas em cada dicionário

4.2.3. Quanto à classificação gramatical

No que diz respeito à classificação gramatical, a avaliação das fichas nos permitiu constatar que o maior número de lexias selecionadas exerce a função de substantivo, com 184 lexias, representando 58,9% do total do *corpus*. A segunda classe de palavras com o maior número de lexias são os verbos, com 70 ocorrências, ou seja, 22,4 % do *corpus*. As fraseologias somam 7 % com 22 lexias. Os adjetivos apresentam 13 ocorrências, com 4,48% do número total de lexias. Já as locuções adverbiais totalizam 2,88% com 9 ocorrências. Os advérbios somam 8 lexias, com 2,56% do *corpus*. Estão presentes ainda 3 pronomes com 0,9 %, 2 interjeições que correspondem a 0,64 % e 1 conjunção que representa 0,32% do número total de lexias. A quantificação dos dados está representada na tabela a seguir:

Tabela 1 - Classificação morfológica dos dados analisados

Classificação Morfológica	Número de lexias	Percentual
Substantivo	184	58,9 %
Verbo	70	22,1 %
Fraseologia	22	7,0%
Adjetivo	13	4,5%
Locução adverbial	9	2,9%
Advérbio	8	2,5%
Pronome	3	0,96%
Interjeição	2	0,64%
Conjunção	1	0,32%
Total		100%

4.2.4. Dicionarização segundo a classificação gramatical

Como consta no item 4.2.3, as 312 lexias presentes no *corpus* foram organizadas em sete categorias, representando as classes gramaticais contempladas. Para indicar o número de vocábulos dicionarizados ou não dicionarizados, de acordo com a classe gramatical, foram realizados outros dois exames quantitativos. O gráfico abaixo mostra a percentagem de lexias dicionarizadas, de acordo com as classes gramaticais. Do total de 226 unidades lexicais, foi verificado que 141 são substantivos, o que corresponde a 61,9% do número total de lexias dicionarizadas. São 60 os verbos que se encontram dicionarizados, com um percentual de 27%. Das fraseologias selecionadas, somente 1 está dicionarizada, com um percentual de 0,4 %. Já os adjetivos contam com 12 itens lexicais, com 5,3% das lexias registradas. As locuções adverbiais e advérbios somam 6 lexias cada um, com 2,7% . Nenhum pronome, interjeição, nem conjunção encontram-se registrados em dicionários. Esses dados podem ser mais bem visualizados no gráfico que se segue:

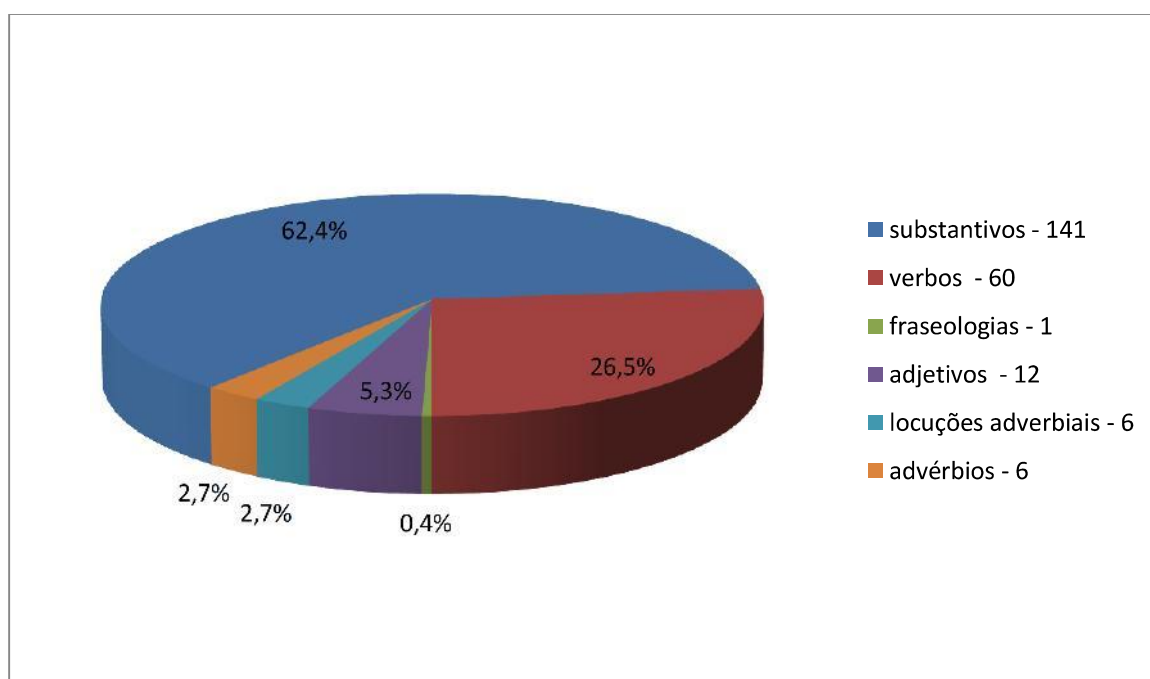


Gráfico 3 - Dicionarização segundo a classificação gramatical

4.2.5. Classificação gramatical das lexias não dicionarizadas

A análise das 86 lexias não dicionarizadas permitiu-nos observar que 44 delas, ou seja, 50% do total de lexias ainda não dicionarizadas exercem a função de substantivo. Os verbos ainda não registrados em dicionários somam 10 unidades lexicais, o que corresponde 11,6% dos itens não dicionarizados. As fraseologias são 21, com 24,4%. No caso de adjetivos somente um vocábulo não está dicionarizado, com 1,15%. No que diz respeito às locuções adverbiais três não estão dicionarizadas, correspondendo a 3,4%. Dois advérbios não se encontram registrados, o que corresponde a 2,3 % do *corpus*. Com relação aos pronomes, interjeições e conjunções nenhum deles está dicionarizados. Os 3 pronomes, 2 interjeições e 1 conjunção, correspondem, então a, respectivamente, 3,4% , 2,3% e 1,2 % do número do total de lexias não dicionarizadas, melhor visualizado no gráfico abaixo:

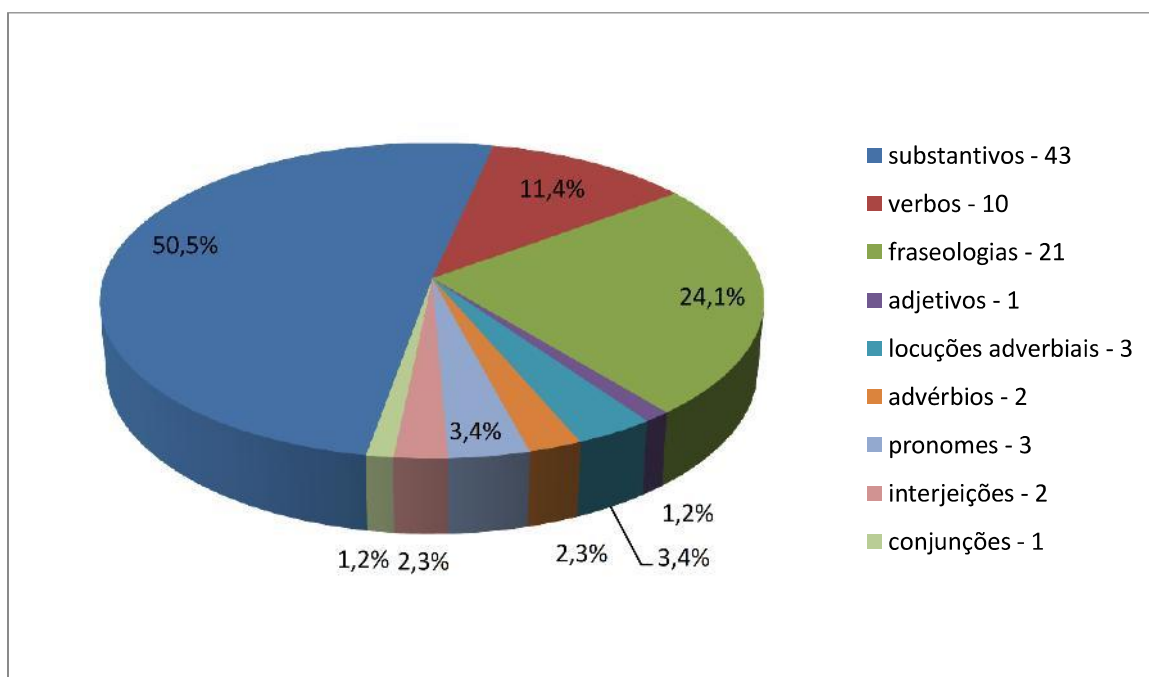


Gráfico 4 - Classificação gramatical das lexias não-dicionarizadas

4.2.6. Quanto à origem

Com relação à origem das lexias dicionarizadas pode-se observar, por meio do gráfico que se segue, que a grande maioria das lexias selecionadas para compor este trabalho é de origem portuguesa, com 193 vocábulos o que significa 61,8% do total de dados. Os dados cuja origem não foi encontrada correspondem a 9,6% do *corpus*, com 31 lexias. As lexias de origem indígena aparecem em seguida com 27 elementos, o que corresponde a 7,6%. As de origem africana foram 10, com 3,2%. As lexias de origem francesa são 9, com 2,8%, seguidas das de origem castelhana com 8 itens e 2,5%, as de origem controvertida com 7 lexias e 2,33%, as de origem árabe com 6 unidades lexicais com 1,8%. Foram ainda encontradas lexias cuja origem é desconhecida, incerta, obscura e italiana com 3 unidades cada e as de origem onomatopaica, celta e híbrida com duas ocorrências cada uma. Foram também assinaladas as de origem malaia, do espanhol platino e do provençal com 1 lexia cada.

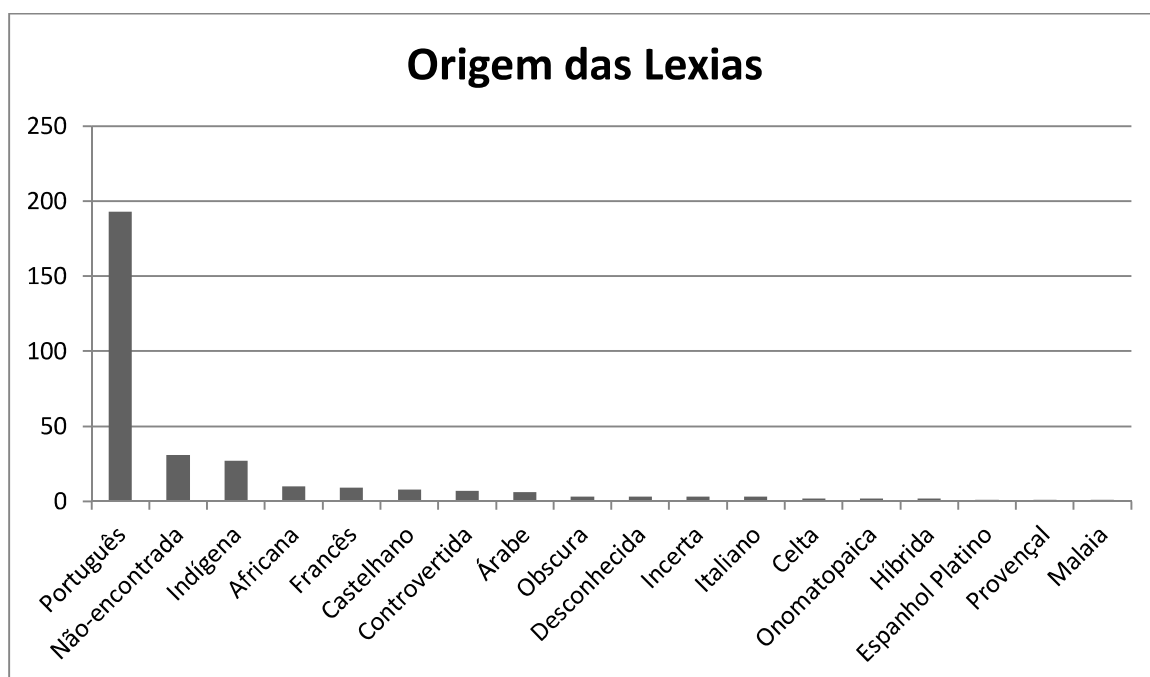


Gráfico 5 - Origem das lexias

4.2.7. Quanto ao gênero e à forma das lexias

Com relação à forma e ao gênero das lexias o que se pode perceber é que existe uma prevalência de lexias do gênero masculino, com 109 ocorrências, sendo 98 nomes masculinos simples e 11 nomes masculinos compostos, totalizando 59 % do total de nomes. Já os nomes femininos somam 75 e correspondem a 41% dos nomes, sendo 69 nomes femininos simples e 6 nomes femininos compostos. Esses resultados podem ser mais bem visualizados no gráfico que se segue:

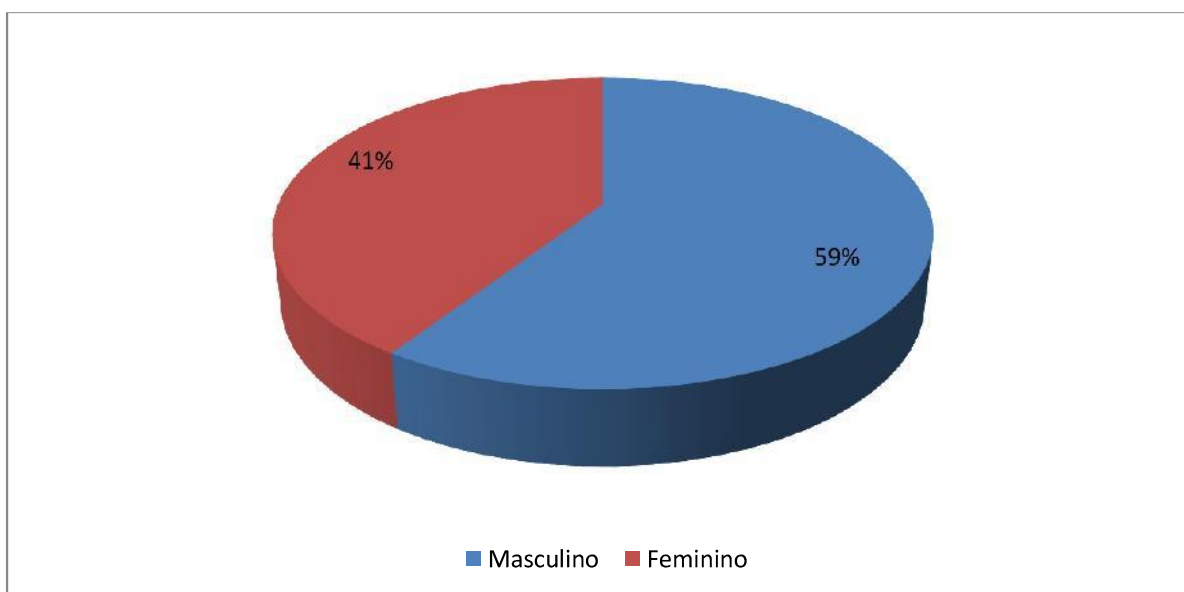


Gráfico 6 - Gênero das lexias

4.3. VARIAÇÃO, MANUTENÇÃO E MUDANÇA DOS LEXEMAS AO LONGO DO TEMPO

É fato que língua é um sistema dinâmico, cuja estrutura está sujeita à mudanças contínuas ao longo do tempo. Ao analisarmos as 226 lexias presentes nos dicionários consultados, podemos observar que 8 vocábulos, ou seja, 3,5 % sofreram algum tipo de mudança, seja na forma ou no significado, desde o século XVIII até os tempos atuais, sendo que muitas vezes foram substituídos por outras formas na língua padrão. Esses vocábulos são: *alembrar, alumiar, candeia, candiêro, em riba, pissuir, pra riba~pro riba~po riba, tomar luita*.

Apesar das mudanças verificadas, pode-se verificar que a grande maioria das lexias manteve a mesma forma desde a data do seu primeiro registro. Vale salientar que muitos desses vocábulos que mantiveram a mesma forma adquiriram com o passar do tempo novas

acepções, conservando ainda o significado original. Dentre as 226 lexias dicionarizadas, 176 lexias, ou seja 77,8 % ainda mantêm praticamente a mesma forma e o mesmo sentido. Os casos que apresentaram algumas pequenas variações ortográficas e aqueles que não apresentaram alterações significativas foram considerados como *sem mudanças*. Essas lexias são: *acero, ajuntar, alfoje, alquere, amuntar~muntar, andu, angico, antão, apurar, aracuã, ariar, arriar, aruerona, assiar, aturar, azangar, bandera, banguê, barrão, barrilero, bateia, beijo, bitelo, bocar, bodoque, bulir, buquerão, butija, cabaça, cabeçada, cacimba, cacunda, camarada, cambuim, canzil, capado, capota, capucho, carrero, cascar, catadô, catirino, catre~catrão, cevar, chiar, chiboque, chiquero, cigarrar, coã, coité~cuité, coivara, colônia, confronte, corisco, cuia, cumbuca, cumércio, cutiano, dar fé, derradero, dicuada, disandar, disarriar, discaroçar, dispontar, divera, divirtume, dobrar, , em roda, fedegoso, feção de corda, ferruar, fiar, fuçar, furadô, furquia, fus, gabina, gamela, gangorra, garapa, garrafada, imbornalada, imburana, impenhar, imprensar, incanadinha, infezado, intancada, intancar, intrivalo, invarar, isbagaçar, ispiar, isquife, istilar, istumar, istribo, jardinera, jiqui, jirau, jirucuçu, laje, lambu, libra, licuri, lumiar, macaúba, macuquim, maiar, manaíba, manga, manguero, manguim, massera~masserona, maria-pobre, menhã, mentraço, mezinha, midida, mirrêis, miudar, monjolo, mordidura, muedô, muringa~muringona, mutamba, novato, ofendida, ofensa, ovo de indez, paçoca, paina, paralama, paril, patação, pecar, pelejar, piado, picada, pichorra, premero, pubar, quarar, quemada, quiçamba, quinto, raizero, rapé, rasero, rastero, redar, rego, relé, representar, rescaldo, ribuçar, rolão, ruma, sapecar, saracura, sinapismo, suadô, tabuado, tacher/a, taia, taquara, tecelona, timbó, topar, trupiar, trupicar, tuia, vendero, versar, vinhático.*

Prosseguindo com os casos de manutenção linguística, podemos verificar que, em nosso *corpus*, houve casos de vocábulos para os quais coexistem duas ou mais variantes, seja na língua padrão ou na língua popular. Foram verificados 20 casos, totalizando 8,8 % das lexias dicionarizadas. São eles: *ajuntar, alebrar, alumiar, amuntar~muntar, antão, aricum, bocar, bodoque,, cacunda, carrero, coité, de cumê, de primero, deferente, derradero, divera, em riba, lambu, licuri, lumiar, manaíba,menhã, pissuir, por riba~pro riba~po riba, relé e vendero.*

Ao analisarmos os casos de variação, mudança e manutenção linguística do léxico rural, é possível inferir que devido à idade avançada dos informantes, o modo de vida que levam, o fato de permanecerem praticamente isolados, convivendo com um pequeno grupo de

peças e afastados dos grandes centros, faz com que a língua falada por essas pessoas tenda a favorecer a manutenção linguística. Esse fenômeno pode ser confirmado por Naro (2003, p. 43) ao dizer que “ Nos eixos sociais, os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas (...)” e também reforçado por Milroy (*apud* Costa 2012, p. 37) com o conceito de “rede social” ao dizer:

“ as redes densas e multipléxicas das comunidades pequenas e tradicionais, onde todos se conhecem, funcionam como um mecanismo de reforço da norma partilhada entre os falantes de uma comunidade linguística”.

O modo de falar dessas pessoas é mais conservador, sofrendo mudanças mais lentas, o que contribui também para a existência de casos de variação linguística e para a presença de arcaísmos. Já os habitantes das zonas urbanas vivem o inverso e estão sujeitos à mudanças mais rápidas e a processos de inovação contínuos.

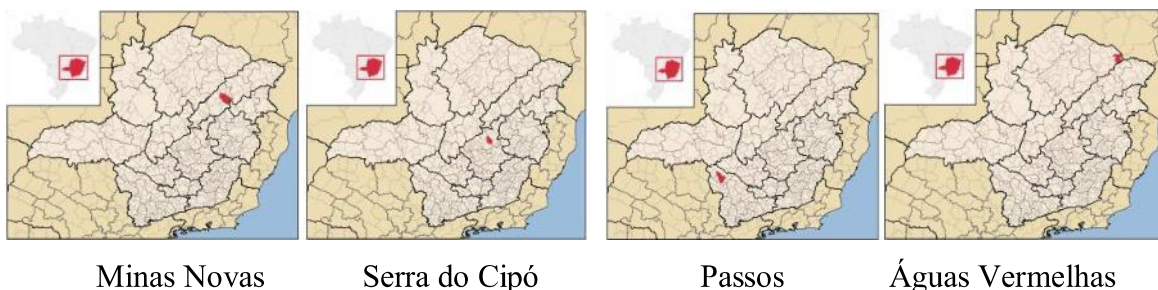
4.3.1. Quanto aos arcaísmos

Para Mattos e Silva (2002), as características típicas do período arcaico da língua portuguesa são encontradas nas documentações remanescentes do período entre o século XIII e XIV e também na metade do século XVI. Para a língua portuguesa, costuma-se propor duas fases de periodização. A primeira fase do português arcaico vai até o final do século XIV e ainda, conforme alguns autores, uma segunda fase do português médio, com limite impreciso o que causa divergências entre linguistas históricos. Para Ivo Castro (*apud* Mattos e Silva, 2002, p. 29) o fim do período arcaico da língua portuguesa foi marcado com a representação do último auto de Gil Vicente, denominado *Floresta de enganos*, no ano de 1536. No mesmo período morreu Garcia Rezende e foi publicada a *Gramática da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira, considerada a primeira obra que faz um estudo metalinguístico do português.

Foi considerada, no nosso estudo, a cronologia proposta por Ivo de Castro, para o tratamento dos arcaísmos lexicais. Dessa maneira, os arcaísmos são as palavras que entraram na língua portuguesa no período compreendido entre os séculos XIII e XV, que não são mais usuais na norma padrão da língua portuguesa, mas que continuam ainda a ser utilizadas na linguagem popular e também no meio rural.

Após a análise das fichas lexicográficas, foram encontrados 7 casos de arcaísmos, que representam 2,5 % das lexias selecionadas. Elas são: *alembrrar*, *alumiar*, *antão*, *cevar*, *fiar*, *imbigo*, *pissuir*, *tomar luita*.

4.3.2. Quadro Comparativo entre as regiões de Minas Novas, Serra do Cipó, Passos e Águas Vermelhas.



Mapa 5 – Localização das regiões comparadas
 Fonte: Wikipedia. Acesso em 25/04/2013

Quadro 1 - Lexias comuns

MINAS NOVAS (CORDEIRO, 2013)	SERRA DO CIPÓ (FREITAS, 2012)	PASSOS (RIBEIRO, 2010)	ÁGUAS VERMELHAS (SOUZA, 2008)
alembrar	alembrar	alembrar	alembrar
alumiar	—	—	alumiar
andu	andu	—	andu
antão	antão	antão	—
ariar	arear	—	—
arriar	arriar	—	arrear
aruerona	—	aroeira	—
aturar	aturar	turar	—
avuar	avuar	—	—
bodoque	—	—	badoque
banguê	—	banguê	—
bitelo	bitela~bitelão	bitelo	—
cabaça	cabaça	cabaça	—
cacimba	—	—	cacimba
cacunda	cacunda	cacunda	cacunda
camarada	—	camarada	camarada
candeia	candeia	candeia	candeia

candiêro	—	candiêro	candiero
cangaia	cangaia	cangaia	—
canzil	—	canzil	—
capado	capado	—	capadão
carrero	carrero	carrero	carreiro
chiquero	—	chiquero	—
coivara	coivara	—	coivara
corisco	curisco	—	—
cuia	cuia	cuia	—
cume~cumo	—	—	cuma~cume
dar fê	—	—	deu por fé
de cumê	—	—	de comer
de primero	de primero	de primeiro	de primeiro
derradero	—	derradero	derradeira
dibuiar	dibuiar		
divera	divera	—	devera
em ante	im ante	em antes	em ante
em riba	—	riba	riba
fedegoso	—	—	fedegoso
feirão-catador	—	—	feirão-catador
furquia	furquia	furquia	—
fus	fuso	—	fuso
gamela	gamela	gamela	gamela
garapa	garapa	garapa	—
imbigo	imbigo	imbigo	imbigo
imbornalada	—	embornazada	—
infezado	enfezado	—	—
ingem	engem	—	—
ispiar	—	—	espiar
jirau	jirau	—	—
jirucuçu	jaracuçu cabeça de pato	—	—

lambu	inhambu	—	lambu
libra	libra	—	—
lumiār	lumiār	—	lumiār
manaíba	—	—	manaíba~maniva
manga	—	—	manga
monjolo	—	munjolo	—
pro mode~po mode	mode	mode~modo	mode
mucado	mucado~mucadim	mucado	mucado
novato	—	—	novata
parambera	—	—	parambeira
patação~patacona			patação
pelejar	—	pelejar	—
pissuir	—	—	pessuir
pra riba	riba	riba	riba
sinapismo	—	sanapismo	—
topar	—	topar	topar
trupicar	trupicar	—	tropicar
tuia	tuia	tuia	—
vendero	—	—	vendeiro
vespar	vespar	—	—

Ao se fazer o estudo comparativo das lexias selecionadas na região de Minas Novas com as lexias selecionadas em estudos similares, propostos por Freitas (2012), na região da Serra do Cipó, por Ribeiro (2010), em Passos e por Souza (2008), em Águas Vermelhas, arrolados em 1.4, foi possível verificar que 68 lexias, ou seja, 21,7% do nosso *corpus*, também ocorreram em pelo menos uma das outras regiões pesquisadas.

O número de coocorrências é mais bem visualizado pelo gráfico que se segue:

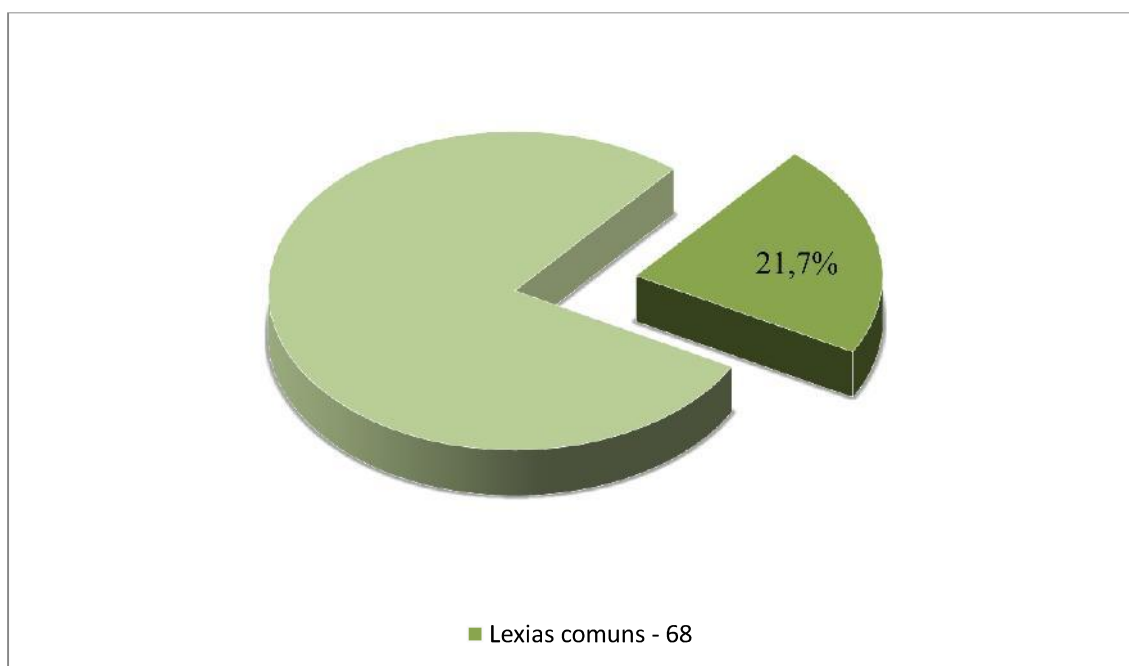


Gráfico 7 - Percentagem de lexias comuns

Apesar das áreas pesquisadas serem muito distantes uma das outras, encontrando-se em regiões diferentes do estado de Minas Gerais, podemos perceber que o número de lexias que coincidem é bastante expressivo. Em linhas mais específicas, podemos verificar que na região da Serra do Cipó o número de lexias iguais corresponde a 39 termos. Na região de Passos foram encontrados 32 vocábulos. Já na região de Águas Vermelhas foi encontrado o maior número de lexias com correspondência de 42 unidades. Esse número poderia ser justificado devido a maior proximidade das duas regiões, Minas Novas localizada no nordeste e Águas Vermelhas na região norte de Minas Gerais.

Ainda analisando o quadro comparativo entre as regiões de Águas Vermelhas, Passos, Serra do Cipó e Minas Novas podemos verificar que na região de Passos duas lexias, *bitelo* e *carrero* apesar de manterem formas semelhantes, apresentam significados diferentes:

Quadro 2 - Lexias com formas comuns e significados diferentes

Minas Novas	Passos
<i>Bitelo</i> - Pessoa, animal ou coisa de tamanho grande	<i>Bitelo</i> - Defunto
<i>Carrero</i> - Caminho estreito	<i>Carrero</i> - Guia de carro de bois
<i>Monjolo</i> - Árvore de casca espinhosa e madeira dura e parda.	<i>Munjolo</i> - Engenho, movido a água, usado para pilar milho e, primitivamente, para descascar café.

O mesmo ocorre na região da Serra do Cipó com as lexias *carrero* e *chiquero*, cujo significado é diferente daquele encontrado na região de Minas Novas.

Quadro 3 - Lexias com formas comuns e significados diferentes

Minas Novas	Serra do Cipó
<i>Carrero</i> – Caminho estreito	<i>Carrero</i> – Guia de carro de bois
<i>Chiquero</i> - Um dos compartimentos de um curral de peixes, de onde não pode mais sair o peixe que lá entrou.	<i>Chiquero</i> - Lugar onde se criam ou recolhem porcos.

Na região de Águas Vermelhas não foi encontrada nenhum lexia com a mesma forma e significados diferentes, salvo o caso da lexia *banguê* e da lexia *chiquero*, que além de apresentar significado comum nas quatro regiões comparadas, possui uma segunda acepção na região de nossa pesquisa. A lexia *banguê* apresenta uma segunda acepção, sendo definida como *recipiente usado para fazer a decoada*. Já a lexia *chiquero* apresenta a acepção *um dos compartimentos de um curral de peixes, de onde não pode mais sair o peixe que lá entrou*.



Foto 13 – Manga
Fonte: Acervo pessoal

CAPÍTULO V - GLOSSÁRIO

Este glossário é parte do repertório lexical que integra as 12 entrevistas que compõem o *corpus* deste trabalho, que já foi apresentado e analisado anteriormente no capítulo IV, em fichas lexicográficas. Esta seção está dividida em duas partes:

- a. Quadro geral de classificação: seção que, baseada no critério onomasiológico, mostra a estrutura geral das relações existentes entre os grandes grupos de palavras, ou seja, coleta dos termos afins, unidos por rede semântica ou em campos de significados comuns.
- b. Glossário: segmento que apresenta o vocábulo pelo critério semasiológico, em que as unidades lexicais selecionadas estão agrupadas no *Quadro geral de classificação* (item 1), sendo a elas acrescentadas as definições, abonações, estrutura gramatical e informações lexicográficas

5.1. QUADRO GERAL DE CLASSIFICAÇÃO

a) Natureza

Vegetal

andu; aboba~abóbora~abobra - d'água; aboba~ abóbora~abobra~abóiba - de porco; angico; aricum; artelã; aruerona; baspo; bassurinha; cambuim; cana-braba; capucho; chico-ramo; dicuada; fedegoso; fruta-fejão; imburana; infiludedo; licuri; macaúba~mucaúba; manaíba; manduinze~minduins; maria-pobre; marimba; mentraço; monjolo; muringa~muringona; mutamba; pau-pobre; pauero; sebo de boi; sebosa; taquara; timbó; vinhático;

Animal

aracuã; bandera; barrão; capado; coã; curimba; gato de jabutirica; jirucuçu; lambu; melete; saracura; vagalungo;

Água

banado; buquerão ;cacimba

Meteorologia

corisco, semente de chuva; tempo de diságua;

b) Alimentação

açúca~açuco sujo; açúca de forma; andu; de cumê; feijão-catador; feijão de corda; garapa; garapão; ingrossado; paçoca; perniz; pituba.

c) Espaço físico/ Relações espaciais

acero; carrero; chiquero; cirquim; coivara; colônia; confronte; cumécio; em riba; em roda; gabina; laje; manduinzal; manga; mangüero; manguim; parambera; picada; pra riba; por riba~po riba~pro riba; rasero; rastero; sote~soto; tabuado;

d) Tempo/ Relações temporais

ano do fubá; antão; de piquena; de primero; de resto; diente; digerim; em ante; indé; intrivalo; menhã; pra mode~pro mode- premero; vespar;

e) Ocupações

camarada; catadô; fazedera; fichilero; furadô; lambiquero; muedô; raizero; tacheru; tecelona; vendero;

f) Doenças

borboinha~bubuinha; correçãozada; garrafada; mezinha; mordidura; ofensa; perrengue; quemada; rescaldo; sinapismo;

g) Produtos

Materiais de construção

inchumento;

Objetos, utensílios, coisas

barrilero; bateia; bisungo; bodoque; buião~buiãozão; burca; butija; cabaça; candeia; candiêro; capota; chengue; chiboque; coité~cuité; cuia; cumbuca; curnicha; delangue; fus; gamela; gangorra; imbornalada; iscaroadô; jiqui; manzuaba; massera~masserona; mirrés; paina; paril; patacão~patacona; pichorra; porva~porvera; precata~precatinha; quiçamba; rapé; rolão; rudia~rudiinha~arrudia; taia; tenta;tuia;

h) Fazenda

Ferramentas

cuncumbuzim; furquia;

Transporte de pessoas/ objetos e/ou animais

alfoje; banguê; cabeçada; cangaia; canzil; catrão~catre; isquife; istribo; jardinera; jirau; pantanerão; paralama; suadô;

Construções

ingem; rego;

Atividades, ações e conduta

ajuntar; alumiar; amuntar~muntar; avuar colocar as ideia, apurar; ariar; arriar; arriunir; arrosar; assiar; aturar; azangar; bocar; bulir; cabaçar; caicar; cascar; cevar; cigarrar; colocar as ideia; cortar a prosa; cortar o dia; dar cova; dar de; dar fé; dar venda; delangar; dibuiar; dientar; disandar; disarriar; discaroçar; dispontar; dobrar; ferruar; fiar; fuçar; imboicar; impenhar; impresar; impretar; incarbar; incestar; inlugar; inripar; intancar; invarar; isbagaçar; ispiar; istilar; istumar; istrebordar; lumiar; maiar; miudar; nefragar; padicer; pecar; pegar a; pelejar; pissuir; pubar; punhar; quarar; rastar inxada; receber as fanfarra; redar; representar; ribuçar; sapecar; secar o doce; tampar; tomar fé; tocar lavora; tomar luita; tomar opinião; tomar tamanho; tocar roça; tocar roda ; topar; trupiar; trupicar; versar; zangaliar.

i) Características

advirtido; catirino; come-caldo; cuiada; cutiano; deferente; isturvo; macuquim; relé;

j) Morfologia

beição; cacunda; imbigo; istambo; peitorá;

k) Sentimentos e sensações

carrancero; chiar; tirar o sentido;

l) Estado

infezado; derradero/a; fragmentadim; incanadinha; intancada; novato; ofendida; piado;

m) Quantidade/ tamanho

alquere; bitelo; buduquim; cado; libra; midida; mucado; nera; quinto; ruma;

n) Família

ovo de indez;

p) Conhecimento

alembrar; conhecição; divera; inzame; cume~cumo, cumé; divera, divirtume; ei diá, ô diá.

5.2. GLOSSÁRIO

Na organização dos verbetes foram adotados os procedimentos listados abaixo:

- a) As entradas estão organizadas em ordem alfabética, sendo utilizada a fonte versalete, em negrito;
- b) Os advérbios, adjetivos, conjunções, fraseologias, interjeições, locuções adverbiais, pronomes e substantivos apresentam-se conforme se manifestaram no registro oral. Já os verbos encontram-se no infinitivo;
- c) Após a entrada, é indicado, entre parênteses, se o vocábulo está dicionarizado no Aurélio⁷ (A); se o vocábulo não está dicionarizado no Aurélio, mas está registrado em pelo menos um dos outros dicionários (n/A); se o vocábulo não foi registrado em nenhum dos dicionários consultados (n/d);
- d) A classe gramatical mostra se a palavra é um substantivo, um verbo, um adjetivo, etc. Essas indicações estão abreviadas. Para consultar o significado das abreviaturas há uma lista no final desta apresentação;
- e) Após a classificação gramatical, foi indicada, quando possível, a origem do vocábulo.
- f) Após a realização desses procedimentos, é apresentada a definição da palavra construída, a partir do significado que apresenta em nosso *corpus*. As observações feitas em alguns verbetes encontram-se entre parênteses;
- g) Ao final do verbete, é apresentada uma frase de abonação, em itálico, que mostra o uso do vocábulo na região pesquisada.

⁷Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa

ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

A – dicionarizado no *Aurélio*

adv. – advérbio

afr. – africanismo

arc. – arcaísmo

Ár. – árabe

Cast. – castelhana

Cel. – celta

cont. – controvertida

desc. – desconhecida

Esp. plat. – espanhol platino

FRAS – Fraseologia

Fr. – francesa

híb. – híbrida

inc. – incerta

ind. – indigenismo

It. – italiano

lat. – latim

loc. adv. – locução adverbial

loc. pron – locução pronominal

n/A – não-dicionarizado no *Aurélio*

n/d – não-dicionarizado em nenhuma das obras consultadas

n/e – não encontrada

Mal. – malaia

NCf – nome composto feminino

NCm – nome composto masculino

Nf – nome feminino

Nm – nome masculino

obs. – obscura

onomat. – onomatopaica

Port. – português

prep. – preposição

pron. – pronome

Prov. – provençal

Ssing – Substantivo singular

V – verbo

A

ABOBA ~ ABÓBORA ~ ABOBRA - D'ÁGUA • (A) • Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • Port. • Espécie de abóbora que é consumida ainda verde • *Aboba d'água, marimba. Tinha muita coisa. Eu num comprei quiabo e nem abobra. Até agora.* (Entrevista 2, linha 164) • *Essa abóbora d'água que é uma verdinha?* (Entrevista 1, linha 297) • *Mais tinha, mais tinha era muranga. Abobra d'água. Tinha também muita.* (Entrevista 3, linha 56).

ABOBA~ABÓBORA ~ ABOBRA ~ ABÓIBA - DE PORCO • (A) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Tipo de abóbora semelhante a moranga. *Hã? Aboba de poico.* (Entrevista 2, linha 162) • *Mas tinha uns nome. Tinha abóbora de porco.* (Entrevista 3, linha 55) • *Abobra. Falava era abobra de porco, muranga, quiabero, maxixero. Tudo quanto era de verdura tinha.* (Entrevista 5, linha 87) • *Que eles fala era abóiba de poico. Isto dia eu fui falá aqui. D. quase me... “mãe, mãe como é que a gente come abóiba de poico, mãe?” “Ó meu fi, mas é o nome. O nome des aques abobrinha assim, meia cumpridinha”. Es é inxutinha que faz gosto.* (Entrevista 1, linhas 290 e 291).

ACERO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Terreno desprovido de vegetação, que é aberto ao redor ou no meio do mato nas propriedades rurais, usado para evitar a propagação do fogo em caso de queimadas ou incêndio. *E tinha um toco de pau d'óleo dessa grussura assim no meio do acero.* (Entrevista 5, linha 283).

AÇÚCA DE FORMA • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Açúcar que passou por um leve processo de refinamento, semelhante ao açúcar cristal. • *Agora açúca de forma. Nossa Sinhora! Aquilo ali é igual uma sabatina.* (Entrevista 4, linha 126).

AÇÚCA~AÇÚCO SUJO • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • Port. • Açúcar que não foi refina e por isso apresenta cor escura, o mesmo que açúcar mascavo. • *Nas festa es fazia mais era doce de açúca sujo, esse açúca comum.* (Entrevista 12, linha 296). • *É açúca. O nome dele é açúco sujo. É por que hoje. . hoje é açúcar, né? E naquele tempo era açúco sujo. Mais é porque ele no cê tirá ele, cê põe barro nele.* (Entrevista 3, linhas 406 e 407).

ADVIRTIDO • (A) • [ADJ] • Port. • Que diverte, que alegre e faz rir. Variante de divertido • *Era advirtido, viu? Pai. Pai num tinha uma que ele num pegava no ispeto. Uma paca. É dá aqueles poção, no ribirão muita água, né? Ela vinha vruup e ele ispetava ela.* (Entrevista 3, linha 297.) • (advirtido~divertido: caso de prótese).

AJUNTA(R) • (A) • [V] • Port. • Por junto, reunir, apanhar, recolher. Variante de juntar. • *A hora que o peixe pu... ia cumê no negócio aqui, os peixe ajuntava lá dento, es ia cumeno do lado ela ia iscapulino pra baixo da ponta.* (Entrevista 12, linha 461.) • (ajuntar~juntar: caso de prótese).

ALEMBRA(R) • (A) • [V] • Port. • Lembrar, recordar, trazer à memória. • Variante de lembrar. *Eu nem sei se ele alembra não que ele era tava pequeno. Capaz que ele nem alembra.* (Entrevista 1, linha 92) • (alembrar~lembrar: caso de prótese).

ALFOJE • (A) • Nm [Ssing] • Ár. • Tipo de bolsa ou saco com as duas extremidades fechadas e duas aberturas no meio que formam dois compartimentos separados que podem ser

usados sobre o ombro ou para o transporte de cargas em animais.
• *Eu fazia alfoje, fazia tudo aqui. É po povo.* (Entrevista 12, linha 609).

ALQUERE • (A) • Nm [Ssing] • Ár. • Medida de capacidade que antigamente era usada para medir grãos de cereais. • *Cada um burro trazia dois alquere e mei' de arroz.* (Entrevista 12, linha 185).

ALUMIA(R) • (A) • [V] • Port. • Iluminar, acender uma luz. Variante de iluminar • *Comprava a querosene e inchia a lamparina e punha o pavio e alumiava.* (Entrevista 9, linha 125).

AMUNTA(R) ~ MUNTA(R) • (A) • [V] • Port. • Por –se sobre um animal, montar. Variante de montar. • *E eu chiano lá na cama, rolano lá. Sangue istrebordano em todos os fi de cabelo. É. Com pouco ele chegô, que resolveu. Ele resolveu. Pontô um rapaz amuntado num cavalo lá, aonde eu tava falano “É um milagues. Pode sabê que é.”* (Entrevista 6, linha 26). • (amuntar ~montar: caso de prótese).

ANDU • (A) • Nm [Ssing] • afr. • Fruto comestível do anduzeiro, que se assemelha a um feijão arredondado e verde. • *E vô falá muié num fia aigodão, muié num aproveita um aigodão na roça, muié num aproveita um andu, um coisa assim da roça, muié num faz sabão, muié num faz.* (Entrevista 7, linha 304).

ANGICO • (A) • Nm [Ssing] • cont • Árvore brasileira de grande porte, cuja madeira é muito utilizada. • *Ingem tudo de pau, ingem antigo. Fazia tudo de madera lá de, de angico e de monjolo.* (Entrevista 12, linha 141).

ANO DO FUBÁ • (n/d) • Fras [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • híb. • Período de seca em que não se produzia nenhum produto agrícola e as pessoas comiam, sobretudo, produtos feitos de milho como o fubá. • *Teve uma vez que teve um ano de fu...que es falava o ano do fubá. A gente num achava nada pra cumê. O minha fia já passei, já passei o tempo duro.* (Entrevista 1, linha 24).

ANTÃO • (A) • [ADV] • Port. • O mesmo que então. • *Eu que eu fiava no fus, né? Tinha o fus de fiá agudão. Antão pegava e colocava no vidro, colocava asism e eu ia fiano.* (Entrevista 2, linha 116).

APURA(R) • (A) • [V] • Port. • Tornar mais concentrado, mais puro. • *O açúcar é assim de jeito que a rapadura a gente tem que apurá a garapa.* (Entrevista 9, linha 41).

ARACUÃ • (A) • Nm [Ssing] • ind. • Ave semelhante ao jacu. • *Pegava era aquela aracuã que tem po mato. Era saracura. Daqueles... Aqueles bicho maió.* (Entrevista 9, linha 166).

ARIA(R) • (A) • [V] • Port. • Limpar geralmente usando areia e sabão. • *Lavava vasia, né? E não tinha bombril, num tinha nada. Quando ia ariá vasia sabe como que eu fazia. Ia po rio. Se quisesse ariava. Num tinha vasia de ariá também não.* (Entrevista 7, linhas 341 e 342).

ARICUM • (A) • Nm [Ssing] • ind. • O fruto do urucuzeiro. Das sementes é extraída uma tinta que é largamente utilizada na cozinha brasileira. • *Depois de a ropa pronta aí punha o bago d' aricum dento dum pano. Um tanto assim ó dum pano e marrava e socava dento da água. Ficava vermeinha a água. Aquilo ia freveno sabe. Num soltava assim num instantim não. Ia freveno e a ropa...junto cum a roupa. Aí a ropa ficava vermeinha.* (Entrevista 1, linha 184).

ARRIA(R) • (A) • [V] • Port. • Abater-se, desanimar. *Eu trabaiei ali embaixo na véia D. dezesseis ano. Mexeno com muage de cana. Mas no derradero ano depois que entrô o real eu já tinha arriado. { } Num dá pra pagá porque eles queriam cobrá o preço do cruzeiro, né? Falei “Não. Tem jeito não”. (Entrevista 4, linha 62).*

•
ARRIUNI(R) • (A) • [V] • Port. • Juntar, por junto • Variante de reunir. • *Aí era...dia domingo, né? Às vez quando tinha tempo de brincá. Nóis morava perto. Nóis é...Eis era três irmão. Era V., J. e T. Era os três irmão. Morava perto. Aí arriunia aques bu...minino des ...dia de duminio pra brincá de boneca, brincá de fornainha. (Entrevista 1, linha 74) • (arriunir ~reunir: caso de prótese).*

ARROSA(R) • (A) • [V] • Port. • Tornar cor de rosa. Variante de rosar. • *Pegava a foia de banana, (()) sacudia, sapecava ela, temperava a massa e punha assim ó. Inrolava, inrolava, inrolava. Quem tinha laje pra pô dentro punha. Quem num tinha, punha no chãozim lá do forno, do forno à lenha. Quando aquilo arrosava, tirava e ficava cumeno. É assim que foi minha vida. (Entrevista 11, linha 94) (arrosar ~rosar: caso de prótese).*

ARRUDIA~RUDIA~RUDIINHA • (A) • Nf [Ssing] • Cast • Espécie de roda feita com panos usada para proteger a cabeça no transporte de algum objeto ou carga. • *Colocava a rudia, um pano e carregava. (Entrevista 8, linha 310).*

ARTELÃ • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Tipo de erva usada na culinária como chá ou condimento. • *Chazim. Gente nos curava é cum. As parteira falava pra gente né. Elas cortava né? Aí a gente colocava o azeitim todo dia. Punha um poquim de artelã. Torrava ele e muia aquele pozim bem finim e punha. Graças a Deus nada deu pobrema. (Entrevista 1, linha 347).*

ARUERONA • (A) • Nf [Ssing] • Ár. • Árvore de madeira dura, cuja casca tem propriedade medicinal. • *As floresta bunita, viu? Tem cada aruerona, cada pauero. (Entrevista 12, linha 28).*

ASSIA(R) • (A) • [V] • Port. • Tornar limpo, limpar. • *Eu sacudi e ela caiu lá. E eu virei a mão prá trás assim ó, achei a enxada que eu tava assiano ao redor da casa e já vi o sangue saino lá e ela entrô debaixo duma árve que se chama baspo, imburana, qué dizê. (Entrevista 6, linha 26).*

ATURA(R) • (A) • [V] • Port. • Continuar a existir, por certo tempo, em algum estado ou situação. • *Tinha aqueles bacião antigo eu to contano ela ali. Aqueles bacião de zinco, né? Aquele trem aturava anos e anos. (Entrevista 8, linha 201).*

AVUA(R) • (A) • [V] • Port. • Sustentar-se ou deslocar-se no ar. • *Ele tava inrolado. Inrolado, mas já no jeito de avua. Que a cobra se ela tivê ispichadinha, se ela tivê ispichadinha cê pode passá um bicho na boca dela que ela pula pra trás. (Entrevista 5, linha 302).*

AZANGA(R) • (A) • [V] • (n/e) • Agourar, enguiçar, ficar doente. • *Morreu na hora. É. Teve jeito não. Que ela tinha pressão. A pressão dela ia ne vinte e tanto. Quando ela descobriu que a pressão dela era alta demais, ela azangô. (Entrevista 12, linha 50).*

B

BANADO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Beira, margem. • *Quando chegô lá no cemitério que tem lá no banado do rio virano po Fanado que eu passei representô foi uma boiada.* (Entrevista 5, linha 407).

BANDERA • (A) • Nm [Ssing] • Cast. • Tamanduá bandeira. • *A gente cumia muita coisa. Bicho do mato, né? { } Matava melete, bandera memo. Matava tudo.* (Entrevista 3, linha 302).

BANGUÊ • (A) • Nm [Ssing] • afr. • 1. Espécie de cama de varas usada para conduzir cadáveres. *Punha num banguê. Fazia uma cama de bambu punha ele dente. Forrava punha ele dento e amarrava um pau.* (Entrevista 3, linha 670) • 2. Recipiente usado para fazer a decoada. • *Punha lá na panela conforme o tamanho da panela. Aí tirava as foia de bananera, se num tivesse eu mesmo fazia o banguê de incestá cinza.* (Entrevista 7, linha 324).

BARRÃO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Porco que não é castrado. • *Quando manheceu no oto dia manheceu só porco morto. Num morreu uma porca que tava noto lugá e o barrão e os porco grande, né? Mas a porcaida pequena que ele tinha morreu tudo.* (Entrevista 3, linha 80).

BARRILERO • (n/A) • Nm [Ssing] • Port. • Espécie de cesto usado para armazenar a cinza no processo de fabricação de sabão. • *Dicuada cê faz o barrilero e de de de taquara. Ele é assim tipo dum funil. Afunilado, né?* (Entrevista 3, linha 572).

BASPO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Tipo de madeira usada como corante para cachaça. • *Aí eu ia, ela bocô. Eu sacudi e ela caiu lá. E eu virei a mão prá trás assim ó, achei a enxada que eu tava asseano ao redor da casa e já vi o sangue saino lá e ela entrô debaixo duma árve que se chama baspo, imburana, quê dizê.* (Entrevista 6, linha 22).

BASSURINHA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Erva com propriedades medicinais. • *Esse foizinho aí esse trem que tá aí extindido na terra aí é trem que fazia remédio pra criança. Pro peitorá abri, pro istambo. Oli bassurinha pro mode dô de barriga.* (Entrevista 9, linha 149).

BATEIA • (A) • Nf [Ssing] • inc. • Vasilha de madeira usada para garimpar ouro e pedras preciosas. • *É. À vez tirava oro tamém, né? Que à vez tava lavano ques pipitona de ouro caía na bateia, a gente pegava elas, né?* (Entrevista 3, linha 377).

BEIÇO • (A) • Nm [Ssing] • obs. • Lábio. • *Aí no outro dia os bicho amanhicia dipindurado, o piau. O que come... o que viesse comê a mandioca, né? Então ele ia roeno, roeno. A hora que dava no... pegava po beiço, né? E a vara e jugava es. Teve um dia que eu peguei oito piau, viu?* (Entrevista 3, linha 361).

BISUNGO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Espécie de pavio que é embebido em óleo de mamona. • *Era bisungo. Fazia. Discascava mamona e socava com, com agudão e fazia aques bisungo, aques bisungo assim pá lumiá.* (Entrevista 2, linhas 107 e 108).

BITELO • (n/A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Pessoa, animal ou coisa de tamanho grande. • *Quando eu lá vô bem sussegado, quando eu ôi ó o bitelo do jacu.* (Entrevista 5, linha 280).

BOCA(R) • (A) • [V] • Port. • Pegar ou segurar com a boca, morder. • *É. Ninguém nem me falou isso nada. Mai vei na cabeça a única coisa que eu podia tomá foi isto. Aí eu ia, ela bocô. Eu sacudi e ela caiu lá.* (Entrevista 6, linha 20).

BODOQUE • (A) • Nm [Ssing] • Ár. • Arco feito de pau que serve para atirar bolas de barro ou pedras • *Bodoque é feito de pau.* () *A mesma coisa de istilingue só que ele é de madeira.* (Entrevista 12, linha 543).

BORBOINHA ~ BUBUINHA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Bolha aquosa ou purulenta que se forma na pele. • *Porque tava a borboinha e aquela priguixa e inchado aqui e inchano aqui.* (Entrevista 11, linha 287).

BUDUQUIM • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Pouca quantidade, pequeno porção. • *Ah! Meu pai ele mixia com uns buduquim de roça, mas era poco porque nós num tinha terreno. Prantava assim mais os otos, os poquim, mas nunca que dava pra gente se virá. Gente passava muita precisão.* (Entrevista 1, linha 56).

BUIÃO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Jarra de barro usada para colocar café. • *Eu sabia. Eu fiz muita panela. Fazia prato, fazia aquele buiãozim que a gente fala pichorra. De pô café.* (Entrevista 2, linha 91).

BULI(R) • (n/d) • [V] • Port. • Pegar, mexer, por as mãos. • *A gente passava a rede lá e via lá e bulia com esses peixe, esses peixe vinha e maiava tudo na rede.* (Entrevista 12, linha 420).

BUQUERÃO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Abertura ou boca de um rio ou canal, escavação profunda e ampla. • *Perto de Turmalina. Aí pá gente descê nesse lugá era uma serra d'um lado e ota de oto. A gente discia num buquerão de um metro por aí passano em cima, né?* (Entrevista 3, linha 28).

BURCA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Espécie de recipiente usado para recolher peixes. • *Ela discia com velocidade, batia no chengue e vinha cá pá trás no rabo. O rabo era cumprido. Á vez quando pai punha dois, três chengue, que lá era umas cachuerada, né? Ele, lá a burca de levá os peixe. Era muito peixe que pai pegava.* (Entrevista 3, linha 331).

BUTIJA • (A) • Nf [Ssing] • Cast. • Vasilhame de formato cilíndrico, boca estreita e uma pequena asa, para colocar líquidos. • *De barro tinha panela de ferro, ar de barro tinha panela, tinha pote, tinha butija.* (Entrevista 8, linha 149).

C

CABAÇA • (A) • Nf [Ssing] • desc. • Fruto do cabaceiro, de casca dura e impermeável, usado como recipiente. • *Buscava a água no pote, buscava água na cabaça. Ques cabaça de de de de de... que a gente pranta na roça lá que esses trem.* (Entrevista 12, linha 386).

CABAÇA(R) • (n/d) • [V] • desc. • Cavar o chão usando uma cabaça. • *É no rego. Ia cabaçando o chão e fazê o rego.* (Entrevista 3, linha 457).

CABEÇADA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Conjunto de correias que prendem a cabeça, a testa e o focinho dos animais e seguram o freio. • *Aí quando eu cheguei aqui eu já to... já cheguei aqui e falei “ Ah! Eu vô mexê mais é com essa, é com sirviço de coro pá fazê cangaia e fazê... cunsertá sela e fazê essas (), fazê alfoje e cabeçada.* (Entrevista 12, linha 633).

CACHIMBÓ • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Espécie de isqueiro. • *Eu tinha, mas joguei fora. Eu tinha muito. Eu tinha daquele negócio de cachimbó de tirá fogo. Isso que é mais difícil de tê hoje, né? Num havia fósforo, né? A gente quemava o algodão até ficá mal queimado, com cinza e...ficava corado o algodão, mas ele mal queimado e punha num chiboque, né?* (Entrevista 12, linha 505).

CACIMBA • (A) • Nf [Ssing] • afr. • Poço cavado no chão para retirar água do solo. • *Nem caneca tinha. Coité ma fia. Aí eis já fizeram uma cacimba assim grande. Ela inchia, ficava mesm’ limpinha. E buscava no pote. Pote de barro. Prá casa. Pá dento de casa.* (Entrevista 1, linha 107).

CACUNDA • (A) • Nf [Ssing] • afr. • Costas, dorso. • *Levava na mão, na cacunda um pau aqui e oto aqui ó e ocê iscorava no banguê assim.* (Entrevista 3, linha 671).

CADO • (n/d) • [PRON] • (n/e) • Um pouco, um bocado. • *Porque ela já contô um cado...* (Entrevista 6, linha 4).

CAICA(R) • (n/d) • [V] • (n/e) • Colocar, por. • *Ai cê punha, forrava com as foia de banana assim e punha as cinza e caicava bem caicadinha e punha um poco d’água, caicava. Punha ota camada de cinza e caicava. Punha um poquim d’água e caicava.* (Entrevista 7, linhas 329 e 330).

CAMARADA • (A) • Nm [Ssing] • Fr. • Trabalhador temporário em propriedade rural. • *De tarde jantava. A gente punha camarada pra trabaiá por dia era assim.* (Entrevista 7, linha 97).

CAMBUIM • (A) • Nm [Ssing] • ind. • Fruto do cambuizeiro, pequenas bagas esféricas de cor avermelhada. • *As frutas do mato era cambuim, né J. ? Jambo. {}Tinha jambo na bera do corgo, tinha jambo, tinha cambuim a gente panhava pra cumê, mas hoje ninguém come mais não, né J. ?* (Entrevista 8, linhas 93 e 94).

CANDEIA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Objeto de iluminação que se pendura à parede e funciona com a queima de um pavio embebido em óleo ou querosene. • *Fazia um negócio, uma candeia assim e punha um pavi. Moiava com azeite e ficava lumiano.* (Entrevista 8, linha 267).

CANDIERO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Objeto usado na iluminação, geralmente feito de metal e alimentado por gás ou óleo. • *Es fazia de barro. Era. Lá em casa usava era sempre usava essa de que eles trata de candiero.* (Entrevista 12, linha 369).

CANGAIA • (A) • Nf [Ssing] • Cel. • Armação que se coloca no lombo dos animais feito em madeira e compartimentos laterais para armazenar cargas. • *Ele contando que um dia ele pôs*

a cangaia no burro e foi quando chegô lá no, na casa do home lá banado do Jequitinhonha. (Entrevista 5, linha 162).

CANA-BRABA • (A) • Ncf [Ssing + ADJsing] • Port. • Erva com propriedades medicinais. • *Eu fazia é de cana-braba, né? Mas no fundinho. Ia inrolano o cipó no fundim que o fundim ficava assim e abria assim igual um jiqui, né?* (Entrevista 7, linha 327).

CANZIL • (A) • Nm [Ssing] • Cel. • Cada um dos dois paus da canga em que o boi ou o cavalo enfiam o pescoço. • *Antão aquela aquela travinha pra pegá a ponta em cima ficava um canzil aqui pá pegá.* (Entrevista 12, linha 460).

CAPADO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Porco castrado para engorda. • *Ficô aqui uns dois ano. Trabaio dois ano ô três trabaiano de fiscal, arrecardano dinheiro pra Prefeitura. Quem vindia um capado aí tinha que pagá ele.* (Entrevista 12, linha 193).

CAPOTA • (A) • Nf [Ssing] • Fr. • Peça do vestuário que cobre a cabeça e os ombros. • *Que ela punha o papo dentro assim e amarrava no pescoço assim pá ninguém vê, né? Ela fazia a capota, punha no pescoço pá ninguém vê, né?* (Entrevista 3, linha 180).

CAPUCHO • (A) • Nm [Ssing] • It. • Cápsula em que se forma o algodão. • *Discascava a mamona e discascava o capucho de agudão, né? E tirava o caroço e aí socava e enrolava assim ó pareceno um biscoito.* (Entrevista 1, linha 131).

CARRANCERO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Trabalho de grande dificuldade. • *Era. E era um carrancero que a gente num fazia grande coisa quê tudo era de graça, né?* (Entrevista 4, linha 27).

CARRERO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Caminho estreito • *Que eu óio que não ó o bitelo do jirucuçu trevessado no meio do carrero.* (Entrevista 5, linha 319).

CASCA(R) • (A) • [V] • Port. • Retirar a casca, descascar. • *Colocava a mamona intera lá na panela e ia no pilão e socava e cascava agudão, de discaroçá agudão e põe.* (Entrevista 7, linha 170).

CATADÔ • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Aquele que é responsável pela coleta da cana durante o período de moagem. • *Mas quando ela cumeçava a muage era es pa muê e os cortadô de cana e os catadô, carregadô de cana, né?* (Entrevista 12, linha 146).

CATIRINO • (n/A) • [ADJ] • Port. • Tipo de feijão, também conhecido como *feijão de Santa Catarina*. • *Ah! O feijão é... Hoje num dá bem dele. Era mais um catirino, um preto. Depois arrumô um comi-caldo, que era um rajado.* (Entrevista 5, linha 80).

CATRE~CATRÃO • (A) • Nm [Ssing] • afr. • Cama rústica • *Cumpade Z. A. eu morei lá muitos ano tinha os catre de correia que ele dexô, que ele pôs lá pra mim.* (Entrevista 8, linha 135).

CEVA(R) • (A) • [V] • Port. • Alimentar, nutrir geralmente usando mandioca ou milho • *Aí cê tornava dexta uns dia cevá de novo. Aquês oto quando tava acostumado ali a hora que ocê tirava o mio de lá de dento, colocava um mio, es ia cevano, cevano, cevano.* (Entrevista 12, linhas 466 e 467).

CHENGUE • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Espécie de armadilha usada para pescar. • *Chengue. É uma istiva. Nas cachueira a gente traça uma istiva.* (Entrevista 3, linha 327).

CHIA(R) • (A) • [V] • onomat. • Sofrer. • *O T. ele pegô e foi chama uma benzedora. Ah! Mais ele foi e não vortô mais. É hoje, é agora e nada. E eu chiano lá na cama, rolano lá.* (Entrevista 6, linha 24).

CHIBOQUE • (n/A) • Nm [Ssing] • Fr. • Espécie de cachimbo. • *A gente quemava o algodão até ficá mal queimado, com cinza e...ficava corado o algodão, mas ele mal queimado e punha num chiboque, né?* (Entrevista 3, linha 507).

CHICO-RAMO • (n/d) • NCm [Ssing + Ssing] • Port. • Erva medicinal usada para tratar os males estomacais. • *Raiz de mentraço, raiz de mentraço, raiz de ... panhava raiz de mentraço e foia de chico-ramo. Essas foia.* (Entrevista 7, linha 390).

CHIQUERO • (A) • Nm [Ssing] • Cast. • Um dos compartimentos de um curral de peixes, de onde não pode mais sair o peixe que lá entrou • . *É o chiquero. Cê faz o chiquero é assim ó. Aqui é a bera. Aqui é a bera, a bera da praia, a bera do rio, né? Aqui cê pega o... cê pega, tira umas vara diritinha. Vara tudo diritinha assim.* (Entrevista 12, linha 445).

CIGARRA(R) • (A) • [V] • Cast. • Fumar cigarro. • *Isto. Fazia o cigarrim e cigarrava. To. . Algum tempo todo mundo cigarrava. Às vez hoje em dia mas assim mesmo. Só muié que num cigarrava. Hoje em dia até muié tá cigarrano. E tá sabeno que tá fazeno mal e pois tá cigarrano, né?* (Entrevista 7, linhas 466,467 e 468).

CIRQUIM • (n/d) • [ADV] • (n/e) • Próximo, perto, junto. • *Num perdia uma de jeito nenhum, né?. Quando os cachorro latia no mato que vinha partino pro lado do reberão porque ela vem cirquim do reberão, né?* (Entrevista 3, linha 299).

COÃ • (A) • Nf [Ssing] • ind. • Ave de rapina. • *O home... ela num sabia o nome do home que levô. Eu falei com ela “ Não. ” Esse negócio aí agora, hoje é o seguinte. A florestal já tava na Coã.* (Entrevista 12, linha 565).

COITÉ ~CUITÉ • (A) • Nm [Ssing] • ind. • Fruto da cueira com o qual são feitos recipientes para líquidos, grãos, farinha etc. • *Nem caneca tinha. Coité ma fia. Aí eis já fizero uma cacimba assim grande. Ela inchia, ficava mesm’ limpinha. E buscava no pote. Pote de barro. Prá casa. Pá dento de casa.* (Entrevista 1, linha 107).

COIVARA • (A) • Nf [Ssing] • ind. • Restos de galhos ou gravetos remanescentes de queimadas na roça que são unidos para serem reduzidos a cinza com a qual se faz a decoada. • *O sabão a gente quebrava a mamona, cascava, punha na panela, incestava a cinza. Buscava a cinza onde é que tinha e saia pro mato pra fazê coivara pá pudê...* (Entrevista 7, linha 171).

COLOCA(R) AS IDEIA • (n/d) • Fras [V + Art+ Ssing] • Port. • Pensar, refletir. • *Amanhã ia pro rio e tirava oro. Nós ficava ali brincando com terra, fazeno biscoitim de terra, brincano pra intertê o dia e colocá as ideia.* (Entrevista 11, linha 48).

COLÔNIA • (n/A) • Nf [Ssing] • Port. • Colonião, o mesmo que *capim da colônia*. • *Quando secava um poço a gente ia no meio da colônia e furava oto.* (Entrevista 2, linha 136).

COME-CALDO • (n/A) • Fras [V+Ssing] • Port. • Tipo de feijão. • *Ah! O feijão é... Hoje num dá bem dele. Era mais um catirino, um preto. Depois arrumô um come-caldo, que era um rajado.* (Entrevista 5, linha 80).

CONFRONTE • (A) • [ADV] • Port. • Em frente. • *Morreu até naquele... pra abaixo ali confronte a casa de Z. M. ali.* (Entrevista 10, linha 73).

CONHECIÇÃO • (n/d) • Nf [Ssing] • Port. • Ato de conhecer algo • *Mas fizeram a mão que es “Aí agora nós vamos pegar a estrada daqui sai na Mandassaia, de Mandassaia subi no Corrente e sai lá banado, no coisa lá em cima” pá fazê a linha de carro. Ô minha fia! E a estrada que o home fez a laigura dela era com daqui Aí ó. Feita a mão. Eu peguei e falei “ () Quem vai levá a mala é ieu” “ Mas pra quê?” “ É pra conhecê o ônibus”. Ô conhecição de ônibus . Só pá conhecê.* (Entrevista 5, linha 374).

CORISCO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Faísca elétrica na atmosfera, raio, relâmpago. • *O que eu já passei medo vindo da roça lá no...distância de cinco quilômetro foi tempestade. Isso aí eu já passei medo. Corisco caía ne mim, em roda de mim todo canto.* (Entrevista 3, linha 809).

CORREÇÃOZADA • (n/d) • Nf [Ssing] • Port. • Derramar lágrimas devido a alguma alteração fisiológica que afeta os olhos. • *Tenho minha vista boa. Agora que eu tô com uma durzinha aqui no meu zói. Isto dia deu uma correçãozada.* (Entrevista 11, linha 298).

CORTA(R) A PROSA • (n/d) • Fras [V + Art+ Ssing] • Port. • Acabar com a conversa, silenciar. • *No meu tempo era assim. Fiava agudão e tudo como eu tô falano. Fazia tudo. Aí cuia mamona, batia mamona e cortava a prosa dele.* (Entrevista 6, linha 79)

CORTA(R) O DIA • (n/d) • Fras [V + Art+ Ssing] • Port. • Passar um dia inteiro ou grande parte dele a fazer alguma coisa. • *Não. Mixia com... Ô gente. Tinha cachorro bão ia pro mato e cortava o dia intirim. Cachorro trabaiano e a gente bem sossegado no mato. Era bem bão. Hoje acabô tudo, minha fia.* (Entrevista 5, linha 241).

CUIA • (A) • Nf [Ssing] • ind. • Fruto da cuieira, de cuja casca são feitas vasilhas com usos diversos. • *Quando tava bem socadim misturado com o agudão inchia uma vazia, inchia uma cuia pá acendê, pá lumiá, sustentá lumiá numa casa. (())* (Entrevista 6, linha 82).

CUIADA • (n/d) • [ADJ] • Port. • Enformada, pronta • *O açúcar é assim. O mês que fazia açúcar, era só açúcar. Ia tirano e fazeno o melado e dispejano numa masserona, tirano o melado a semana toda, quando era no fim da semana que ele tava cuia a forma já tava feita.* (Entrevista 11, linha 108).

CUMBUCA • (A) • Nf [Ssing] • ind. • Vaso feito do fruto da cuieira ou da cabaceira com uma abertura na parte superior, geralmente usado para colocar líquidos. • *Ela dava conta de tudo dentro de casa. E nós era da roça com a inxada na cacunda prantano manaíba, prantano cana, prantano feijão, prantano muda de fumo. Moiano com a cumbuca de coco.* (Entrevista 11, linha 66).

CUME ~ CUMO • (n/d) • [CONJ] • Port • O mesmo que como. • *O pinhão é cumo diz. É igual a mamona mesmo. Dicastava aquilo e punha dentro dum balde assim e ali ela ia pono, ia pono dicuada. Com pouco tava o sabão apurado.* (Entrevista 9, 138).

CUMÉ • (n/d) • [PRON] • Port. • O mesmo que como é. • *Dava chazim de apoejo, chazim de aquele...cumé que chama? Erva-doce.* (Entrevista 1, linha 350).

CUMÉRCIO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Pequena localidade onde geralmente se realizam feiras semanais. • *Quem é que tem e pode mais que ele agora? Tá quase tudo apusentado, tudo ganhano, recebeno é bolsa iscola, é ota hora bolsa famia. É trabaiano. Tão luxano mais que quem mora no cumércio.* (Entrevista 7, linha 105).

CUNCUMBUZIM • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Pequena enxada. • *Acordei são. Eu tava com sete ano. Nesse tempo. Sete pá oito ano porque pai ia pá roça dá ... trabaia prantano manaiba e eu ia tamém, né? Com um cuncumbuzim pá dá cova. E no eu dá a cova a pedra. Eu muito baxim, né? A pedra avuô no meu oi, né?* (Entrevista 3, linha 20).

CURIMBA • (A) • Nf [Ssing] • ind. • Peixe de água doce, o mesmo que *curimatá* ou *curimbatá*. • *Não. Eu não. Agora com ispingarda pra matá peixe é duro. Matava peixe demais. Curimba. Curimba e piabanha.* (Entrevista 12, linhas 551 e 552).

CURNICHA • (n/d) • Nf [Ssing] • Port. • Pequeno recipiente feito em madeira, usado para por rapé. • *O povo, as muié usava pá rapé era curnicha, né? Tinha as curnicha. Era pra pô rapé. A curnicha era feita de coco.* (Entrevista 3, linha 499).

CUTIANO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Tipo de montaria. • *Porque nessas sela que eu ando aqui. Essas montaria que es tratava é cutiano, num é essas sela paulista que ele falava “ Eu ponho o suadô e dá certo.”* (Entrevista 12, linha 601).

D

DA(R) COVA • (n/d) • Frs [V+Ssing] • Port. • Fazer um buraco onde será colocada uma semente ou raiz. • *Acordei são. Eu tava com sete ano. Nesse tempo. Sete pá oito ano porque pai ia pá roça dá... trabaia prantano manaiba e eu ia tamém, né? Com um cuncumbuzim pá dácova. E no eu dáacova a pedra. Eu muito baxim, né? A pedra avuô no meu oi, né?* (Entrevista 3, linha 20).

DA(R) DE • (n/d) • Frs [V+Prep] • Port. • Começar a fazer alguma coisa. • *E o pau era muito mais cumprido com daqui ai ó. Fora da istrada. Ai eu dei de intrá no acero.* (Entrevista 5, linha 290).

DA(R) FÉ • (A) • Frs [V+Ssing] • Port. • Notar, perceber. • *Menina, pois quem trabaia na roça quase volta e meia. Se ocê num dá fé cê tá vendo ele.* (Entrevista 10, linha 333).

DA(R) VENDA • (n/d) • Frs [V+Ssing] • Port. • Colocar a venda, vender. • *Quando deuvenda. Pai vendeu tirô o sentido.* (Entrevista 10, linha 38).

DE CUMÊ • (A) • NCm [Prep + Ssing] • Port. • Comida, alimento • *Difícil. O decumê num faltava não. Tinha ano que as lagaita comeu ou o sol, todo mundo tinha, todo mundo tinha cana, tinha o ingem que atravessava assim cortava a cana e chegava aqui e tocava ó garapão lá pra bebê garapa, cumê melado.* (Entrevista 11, linha 122).

DE PIQUENA • (n/d) • [LOC. ADV] • Port. • No período da infância. • *O bolo que eu conheci da minha vida de piquena até vinte ano era cuisçuiz.* (Entrevista 11, linha 79).

DE PRIMERO • (n/A) • [LOC. ADV] • Port. • Antigamente, há muito tempo atrás. • *No chapadão aí de primero tinha gente que vinha lá do e ia andano com poco cê via aquele home pontano lá com aquele pausão na cacunda.* (Entrevista 5, linha 395).

DE RESTO • (n/d) • [LOC. ADV] • Port. • O que resta, o restante. • *Agora por parte de pai eu tinha muito irmão. Mas de resto só existe eu.* (Entrevista 2, linha 34).

DEFERENTE • (A) • [ADJ] • Port. • Diverso, distinto. Variante de diferente. • *Não. Lá Gangorra é município de Berilo. Agora eu morava num coigo deferente que era município de Chapada, mas tudo pertim de Gangorra. Do jeito que é morei lá, por lá eu casei.* (Entrevista 9, linha 9).

DELANGA(R) • (n/d) • [V] • (n/e) • Mover-se de um lado para o outro no ar segurando um cipó. *Todo dia que a gente chegava era M. del P. tava lá delangano e num deixava a gente delangá.* (Entrevista 3, linha 253).

DELANGUE • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Espécie de balanço feito com cipó. • *Gente fazia o delangue, né? E es ia pra lá delangá.* (Entrevista 3, linha 246).

DERRADERO • (A) • [ADJ] • Port. • O último. • *Parece que eu num tinha bem juízo não. Quando eu risulvi casá foi de uma vez. “Agora eu quero casá”. Que eu num quiria dexá aquele derradero iscapuli não. Aquele era meu.* (Entrevista 11, linha 165).

DIBUIA(R) • (A) • [V] • Port. • Retirar os grãos ou bagos dos cereais. • *O dia que num tinha nada pá fazê ia dibuiá andu.* (Entrevista 2, linha 53).

DICUADA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Água fervida com cinzas, usada na fabricação de sabão caseiro. • *Dicuada e pegava é ... Pegava uns pau punha assim, marrava de cipó e pegava cinza de fornaia e colocava.* (Entrevista 2, linha 81).

DIENTA(R) • (A) • [V] • Port. • Valer a pena; compensar • *Eu vô fala com a sinhora. A gente contasse a sinhora o que passô com nós não dienta nem contá.* (Entrevista 6, linha 45)

DIENTE • (A) • [ADV] • Port. • Para a frente. • *E me pagô. Me pagô um mirréis do jeito dos home. Depois daquele dia em diente eu fiquei ganhano do mesmo preço dos home.* (Entrevista 4, linha 51).

DIGERIM • (A) • [ADV] • Port. • Rápido, veloz. Variante de ligeiro • *Peguei o fubá e acendi o fogo, pus o bolo lá no fogo e pus a lata. Falei “Agora vô pegá um cavaco que eu sei dele ali pra mode eu pô aqui em riba dessa lata e assá esse bolo digerim.” E foi assim.* (Entrevista 11, linha 256).

DISANDA(R) • (A) • [V] • cont. • Desfazer, derreter. • *Pegava e ia fazê e colocava uma mulhé pá levá o açúcar e disandava o açúcar e e num tacho e ia bateno o açúcar outra vez.* (Entrevista 12, linha 299)

DISARRIA(R) • (A) • [V] • Port. • Tirar os arreios. • *Ele chego lá sem guentá e pediu um home pra disarriá os burro pra ele que ele tava sem guentá.* (Entrevista 5, linha 163).

DISCAROÇA(R) • (A) • [V] • cont. • Retirar, extrair os caroços. • *Colocava a mamona intera lá na panela e ia no pilão e socava e cascava agudão, de discaroçá agudão e põe.* (Entrevista 6, linha 81).

DISPONTA(R) • (A) • [V] • Port. • Desgastar, tirar as pontas. • *O jiqui é assim. (()) Cê faz ele do tamanho que ocê quisé. Faz ele desse tamanho aqui, né? Começo com o fundo dele e cê pode fazê ele grande assim. E agora cê vai dispontano, vai dispontano ele e chega na boca (())).* (Entrevista 5, linha 220).

DIVERA • (A) • [ADV] • Port. • De verdade, realmente, com certeza. Variante de deveras. • *Que os coitezero dava coité grande assim e dava o coitezim assim. Diz que é conforme as pedra que ocê põe nele dá assim nas gaia assim. Se ocê pô a pedra de um lado dizem o povo que é divera.* (Entrevista 7, linha 351).

DIVIRTUME • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • *Saia pros mato e divirtume.* (Entrevista 9, linha 158).

DOBRA(R) • (n/A) • [V] • Port. • Seguir adiante com rapidez, velozmente. • *Assim na base das duas hora pus essa mala na cacunda, aquela malona e “ Cê pode ir andano que onde nós aicançá ocê toma a mala e ocê monta na garupa de um burro de quaiqué um de nós e vai”. E dobrei.* (Entrevista 5, linha 377).

E

EI DIÁ • (n/d) • [INTERJ] • (n/e) • Port. • Possível redução de Ei diacho! • *Quando eu chego ali em cima onde é a tor' lá eu parei e falei “Óia lá Minas Nova. Ô diá! Onde eu vô todia. Ei diá! Óia que bacana.”* (Entrevista 5, linha 378).

EM ANTE • (n/A) • [LOC. ADV] • Port. • Antes, anteriormente, na frente. • *Quando cê chegava na boca da ilha em ante dos pexe... Os pexe tava pra baixo a uma distância com daqui muito mais... com daqui lá po...* (Entrevista 12, linha 418)

EM RIBA • (A) • [LOC. ADV] • Port. • Em cima, sobre alguma coisa. • *Prantava muito mio. Era muito. Pra tratá dessa porcada, né? Tinha que ser muito mio. Tinha quatro, cinco roça pá todo canto. Grota cheia de mio. De baixo e em riba.* (Entrevista3, linha 156).

EM RODA • (n/A) • [LOC. ADV] • Port. • Ao redor, em volta. • *Quando os cachorro latia no mato que vinha partino pro lado do reberão porque ela vem cirquim do reberão, né? Aí ele já ficava em roda do reberão.* (Entrevista3, linha 300).

F

FAZEDERA • (n/d) • Nf [Ssing] • Port. • Mulher responsável por fazer alguma coisa. • *Não. Tinha fez que ela compra das fazedera. Até hoje de vez em quando eu vejo es fazê e vendê vasia aí na rua. Mas minha mãe não ela comprava dos oto, mais ela mesma não fazia não.* (Entrevista9, linha 95).

FEDEGOSO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Nome de uma planta medicinal que geralmente exala mau cheiro. • *Rancava fedegoso, rancava foia de um trem quaiqué aí e punha pra freivê, bibia e era remédio.* (Entrevista 11, linha 147).

FEJÃO-CATADOR • (n/d) • NCm [Ssing + Ssing] • Port. • Tipo de feijão, também conhecido como *feijão de corda* ou *feijão-fradinho*. • *Tem o feijão catador, de corda né J. ? Andu que faz as farofa.* (Entrevista 8, linha 364).

FEJÃO DE CORDA • (A) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Tipo de feijão também conhecido com *feijão-fradinho*. *Tem o feijão catador, de corda né J. ? Andu que faz as farofa.* (Entrevista 8, linha 364).

FERRUA(R) • (A) • [V] • Port. • Dar ferroadas, picar. • *Quando eu tava com daqui onde tá ocês aí e eu vi foi tá. Eu tirei o pé e sacudi assim, falei “Ô T. tem um negócio que me ferruô qui”.* (Entrevista 6, linha 18).

FIA(R) • (n/A) • [V] • Port. • Vender a crédito, confiando no comprador a promessa de paga. • *Ninguém fiava da gente nada aquele tempo. Num tinha fazendero que num fiava da gente nada.* (Entrevista 11, linha 205).

FICHILERO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Artesão que trabalha com objetos em ferro. • *Ferrero. Fichilero. Esses fazedô de trem de lata, né? Fazia aquilo lá do jeitim que tá aqui, uma taça, né? Punha um bicão () pá pô o pavi’. Fazia o pavi’ de agudão. De linha e colocava o azeite e punha fogo.* (Entrevista 12, linha 358).

FRAMENTADIM • (A) • [ADJ] • Port. • Em pequenos pedaços, fragmentado. • *Quando ele tava no ponto es tirava do fogo e cabava de secá. Es batia ele, batia ele e aí fazia o açuca. Ele ficava todo framentadim.* (Entrevista 12, linha 305).

FRUTA-FEJÃO • (n/d) • Ncf [Ssing + Ssing] • Port. • Tipo de fruta cujas bagas são semelhantes ao feijão. • *No mato tinha o jambo que dava lá pras bera do rio. A gente pegava aqueles jambo, cumia. Cê saía pra buscá lenha tinha aquelas fruta pretinha, fruta-feijão que eles fala, né? Tem feijão. Cumia aquele trem, pegava ele, pegava cada gaião, ducinha.* (Entrevista 7, linha 379).

FUÇA(R) • (A) • [V] • Port. • Procurar, sondar, farejar. • *Eu era a mais véia que fuçava pra tratá des e ele saía óia os menino aí, J. Eu ficava, o feijão no fogo numa panelona de ferro e punha lá no fogo.* (Entrevista 11, linha 35).

FURADÔ • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Pessoa responsável por abrir caminhos no meio das matas. • *Naquilo quando eu oiei o sol entrô e o furadô apontô cá. Já tinha dado tiro.* (Entrevista 5, linha 383).

FURQUIA • (A) • Nf [Ssing] • Cast. • Objeto feito em madeira, com o formato da letra y que é usado para sustentar outros objetos. Variante de forquilha • *Cama era de vara. Fincava duas furquia e punha um trevesso forrava de vara e...Os cochão era inchido com paia.* (Entrevista 3, linha 702).

FUS • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Pequena bobina sobre a qual se torce e enrola o fio durante o processo de fiar. Variante de fuso • *Antão eu fiava. O dia que eu impricava em fazê nuvelo de linha assim eu pegava nessa base de cinco hora. Quando eu ia deitá já tava. A roda tava cheia. O fus da roda tava cheio pá fazê o nuvelo.* (Entrevista 2, linha 103).

G

GABINA • (A) • Nf [Ssing] • Fr. • Pequeno compartimento. Variante de cabina. • *Ela tinha o lugá do povo fica e a gabina do motorista. Era separado porque senão quando...* (Entrevista 5, linha 367).

GAMELA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Vasilha de barro ou de madeira usar para lavar objetos ou para servir comida. • *Tomava banho...no quê? (rs) Na gamela. Nem bacia tinha, na gamela. Tinha a gamela que a gente usá e tinha a gamela de pé. Eles falavam assim “essa daqui é a gamela de pé. É a gamela de tomá banho”.* Punha lá e tomava. (Entrevista 1, linhas 139 e 140).

GANGORRA • (A) • Nf [Ssing] • obs. • Pequeno engenho de madeira usado para fazer farinha. • *Juntava aquela turma pá tomá banho. Tinha uma gangorra lá e lá na gangorra o povo fazia farinha lá na gangorra do oto lado e nós ia aproveitava e tomava banho todo dia de lá, né?* (Entrevista8, linhas 211 e 212).

GARAPA • (A) • Nf [Ssing] • cont. • Caldo de cana. • *Eles fazia é muía a cana. Quando a garapa via iscumano no tacho punha mutamba até quando es parava tinha que por azeite e ai dispejava quando dava ponto, dispejava na massera e ia bateno.* (Entrevista 4, linha 114).

GARAPÃO • (n/d) • Nm [Ssing] • cont. • Caldo de cana em processo de fermentação, usado na produção de cachaça. • *Tinha ano que as laigata comeu ou o sol, todo mundo tinha, todo mundo tinha cana, tinha o ingem que atravessava assim cortava a cana e chegava aqui e tocava o garapão lá pra bebê garapa, cumê melado.* (Entrevista 11, linha 124).

GARRAFADA • (A) • Nf [Ssing] • Ár. • Medicamento líquido guardado em garrafa, preparado com ervas, raízes por curandeiro, raizeiro. • *Fazia o chá e dava pra ela. E ela miorava. Foi ino até. Depois o último remédio que ela tomô foi garrafada.* (Entrevista 2, linha 24).

GATO DE JABUTIRICA • (A) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • híb. • Espécie de gato selvagem, também conhecido como jaguatirica. • *Gato de jabutirica. (()) Era inraçado a onça. O gato de jabutirica se ele tiver infezado que ocê topá qu’ele cê tem que corrê.* (Entrevista 5, linha 351).

I

IMBIGO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Cicatriz arredondada, deprimida ou saliente, formada no meio da barriga pelo corte do cordão umbilical. Variante de umbigo. • *Hoje eu tô essa sonsa aqui, mais eu alembro disso tudo. Eu comia imbigo de banana, angu de banana.* (Entrevista 11, linha 98).

IMBOICA(R) • (A) • [V] • Port. • Virar de boca ou de cabeça para baixo algum objeto. Variante de emborcar • *Agora se tivesse o moi... Aí se tivesse carne punha tamém e levava e imboicava os prato nem nem nada punha não. Botava o prato assim por cima e punha dento do balaio.* (Entrevista 7, linha 281).

IMBORNALADA • (A) • Nf [Ssing] • inc. • Embornal muito cheio. • *Tinha hora que a gente ia pra lá numa hora a gente pegava uma imbornalada de lambari, três, quatro quilo de lambari, baigue.* (Entrevista 3, linha 308).

IMBURANA • (A) • Nf [Ssing] • ind. • Árvore nativa da caatinga, cuja madeira muito utilizada em construções. • *Aí eu ia, ela bocô. Eu sacudi e ela caiu lá. E eu virei a mão prá trás assim ó, achei a enxada que eu tava asseano ao redor da casa e já vi o sangue saino lá e ela entrô debaixo duma árve que se chama baspo, imburana, quê dizê.* (Entrevista 6, linha 22).

IMPENHA(R) • (A) • [V] • Port. • Tratar, negociar, ter a palavra. • *Tinha um moço aqui dos T., o T. Tinha um fejoal lá e ele impenhava eu e ele combinava demais comigo. Foi arrumá ieu pá ajudá a rancá aquele feção lá numa grotta infeliz que tem ai atrás.* (Entrevista 6, linha 12).

IMPrensa(R) • (A) • [V] • Cast. • Passar pela prensa, apertar. • *Era muito porco. Só nos mangueiro. No chiqueiro tinha muito. Aí a gente esqueceu quê pai mixia com muita farinha, né? Muita. Aí ele... ele esqueceu a ... debaixo da prensa. Era... quê... imprensava a massa a água curria debaixo da prensa, né?* (Entrevista 3, linha 75).

IMPRETA(R) • (n/d) • [V] • Port. • Tornar preto, escurecer, empretecer. • *É pá num dexá a fumaça. No fugão de lenha pra num dexá a fumaça impretá a rapadura. Tinha vez que... O açúca. O açúca dexava na forma. O açúca. { }* (Entrevista 12, linha 135).

INCANADINHA • (A) • [ADJ] • Port. • Uma encaixada atrás da outra, em sequência. • *Eu fui lá e peguei essas três ped ra aí quando eu pus essas três pedra aí eu falei “ Agora tem que pô es perto de mim porque a hora que eu mandá uma eu mando tudo incanadinha tam tam tam quê uma que num acertá eu cabo de matá de muleta”.* (Entrevista 5, linha 327).

INCARBA(R) • (n/d) • [V] • Port. • Colocar cabos em uma construção. • *Subia em cima de teiado to contano aqui subia em cima de teiado e travava os muro de uma casa, incarbá e inripava e ribuçá e tudo. Dava trem de um jeito.* (Entrevista 5, linha 204).

INCESTA(R) • (n/d) • [V] • Port. • Colocar fogo, fazer queimar até virar cinza. • *Fazia. Socava mamona e punha ...e punha no fogo. Incestava cinza. Punha a cinza num ...num negócio lá. Fazia tipo uma arapuca. Ota hora tirava uma na lata e furava.* (Entrevista 1, linha 148).

INCHUMENTO • (n/d) • Nm [Ssing] • Port. • Tipo de construção cujas paredes são feitas de paus cobertos por barro. • *A casa que eu morava primeiro era de inchumento. Era de taipa que chama hoje, né? Inchumento. Punha os inchumento e aí batia barro. Era taipa que chama hoje, né? E nós tratava era casa de inchumento, né?* (Entrevista 3, linhas 206 e 207).

INDÉ • (n/d) • [ADV] • Port. • Até. • *Depois que a gente pegô a trabaiá, que todo mundo pegô a trabaiá aí cumeçô a milhorá um pouco, né? Ele tinha muito porco. Indé um dia mesmo ele tinha uns sessenta porco.* (Entrevista 3, linha 71).

INFEZADO • (A) • [ADJ] • desc. • Que está zangado, aborrecido, bravo, furioso. • *Gato de jabutirica. (()) Era inraçado a onça. O gato de jabutirica se ele tiver infezado que ocê topá qu'ele cê tem que corrê.* (Entrevista 5, linha 351).

INFILUDEDO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Tipo de fruta silvestre. • *Quando era tempo de disagua tinha tudo quanto é fruta. É. Era goiaba. Era infiludedo. Era tudo quanto é coisa assim de fruta.* (Entrevista 9, linha 172).

INGEM • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Máquina usada na moagem de cana de açúcar, moenda de cana de açúcar. • *Tinha ano que as lagaita comeu ou o sol, todo mundo tinha, todo mundo tinha cana, tinha o ingem que atravessava assim cortava a cana e chegava aqui e tocava ó garapão lá pra bebê garapa, cumê melado. Num faltava nada.* (Entrevista 11, linha 123).

INGROSSADO • (n/d) • Nm [Ssing] • Port. • Sopa cremosa feita com fubá e acrescida de algum tipo de verdura. • *Fubá cumia também. Angu. Ingrossado, angu, mingau na hora da merenda. Era assim. Mingau com leite. Punha leite no, punha o fubá no leite e fazia os mingau. Era cada paneladão nego comia até dizê chega.* (Entrevista 3, linha 763).

INLUGA(R) • (A) • [V] • Port. • Usufruir de um bem por meio de aluguel, dar algum bem a usufruto de outrem por meio do pagamento de aluguel. Variante de alugar • *Eu sufri demais. E sofrê mais dipois, com minha sogra. Meu pai morreu e já tava cuidano dele, né? Laiguei minha casa e passei pra casa dele. Inlугuei a dele.* (Entrevista 11, linha 237).

INRIPA(R) • (A) • [V] • Port. • Colocar ripas em uma construção. • *Subia em cima de teiado to contano aqui subia em cima de teiado e travava os muro de uma casa, incarbá e inripava e ribuçá e tudo. Dava trem de um jeito.* (Entrevista 5, linha 204).

INTANCADA • (A) • [ADJ] • Port. • Armazenada, acumulada, reservada. • *Mas é hoje. Aqui no alambique era um real e pouco. (()) Aqui es tem cachaça intancada aqui. Cê vendê cê acha um real e pouco, um e cinquenta no lito.* (Entrevista 12, linha 675).

INTANCA(R) • (A) • [V] • Port. • Fazer parar de jorrar, de fluir algum tipo de líquido, geralmente o sangue, estancar. • *Num falei com es não. Eu já tinha pegado uma foinha. Aí pus aí. O sangue intancô, né?* (Entrevista 1, linha 337).

INTRIVALO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Espaço de tempo entre dois momentos. Variante de intervalo. • *A vez pai ía. Naquele intrivalo a gente ficava cumeno sem gurdura, né?* (Entrevista 3, linha 59).

INVARA(R) • (A) • [V] • Port. • Fazer a armação de varas em uma construção. • *Dento de casa. Tava invarano casa mais meu véio. Invarano casa quando eu vi o movimento aí “Vamo*

embora pra casa. ” Nóis saiu correno. Num ficô uma hora eu ganhei a minina. (Entrevista 11, linha 186).

INZAME • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Procedimento médico para observação de aspectos do funcionamento do organismo. Variante de exame • *Hoje tá com oito dia que eu vim ali ó. Cheguei a falá cocê que ia fazê meus inzame. Tava com meus inzame tudo. (Entrevista 4, linha 72).*

ISBAGAÇA(R) • (A) • [V] • Port. • Reduzir a pedaços ou bagaços, despedaçar, destroçar. • *Quando eu pus a derradera que ele deu corpo vem eu sapequei e tam tam e ele aaam e eu pam. Aí eu fui na cabeça dele com a muleta e agora isbagacei ela toda e falei “ O quê? ”. Até hoje eu num vortei lá mais que eu cismeí falei “ Não, num vô andá mais dentro desses mato sozim não. ” (Entrevista 5, linha 332).*

ISCAROÇADÔ • (A) • Nm [Ssing] • cont. • Aparelho ou máquina para extrair, retirar os caroços. Variante de descaroçador. • *O de cumê num faltava não. Tinha ano que as lagaita comeu ou o sol, todo mundo tinha, todo mundo tinha cana, tinha o ingem que atravessava assim cortava a cana e chegava aqui e tocava o garapão lá pra bebê garapa, cumê melado. Num faltava nada. (()) Tratava iscaroçadô. (Entrevista 11, linha 124).*

ISPIA(R) • (A) • [V] • It. • Olhar, observar. • *A gente trabaiava demais. Quando era de noite tava aquele sono. Quando eu tirei a mão fora e coçô, coçô eu resolvi levantá. Dormi tra vez. Deu três picada. No otro dia eu falei fulano. “ Ó A. um trem me mordeu aqui de noite, Ispia pro cê vê. ” (Entrevista 11, linha 286).*

ISQUIFE • (A) • Nm [Ssing] • It. • Espécie de caixão rústico para defunto. • *Murria uma pessoa ia no mato tirava vara e fazia aquele trem ó e punha ele dento, levava pro cemitério. Lá no cimitério mesmo se passasse tava aquela ruma de isquife. E chegava lá e tirava o cara do isquife e punha na cova e punha o isquife lá pro lado de fora lá. (Entrevista 5, linhas 428 e 429).*

ISTAMBO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Órgão situado na parte superior do abdome, entre o esôfago e o duodeno, responsável por parte da digestão dos alimentos. Variante de estômago. • *Rapadura pra pra merenda lá na roça que é muito forte. A gente comia aqueles pedaço de rapadura e batia água no istambo. Aquilo era uma fortaleza, minina. (Entrevista 3, linha 437).*

ISTILA(R) • (A) • [V] • Port. • Separar, destilar. • *Aí põe a gurdura até inchê a forma daquela massa, de melado e agora punha barro. Punha barro naquilo e istilava. O açúca ficava branquim. (Entrevista 9, linha 50).*

ISTUMA(R) • (A) • [V] • Port. • Acirrar, assanhar, ativar os cães por meio de barulhos, assovios. • *A toca era assim pra baixo. Ela vinha, né? Aí...Ela vinha igual uma bala, né? A gente bate o ispeto e fura ela. Era assim. Ota hora era nas toca, no mato, istumava cachorro. (Entrevista 3, linha 293).*

ISTREBORDA(R) • (n/d) • [V] • Port. • Espalhar, derramar, ultrapassar as bordas. Variante de transbordar. • *Ah! Mais ele foi e não vortô mais. É hoje, é agora e nada. E eu chiano lá na cama, rolano lá. Sangue istrebordano em todos os fi de cabelo. (Entrevista 6, linha 25).*

ISTRIBO • (A) • Nm [Ssing] • Fr. • Peça de metal, madeira ou sola em forma de aro, caixa ou sapato, pendurada de cada lado de uma sela de montaria, e na qual o cavaleiro apoia o pé. • *Tirei num papelão, peguei a capa do do istribo tirei também no papelão, cortei o molde, levei. Cheguei lá e... cheguei lá e cortei o istribo e fiz, cortei os paralama fiz.* (Entrevista 12, linhas 612 e 613).

ISTURVO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Com gosto e cheiro de queimado. • *A farinha de mandioca quando quema fica aquele isturvo, né? Ninguém come, ninguém cumia. Ai nós num cumia tamém não.* (Entrevista 3, linha 86).

J

JARDINERA • (A) • Nf [Ssing] • Fr. • Espécie de caminhonete com bancos paralelos destinada a transporte coletivo. • *Jardinera é é é um pouco maió que um carro desse, um Kombi.* (Entrevista 5, linha 365).

JIQUI • (A) • Nm [Ssing] • ind. • Cesto arredondado e afunilado, de varas finas e flexíveis, para apanhar peixe. • *O jiqui ele é cumprido, grosso...uma roda de... cumprido. Ali é...um peixe entra na boca. A boca é... (())*.(Entrevista 3, linha 352).

JIRAU • (A) • Nm [Ssing] • ind. • Estrado usado como suporte de cama. • *Cama. É. Cama não que não havia nem cama. Cê fazia assim aquele jirau e pegava e punha as pessoa dentro e saia carregano. Igual carrega difunto.* (Entrevista 7, linha 24).

JIRUCUÇU • (A) • Nm [Ssing] • ind. • Grande cobra venenosa comumente encontrada na América do Sul. Variante de jararacuçu. • *Quando eu lá vô bem sossegado, bem distraído quando eu óio no carrero. O carrero era estriitim assim. E eu andano com uma muleta em tempo de cair que o lugá era assim. Que eu óio que não ó o bitelo do jirucuçu trevessado no meio do carrero.* (Entrevista 5, linha 329).

L

LAJE • (A) • Nf [Ssing] • cont. • Pedra de superfície plana, quadrada ou retangular de pouca espessura que serve como tabuleiro para ser levado ao forno. • *Pegava a foia de banana, (()) sacudia, sapecava ela, temperava a massa e punha assim ó. Inrolava, inrolava, inrolava. Quem tinha laje pra pô dentro punha. Quem num tinha, punha no chãozim lá do forno, do forno à lenha.* (Entrevista 11, linha 93).

LAMBIQUERO • (n/d) • Nm [Ssing] • Ár. • Fabricante de cachaça que trabalha em um alambique. • *Não. Cachaça não. De jeito que cachaça. Naquele tempo era pouco lambiquero. Hoje em dia pra todo canto tem cachaça, né?* (Entrevista 9, linha 53).

LAMBU • (A) • Nm [Ssing] • ind. • Tipo de ave. • *Uai. Era tudo quanto era trem uai. Lambu, jacu, paca, cutia, tatu. Tudo quanto é trem.* (Entrevista 5, linha 235).

LIBRA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Antigo sistema de medida de massa. • *Uma midida de arroz, meia de feijão. Meia não, né? Num falava quilo não. Falava era meia libra. Meio num falava mei' quilo falava era uma libra, meia libra que ele tirava.* (Entrevista 7, linha 74).

LICURI • (A) • Nm [Ssing] • ind. • Tipo de palmeira natural do Brasil. • *Aí rapa, tira aquele açúcar branco quando chegá no sujo, porque é... as são grande, né? São alta. Aí quando chegá no sujo aí torna a forrá de foia de banana, torna ba ...pô oto barro, né? Pro cima. Sabe? Ô foia de banana ô licuri.* (Entrevista 3, linha 421).

LUMIA(R) • (A) • [V] • Port. • Espalhar luz, clarear. Variante de iluminar. • *Fazia um negócio, uma candeia assim e punha um pavi. Moiava com azeite e ficava lumiano.* (Entrevista 8, linha 267).

M

MACAÚBA~MUCAÚBA • (A) • Nm [Ssing] • ind. • Espécie de palmeira. • *Coco mucaúba. Mãe socava o coco e tirava o leite do coco mucaúba. Com o leite ela misturava no oto leite e fazia o doce. Secava o doce.* (Entrevista 3, linha 146).

MACUQUIM • (A) • Nm [Ssing] • ind. • Tipo de feijão. • *É. Tinha o ligítimo. Feijão preto ligítimo. É macuquim. Era tudo. Tinha tudo quanto é qualidade de feijão. Do memo jeito de hoje, né? Hoje também tem. Só o que sumiu foi o ligítimo, né? Feijão preto ligítimo. Ele é do bago grandão assim, mas é um feijão bom. E dá viu?* (Entrevista 3, linha 743).

MAIA(R) • (n/A) • [V] • Port. • Cair na malha ou na rede. • *A gente passava a rede lá e via lá e bulia com esses peixe, esses peixe vinha e maiava tudo na rede.* (Entrevista 12, linha 420).

MANAÍBA • (A) • Nf [Ssing] • ind. • Raíz comestível. O mesmo que mandioca. • *E nós era da roça com a inxada na cacunda prantano manaíba, prantano cana, prantano feijão, prantano muda de fumo. Moiano com a cumbuca de coco.* (Entrevista 11, linha 66).

MANDUINZAL • (A) • Nm [Ssing] • ind. • Plantação de amendoim. • *Não! Fazia cachaça. Fazia rapadura não. Nós fazia muita cachaça. Nós ficava meises mexeno com cachaça. Prantava roça também. Mio, feijão, arroz, manduinzal.* (Entrevista 1, linha 52).

MANDUINZE ~ MINDUINS • (A) • Nm [Ssing] • ind. • Semente comestível. Variante de amendoim. • *Plantava de tudo. Plantava feijão, arroz, milho, manduinze. Mas eu era pequena.* (Entrevista 2, linha 3).

MANGA • (A) • Nf [Ssing] • Esp. plat. • Pastagem cercada onde se recolhem animais. • *Trazia caiga de maxixe. Quê aqui em cima prantava, mas num dava e lá na fazenda até no mei' das das manga, cê tava no mei' das manga e tava trupicano ne maxixe.* (Entrevista 5, linha 96).

MANGUERO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Pequeno recinto onde se recolhem animais. • *Imprensava e a água curria. Foi a noite que ele impresô, né? E esqueceu de apará a água. A água desceu no manguero matô, matô a porcajada toda.* (Entrevista 3, linha 79).

MANGUIM • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Pequeno curral. • *A cobra... a onça vei pegá os porco no manguim.* (Entrevista 10, linha 348).

MANZUABA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Tipo de armadilha usada na pesca ou para pegar tatu. • *A manzuaba, eu num cabei de contá viu, M. A manzuaba... eu... a gente tira uma vara e racha um toco, né? A gente pega o toco é num lugá de areia que a gente põe, né? E vai lá dend'água.* (Entrevista 3, linha 353).

MARIA-POBRE • (n/A) • Ncf [Ssing + Adjsing] • Port. • Árvore da família das sapindáceas. • *De cinza. De paia. De paia de feijão. Cinza de... Tinha um pau no mato, chama... Es tratava pau pobre, Maria-pobre que es tratava. Aquilo dava uma cinza. Gente aques, aques.* (Entrevista 12, linha 268).

MARIMBA • (n/d) • Nf [Ssing] • afr. • Tipo de abóbora. • *Abóba d'água, marimba. Tinha muita coisa. Eu num comprei quiabo e nem abóbra. Até agora.* (Entrevista 2, linha 164).

MASSERA~MASSERONA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Grande tabuleiro de madeira de bordos altos, onde coloca o melado na fabricação de açúcar. • *Cê põe um meladão grosso no cocho, forra de de paia de banana, coloca o melado em cima da paia de banana, né? Até inchê uma massera grandona. Uma masserona, né? Tipo duma canoa.* (Entrevista 3, linha 409).

MELETE • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Espécie de tamanduá. • *A gente cumia muita coisa. Bicho do mato, né? { } Matava melete, bandeira memo. Matava tudo.* (Entrevista 3, linha 301).

MENHÃ • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Parte do dia que vai do nascer do sol ao meio -dia. Variante de manhã. • *Café de menhã? Tomava café limpo. Punha era quando a gente ia trabaiá na roça.* (Entrevista 7, linha 124).

MENTRAÇO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Pequena erva medicinal. • *Raiz de mentraço, raiz de mentraço, raiz de ... panhava raiz de mentraço e foia de chico ramo. Essas foia.* (Entrevista 7, linha 390).

MEZINHA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Remédio caseiro. • *Tinha os remédio da horta. Artelã essas coisas assim. Tinha as mezinha que es fala.* (Entrevista 8, linha 276).

MIDIDA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Medida de massa que corresponde a aproximadamente dois quilos. • *Uma midida de arroz, meia de feijão. Meia não, né? Num falava quilo não. Falava era meia libra. Meio num falava mei' quilo falava era uma libra, meia libra que ele tirava.* (Entrevista 7, linha 73).

MIRRÉIS • (A) • Nm [Spl] • Port. • Antigo sistema monetário adotado em Portugal e no Brasil, correspondente a mil réis. • *Cê sabe naquele tempo as coisa era baratinha, mais num havia dinheiro. Eu nem sei o dinheiro que era. Eu acho que era mirréis, viu?* (Entrevista 3, linha 37).

MIUDA(R) • (A) • [V] • Port. • Diminuir, desacelerar. • *Aí eu miudei a currida. Quanto mais eu curria mais os caçadô montava atrás dum lado e de oto.* (Entrevista 5, linha 390).

MONJOLO • (A) • Nm [Ssing] • afr. • Árvore de casca espinhosa e madeira dura e parda. • *Ingem tudo de pau, ingem antigo. Fazia tudo de maderá lá de, de angico e de monjolo.* (Entrevista 12, linha 141).

MORDIDURA Nf [Ssing] • Port. • A ferida ou marca que se faz mordendo, mordida. • *Uma bruta de uma cobra. Aí meu marido chegou e cutucô ela e ele mixia com esses negócio de benzeção. Cutucô. Eu num sei se benzeção vale alguma coisa pra mordidura de cobra.* (Entrevista 11, linha 297).

MUCADO • (n/d) • [PRON] • (n/e) • Um pouco, uma pequena quantidade. Variante de bocado. • *Mais ainda. Secá um mucado daquela água, né? Quando ela tá poca punha dicuada. Vai colocano dicuada. Nesse tempo num tinha soda não.* (Entrevista 3, linha 569).

MUEDÔ • (A) • Nm [Ssing] • Port. • A pessoa que é responsável pela moagem em um engenho de cana de açúcar. • *A roça dele ficava tudo limpinha. Cana dele, tudo prantava, limpava tudo diriitim. Muía. Os muedô... cê cridita que os muedô dele, quem num muía tinha muedô que muía lá pra ele cinco, dez ano. A parede de muedô.* (Entrevista 12, linhas 125 e 126).

MURINGA~MURINGONA • (A) • Nf [Ssing] • afr. • Tipo de abóbora. • *É muringa. Em vez de falá marimba era muringa, né?. Aí a gente cumia isso, né? A vez quando faltava gurdura. Era longe. Quatro quilômetro da ... do lugá de comprá o tocim, né? A vez pai ia naquele intrivalo a gente ficava cumeno sem gurdura, né?* (Entrevista 3, linha 67).

MUTAMBA • (A) • Nf [Ssing] • afr. • Árvore cuja casca é usada na fabricação de açúcar. • *Eles fazia é muía a cana. Quando a garapa via iscumano no tacho punha mutamba até quando es parava tinha que por azeite e aí dispejava quando dava ponto, dispejava na massera e ia bateno.* (Entrevista 4, linha 114).

N

NEFRAGA(R) • (A) • [V] • Port. • Imergir, afundar. Variante de naufragar. • *Era tudo importada da Itália. Tudo num navi'. Cê lembra dum navi' () que nefragô lá? Eles acharo tudo lá ainda no fundo do mar.* (Entrevista 8, linha 162).

NERA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Camada, faixa. • *Quando dia domingo a gente chegava cedo lá o tal M. del P. já tava lá delangano, né? Quando foi um dia eu falei "Óia J. . ". Eu e J. que fazia. J. meu irmão, um que morreu, né? J. era maiorzim e subia. Gente marrava o timbó lá. Era uma nera dessa grossura o timbó, né?* (Entrevista 3, linha 250).

NOVATO • (A) • [ADJ] • Port. • Pessoa jovem, nova. • *Que essas pessoas novato num sabe afogá uma cumida direito, né? Quando eu tô guentano eu faço. Mas minha ideia é mexê no quintal aí ó.* (Entrevista 2, linha 155).

O

Ô DIÁ • (n/d) • [INTERJ] • (n/e) • Possível redução de ô diacho! • *Quando eu lá vô bem sussegado, quando eu ói ó o bitelo do jacu. Qua qua qua qua qua. Eu falei “ Ôdiá! Perdi. ” Falei “É”. Aí eu num liguei não. Falei “ É. Seja o que Deus quisé”. (Entrevista 5, linha 281).*

OFENDIDA • (A) • [ADJ] • Port. • Mordida, picada por cobra ou qualquer outro animal peçonhento. • *Eu só tirei a chinela do pé e taquei nela. Tava ofendida de cobra naquele dia. Ocê acredita que eu num tomei nenhum comprimido? (Entrevista 11, linha 262).*

OFENSA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • A mordida de cobra ou animal peçonhento. • *Fui fazê um roçado lá um dia, batê a foice topano com meu sobrinho. Ele de lá e eu de cá. Nós topava no meio. Vei de lá e picô de novo. Otra picada. Passô otros dia mais um pouco. Tornô a me pegá. Três vez. Por isso eu acho que tem horas que é essas ofensa que fica me atrasando. (Entrevista 6, linha 42).*

OVO DE INDEZ • (A) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Pessoa preferida, muito querida por outrem. • *Pois é! Aquele foi o primero. Aquele vixi. Aquilo era o ovo de indez de mãe. G., Z. M. Nossa senhora! (Entrevista 5, linha 103).*

P

PAÇOCA • (A) • Nf [Ssing] • ind. • Tipo de comida feita com carne de sol frita e socada no pilão com farinha de mandioca. • *A paçoca era feita de fritá a carne e socá no pilão. (Entrevista 8, linha 357).*

PADICE(R) • (A) • [V] • Port. • Sofrer, ser acometido, ser afligido, atormentado. • *E o quê fazê quando seus fi tá piqueno e a pobre mãe cansada padicê eu já falo assim “ é ieu”. (Entrevista 7, linha 207).*

PAINA • (A) • Nf [Ssing] • Mal. • Fibra sedosa, semelhante ao algodão. • *Naquele tempo o povo ia pra aqueles lado de Diamantina, ia naquelas serra, banado do Jequitinhonha aí. O povo tirava paina e fazia travissero tudo de paina, mas o cochão não. (Entrevista 12, linha 210).*

PANTANERÃO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Tipo de montaria. • *É que o véi quiria colocá no mesmo modo que tinha. Aquele moldão, aquês pantanerão é desse, é cumpridão assim e a ota que es faz aqui, essas que os carpintero faz ela grande, faz pequena, faz do tamanho que a gente quisé a sela, o casco. (Entrevista 12, linha 604).*

PÁRA-LAMA • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Parte da montaria que serve para proteger contra os respingos de água e lama. • *Ah! Mais esse véi tomô uma fé de mim pá ajudá ele lá. Foi ino ele mandava eu cortá paralama, ele mandava igual tinha um oto minino lá que... tinha dia que o minino num ia. (Entrevista 12, linha 622).*

PARAMBERA • (A) • Nf [Ssing] • obs. • Despenhadeiro, abismo, precipício. Variante de pirambeira. • *Levantô cedo, tomava um cafezim, jogô a inxada na cacunda e ia pra roça, ou os menino. Otra hora levava os menino e amarrava pras perna debaixo pra eles num rolá nas parambera.* (Entrevista 11, linha 203).

PARIL • (A) • Nm [Ssing] • ind. • Armadilha feita de varas usada em pescarias. • *É. Es trata paril de pegá peixe.* (Entrevista 12, linha 479).

PATACÃO ~PATACONA • (A) • Nm [Ssing] • Prov. • Antiga moeda de cobre. • *Conforme a nota era grandona e largona, dessa largura. Uns dez centímeto de largura a nota, sabe? Uns dez ô doze centímeto, sabe? Era uma notona, grande, né? Ota hora era patacão, né? Ieu me lembro de pai ainda negociano as patacona de cobre, né? Umás grandona assim ó.* (Entrevista 12, linha 197).

PAU-POBRE • (n/A) • NCm [Ssing + ADJsing] • Port. • Planta da família das sapindáceas. • *De cinza. De paia. De paia de feijão. Cinza de... Tinha um pau no mato, chama... Es tratava pau-pobre, Maria-pobre que es tratava. Aquilo dava uma cinza. Gente aqués, aqués.* (Entrevista 12, linha 268).

PAUERO • (n/d) • Nm [Ssing] • Port. • Árvore de grande porte. • *A gente viu. Lá é alto. Eu num fui lá onde ele fez a tapera não. Tá tudo matão. Hoje tá tudo com a...Matão. Lá é mato puro. Lá cê vê. As terra tudo. As floresta bunita, viu? Tem cada aruerona, cada pauero. Vixi tá.* (Entrevista 12, linha 28).

PECA(R) • (A) • [V] • Port. • Definhamento dos vegetais que impede o completo amadurecimento. • *Tinha. Quando. Comia muito feijão verde. Pai fazia os feijoal. Pecava amarilim. Eu me lembro. Ia lá e arrancava os fexe e trazia pá dento de casa e fazia.* (Entrevista 3, linha 749).

PEGA(R) A • (n/d) • Fras [V+Prep] • Port. • Começar, iniciar. • *É. Se tivesse gordura punha, mas num tinha gurdura pra gente pô. Quando pegô a usá gordura, aí punha um poco de gurdura junto.* (Entrevista 1, linha 160).

PEITORÁ • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Parte posterior do tórax, peito. • *Esse foizinho aí esse trem que tá aí istindido na terra aí é trem que fazia remédio pra criança. Pro peitorá abri, pro istambo. Oli bassurinha pro mode dô de barriga.* (Entrevista 11, linha 149).

PELEJA(R) • (A) • [V] • Port. • Esforçar, insistir, persistir, teimar. • *Eu já ganhei trezentos réis, já ganhei ... Um dia eu fui trabaiá prum home lá. Ele tava com uns garrancho pra panhá e pelejano pra panhá os garrancho lá e () Ele falô comigo. Ele falô comigo, ele falô comigo que me dava quinhentos réis e logo depois ele foi me deu foi o dia de sirviço, pagô eu do mesmo jeito.* (Entrevista 4, linha 37).

PERNIZ • (n/d) • Nm [Ssing] • Port. • Tipo de carne. • *Era assim. Fazia um (...) de manhã cedo com pela de porco, perniz esses trens e cuzinha isso tudo e fazia aquela fejoada e cumia. Quando era mei' dia, tornava fazia cumida. Era três vez.* (Entrevista 8, linha 369).

PERRENGUICE • (n/d) • Nf [Ssing] • Port. • Doença, problema de saúde. • *Por isso, hoje, tem hora que eu acho que um mucado das perrenguice minha é isto.* (Entrevista 6, linha 34).

PIADO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Preso, amarrado. • *E dobrei. Quando eu chego ali em cima onde é a tor' lá eu parei e falei "Óia lá Minas Nova. Ô diá! Onde eu vô todia. Ei diá. Óia que bacana" Invés de eu ir embora não. Num liguei não. Piado mesmo. Ô menina!* (Entrevista 5, linha 378).

PICADA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Caminho aberto na mata fechada feito com golpes de facão ou foice. • *Num liguei não. Piado mesmo. Ô menina! E a... Mandeí. Quando eu chego lá no lugá definitivo es tinha abrido a picada. Na mata.* (Entrevista 5, linha 379).

PICHORRA • (A) • Nf [Ssing] • Fr. • Jarro de barro com bico, feito para colocar café. • *Pichorra. O lugá de guardá. Era de barro. Chamava pichorra. Punha o café na pichorra. Ela tinha um bico assim. A gente pegava no cabo dela. Ela tinha uma alça igual um vaso, né? Pegava e despejava no coité.* (Entrevista 3, linha 780).

PISSUI(R) • (n/A) • [V] • Port. • Ser dono, ter posse de alguma coisa, poder comprar. • Variante de possuir. • *A mudança dela ela punha num balaio, punha na cabeça e ia embora. Agora ela ia trabaiá mais o marido pra podê pissui.* (Entrevista 11, linha 182).

PITUBA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Bolo feito de fubá e enrolado na folha de bananeira. • *Hoje nós vamo fazê um pituba, chamava pituba de foia de banana.* (Entrevista 11, linha 90).

PORVA ~ PORVERA • (n/A) • Nf [Ssing] • Cast. • Mistura de enxofre, salitre e carvão, que se inflama rapidamente liberando energia e gerando explosão. Variante de pólvora. *Eu caçava de ispingarda aqui, lá ne finado L. F, pai de Q. Es tinha Z. de M. tinha, tomô a ispingarda emprestada, rebentô ela. Era de porva, porvera. Picada boa. Levô ela pra cunsertá. O... Chegô com ela lá pra cunsertá e o vêi L. já tava ruim, com câncer num pode cunsertá a ispingarda mais. Num guentô. "Hora que eu miorá eu cunserto." E num fui eu que levei pra ele, foi Z. de M. que levô e ele ia pagá o cunserto. E quando ele morreu os cara foro lá e pegaro minha ispingarda.* (Entrevista 12, linha 559).

PRA MODE~ PRO MODE • (n/d) • [LOC. ADV] • Port. • Para, pelo modo. • *Peguei o fubá e acendi o fogo, pus o bolo lá no fogo e pus a lata. Falei "Agora vô pegá um cavaco que eu sei dele ali pra mode eu pô aqui em riba dessa lata e assá esse bolo digerim." (Entrevista 11, linha 255).*

PRA RIBA • (A) • [LOC. ADV] • Port. • Para cima, acima, em cima. • *Morava lá pra riba um pouquinho e depois eu mudei. Depois que ela morreu eu mudei. Já tava acertado de fazê a casa. Eu fiz a casa pra baixo um poquim.* (Entrevista 4, linha 92).

PRECATA~PRECATINHA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Chinelo feito com tiras de couro. • *Uai! Num usava! Eu, chinelo pra mim era aqueles coro de boi. Era aquês coro de boi. A gente comprava a cabeça de boi, pegava aquele couro de boi e esticava, cortava e fazia chinelo pá podê pô no pé. A gente tratava precata. Fazia aquês precatinha de colocá no pé.* (Entrevista 2, linha 124).

PREMERO • (A) • [ADV] • Port. • Antes. • *Aí eu fiz a janta e ele tava passano um reboco assim na casa pro riba e naquilo lá e eu também cabeí de fazê a janta e chamei ele "Cabá de fazê esse sirviço aqui premero." (Entrevista 6, linha 16).*

POR RIBA ~ PRO RIBA ~ PO RIBA • (A) • [LOC. ADV] • Port. • Por cima, em cima. • *Punha po riba da fornaia e ele ficava lá. Hoje cê compra um tocim. Se ele tivé um amarelim diz que o tocim tá véi, que não sei o que não sei o quê.* (Entrevista 3, linha 445).

PUBA(R) • (A) • [V] • ind. • Por para fermentar. • *É. Só de coco. Ferv... Soca o coco e põe ele pra pubá, soca o coco e tira a massa. A massa dele por fora, né? Quando ele pubô bastante cê soca rapidim.* (Entrevista 3, linhas 564 e 565).

PUNHA(R) • (n/A) • [V] • Port. • Por, colocar. • *Eu era a mais véia que fuçava pra tratá des e ele saía óia os menino aí, J. Eu ficava, o feção no fogo numa panelona de ferro e punha lá no fogo. Catava, lavava e punhava no fogo e tacava fogo.* (Entrevista 11, linha 36).

PUXA(R) CANA • (n/d) • Fras [V+Ssing] • Port. • Trazer a cana do canavial até o engenho. • *Os cara que trabaiava carregano cana. Antão o o, pujava cana de longe e num faltava mesmo. O ingem ficava limpim. Todo dia es arrumava tudo. Num dexava. O ingem ficava.* (Entrevista 12, linha 147).

Q

QUARA(R) • (A) • [V] • Port. • Colocar a roupa no sol para clarear, branquear • *É. Quarava es, punha...jogava...istindia es. Onde é que tinha água, né? Quando num tinha lavava e depois enxugava mais onde que tinha água a gente enxaguava e istindia assim na pedra e ia jogano água ali. Aí ficava. Ficava claro.* (Entrevista 1, linha 194).

QUEMADA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Bebida feita com ervas e cachaça à qual se atea fogo para que parte da cachaça evapore. • *Tomava era assim, umas quemada de reméido de horta. Arruda.* (Entrevista 7, linha 187).

QUIÇAMBA • (A) • Nf [Ssing] • afr. • Cesto feito de taquara. • *É balaio. Pescava de balaio. Quiçamba também. E ... é jiqui. Ota hora colocava jiqui. Isso aí era no poço maió.* (Entrevista 3, linha 349).

QUINTO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Barril com volume equivalente a quinta parte de uma pipa. • *Eu vindia cachaça, eu fazia cachaça, mas nunca perdi dinheiro nela não. Vindi minha cachaça era de...Num ficô um quinto de pinga aqui.* (Entrevista 12, linha 683)

R

RAIZERO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Curandeiro que trata de doenças usando raízes. • *Eu viajava sempre Turmalina e um dia então eu fui pra Turmalina e chegô lá um home me ensinou. Até um raizero lá.* (Entrevista 5, linha 128).

RAPÉ • (A) • Nm [Ssing] • Fr. • Tabaco em pó usado para cheirar. • *O povo, as muié usava pá rapé era curnicha, né? Tinha as curnicha. Era pra pô rapé. A curnicha era feita de coco.* (Entrevista 3, linha 499).

RASERO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Local raso, de pouca profundidade. • *Onde tinha um pau perto nós fazia era um istandarte e cubria de ramo por cima, pá tampá, pá num tomá sol e ficava era isperano elas viesse, vir na bera, vir na bera, vir naques rasero.* (Entrevista 12, linha 556).

RASTA(R) INXADA • (n/d) • Fras [V+Ssing] • Port. • Retirar capim, mato e qualquer tipo de vegetação de um terreno usando uma enxada, capinar. • *O rapaz também era pobre. Nós casô e foi nós dois trabaiá. Graças a Deus toda vida eu tenho corage de infrentá. Nós foi rastá inxada.* (Entrevista 1, linha 17).

RASTERO • (A) • [ADJ] • Port. • Que cresce e fica rente ao chão. • *Aí fez foi tomô o chá e nunca mais viu cólica. O quê que é um carrapichim com coisa que dá assim raistero no chão.* (Entrevista 5, linha 172).

RECEBER AS FANFARRA • (n/d) • Fras [V + Art+ Ssing] • Port. • Ser pescado, ser iscado • *Peixe que ia recebia as fanfarras. É difícil é cê arranjá ele aí. Desde quando eu vejo gente passando aqui com a varinha de anzol na garupa da moto. Vai lá e traz o peixe.* (Entrevista 10, linha 256).

REDA(R) • (A) • [V] • Port. • Pescar, usando rede ou balaio. • *Não cê põe ele n'água lá e deixa ele dormino n'água lá. (()) balai' também já redeimuito de balai'.* (Entrevista 5, linha 223).

REGO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Pequeno sulco feito na terra por onde se escorre água. • *Tinha um rego tamém pa sai num corgo, né? Caía no corgo de novo.* (Entrevista 3, linhas 457 e 458).

RELÉ • (A) • [ADJ] • inc. • De baixa qualidade. • *Aí que pegô usá es trazeno aqui uns...uns panim relé, uns panim besta.* (Entrevista 5, linha 196).

REPRESENTA(R) • (A) • [V] • Port. • Aparecer, surgir. • *Quando eu andei uma distancinha boa representô foi uns caçadô. Dum lado e de o to da estrada.* (Entrevista 5, linha 385)

RESCALDO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Bebida feita com cinzas, usada no tratamento de doenças respiratórias. • *Tem que sê rescaldo, né? Rescaldo de fogão.* (Entrevista 3, linha 637).

RIBUÇA(R) • (A) • [V] • Port. • Cobrir. • *Subia em cima de teiado to contano aqui subia em cima de teiado e travava os muro de uma casa, incarbá e inripava e ribuçá e tudo.* (Entrevista 5, linha 204).

ROLÃO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Pavio feito com algodão socado com a semente de mamona. • *Era com, era com azeite. Ota hora era rolão. (()) Tratava rolão. (()) Rolão. A gente socava mamona com algodão, bem socada até virá aquela pasta.* (Entrevista 3, linha 526).

RUMA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Grande quantidade de coisas amontoadas, pilha. • *Murria uma pessoa ia no mato tirava vara e fazia aquele trem ó e punha ele dento, levava pro cemitério. Lá no cimitério mesmo se passasse tava aquela ruma de isquife.* (Entrevista 5, linha 428).

S

SAPECA(R) • (A) • [V] • ind. • Queimar superficialmente. • *Pegava a foia de banana, (()) sacudia, sapecava ela, temperava a massa e punha assim ó. Inrolava, inrolava, inrolava. Quem tinha pra pô dentro punha. Quem num tinha, punha no chãozim lá do forno, do forno à lenha. Quando aquilo arrosava, tirava e ficava cumeno.* (Entrevista 11, linha 92).

SARACURA • (A) • Nf [Ssing] • ind. • Ave de pernas e bico longos e asas curtas que vivem próximo à água e se alimentam de vegetais ou pequenos animais. • *Pegava era aquela aracuã que tem po mato. Era saracura. Daqueles... Aqueles bicho maió.* (Entrevista 9, linha 166).

SEBO DE BOI • (n/d) • NC_m [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Tipo de fruta. • *Aí tinha uma fruta. Hoje em dia nem vê isso mais moça. Fruta sebo de boi, de burro, sebo de burro que eles fala ou, aliás, sebosa.* (Entrevista 7, linha 381).

SEBOSA • (n/d) • Nf [Ssing] • Port. • Tipo de fruta. • *Aí tinha uma fruta. Hoje em dia nem vê isso mais moça. Fruta sebo de boi, de burro, sebo de burro que eles fala ou, aliás, sebosa.* (Entrevista 7, linha 381).

SECA(R) O DOCE • (n/d) • Fras [V + Art+ Ssing] • Port. • Ferver o leite com açúcar e qualquer outro ingrediente até que adquira a consistência de doce. • *Coco mucaúba. Mãe socava o coco e tirava o leite do coco mucaúba. Com o leite ela misturava no oto leite e fazia o doce. Secava o doce.* (Entrevista 3, linha 149).

SEMENTE DE CHUVA • (n/d) • NC_f [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Respingos ou gotas de chuva, água da chuva. • *Cama nova, casa nova e meu marido arranhou umas escama nova e pos assim na porta pra mode num entrá semente de chuva que chuvesse naquelas face né?* (Entrevista 11, linha 283).

SINAPISMO • (A) • Nm [Ssing] • Fr. • Tipo de emplastro feito com a semente da mostarda. • *É a semente de mostarda. Cê soca ela. Soca ela e coloca, coloca ela em cima. Ela vira uma pasta. aí cê faz aquela pasta e coloca aqui na batata da perna e marra um pano. Ma o trem quema, mas quema. Quema, mas quema mesmo. Ali puxa, sabe? É engraçado viu. É bom pá reumatismo. Cê tá com uma dô no juei cê coloca o sinapismo aquilo alivia.* (Entrevista 3, linha 661).

SOTE ~ SOTO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Compartimento construído abaixo do telhado de uma casa, feito geralmente para servir de depósito. Variante de sótão. • *Eu morei na casa da minha sogra quatro ano. Depois é que eu fiz minha casa. Mas separado. Eu tinha meu quarto de durmi, eu tinha meu fugão, eu tinha meu soto de eu pô rapadura. Que a gente fazia café era de rapadura, né?* (Entrevista 7, linha 241).

SUADÔ • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Espécie de revestimento que se coloca sobre o dorso do cavalo para protegê-lo do atrito da sela. • *Antão ele, ele me chamô pra ir... que ele tava com uma sela dessas daqui e ele num sabia pô suadô nessa sela baiana e minera não.* (Entrevista 12, linha 599).

T

TABUADO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Conjunto de peças de madeira colocadas lado a lado, para formar um assoalho. • *Alembro. Era no ingem de pau. Tem três muenda. Ficava dois. Duas pessoa. Um daqui e o to de cá. Dentro tinha o tabuado, né? E punha o boi pá rodá.* (Entrevista 7, linha 65).

TACHERO/A • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Artesão que fabrica objetos em cobre. • *Agora o barro quebrava demais. Num aturava nada não. Qualqué cuisinha quebrava. O barro quebrava muito. Agora esses aqui feito, esses com, como. Cumé quem mexe com cobre? Cumé que es trata ele? Tachero. Os tachero fazia de cobre. Fazia mais de cobre.* (Entrevista 12, linha 375).

TAIA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Recipiente bojudo, de cerâmica ou louça, semelhante a um vaso, para armazenar líquidos, cereais . • *Trazia nos pote, nas taia. Ota ora era aques cabação grande. Tinha umas cabaçona grande. Que dava cabaça grande viu menino. Naquele tempo. () Cada barriga desse tamanho. (()) É igual abobra o pé dela. Eu sei que é a mema coisa.* (Entrevista 3, linha 466).

TAMPA(R) • (n/d) • [V] • Port. • Começar, iniciar. • *Até ropa branca tudo. Lavava que fazia gosto. Sua mãe lavava com sabão e depois que tampô vir soda. Não. Toda vida tinha soda.* (Entrevista 8, linha 249).

TAQUARA • (A) • Nf [Ssing] • ind. • Planta semelhante ao bambu, com o caule oco. • *Dicuada cê faz o barrilero e de de de taquara. Ele é assim tipo dum funil. Afunilado, né? aí cê enche ele de cinza, forte.* (Entrevista 3, linha 572).

TECELONA • (A) • Nf [Ssing] • Port. • Mulher que tece fios e trabalha em um tear. • *Fazia. Ela era até tecelona. Do jeito que tinha um tiá. Ela fiava. Dava muito aigodão. E ela punha camarada pra fiá. Ticia de tudo. Cuberta, pano. De tudo ela cuidava.* (Entrevista 9, linha 98).

TEMPO DE DISAGUA • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Port. • Tempo de chuva. • *No mato tinha tudo quanto é fruta. Quando é ... No tempodisagua, né?* (Entrevista 9, linha 170).

TENTA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Parte, pedaço • *Que era quatro tenta o timbó, né? Três tenta. Ele cortô duas e deixô uma da mais fininha. Que uma só num ia aguentá, né? Aí quando ele isticô ele desceu dento duma jabuticabera.* (Entrevista 3, linha 254).

TIMBÓ • (A) • Nm [Ssing] • ind. • Tipo de cipó. • *A gente marrava um timbó num jatobazeirão que tinha lá. Até hoje tem esse jatobazeiro lá, né? E esticava, né?* (Entrevista 3, linha 245).

TIRA(R) O SENTIDO • (n/d) • Fras [V + Art+ Ssing] • Port. • Não ser mais importante, perder a importância, o sentido. • *Tem hora que eu alembro. A gente vendeu tirô o sentido.* (Entrevista 10, linha 29).

TOCA(R) LAVORA • (n/d) • Fras [V+Ssing] • Port. • Plantar, cultivar uma lavoura. • *Não. Naqueles intervalo ele tocava um lavorão. Tinha vez que tocava roça. Quando tava crescendo, laigata dava e cumia tudo.* (Entrevista 11, linha 52).

TOCA(R) ROÇA • (n/d) • Fras [V+Ssing] • Port. • Plantar, cultivar uma roça, *Não. Naqueles intervalo ele tocava um lavorão. Tinha vez que tocava roça. Quando tava crescendo, laigata dava e cumia tudo.* (Entrevista 11, linha 52).

TOCA(R) RODA • (n/d) • Fras [V+Ssing] • Port. • Mover a roda em um engenho de cana de açúcar. • *Quando era pequeno é é ... pai tinha um homem lá que pai pagava ele, né? Pá ajuda toca a roda. Que era tocada a mão. Num tinha motô num tinha nada. Era à mão, né?* (Entrevista 3, linhas 99 e 100).

TOMA(R) FÉ • (n/d) • Fras [V+Ssing] • Port. • Confiar, acreditar. • *Ah! Mais esse vêi tomô uma fé de mim pá ajudá ele lá. Foi ino ele mandava eu cortá paralama, ele mandava igual tinha um oto minino lá que... tinha dia que o minino num ia.* (Entrevista 12, linha 621)

TOMA(R) LUITA • (n/d) • Fras [V+Ssing] • Port. • Brincar de luta, lutar. • *Brincá? Brincá era tomá banho, era tomá luita, era corrê. Era isso.* (Entrevista 8, linha 282).

TOMA(R) OPINIÃO • (n/d) • Fras [V+Ssing] • Port. • Pedir a opinião, o consentimento, a permissão • *Mais a vida. aí cas... arranjou uma viúva lá e tomô opinião de nós que ia casá. Nós pulô, pulô de alegria.* (Entrevista 11, linha 62).

TOMA(R) TAMANHO • (n/d) • Fras [V+Ssing] • Port. • Torna-se grande, maior. • *Aí eu pe... tomei um tamanho, peguei viajano. Era direto, era mui... direto era dia e noite eu viajano. Vendeno cachaça pra eles.* (Entrevista 5, linha 36).

TOPA(R) • (A) • [V] • onomat. • Encontrar, ver, avistar. • *De primero aqui tinha bastante, agora ali... Tem até um morro ali que chama Morro do Pau Sangue. É só dá a volta nele que a gente topava com ela aí.* (Entrevista 5, linha 342).

TRUPIA(R) • (A) • [V] • Port. • Trabalhar como tropeiro, conduzir tropa. • *Foi. Fazendo o quê na mata? Trupiano.* (Entrevista 5, linhas 15 e 16).

TRUPICA(R) • (A) • [V] • Port. • Tropeçar muitas vezes seguidas. • *Trazia caiga de maxixe. Quê aqui em cima prantava, mas num dava e lá na fazenda até no mei' das das manga, cê tava no mei' das manga e tava trupicano ne maxixe.* (Entrevista 5, linha 96).

TUIA • (A) • Nf [Ssing] • cont. • Recipiente de grandes proporções usado para guardar alimentos, principalmente cereais. • *Naquele tempo num tinha supermercado. Meu pai era um supermercado. Qué vê. Ele cuía e inchia a casa. Inchia as tuia dele lá de feijão, os caxote de farinha e vindia tudo po povo.* (Entrevista 12, linha 698).

V

VAGALUNGO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Inseto que brilha à noite, pirilampo. Variante de vagalume • *Fazia. A candeia de barro. E punha azeite, punha o pavio pá lumiá. Ieu até vagalungo eu pegava e colocava naques vidro branquim pá lumiá, pá pudê fiá agudão.* (Entrevista 2, linha 113).

VENDERO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Proprietário de uma venda, comerciante, taberneiro. • *Cê colocava no mercado. Ia lá no mercado pesá ele, vendê aí na rua cê tinha que pesá ele. Ir lá pesá e intregá o vendero lá, o comerciante pá vendê e ele cobrava, ele cobrava da pessoa.* (Entrevista 12, linha 196).

VERSA(R) • (A) • [V] • Port. • Andar, vagar, caminhar. • *De primero era nessas matinha igual aqui ó. Aqui. Nesse matim dessa manga de Z. de J. de Z. qui ó. Tudo ela versava aqui ó, li ó. (()) É que de primero cê fazia medo do cê andá no meio do mato desse sozim. Gato de jabutirica.* (Entrevista 5, linha 348).

VESPA(R) • (n/d) • [V] • Port. • Aproximar, chegar o momento, às vésperas. • *Quando eu tava vespano de ganhá o minino eu ia pro mandiocal, rancava três, quatro balai de mandioca, ralava aquilo no ralo.* (Entrevista 7, linha 188).

VINHÁTICO • (A) • Nm [Ssing] • Port. • Árvore cuja madeira é amarelada e de boa qualidade. • *Otra hora era casca, casca de vinhático. Muito boa tinta tamém.* (Entrevista 3, linha 629).

Z

ZANGALIA(R) • (n/d) • [V] • (n/e) • Andar de maneira desconfortável, balançando. • *Tirava o varão e amarrava ele ali no cubertô e saia zangaliano pra estrada afora. Fazia o maió medo.* (Entrevista 5, linha 431).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da realização deste trabalho, nos propusemos a realizar uma pesquisa de campo na região de Minas Novas, observando o tripé léxico, cultura e sociedade. O motivo dessa pesquisa se deve ao fato de o léxico ser o subsistema linguístico que melhor reflete além da história de um povo, sua realidade sociocultural.

Na **Introdução**, explicitamos nossa proposta de realizar um estudo linguístico-cultural na região de Minas Novas, mostrando que o léxico usado pelos falantes da região tem relação direta com a história e a cultura local.

No capítulo I, **Língua, sociedade e cultura**, abordamos os diversas pesquisas que tiveram como tema os estudos lexicais, além de tratarmos da variação e mudança linguística, dos estudos dialetológicos, bem como da sociolinguística.

No capítulo II, **Aspectos históricos da região de Minas Novas**, começamos por abordar o conceito de Região cultural proposto por Diégues Jr., destacando a região estudada como sendo uma Região cultural da mineração. Em seguida, versamos sobre as primeiras bandeiras que adentraram o território mineiro. Prosseguimos com a ocupação e o povoamento do Vale do Jequitinhonha, com a exploração de pedras e metais preciosos e concluímos o capítulo com a história da região de Minas Novas e sua forma de ocupação em virtude da mineração.

No capítulo **Procedimentos metodológicos**, apresentamos todas as etapas da pesquisa realizada. Foi detalhado o procedimento de coleta e seleção de informantes, os critérios utilizados para a transcrição das entrevistas e por fim a seleção das lexias que compuseram o *corpus* e a elaboração das fichas lexicográficas.

No capítulo IV, **Apresentação e análise de dados**, foram apresentadas as 312 fichas lexicográficas elaboradas com as lexias selecionadas do nosso *corpus*, compiladas a partir da consulta a dicionários e glossários. No mesmo capítulo, foi feita a análise tanto linguística quanto qualitativa das fichas. Tratamos dos casos de variação e mudança ao longo do tempo e dos casos de arcaísmos e retenção linguística. Por meio da análise quantitativa e qualitativa, comprovamos algumas hipóteses formuladas inicialmente, como a existência de casos de retenções linguísticas e arcaísmos; a confirmação de que o léxico é capaz de revelar aspectos históricos, ideológicos, sociais e culturais de um povo; a existência de um vocabulário de origem indígena, com 27 ocorrências e também de um vocabulário de origem africana, com 10 unidades lexicais; a existência de um vocabulário próprio do meio rural, comum a outras regiões do Brasil. Pela análise feita, não foi possível confirmar que o vocabulário usado pelos

informantes tenha sofrido forte influência da mineração, pois foram poucas as lexias encontradas que tivessem relação com o garimpo.

No capítulo V, **Glossário**, as lexias selecionadas foram, primeiramente, agrupadas em campos lexicais, redes semânticas afins e em seguida foi apresentado o vocabulário que consta nas fichas lexicográficas, incluídas as informações linguísticas, a definição dos verbetes e também as abonações retiradas das entrevistas gravadas.

Acreditamos que a nossa proposta inicial tenha sido cumprida, apesar de reconhecermos que um levantamento lexical mais amplo, feito com as dozes entrevistas, poderia resultar em um estudo mais completo. Ainda assim, esperamos colaborar, por meio do material coletado, para a criação de um banco de dados que auxiliará futuras pesquisas linguísticas e culturais não só na região do Vale do Jequitinhonha, como também em Minas Gerais e que, de maneira geral, nosso trabalho possa contribuir para a descrição da língua portuguesa contemporânea do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, V. A. . A importância dos dados geolinguísticos para construção dos dicionários de Língua Portuguesa. In: Suzana Cardoso; Salah Mejri; Jacyra Mota. (Org.). *Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias*. 1ed.Salvador: Vento Leste, 2011, v. , p. 271-288.
- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- ALKMIN, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 8. ed. São Paulo - SP: Cortez, 2008. v. 1
- AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1976.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; Cohen, Maria Antonieta Amarante De Mendonça; Universidade Federal De Minas Gerais. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras/ UFMG. Belo Horizonte, 2001.
- BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.
- _____. *Relações de significação nas unidades lexicais*. Recife: UFPE, 1998.
- _____. Contribuição Ao Estudo de Aspectos da Tipologia de Obras Lexicográficas. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 8, p. 15-30, 1995.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1978.
- _____. *Glossário*. Revista Alfa. V.28(supl). São Paulo, 1984. p.135-144.
- _____. *Léxico e vocabulário fundamental* . Revista Alfa. V.40. São Paulo, 1996. p.27-46.
- _____. As ciências do léxico. In: *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 1998.
- _____. Dimensões da Palavra. In: _____. *Filologia e Linguística Portuguesa*. N.2. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 1998.
- _____. *Conceito lingüístico de palavra*. In: Margarida Basílio. (Org.). *Palavra*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Grypho, 1999, v. vol. I, p. 81-97.

_____. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. A formação e a consolidação da norma lexical elexicográfica no português do Brasil. In: _____. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.

BLUTEAU, P. Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

CASTRO, Yeda Pessoa. *Falares Africanos na Bahia* (um vocabulário Afro-Brasileiro). 1a. ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 2001. v. 01. 366p .

CASTRO, Silvio: *A Carta de Pero Vaz de Caminha. O Descobrimento do Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

COHEN, M.A.A.M. et alii. Filologia Bandeirante. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997.

COSERIU, Eugênio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.

_____. *O homem e sua linguagem*. São Paulo: Presença/USP, 1982.

_____. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1977.

COSTA, Raquel Pires. SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Estudo linguístico no litoral maranhense: léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DIÉGUES Jr., Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia del linguaggio*. Roma: Meltemi Editore, 2005.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação Lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O Léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

FERREIRA, Manuela Barros, et al. Variação linguística: perspectiva dialetológica. In: *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos. *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. totalm. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA NETO, W.; RODRIGUES, A. C. de S. Transcrição de inqueritos: problemas e sugestões. In: *Filologia Bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 2000, p.171-194.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

FREITAS, Cassiane Josefina; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *Café com quebra torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2012.

GONÇALVES, D. C. S; SILVA. T. F. *As três zonas dialetais em Minas Gerais – Discussão dos critérios utilizados para esta divisão*. Disponível em <http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1424.pdf>. Acesso em 19 fev 2013

HAENSCH, Günther *et al.* *La lexicografía: de la lexicografía teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982 .

LABOV, William. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Yakov. (Eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

_____. *Principles of linguistic change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Ed. Parábola, 2008.

LIMA JUNIOR, Augusto de. *A Capitania das Minas Gerais (Origens e Formação)*. 3ªed. Belo Horizonte, MG: Edição do Instituto de História, Letras e Arte 1965.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. In: MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Org.). *O Português Quinhentista: Estudos Lingüísticos*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS; 2002.

MENEZES, Joara Maria de Campos. *O léxico Toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompeu*. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2009 (Dissertação de mestrado, inédita).

MILROY, Lesley. *Language and Social networks*. 2. ed., Oxford, Basil, Backwell, 1987.

- MILROY, James. *Linguistic Variation and Change*. On the historical sociolinguistics of English. GB: Basil Blackwell, 1992.
- NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, v. I, 1958.
- NARO, Anthony Julius . O dinamismo das línguas. In: Maria Cecília de Magalhães Mollica; Maria Luiza Braga. (Org.). In. *Introdução à Sociolinguística: o Tratamento da Variação*. 1ed.São Paulo: Contexto, 2003, v. 1, p. 43-50.
- NUNES, Marcos Antônio. Matos. Ralfo. E. S. *Estruturação e reestruturações territoriais da região do Jequitinhonha em Minas Gerais*. Dissertação de mestrado. IGC, UFMG. Belo Horizonte, 2001.
- OLIVEIRA, A.M.P.P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.
- OLIVEIRA, Sandra Ramos de. *Léxico, cultura, tradição e modernidade: um retrato sociolinguístico do Congado Montes-Clarenses*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFU. Uberlândia, 2009.
- RIBEIRO, Gisele Aparecida; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2010.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- SEABRA, M.C.T.C. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – UFMG – Belo Horizonte.
- _____. (org.). *O Léxico em Estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- SILVA, António de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.
- SILVA, Danúbia A.; COHEN, Maria Antonieta. *As cláusulas adverbiais e as redes sociais em Mariana(MG): um estudo a partir de uma abordagem funcionalista*. 2009. Dissertação de mestrado.UFMG. Belo Horizonte, 2009.

SOUZA, J.V.A. *Fontes para uma reflexão sobre a história do Vale do Jequitinhonha*. Revista Unimontes Científica V.5 n.2. Montes Claros, Julho/Dezembro de 2003.

_____. Mineração e pecuária na definição do quadro sociocultural da região do termo de Minas Novas. In: SOUZA, J.V.A.; HENRIQUES, M. S.. (Org.). *Vale do Jequitinhonha: formação histórica, populações e movimentos*. 1ed. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2010, v. 1, p. 25-69.

SOUZA, Vander Lúcio de. *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas - Norte de Minas*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2008.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Média de Minas Gerais*. v.1. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

VERDELHO, T. Dicionários portugueses: breve história. In: _____. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.

Sites consultados:

<http://www.grandeminasnovas.hpg.com.br/historia/historia.htm>>. Acesso em 19 ago 2010

<http://www.asminasgerais.com.br/?item=CONTEUDO&codConteudoRaiz=38&codConteudoAtual=154>>. Acesso em 15 set 2010.

Site do Alib – Atlas Linguístico do Brasil . Disponível em

<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome> . Acesso em 19 fev 2013

<http://www.wikipedia.org> . Acesso em 25 abr 2013